



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

ALBÉRICO DA CONCEIÇÃO SANTOS

**CORPOS NEGROS - VIDAS APRISIONADAS PELA DIÁSPORA:
LACUNAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ELEVAM O CÁRCERE,
APRISIONAMENTO SOCIAL E ESTIGMATISMO ÉTNICO NOS BAIROS
POBRES DE SALVADOR- NORDESTE DE AMARALINA (2003-2013).**

REDENÇÃO, CE

2025

ALBÉRICO DA CONCEIÇÃO SANTOS

**CORPOS NEGROS - VIDAS APRISIONADAS PELA DIÁSPORA:
LACUNAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ELEVAM O CÁRCERE,
APRISIONAMENTO SOCIAL E ESTIGMATISMO DIASPÓRICO NOS BAIROS
POBRES DE SALVADOR- NORDESTE DE AMARALINA (2003-2013).**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, e da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia. Área de concentração: Ciências Humanas.

Orientador: Professor Dr. Luis Tomás Domingos.

REDENÇÃO, CE

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S233c Santos, Alberico da Conceição Santos.
Corpos Negros, Vidas Aprisionadas pela diáspora : Lacunas nas políticas que elevam o cárcere, estigmatismo étnico nos bairros pobres de Salvador- bairro Nordeste de Amaralina-2003-2013 / Alberico da Conceição Santos Santos. – 2025.
288 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em Antropologia, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Luis Tomas Domingos.

1. Estigma diaspórico; Política de cárcere; Violência neo-colonial; Racismo Estrutural.. I. Título.

CDD 301

ALBÉRICO DA CONCEIÇÃO SANTOS

CORPOS NEGROS - VIDAS APRISIONADAS PELA DIÁSPORA:
LACUNAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ELEVAM O CÁRCERE,
APRISIONAMENTO SOCIAL E ESTIGMATISMO DIASPÓRICO NOS BAIRROS
POBRES DE SALVADOR- NORDESTE DE AMARALINA (2003-2013).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, e Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Antropologia. Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovado em 29 de julho de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Luis Tomás Domingos (Orientador)
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Professora Dr. Denise Ferreira da Cruz
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Professor Dr. Ricardino Jacinto Dumas Teixeira
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Professor Dr. Juvenal Carvalho
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)

Dedico este trabalho acadêmico, primeiramente a Deus, aos meus pais em memória, José de Santana Santos, em especial a minha mãe, Dona **Juliana da Conceição**, mulher negra nascida no Recôncavo baiano, moradora do município de Nazaré das farinhas. Ainda menina com 15 anos, analfabeta, migrou para Salvador em busca de dias melhores, tornando-se mãe de 11 filhos. Ao longo da sua trajetória, ganhava a vida como lavadora de ganhos, sendo ela uma das primeiras moradoras do Nordeste de Amaralina, quando da extinção das fazendas engenho, (Pituba e Amaralina) a partir de 1950. Porém como tantos outros moradores/as, oriundos do recôncavo baiano, assim como os que nasceram em outros municípios, migraram para Salvador para viver de pequenos ganhos. Minha mãe era uma mulher incansável na luta pela alfabetização dos seus filhos, tinha sonhos que não os podia sonhar na sua infância, nem tão pouco na sua adolescência. Com muito amor e muito carinho, devo também imensa gratidão a minha querida esposa Lia e ao meu filho Alberico Junior, meus eternos incentivadores. Agradeço ao meu tronco ancestral, os meus guias espirituais. Os orixás presentes no recôncavo da Bahia, que reavivaram e fortaleceram o meu Ori (cabeça... mente) durante toda a minha trajetória acadêmica.

Ao meu grande amigo Chico da finança, “ Anailson Apresentação Gomes Silva” pelo grande apoio acadêmico e disposição em em todos os momentos da construção desse trabalho, um verdadeiro amigo de todas as horas, sobretudo as mais difíceis. A minha grande amiga Vanessa Vilas Boas Dantas, mulher guerreira e grande incentivadora da amplitude da educação municipal. “A minha grande amiga em memória, a ex prefeita de São Francisco do Conde, Professora Dra. em química, Rilza Valentim, grande incentivadora dos meus estudos acadêmicos. Agradeço também a sua irmã, a professora Dra. Rosangela Valentim”. Aos grandes amigos da UNILAB Ceará: Gilmar Rosado Pires,(técnico em serviços UNILAB) Livia da Silva Fernandes,(secretaria do curso PPGA UNILAB) Mulba Joãozinho da Silva (aluno curso Eng. computação-africano da Guiné-Bissau) e demais colegas e amigos do campos de Auroras.

Agradecimentos em especial a todos os moradores do bairro **Nordeste de Amaralina**, por terem feito parte desta pesquisa e terem permitido torná-la realidade. Suas lutas, suas conquistas e memórias agora poderão fazer parte de outras tantas trajetórias de vida.

*“Quanto aos corpos negros, sejam no Norte, no Sul ou mesmo no Nordeste, onde sopram os ventos de uma Amaralina de riquezas e poder, eternizam-se e sopram as brisas do mar do racismo. Das querelas que se fundem as agruras contemporâneas direcionadas a um povo de um certo lugar chamado África... **Albérico Santos**”*

Alegria da Cidade - Composição: Jorge Portugal / Lazzo Matumbi.

*A minha pele de ébano é... A minha alma nua Espalhando a luz do sol
Espelhando a luz da lua Tem a plumagem da noite E a liberdade da rua
Minha pele é linguagem*

E a leitura é toda sua. Será que você não viu

Não entendeu o meu toque, No coração da América eu sou o jazz, sou o rock. Eu sou parte de você, mesmo que você me negue

Na beleza do afoxé, ou no balanço no reggae. Eu sou o sol da Jamaica Sou a cor da Bahia

Sou você e você não sabia. Liberdade Curuzu, Harlem, Palmares, Soweto, Nosso céu é todo blue e o mundo é um grande gueto. Apesar de tanto não

Tanta dor que nos invade, somos nós a alegria da cidade Apesar de tanto não

Tanta marginalidade, somos nós a alegria da cidade.

RESUMO

Essa dissertação traça um perfil das dicotomias que situam os espaços urbanos de Salvador sobre a logus do estigmatismo diaspórico como condicionante a negação de negro/as. Salvador, assim como o estado da Bahia vem sendo orquestrada à décadas por uma minoria da elite rica e influente, apesar de vicejar no seu entorno, um universo social majoritariamente pobre e negro. Nessa perspectiva de negação às minorias, essa governabilidade vem reverberando práticas racistas, direcionadas aos homens e mulheres pobres da capital, vítimas do estado de segregação e subjugação da pessoa humana. Diante a realidade política que vem se configurando por muito tempo, pergunta-se, porque a Bahia nunca foi governada por cidadãos negros?. E porque ainda persistem os fragmentos do colonialismo na capital mais negra do país?. De acordo com autores e narrativas, mediadoras na construção desta dissertação, será necessário buscar no conceito de cosmovisão africana, uma nova concepção política decolonial. Uma construção social e filosófica, na qual possibilita despir-se dos velhos paradigmas de subalternidade colonial. O objeto de análise antropológica dessa dissertação, é atribuída à população de maioria étnica do bairro Nordeste de Amaralina, em Salvador, entre 2003 a 2013. O trabalho antropológico está centrado na problemática que implica na historicidade dicotômica em Salvador, na qual situa os traços dos fenótipos dos cidadãos de cor. Mecanismo pelo qual envolve; “violência”, “alienação pós-colonial” e “cárcere” vivido pela população local. Nesse intento, toma-se como base, três principais conceitos: Conceito de Necropolítica, Estigma Diaspórico, e Antropologia Urbana. Através do campo investigativo, procura-se no inciso VIII,¹ artigo 5º e 182º, assim como nos conceitos de colonialidade e espacialidade, o correlacionamento na influência do dogmatismo cristão no apagamento dos signos. Princípio religioso que ainda vocifera direcionamentos políticos, no qual subestimam culturas distintas,(grupos étnicos), negros/as, através da higienização social na ocupação dos espaços urbanos. Os dados do observatório ²nacional de segurança publicado, de 2003 a 2013, descrevem reiteradamente sobre a violência contra homens e mulheres negros/as nos bairros periféricos da cidade de Salvador. Outrossim, o cruzamento das informações sobre contingenciamentos de encarcerados em idade proativas, dos 18 aos 29 anos, traduz sobre os impactos da alienação social deste grupo. Tais praticas elucidam-nos sobre os vitimados pela política de cárcere, genocídio, epistemicídio e dominação na psique do povo negro na Bahia. A pesquisa tem como princípio, o caráter metodológico qualitativo e exploratório. O que sugere que suas diversas expressões decorram em campos distintos e que possam incluir, a indução analítica, a análise de conteúdo semiótica e hermenêutica através das entrevistas. Pretendo

através deste estudo promover uma abordagem epistemológica contextual sobre o conceito de estigma diaspórico, na qual possa contribuir para o aprofundamento da problemática nos bairros pobres da cidade de Salvador.

Palavra chave: Estigma diaspórico; Política de cárcere; Violência neo-colonial; Racismo Estrutural.

ABSTRACT

This dissertation outlines the dichotomies that situate the urban spaces of Salvador under the logos of diasporic stigmatism as a condition for the denial of black people. Salvador, like the state of Bahia, has been orchestrated for decades by a minority of the wealthy and influential elite, despite the fact that a predominantly poor and black social universe flourishes in its surroundings. In this perspective of denial of minorities, this governability has been reverberating racist practices, directed at the poor men and women of the capital, victims of the state of segregation and subjugation of the human person. Given the political reality that has been taking shape for a long time, one wonders, why has Bahia never been governed by black citizens? And why do fragments of colonialism still persist in the blackest capital of the country? According to authors and narratives, mediators in the construction of this dissertation, it will be necessary to seek in the concept of African worldview, a new decolonial political conception. A social and philosophical construction, which allows us to get rid of the old paradigms of colonial subalternity. The object of anthropological analysis of this dissertation is attributed to the ethnic majority population of the Nordeste de Amaralina neighborhood, in Salvador, between 2003 and 2013. The anthropological work is centered on the problematic that implies the dichotomous historicity in Salvador, in which it situates the traits of the phenotypes. Where the mechanism by which it involves; "violence", "post-colonial alienation" and "prison" experienced by the local population. In this attempt, three main concepts are taken as a basis: Concept of Necropolitics, Diasporic Stigmatism, and Urban Anthropology. However, through the investigative field, we seek in section VIII, article 5 and 182, as well as in the concepts of coloniality and spatiality, the correlation in the influence of Christian dogmatism in the erasure of signs. Religious principle that still vociferates political directions, in which distinct cultures (ethnic groups) and black people are underestimated through social sanitization in the occupation of urban spaces. Data from the National Observatory of Public Security, from 2003 to 2013, repeatedly describe violence against black men and women in the peripheral neighborhoods of the city of Salvador. Furthermore, the cross-referencing of information on the contingencies of incarcerated people of proactive age, from 18 to 29 years old, reflects the impacts of social alienation. Such practices enlighten us about those victimized by the prison policy, genocide and epistemicide, and domination in the psyche of black people in Bahia. The research has as its principle, the qualitative and exploratory methodological character. This suggests that its various expressions occur in distinct fields and that they may include analytical induction, semiotic and hermeneutic content analysis through interviews. Through this study, I intend to promote a contextual epistemological approach to the concept of diasporic stigmatism, which can contribute to the deepening of the problem in the poor neighborhoods of the city of Salvador.

Keywords: Diasporic stigmatism; Prison policy; Neo-colonial violence; Structural racism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	A ARTE COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA NEGRA NA METADE DO SÉCULO X.....	27
1.2	TRAJETÓRIAS E CAMINHOS.....	47
1.3	OBJETIVO GERAL.....	56
1.4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	57
1.5	GUIA DO TRABALHO- ROTEIRO DA PESQUISA.....	57
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	62
2.1	CONTEXTUALIZAÇÃO.....	62
2.1.1	Surgimento do bairro Nordeste de Amaralina.....	63
2.1.2	Amaralina e Nordeste de Amaralina: Uma Fronteira Sutil entre bairros nobres e pobre.....	66
2.1.3	Recôncavo Baiano- êxodo, ancestralidade e historicismo social.....	75
2.1.4	Corpos negros em diáspora-cosmologia africana e ancestralidade.....	82
2.1.5	Consequências do capitalismo nas comunidades pobres.....	90
2.1.6	Sujeitos em diáspora-bairro Nordeste de Amaralina.....	99
2.1.7	Resistência negra-africanidade e africanismo-emancipação social.....	127
2.1.8	O conceito de estado e segurança pública na Bahia.....	131
2.1.9	Arte, cultura e racismo — caminhos opostos trilhados pelo mesmo destino.....	148
2.2	CONCLUSÃO DA PESQUISA ETNOGRÁFICA NO BAIRRO NORDESTE DE AMARALINA.....	158
2.3	CORPOS NEGROS - OS DESAFIOS IMPOSTOS A ACESTRALIDADE NEGRA EM SALVADOR.....	159
2.3.1	A concepção do negro na formação, social, econômica de salvador.....	159
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	189
3.1	Quanto à sua natureza.....	189
3.2	Quanto a sua abordagem.....	190
3.3	Quanto ao objetivo.....	190
3.4	Quanto aos procedimentos técnicos.....	191
3.5	Trabalho de campo- diário de campo-concepções e trajetórias de vidas.....	196
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	197
4	CONCLUSÃO DO TRABALHO DE CAMPO	235

REFERÊNCIAS	239
APÊNDICE	244
ANEXO	245



1. INTRODUÇÃO

É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se. Bastame referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grelha mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam.
Michel Foucault- A Ordem do Discurso

Ao analisarmos o contexto de vida do povo negro em nosso país, passamos atentar sobre os diversos fragmentos hereditários de uma sociedade forjada por divisões sociais e políticas. A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediarão para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura-dos mundos que ele/ela habitava(Hall, 2006).

O Brasil, assim como boa parte da América Latina, carrega o triste estigma do desemprego, da pobreza e desigualdades sociais a que têm sido condicionados os seus cidadãos. Estados como a Bahia e sobretudo a capital Salvador, têm se tornado o topo das estatísticas nas últimas décadas. Todavia, esses dados em alerta fornecidos pela UNICEF e ³ UNESCO, vêm impactando e subsidiando informações sobre a concepção de flagelo humano no mundo inteiro, no qual atinge sobretudo as pessoas que vivem nas grandes cidades dos países, a exemplo Salvador.

As situações de exclusão, aliadas às desfavoráveis condições socioeconômicas, representam cenários significativamente comprometedores para o processo de integração social dos jovens. Na América Latina, apesar de avanços em diversos indicadores sociais, tais como os apresentados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), no Relatório de Desenvolvimento Humano (RDH) divulgado anualmente, a juventude ainda está sujeita a sérias limitações, relacionadas a direitos básicos como o de acesso ao conhecimento disponível e adequado às modernas necessidades sociais, ou ao direito de uma vida longa e saudável, muitos dos quais percebidos nos déficits educacionais, nas formas de inserção no mercado de trabalho e nos padrões de mortalidade.

³ <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133976>

Relatório último divulgado na quarta-feira pela ⁴Oxfam mostra como a desigualdade global continua a crescer. De acordo com a entidade, entre 2015 e 2022 (último dado disponível), a fortuna do 1% mais rico da população mundial cresceu mais de US\$33,9 trilhões. Esse montante, segundo a Oxfam, seria suficiente para eliminar a pobreza global anual 22 vezes. Enquanto isso, as 3,7 bilhões de pessoas que vivem na pobreza — quase metade da população mundial — detém apenas 2,4% da riqueza global, ou seja, cerca de US\$13,34 trilhões.

Entretanto, o panorama social descrito acima, não nos causa surpresa. Ele nos mostra a extensão da ação do capitalismo contemporâneo, que se revela na face mais cruel das fronteiras em que são empurradas cada vez mais as populações pobres dos grandes centros urbanos. Fenômenos que estão fortemente situados nas contra narrativas que desencadeiam desigualdades aliadas à criminalidade, consubstanciados pela pobreza na capital baiana, assim como outros fatores que envolvem o racismo em outras partes do mundo. Esses estudos mostram que através desses dados, verifica-se o tamanho dos processos de exclusão social, que culminam na dimensão dos mais pobres. Onde os motivos pelos quais o Estado estabelece percentuais de demarcação, de lucros e ganhos através dos processos de: exclusão, cárcere e alienação da população negra.

Contudo, chama-nos atenção para uma análise com efeito em cascata, entre o historicismo e seus séculos subsequentes que incidem sobre a problemática em questão.

A partir de meados do século XX, novas concepções de análise epistemológicas que envolvem famílias negras e seus contextos históricos e demográficos, passaram a fazer parte fortemente no Brasil, sobretudo nas áreas tais como: sociologia e antropologia urbana. Nesse intento, algumas correntes ocidentais de pensamento positivista, têm contribuído sobre novos horizontes didáticos metodológicos. Conhecimentos que nos dão a compreensão dos fenômenos que envolvem estudos sobre: coletividades em diáspora e sua historicidade, entre

⁴ Pesquisa realizada em: 26/06/2025.

Fonte: [Relatório mostra que 1% mais rico do mundo detém 45% da riqueza global. E 3,7 bilhões de pobres só têm 2,4%](#)

Apesar dos dados cronológicos postos nesse relatório destoar em 2 anos sobre o recorte proposto na pesquisa, o relatório ilustra a triste afirmativa, na qual as piores vítimas dessas fronteiras de exclusão continuam sendo: negros, indígenas e latinos.

passado e a contemporaneidade. “*Os conceitos aplicados ao longo da pesquisa, incidem na diversidade da problemática ao longo de décadas no Estado da Bahia*”. Nesse intento, os estudos acirram o debate sobre esses contextos de vida no tange aos métodos científicos e condicionantes sobre as condições de vida de homens e mulheres nesses espaços. As quais lhes são atribuídas, suas subjetividades e outras atuações, assim como da coletividade como um todo. Esses estudos analíticos, possibilitam nortear análise comparativa, como se organizaram em âmbito e molde familiar, para estarem nesses espaços ao longo de certo período.

Para tanto, esses e outros questionamentos que faço ao longo do meu estudo, estão agrupados através dos conceitos como; de antropologia urbana e sociologia, para melhor entendermos o homem negro na sua concepção social diaspórica. Em tempo que verifica-se também seus laços afetivos, que foram quebrados ao longo dessas fronteiras impostas pela lógica do capital social e humano. São famílias de indivíduos que abarcam diversos fragmentos dos seus signos, dos quais apontam as vidas desconectadas à concepção ancestral de diáspora africana coercitiva em seu tronco ancestral em África. Esse estudo também aponta fenômenos que ainda emergem na contemporaneidade, sobre a falta de políticas de inclusão social para essa parte da população. Para ajudar-nos neste contexto de contra narrativas sobre sistemas totalitários e suas abordagens dicotômica, buscamos no entendimento de (HITTA, 2014), (HALL, 2003), (BOURDIEU, 1975), (BHABHA, 2013), (FOUCAULT, 1987) (FAORO, 2001) (KOFFES, 2001) (MAFEJE, 2003) (FANON, 2008) (LATOURE, 1994) dentre outros autores, para que possamos discutir sobre sociedades e seus sistemas complexos, dos quais envolvem subjetividade e etnicidade nos espaços urbanos.

Em uma sociedade como a nossa, que conhecemos é certo, existem procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é a interdição. Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa. Tabu do objeto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: temos aí o jogo de três tipos de interdições que se cruzam, se reforçam ou se compensam, formando uma grade complexa que não cessa de se modificar (Foucault, 1970).

Segundo a discussão pautada por esses teóricos, ao longo do século XX, mediante ao conceito ideológico de supremacia racial, passou a ser estabelecida como centro das divisões sociais, os debates que por décadas foram ocultados. Neste contexto epistemológico, o mundo

passa a refletir a partir dos questionamentos fundamentados sobre a análise das desigualdades entre grupos. Contudo, esse posicionamento tem sido categorizado como cerne dos questionamentos e narrativas de núcleos não governamentais, assim como de autores das Ciências Humanas no Brasil. Seus principais indicativos são sugeridos a partir dos anos de 1960.

A colonialidade é um projeto político-epistêmico que pretende alargar a descolonização ocorrida nos séculos XIX e XX, na América, na Ásia e na África, enfrentando o que a colonialidade deixou intactas – as hierarquias coloniais fundamentadas por uma forte opressão racial e de gênero(Ramos, 1960).

São narrativas que passaram a discutir e apresentar um novo panorama científico, tendo como pano de fundo, questionamentos entre: Europa, América Latina e a América Norte. Os debates e construções sobre as correntes que moldaram o estruturalismo, em consonância com autores que passaram a promover um novo olhar sobre a subjetividade diaspórica nos trópicos. Ou pensamentos que passaram a reverberar uma nova concepção negra na ocupação dos espaços, através dos movimentos decoloniais. Estruturas filosóficas emergem de um pensamento social e político de afirmação de disputas de novos sentidos resultantes dos questionamentos acerca das metanarrativas.

Essa visão tem como contribuição social, a promoção de rupturas com velhos paradigmas, alicerçados pelos estereótipos para com grupos, étnicos e latinos em diversos lugares do mundo. Segundo estudiosos, isso vem produzindo desequilíbrio social e miserabilidade ao longo do tempo. No Brasil, a escassez de alimentos e moradias tem sido uma das narrativas mais frequentes nos trabalhos científicos de diversos autores. Esses têm sido os indicadores sociais,(lacunas) que foram decretadas com a vigência do fim da escravidão no país no final do século XIX.

Seus fragmentos produziram na Bahia do meado do século XX, uma enxurrada de famigerados por trabalho e subsistência. Esse estado de atenção social, viria a ser decretado no recôncavo baiano, proveniente do abandono dos escravos pelos seus senhores no alvorecer do século XX. Essa parcela da população passou a encarar os piores desafios de suas vidas, onde o Estado teria promovido a continuidade de velhos paradigmas sociais, através de uma nova dispersão social. Ao longo do pós-escravidão, o recôncavo da Bahia foi palco de homens negros, obrigados a macharem em direção à capital baiana em busca de diversos serviços e em prol da subsistência. Nesse novo contexto vida a que foram submetidos,

passaram a viver como órfãos em sociedade, à mercê das ruas, e a sobreviver de pequenos ganhos, tais como; lavagens de roupas ganhos, amas de leite, serviços de pescadores e marisqueiras. Além de tecer velhos ofícios, como de agricultores arrendados pelos donos de antigos engenhos de cana de açúcar que ainda resistiam com os herdeiros em bairros da capital baiana.

Antigos engenhos de cana de açúcar formam a população negra do bairro-Nordeste de Amaralina

Com base no livro Memórias da Região, o Nordeste de Amaralina, o espaço físico em que se desenvolveu a RNA, na primeira metade do século XX, era composto por quatro fazendas: Amaralina (antiga Fazenda Alagoas), Ubaranas, Pituba e Santa Cruz. Essas fazendas pertenciam, originalmente, à sesmaria Ilha de Itaparica. Com a falência do sistema de capitânicas hereditárias, os nobres portugueses as tomaram posse das terras(Souza, 2008).

As descrições da dominação portuguesa em Salvador nos dá a dimensão sobre os dados desses reflexos do poder colonial, que vem alicerçando-se sobre os caminhos que sustentam as raízes do colonialismo e movem as desigualdades sociais em Salvador nos dias atuais.

Ao analisar as relações das pessoas no interior do bairro, seus valores, modos de identificação e tipos de sociabilidade, é perceptível que um elemento importante para entender o Nordeste de Amaralina depreende-se da própria história da constituição do bairro. O nome Amaralina vem de Amaro, nome do dono de uma grande extensão de terras que, loteadas, também deram origem a outros dois bairros mais ricos e limítrofes: Amaralina e Pituba. Tal gênese remonta a uma origem comum e, simbolicamente, registra certo estado de in-diferenciação de identidade (que parecia ser reeditada quando alguns moradores, os mais antigos e estabilizados, preferiam nomear suas ruas com o nome que elas têm na sua continuação da Pituba, e não com os nomes que ganharam ao interior do bairro), (Hitta, pág, 118, 2014).

Esses têm sido os ativos de peculiaridade (concepções sociais e políticas) que se fundem em meio às condições sociais históricas, na qual são consubstanciadas às divisões do Estado, no que tange ao domínio dos espaços urbanos pela elite rica e dominante de Salvador. Tais contextos emergem como clãs, que vem produzindo dinâmicas socioeconômicas, em meio as dicotomias que se fundem paralelas às desigualdades em Salvador. Interposições colonizadoras que se agrupam em retóricas ditatoriais, sequeladas pelo racismo estrutural. Ações pelas quais, nos últimos 50 anos houveram pouca, ou nem uma mudança significativa para o povo oriundos da diáspora africana em Salvador. A nova ordem jurídico-formal vai se reconfigurando no período de transição da escravidão para a libertação dos escravizados e uma problemática surge, pois aqueles que seriam libertos estariam diante de uma sociedade

brasileira ávida pela nova noção de urbanidade, e o que seria feito com esses novos corpos livres? Na Bahia, por exemplo, a tentativa do Poder Legislativo foi de encaminhar os africanos de volta para a África (MATTOS, 2008). O processo de higienização social então se inicia com intuito de se construir um novo mundo do trabalho, e que os escravizados foram excluídos.

Contudo, as estatísticas mais recente descrevem que, nos últimos dez anos a cidade de Salvador tem vivido uma situação de guerra civil não declarada, em meio a uma política de higienização social, que vem sendo alicerçada através do genocídio e epistemicídio negro. Esse estado de sítio, apagamento dos signos e cerceamento dos direitos civis, passou a se configurar na Bahia ao longo do século XXI. Vale ressaltar que, segundo pesquisadores, essas ações estariam fortemente aliadas à concepção dos fenotipos da maioria dos seus cidadãos. Atuações sociais contraproducentes que segue sendo direcionada aos corpos negros, sobre a égide da “violência”, “alienação pós-colonial” e “cárcere privado”, em bairros periféricos da capital baiana. Nesse contexto de negação ao outro, os bairros pobres da capital, a exemplo do Nordeste de Amaralina, têm sido os mais afetados pela ação que estigmatiza toda uma população, direcionando conceitos de objetificação na cadeia empregatícia em decorrência do poder paralelo presente em todos os bairros pobres da capital.

Outro tema que emergia era o da proximidade física do Nordeste de Amaralina à Pituba, um bairro de classes mais altas e dos mais modernos de Salvador. Este fato permitia aos moradores realizar a constatação das permanentes e desiguais diferenças sociais que os identificam no conjunto da sociedade como classe desprivilegiada(Hitta, 2014).

O panorama social do bairro no século XXI em meio a violência

A comunidade do Nordeste de Amaralina, assim como outras presentes nas capitais brasileiras, continuam sendo submetidas ao regime de guerra civil não declarada. Vale lembrar que por traz desses fatores que atinge diretamente o povo negro na Bahia, existe toda uma concepção de raça e classe. Onde motivos pelos quais passou a conduzir sorrateiramente os destinos, sociais e políticos dos homens de cor, sobretudo no que diz respeito à perpetuação do escravismo ou condição de subalternidade. Os mecanismos de filtro racial e a aplicação de um modelo policial, de polícia comunitária, baseado no modelo nova-iorquino, de tolerância zero ao crime, se desenvolveu em Salvador ao longo da década de 90 e segue no novo milênio. Essa atitude, tornou a política de segurança pública um simulacro de polícia

comunitária, pois ao se realizar em Salvador ela se constituiu em caminho legal de licença para matar (Reis, 2005).

Salvador possui no seu historicismo, a denominação social, na qual concerne o conceito topônimo que agrega os valores do dogmatismo cristão, situando na sua gênese, o menosprezo às demais culturas, religiosidades e etnias existentes ao longo da sua expansão territorial.

Para melhor situar os dados em que se refere essa pesquisa, buscamos a análise sociológica e antropológica, na qual discute a vida do homem negro ⁵no Brasil. Nesse vasto campo de raciocínio, precisamos entender como se prospectou nesse país, a concepção dos povos originários (negros e indígena) nos últimos 500 anos de exploração. Assim como dos processos que se seguiram no pós-abolição com a chancela da imigração no país, aliada aos mecanismos dos quais foram forjada a legislação trabalhista, entre a velha e a nova república. Nesses processos escuso a que se somam a negação dos direitos do homem negro, estariam explícitas as divisões das raças, aliada pela política de branqueamento no Brasil. Esses e outros indicadores⁶ de desigualdades sociais nos apontam, como um estado de adoção pelo branco, torna-se preponderante em decorrência da não emancipação social na capital baiana por décadas. Todavia, ressalta-se ainda, que esse conceito de dominação de uma raça pela outra, vem refletindo-se na promoção das dicotomias entre brancos e negros na capital baiana.

Sobre esse espectro político, a pesquisa busca situar, que homens e mulheres negros/as continuam às margens da sociedade, vivendo em bairros pobres e históricos como o Nordeste de Amaralina vivendo de pequenos ganhos. Essas localidades na capital baiana, ainda resistem na labuta do dia a dia, sobrevivendo de serviços subalternos como no período da escravidão. Ao descrever essa realidade ao longo da pesquisa, através entrevistas de alguns

⁵ De acordo com o memorial da Democracia, não tivemos uma transição social justa após o fim da escravidão no Brasil. A escravidão havia durado muito tempo por aqui. Ela começou no início da colonização portuguesa, no século 16, e durou até 1888. Negros escravizados não eram considerados seres humanos. O trabalho não valia nada, e continuou sendo visto como algo desprezível mesmo depois da Abolição e durante toda a Primeira República. Washington Luís, o último presidente antes de Getúlio, tratava as lutas dos trabalhadores como caso de polícia — e foram muitas as lutas dos trabalhadores, por respeito e pela regulamentação do trabalho. Vargas acreditava que o trabalho dignifica o homem, porque pelo trabalho o ser humano se integra à sociedade e participa da construção da civilização. <https://memorialdademocracia.com.br/card/trabalhadores-e-estado>

⁶ Na razão entre os rendimentos de brancos/pretos e brancos/pardos, os maiores diferenciais estavam nos municípios com mais de 500 mil habitantes. Entre as capitais, destacam-se: Salvador, com brancos ganhando 3,2 vezes mais do que pretos, Recife (3,0) e Belo Horizonte (2,9). Entre brancos e pardos, São Paulo (2,7) aparece no topo da lista, seguida por Porto Alegre (2,3). Em terceiro lugar estão empatadas Salvador, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, onde brancos têm um rendimento 2,3 vezes maior do que pardos. [Indicadores Sociais Municipais 2010: incidência de pobreza é maior nos municípios de porte médio | Agência de Notícias](#). Pesquisa realizada em: 05/06/2025

dos seus moradores, percebe-se o quanto tais fatores ainda oprimem e segregam este corpo negro. Nesse intento, a análise científica tem como princípio, comparar ações socioeconômicas onde não contabilizam essa parcela da população como parte da cadeia econômica da cidade, nem tão pouco do estado. Análise de fontes obtidas através dos dados pesquisados, descrevem o continuísmo das dicotomias apontadas pelo racismo estrutural em Salvador. Esses e outros estudos apontam que essa população tem sido conduzida como massa de manobra ao longo de décadas. Ao privilegiar na minha análise a emergência destes processos e movimentos de reconhecimento, não nego a importância que a reprodução de variados modos de discriminação racial (direta e institucionalizada) exercem na realidade estudada, incluso dentro das relações familiares e de gênero observadas. São abundantes os estudos no Brasil que analisam a inegável correlação entre pobreza e negritude no país, entre outros, Hasenbalg (1998) e Maggie, (1998), pois a integração do negro na sociedade brasileira tem sido sempre perversa e assimétrica: os afrodescendentes ocupam os piores lugares na estrutura social, com mais baixos salários, piores índices de educação, ocupações menos reconhecidas, com menor acesso aos serviços de Saúde, etc (Apud, Hitta, 2014).

Sobre esses e outros indicadores sociais que atualizam-se no cenário epistemológico de Salvador, em bairros como o Nordeste de Amaralina, o trabalho de pesquisa aponta que a força de trabalho dos homens e mulheres negras, foi e continua sendo majoritária e imprescindível na construção e condução deste país. Ressalta-se nas análises sobre Salvador, os trabalhos organizados pela sobrevivência no pós-abolição, como das baianas de acarajé na Bahia, dentre tantos outros trabalhos, fomentados e difundidos através da cultura ancestral. Todavia, constatamos ao longo das entrevistas que foram feitas, a partir do desenvolvimento de trabalho de mão de obra tais como: o da construção civil em Salvador, em bairros nobres como: a Pituba, o Itaigara e a nobreza que se fazia presente em Amaralina, que tinha como suporte de força de trabalho os moradores do Nordeste de Amaralina. Seus trabalhadores estiveram presentes ao longo da década de 1970 na construção dos primeiros prédios residenciais e comerciais daquela região nobre da cidade de Salvador, ao longo da segunda metade do século XX.

Contudo, através dessas observações postas nos dados, a pesquisa traça um perfil do empobrecimento do povo negro soteropolitano, nos bairros populares como este, bem como do adoecimento psiquiátrico de boa parte da população negra, dos quais são encontrados nas calçadas de Salvador. Desigualdades efetivadas pelos mecanismos estruturais, dos quais segundo os movimentos sociais organizados, são apontados dados demográficos sobre

precariedade humana em Salvador, se apresentam como condicionantes nos espaços urbanos. Análises sociais provenientes dessa concepção de mendicância e flagelo, que está condicionada e atribuída ao homem negro em diáspora. Aos seus corpos que ao longo do tempo são impedidos de transitar nesses espaços urbanos. Assim como na maioria das divisões sociais sofridas por outros espaços de poder das elites no Brasil.

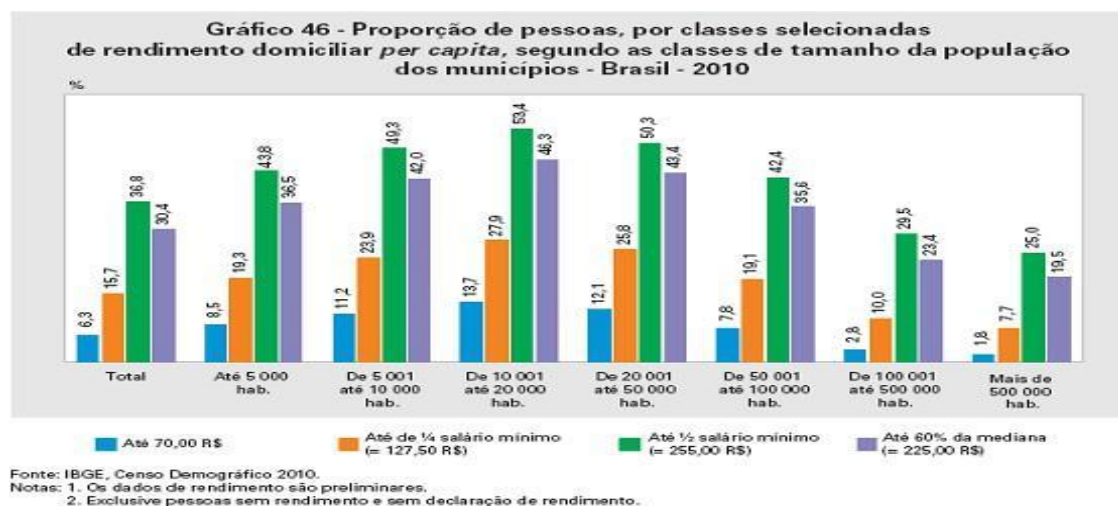
É na Bahia, capital Salvador, onde negros/as têm se tornado desde muito tempo, as principais vítimas desse estado de depreciação e precariedade como cidadãos. Vidas sobre as quais vêm povoando as fronteiras do mundo moderno, vitimados pelo capitalismo globalizado. Ressalta-se a esse ponto, que historicamente a noção de “Diáspora Africana” está diretamente ligada à memória do colonialismo, da escravidão e do tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Situação pela qual culminou no empobrecimento das pessoas negras na Bahia e no Brasil, condicionado-os pela cor da pele. Em suma, esses processos escravistas no Brasil, assim como suas deliberações, implicaram num deslocamento físico e do desenraizamento coercitivo dos cidadãos na África. Para melhor esclarecer essa narrativa sobre populações oriundas da diáspora africana no bairro “Nordeste de Amaralina”, autores como: *Guerreiro Ramos, Clóvis Moura, Abdias do Nascimento, Kabengele Munanga, Maria Gabriela Hita*, norteiam esse campo do debate. Esses autores e seu campo de análises, explicam como a expressão de uma matriz cultural negra, se desenvolveu em Salvador e Recôncavo Baiano desde a época colonial. O modelo é recorrente em todo Nordeste brasileiro e muito se aproxima de experiências similares no Caribe e América do Norte, locais que também receberam contingentes expressivos de população negra escravizada proveniente do continente africano(Hitta, 2014).

A política de translados, que culminou na escravização coercitiva, através da travessia do Atlântico, bem como sua inserção violenta em um novo contexto de vida fora do continente, perpetuou traumas irreversíveis. Esses traumas continuam sendo reverberados ainda hoje nas populações pobres de Salvador, a exemplo do bairro onde ocorre a pesquisa.

Apesar da destruição dos vínculos possuídos na África, a consciência ancestral de negros/as, permitiu a reinvenção das identidades e o estabelecimento de novas estratégias de sobrevivência, em prol dos seus signos e da sua filosofia de vida, em localidades ou quilombos tais como o Nordeste de Amaralina. Esses homens e mulheres seguem espalhados por toda a cidade de Salvador, seguem como maioria absoluta da população economicamente

ativa em pequenos serviços; seja nas feiras livres, nos espaços domésticos das elites dominantes, ou na construção civil.

Gráfico 1 - Dados da pesquisa sobre demografia e IDH.



Fonte: Censo IBGE de (2010). [Indicadores Sociais Municipais 2010: incidência de pobreza é maior nos municípios de porte médio | Agência de Notícias.](#)

Contudo, embora essa parcela da população venha sendo vista como um problema de urbanização a ser higienizado e limpo do convívio social, o historicismo negro se tornou parte contributiva e de relevância ímpar nos destinos socioculturais do país ao longo dos V séculos de resistência. Todavia, os dados epistemológicos notórios a esse fato, nos mostram claramente essa cisão.

Divisões sociais na qual, perguntamos porque em pleno século XXI, ainda se sobressaiam visões estereotipadas sobre esses corpos?. E porque concepções sociais arquitetadas em governos extremistas pelas elites brasileiras, continuam obrigando o homem negro a lutar por espaço e coexistência pacífica?.

Essas perguntas sobre esses fatores nos dão a dimensão de uma sociedade instrumentalizada e alicerçada pelo racismo estrutural. Na qual passou a escoar-se desde os processos de chancela da emancipação social, (escravidão) no Brasil em 1888. O homem negro foi banido dos engenhos e fazendas, e passou a viver perambulando a mercer da vida, largados a própria sorte as margens das grandes capitais do Brasil. Esse foi o estado de vulnerabilidade social destinado aqueles que alavancaram a economia desse país ao longo de IV séculos de escravidão. Os dados se dão conta de que ali, naquele momento da chancela, o povo negro teriam sido destinados a viverem através das políticas pública de Estado. O que

sorratamente se traduziu no mais completo processo de exclusão social para com os negros/as. Homens e mulheres que coercitivamente continuam vivendo de migalhas, e muito aquém da ocupação dos espaços de destaque, após carregar o país nas costas por séculos.

Entretanto, vale ressaltar que “Diáspora Africana” no Brasil é um tema multifacetado e profundamente enraizado na história e na sociedade brasileira, abrangendo aspectos históricos, sociais, culturais, políticos e econômicos. É consensual entre os pesquisadores que nenhuma região americana esteve tão ligada ao continente africano quanto o Brasil, tanto em extensão cronológica quanto em relação ao volume de exportação de pessoas escravizadas. Entre os séculos XVI e XIX, estima-se que 40% dos quase 12 milhões de africanos trazidos para a América desembarcaram em portos brasileiros. O Brasil possui a segunda maior população negra do mundo, após a Nigéria, tendo a maior população negra fora da África.

Esta pesquisa apresenta uma análise da diáspora negra no Brasil, com foco especial em Salvador na Bahia, examinando como essa população, “famílias de negros/as” têm sobrevivido ao longo dos últimos 100 anos. Embora no pós-abolição, a partir da Era Getúlio Vargas, começam a ser promovidos através do estado, alguns direitos sociais e trabalhistas que foram possíveis de serem sustentados até os dias atuais. Entretanto, através de dados estatísticos, modulações interativas e análises históricas, buscamos compreender as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que moldaram a experiência da população negra baiana. Destacando-se em meio a esse hemisfério emancipatório, tantos os desafios enfrentados quanto às formas de resistência e preservação cultural. Os laços ancestrais de uma Bahia Negra e rica nas suas tradições de africanidade e africanismo, oriundo do seu tronco umbilical, que tem resistido às inúmeras desigualdades ao longo de séculos e décadas como já foi dito aqui.

Vale ressaltar que o contexto de diáspora africana é um fenômeno que, embora ligado aos fatores coercitivos, (chegada involuntária em um ambiente desconhecido), também provê identidades e "maneiras de ser" redefinidas. Todavia, na capital Salvador, assim como em bairros como o Nordeste de Amaralina, a cultura da diáspora africana está sempre em transformação, com valores culturais ressignificados e reinventados. Nesses espaços de formação identitárias ancestral, as identidades no contexto da diáspora são transformadas e ressignificadas, com nomes de nação servindo como um "guarda-chuva étnico" para identificar grupos organizados na sociedade escravista.

Foram com esses valores e ensinamentos de identidade negra, que tornou-se possível resistir por séculos. Promovendo ações na busca por caracterizar de forma relacional e contingente, esses homens e mulheres sobre os signos, oriundos do tronco ancestral. Variando-se, ou redefinindo-se como: religiosidade, cultura e coexistência, no espaço, tempo e contextos. O conhecimento sobre ancestralidade africana contribui para o enfrentamento ao racismo.

A Bahia é o estado mais negro do Brasil, com 80,8% da população autodeclarada preta ou parda, sendo 23,9% pretos (maior percentual do país) e 56,9% pardos. Apesar da expressiva presença negra, a Bahia ainda reflete as desigualdades raciais presentes no Brasil, com disparidades em educação, mercado de trabalho e rendimentos. Após a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888, os negros foram abandonados à própria sorte, sem que se fosse pensado na realização de projeto de reforma agrária que os integrassem socialmente.

Em Salvador, capital do estado da Bahia, existe uma forte presença negra desde o período colonial, sobretudo em bairros populosos como o Nordeste de Amaralina, no qual essa situação foi particularmente impactante para a elevação cultural da capital e do estado como um todo. A ausência de políticas de integração, assim como o racismo estrutural, levaram a população negra a buscar alternativas de sobrevivência nos espaços urbanos. Ocupando espaços de forma marginalizada, em busca de empregabilidade informal, passa a ser descrito por um alto índice de camelôs que povoam a cidade de norte a sul ao longo de muitas décadas. Entretanto, para essa população, esse viés de empregabilidade vem desencadeando-se em estratégias de sobrevivência e resistência cultural em meio aos impactos sócio econômicos que os limitam sob fronteiras globalizadas.

Dessa forma, ao traçar um perfil do homem negro na concepção da diáspora africana em estudos epistemológicos, é preciso ressaltar que o estado brasileiro não lhes reserva essa constituição social e política ancestral. A pesquisa ressalta que ao longo do fim do século XIX e início do século XX, a realidade de vida como homem de cor em cidades como Salvador. Seus impactos recaem sobre o direito de ir e vir do cidadão, mediante os paradigmas de filtros raciais, nos dias que se seguiram ao pós-abolição. No Brasil somente a partir de 2003 foi possível alguns avanços nas políticas de direitos, atribuídas à população negra. A partir desse instante, foram possíveis serem descritas, tanto na “lei de cotas, quanto aos estudos afros brasileiros” a personificação de um país verdadeiramente democrático. Vale ressaltar que ainda há muito por fazer, pois mesmo havendo debates consistentes robustos, protagonizados

através de agentes e agências que contrapõe as matizes colonizadoras, continuamos a ser estigmatizados ao longo dos anos. Esses pensamentos vem sendo amplificado em meio ao Estado de supremacia racial, que tem promovido discursos de ódio e inferioridade social do povo negro na ocupação dos espaços urbanos. A negação dos espaços tem promovido divisões que resultam nas desigualdades e miserabilidades aos corpos negros espaços periféricos. Sejam eles, de destaque ou de poder em Salvador, assim como em outras capitais do país. Esse contexto de divisão nesses espaços, vem contribuindo para um referencial de objetificação, (rótulo) de inferioridade, que tem sido posto no país pelas oligarquias na demarcação dos espaços. Essa postura nos faz lembrar que estamos diante de uma sociedade que se define como branca e rica. Em meio a esses alicerces, são postos discursos e conceitos ante sociológicos, discursos que continuam a ser reintroduzidos sob os resquícios coloniais, que ainda perduram em pleno século XXI.

Apesar das adversidades, ao longo do tempo a população negra baiana desenvolveu diversas formas de organização e resistência ⁷ao longo do século XX. As irmandades religiosas, terreiros de candomblé e sociedades de ajuda mútua desempenharam e vem desempenhando um papel fundamental como espaços de acolhimento, solidariedade e preservação cultural. A partir da década de 1970, com o surgimento dos blocos afro e a reorganização do movimento negro, novas formas de articulação política e cultural ganharam força, contribuindo para a valorização da identidade negra e a luta contra o racismo.

Esses blocos afro tornam-se multifocais na contraposição da segregação social e política. São agências e agentes sociais, (organizações carnavalescas) que surgiram na década de 1970 em Salvador, como o Ilê Aiyê (1974), Olodum (1979), Muzenza (1981) e Malê Debalê (1979). Mais do que simples agremiações carnavalescas, os blocos afro representam uma forma de afirmação da identidade negra e de resistência cultural e política.

Salvador tem se tornado num manto de africanidade, numa cidade que vem perpetuando seu dinamismo ancestral, através da sua composição Racial ao longo dos séculos. De acordo com pesquisa realizada nos últimos três anos, a Bahia destaca-se como o estado mais negro do Brasil, com 80,8% da população autodeclarada preta ou parda, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE para o ano de 2022.

⁷ Sobre o contexto pesquisado de resistência negra na Bahia através da arte e da cultura ver, disponível em <<https://cnwlitqv.manus.space/>>, acessado em maio 15 2025.

Tabela 1 - dados sobre população negra em salvador

Pretos	Pardo (Maior porcentual do país)	Branços	Outros (Indígenas, amarelos e sem declaração)
23,9%	56,9%	18,0%	1,2%

Fonte: IBGE⁸ (2010).

No entanto, o que pode ser observado através dos mecanismos estruturais, são medidas contraproducentes para o povo negro de Salvador. Situações que afugentam o passado e passam a reverberar sob práticas de cunho antidemocrático e racistas. Nesse campo de análise ressalta-se ainda que iniciativas negativas como esta, se somam aos acontecimentos já instrumentalizados sob forte naturalização do Estado, em negação aos mesmos corpos negros diaspóricos por séculos, negando-lhes principalmente o direito de ir e vir. Contudo, é mister a abordagem dessas diferenças, embora a nossa população negra seja maioria absoluta em Salvador segundo dados do IBGE em 2022, que versa sobre população negra da capital.⁹ No entanto, esse contexto de negação, tem se reverberado nacionalmente na depreciação do homem negro ao longo do território brasileiro. Uma visão deturpada e covarde que se soma a tantas outras, em se tratando da maioria do coletivo negro nacional. Aos olhos de muitos pesquisadores, ações como estas se transformaram no ato mais vil e perverso ao longo das décadas, sobretudo na Bahia, o maior tronco africano para além do continente. A resistência posta em homens e mulheres,¹⁰ negra brasileira, vem se sobressaindo ao longo do tempo, e de forma bastante expressiva. Seja através de contextos culturais, sejam nas universidades, nas ruas ou nos teatros, através de ações culturais que buscam desconstruir esses estereótipos que situam o homem negro como nocivos para com a sociedade. Isso tem conscientizado a sociedade, que vem dando respostas ao racismo, subsidiado ao estigmatismo diaspórico, que vem sendo aglutinado pelas ações do racismo posto nas estruturas que alicerçam o Estado.

⁸ Fonte: PNADC/IBGE, 2022, disponível em <<https://jornalgrandebahia.com.br/2023/11/bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-808-da-populacao-preta-ou-parda/>>, acessado em 03 jun 2025.

⁹ Em 2022, dados do IBGE revelam que a população negra (pretos e pardos) no Brasil somou 55,5% do total, representando uma população de cerca de 112,7 milhões de pessoas. A Bahia tem a maior população negra do país, seguida pelo Rio de Janeiro. Em São Paulo, a população negra (pretos e pardos) representa cerca de 37% da população, com 4.164.504 pessoas. [IBGE divulgará resultados para cor ou raça do Censo 2022 em Salvador | Agência de Notícias](#)

¹⁰ MACACOS é um espetáculo sobre a estruturação do racismo e do apagamento das memórias e ancestralidades negras que estão enraizadas neste país. O espetáculo se coloca em cena a partir do relato de um homem negro em busca outros espaços para ocupar diante do adjetivo MACACO, que nomeia a obra, a fim de refletir sobre esse adjetivo que é o mais usado como xingamento ao povo negro no mundo. <https://www.sescsp.org.br/programacao/macacos-4/>

O Jornal Quilombo/ se configurou como um dos principais veículos de divulgação dos eventos da população negra na década de 1950. [O jornal Quilombo](#)

3.1 1.1. A ARTE COMO INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA NEGRA NA METADE DO SÉCULO XX.

“Macacos” teatro de afirmação da pessoa negra

A peça trata sobre episódios da História Geral do país, cita estatísticas sobre as mães e famílias de jovens negros presos ou executados pela Polícia Militar brasileira. Além disso, a colonização é um eixo abordado para justificar como se chega aos dias de hoje. As questões levantadas por esse homem negro convidam o público a questionar o preconceito velado, e presente na estrutura social e na vida cotidiana do Brasil de 1500 até os dias de hoje. Os questionamentos desse homem negro convidam o público a pensar e debater sobre os preconceitos mascarados, que existem na estruturação e no cotidiano brasileiro.

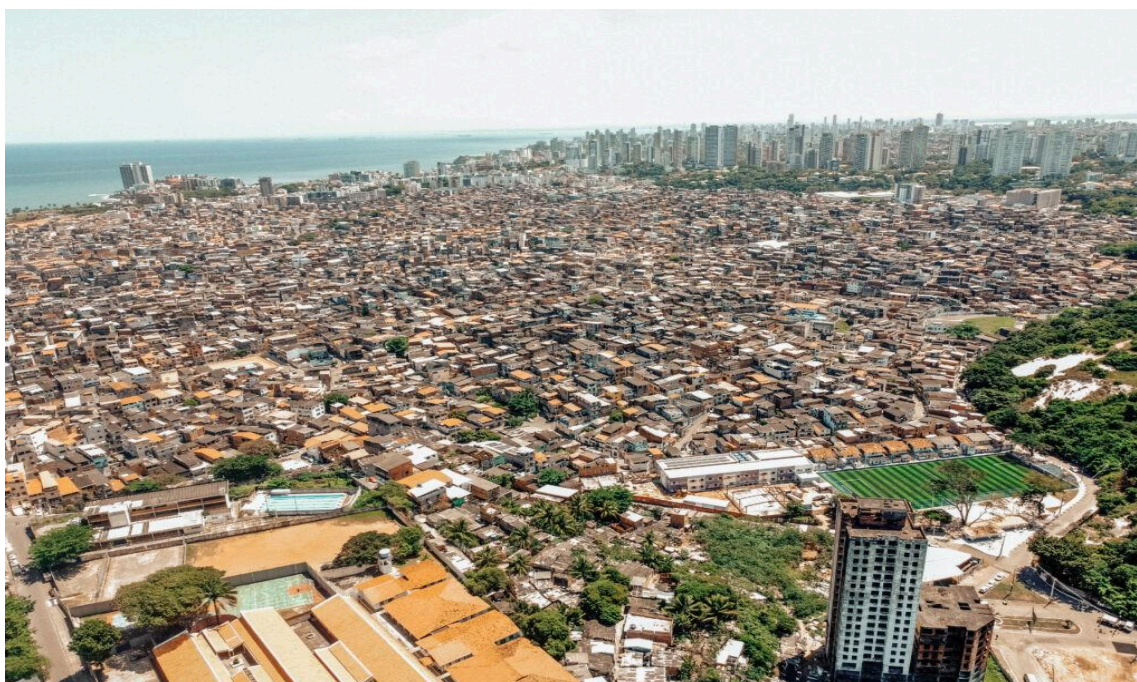
Esses e outros fragmentos do colonialismo, tem se posicionando de forma sutil em diversas ações excludentes nos espaços urbanos de poder: seja no mercado de trabalho formal, na busca por moradias dignas, ou nas divisões políticas que nos negam o acesso aos espaços públicos. O que vem a pactuar com grandes ações de violência na vida social dos bairros periféricos de Salvador, traduzindo-se num problema de ordem nacional. Essa constatação se assevera nos eixos protagonizados por ações desastrosas, que tem culminado na morte de inocentes. O povo negro tem gritado por liberdade, direitos e condições pacíficas de sobrevivência. Sobretudo no que diz respeito às políticas de segurança pública voltadas como já foi dito aqui, a higienização social nesses espaços, direcionada a esse coletivo de pessoas negras em um dos bairros negro e histórico mais populosos do país.

Os desafios e a resistência política nos espaços urbanos

O jornal “Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro” almejou demonstrar o movimento negro como ator político e educador na representatividade feminina. Demonstrou aos seus leitores uma carga teórico-política para analisar a condição da população negra naquele período. Ao mesmo tempo em que era espaço profícuo da cultura negra, através da divulgação de eventos cotidianos, tais como festas, bailes, concursos de poesia e beleza negra, os quais raramente apareciam em veículos da grande imprensa, ainda que parte da própria população brasileira fosse desescolarizada, representando uma barreira na difusão das ideias. Dessa forma, destacando-se no combate ao preconceito e na afirmação social da população negra, o jornal operava como instrumento de integração deste grupo na sociedade brasileira na

metade do século XX, ainda que se buscasse estabelecer um relacionamento com a elite social e política brasileira.

Imagem 1 - vista panorâmica do bairro Nordeste de Amaralina, um dos bairros mais negros do país.



Fonte: [oquefazem.com](https://www.oquefazem.com.br/wp-content/uploads/2023/10/DJI_0084-1024x768.jpg)¹¹ (2023).

A escravidão no Brasil – e seu prolongamento até finais do século XIX (1888) – teve um efeito profundo em todas as relações sociais do país, deixando como legado uma tradição e cultura negra, assim como uma perversa correlação entre racismo e pobreza. A discriminação racial se manifesta de diversos modos, mas o reconhecimento da herança cultural africana se inicia ao redor dos anos trinta e quarenta do século XX, era do Estado Novo de Getúlio Vargas e da hegemonia de teorias sobre democracia racial brasileira, quando, então, ocorre importante virada no pensamento científico racialista dominante do século XIX. (Hitta, 2014).

Outrossim, esse contexto escravista, através do estabelecimento de vínculos parentais, vem disseminando divisões nas relações interpessoais urbanas em comunidades como o Nordeste de Amaralina ao longo do tempo. Embora o povo negro tem contado como as

¹¹ https://www.oquefazem.com.br/wp-content/uploads/2023/10/DJI_0084-1024x768.jpg - 2023.

relações de solidariedade dos seus pares, que passou a constituir-se numa maneira de criar esperanças, possibilitar a sobrevivência e reinventar identidades.

Os africanos, ao criar laços familiares, deram sentido às suas vidas e marcaram o espaço social em que viviam. Instituições como as irmandades leigas católicas também foram importantes espaços de sociabilidade, pertencimento, ajuda mútua e proteção, servindo como um "guarda-chuva étnico" que incorporava indivíduos de diversas procedências africanas.

Os problemas relacionados à alienação e cárcere privado em bairros pobres e negros como o Nordeste de Amaralina, tem sua origem histórica e predominante no pós-abolição. Esse período se assevera quando o Estado passa a controlar os passos desses indivíduos, renegando-os à própria sorte sob o instrumento punitivo da¹² lei.

A Detenção tem mais gente do que muita cidade. São mais de 7 mil homens, o dobro ou o triplo do número previsto nos anos 50, quando foram construídos os primeiros pavilhões. Nas piores fases, o presídio chegou a conter 9 mil pessoas (Varela, 1999). Sobre o olhar cuidadoso dessas narrativas, passamos a observar e descrever as ações de higienização social urbana, que ainda continuam a promover o distanciamento aos direitos básicos, como: educação, empregabilidade, saúde e cidadania plena.

“O Dia da Consciência Negra”. Esta data por ter hoje um caráter oficial deve servir para uma reflexão sobre a importância histórica do tema. Nos últimos quinze, anos uma das maiores reivindicações na pauta do Movimento Negro, inclusive a partir de 2003, com a instituição da Marcha da Consciência Negra, tem sido as políticas de reparações históricas aos negros, sobretudo a política socioeconômica de ações afirmativas educacionais (as Cotas). Tais reivindicações repercutiram fortemente na mídia e no meio político. Um exemplo disto pode ser visto no debate de ideias sobre o tema no jornal a Folha de S. Paulo, em maio de 2008, com manifestações pró e anti-Cotas. A Folha de S. Paulo, que em seu artigo de editorial negava a necessidade das cotas, juntamente com os manifestantes do anti-Cotas, utilizavam fortemente os argumentos de que raça não existe e que o Brasil é um país multirracial (NASCIMENTO, 2011, pág. 2).

¹² Vadiagem Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena - prisão simples, de 15 (quinze) dias a 3 (três) meses. Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena. [DECRETO-LEI Nº 3.688, DE 03 DE OUTUBRO DE 1941](#)

Imagem 2: Documento que chancela a lei da vadiagem no Brasil



Fonte: <https://www12.senado.leg.br>

Contudo, em meio campo analítico, observa-se que há um abismo entre esses e outros dados sociais históricos, dos quais possibilitam-nos interagir melhor com as narrativas epistemológicas. Descrições sociais de um Brasil desigual, que imbricam ao racismo com cidadãos negros, e que apontam uma fricção ideológica em Salvador. Referindo-se a ela como uma sociedade pagã para a maioria dos negros que nela habitam. Seu panorama social define-se numa situação pela qual, são descritas camadas de individuos sob viés das desigualdades históricas nos bairros pobres e negros como o Nordeste de Amaralina. Dessa forma, nesse contexto de análise, os resquícios passam a ser sedimentados pela colonização nos espaços urbanos ao longo do tempo. Essa condição escusa, tem como política cerne, amplificar os vetores que se moldam ao estigmatismo diaspórico em Salvador. Assim como os fragmentos coloniais que tem se dissipado para outros cantos do país por séculos e décadas.

Dessa forma, as pessoas lugares e (memórias) a serem pesquisadas, passam a avaliar as concepções sociais acima citadas e suas características contidas nas ações de evolução do racismo. Tem se tornado políticas de decolonialidade uma mobilização (contracolonial) sobre esses corpos negros situados a : filhos, netos e bisnetos dessa metropole dividida.

A cidade de Salvador tem como movimento de vanguarda, agência e agentes, além de alguns lugares de fala, onde servem de Recôndito de muitos homens e mulheres negros/as. Lugares ou quilombos que passaram pela nossa memória social, fragmentados ao longo do tempo, sob dados alarmantes de violência e pelo cerceamento de direitos. Em Salvador, os fatores sociais se arrastam ao longo do tempo, embora se traduzam como preponderantes numa sociedade de homens livres. No entanto, expressa preocupação a sociedade os destinos dos que lutaram por liberdade e igualdade de oportunidade e coexistência pacífica. Principalmente no que abrange aos fatores sociais em prol de uma política habitacional exequível, que possibilite distanciar o homem negro e seus corpos da ausência de moradias indignas. Lacunas que vem caracterizando-se na exclusão social, que ferem esses corpos, com base nos direitos civis dessa população pobre e negra pesquisada, assim como noutros bairros pobres da capital Salvador.

Basta evocar tantas precauções para verificar-se que a morte penal permanece, hoje ainda, uma cena que, com inteira justiça, é preciso proibir. O poder sobre o corpo, por outro lado, tampouco deixou de existir totalmente até meados do século XIX. Sem dúvida, a pena não mais se centralizava no suplício como técnica de sofrimento; tomou como objeto a perda de um bem ou de um direito. Porém castigos como trabalhos forçados ou prisão — privação pura e simples da liberdade — nunca funcionaram sem certos complementos punitivos referentes ao corpo: redução alimentar, privação sexual, expiação física, masmorra(Foucault, 1987). A narrativa descrita pelo autor Michel Foucault, assim como a de outros autores, descreve e nos atém a um mundo de abismos sociais históricos, sobre as correntes que regem o capitalismo como discurso cerne, imposto aos quatro cantos do planeta.

Todavia, ressaltamos a esse ponto, os contextos de pesquisas que se referem às políticas de segurança pública, implementadas em âmbito nacional, onde os dados nos traduzem o raio-x das fronteiras que seguem sendo demarcadas. O forte conceito de racismo, ligado ao (estigmatismo diaspórico) sustenta-se na triangulação das dicotomias sociais, ligando a violência urbana, às demais fronteiras sociais e políticas. Dissonância sutil, sobretudo em

decorrência da concepção de ¹³anomia social, em capitais como Salvador. A cidade tem o maior contingenciamento negro da América Latina em escalonamento contemporâneo como já foi citado exaustivamente nesta pesquisa. No entanto, essas questões culturais se invalidam à luz dos direitos constitucionais previstos por lei. São situações tipificadas na problemática urbana, que seguem sendo noticiado ao longo dos dias, em acontecimentos como, os noticiários de abordagens policiais que culminam em morte de cidadãos pobres e negros. Ações provenientes da concepção de “necropolítica”, direcionada ao estigmatismo da pessoa negra, assim como da situação de cárcere vividas ¹⁴pela juventude negra da capital baiana”, com base nos limites da cronologia desta pesquisa.

Contudo, mediante essa concepção social e política coercitiva, os caminhos são apontados por alguns trabalhos já publicados, dos quais servem de base analítica no que diz respeito a essa problemática, que segue sendo direcionada a um determinado grupo de pessoas, negros/as.

No entanto, para o aprofundamento dos estudos sobre estes desequilíbrios sociais, atenta-se às concepções analíticas, que precisam ser exaustivamente debatidas e construídas a partir de enfoques, no campo da Antropologia, sociologia e história. Os bastidores dos estudos antropológicos que me antecederam sobre esses sujeitos no bairro Nordeste de Amaralina, apontam que esses remanescentes continuam resistindo, social e culturalmente ao contexto da diáspora africana. Ações por eles empreendidas em bairros como o Nordeste de Amaralina, a fim de reafirmar-se como tronco ancestral. Ao longo deste conceito de afirmação étnica, na qual se faz mister essa perpetuação, esses homens e mulheres, passam a construir sua filosofia de pertencimento na sociedade sotropolitana como cidadãos de valores incomensuráveis.

Abordamos aqui neste trabalho, esses e outros contextos científicos que se voltam à miscigenação de maioria africana na Bahia e no Brasil, situações sociais que têm se mostrado como singular relevância ancestral e cultural, em âmbito social e fenomenológico. Trabalhos que sistematizam a concepção simbólica, sobre a memória das famílias brasileiras a partir do

¹³ Sobre a incompatibilidade social na engrenagem da ocupação dos espaços em sociedade, concepção social que subdivide os corpos em Salvador ver, [Da Divisão . do Trabalho Social | Pedro P. Ferreira](#). A anomia foi introduzida na sociologia por Émile Durkheim, que a utilizou para explicar o aumento da taxa de suicídio e outros fenômenos sociais, como a crise econômica e as mudanças sociais e ideológicas. Para Durkheim, a anomia surge quando a sociedade perde a capacidade de regular o comportamento dos indivíduos, enfraquecendo a "consciência coletiva" e os vínculos sociais.

¹⁴ Matar um ou mais jovens-homens-negros em Salvador, fato imediatamente relacionado pela polícia como motivado pelo envolvimento da vítima com drogas, ou por ser um indivíduo com “passagem” pela polícia, se torna algo que faz parte do cotidiano dos bairros populares, naturalizado nas relações historicamente violentas entre o Estado e a população civil./[Dissertação Vilma Reis 17_12_2010](#), Página 14. Pesquisa realizada em: 06/03/2025.

pós-abolição, em Salvador e cidades vizinhas. Embora as tradições sociais e culturais na Bahia sempre sofreram perseguições ao longo do tempo. Estudos sobre forma dignas de se habitar em moradias dignas, mas também sobre os Ilês-(templos sagrados de matriz africana) e sobre a sua importância do passado escravo no Brasil contemporâneo, explicam algumas das principais características dessa matriz cultural da pobreza brasileira em regiões de Recôncavo Baiano, onde a cultura afro-brasileira é hegemônica e marcante(Hitta, 2014).

Em 1887, pouco antes de a escravidão ser abolida no Brasil (no dia 13 de maio de 1888), o governo da Bahia se lançou numa discussão sobre qual deveria ser o perfil e a atuação da polícia. Decidiu-se que cabia à força policial zelar pela boa conduta da população: sambas foram proibidos depois das 22h, a capoeira foi considerada crime. Na época, a população negra livre —ou liberta — em Salvador já superava, numericamente, a de escravizados. E a abolição era um evento antecipado pelas elites. O episódio é lembrado pela historiadora Wlamyra Albuquerque para demonstrar como, às vésperas do 13 de maio, às elites brasileiras se organizaram para cercear a atuação de homens e mulheres negras: “Entendia-se que eles não estavam mais sob o controle de um senhor, mas deveriam passar para o controle do Estado”. [Depois Da Abolição, Estado Sofisticou Mecanismos De Exclusão, Diz Historiadora | Brasil De Direitos](#)

Todavia, é preciso pensar a cidade de Salvador de hoje, contemporaneizada sobre o viés político de valorização e afirmação da maioria do seu povo. Seus atributos de gestão pública, com proposições de caráter diverso e universal na promoção de ações de direitos, sociais, políticos e culturais. Assim como seu contexto urbano e histórico, que possa incidir na população negra e pobre de Salvador. Essa condição de desumanização atual que a cidade reflete em números de violência, vem explicitamente cerceando direitos civis básicos, tais como o direito de ir e vir da população negra da capital. Porém, o avanço proporcional e numérico dos jovens negros na ocupação das universidades, tem elevado esses corpos a reagir ao submergir numa nova cosmovisão de africanidade e africanismo. Embora o Estado continue a orquestrar-se sob fundamentações e fragmentações colonialista, que continuam a recair sobre a maioria dos seus cidadãos, negros/as, as comunidades negras instrumentalizadas por agências e seus agentes, tem procurado reagir a esse estado de negação da própria raça.

As identidades raciais são vistas hoje de um modo bastante similar ao das étnicas: como construções sociais, contextuais, situacionais e multívocas. Alguns antropólogos optam pelo uso do conceito de etnicidade, já que o de raça tem um peso histórico e moral de discriminação do qual desejaram se distanciar. Outros sociólogos, como Antônio Sérgio Guimarães (2003), resgatam o conceito de raça como categoria analítica e classificatória importante que o senso comum continua usando. Para Peter Wade (1997) a “raça” está

associada em maior medida ao sangue, enquanto a etnicidade se vincula a um origem cultural geográfica, onde a cultura de um lugar é incorporada pelas pessoas (Apud, Hitta, 2014).

Ao interagir com esse campo epistemológico, enveredando pelo caminho do diálogo, sobretudo nas narrativas anteriores, percebo mediante a pesquisa, que esses contextos subjetivos, possuem distintas ênfases, na sociologia e antropologia, vistas em determinados grupos de profissionais, que buscam organizar-se nestas localidades. Entretanto, as matizes, que situam-se em narrativas nos contextos étnicos adquiridos por fontes epistemológicas, possuem forte presença ancestral e balizam-se na existência de valores identitários incomensuráveis. Assim como os encontrados nas concepções de raça e ancestralidade no bairro Nordeste de Amaralina.

As diversas análises sociais e teóricas que são apontadas nesta pesquisa, servem para melhor entendermos sua problemática.

O Nordeste de Amaralina, lar de mais de 80 mil almas, é um território extenso de experiências e desafios. Entre bairros ricos, é alvo constante da ganância imobiliária e da estigmatização social. Cercado por avenidas pulsantes, o bairro é um núcleo conectado a Salvador, mas seus limites são marcados por muros altos e portões que refletem não apenas barreiras físicas, mas também sociais. Na sombra desses limites, o Nordeste de Amaralina resiste. A Praia de Amaralina e o Parque Joventino Silva são mais do que meros espaços de lazer; são refúgios onde a comunidade se reconecta com sua história e forjar novas narrativas. A complexidade da vida no bairro se desdobra em suas diferentes localidades internas, cada uma contando sua própria história de luta e resiliência.

Ao longo da análise investigativa desse grupo de homens e mulheres, construções sociais e políticas, mostram a busca por fortalecer a população do bairro, sobretudo no que diz respeito à ocupação dos espaços urbanos, de decisões e de poder. Basta lembrar que em Salvador temos muitas mulheres que a muito tempo se ocupam como cartões postais da cidade (Baianas de acarajé), simbologia ancestral, que apesar de ainda não ter sido reconhecida pela UNESCO, entre 2005 e 2012, foi reconhecida pelo IPHAN e pelo IPAC. Isso tem mostrado a força da mulher negra da Bahia ao longo dos anos na ocupação dos espaços, Deputadas negras, como Olívia Santana, uma das deputadas mais votada na última eleição do pleito, com mais de 92.500 votos. Ações como estas têm demonstrado o grande interesse desse coletivo na ocupação dos espaços de poder, sobre os destinos políticos de Salvador e da Bahia como um todo.

Entretanto, é importante também ressaltar nesse contexto de subjetividade, que isso tem ocorrido graças à união que se perpetua através dos laços de afetividade ancestral nesses espaços. São construções sociais que se fazem fortemente presentes em seus moradores, no que tange ao fortalecimento do pensamento e organização desses indivíduos. Embora vivendo sob forte contexto de ruptura na concepção de espacialidade ancestral pelo Estado, os acontecimentos e fatos históricos continuam a ser referenciados às pessoas negras das periferias de Salvador. Os espaços de moradias tais como o bairro Nordeste de Amaralina, têm levado a nós pesquisadores, aos dados que argumentam sobre indicadores de violência extrema direcionada à juventude, precariedade de coexistência pacífica atenuada pelo Estado, sobre forte repressão aos corpos dos indivíduos negros.

“Treze anos após o menino ¹⁵Joel, de 10 anos, ter sido morto com um tiro na cabeça em Salvador, o policial militar e o ex-policial militar, réus do caso, passarão por júri popular nesta segunda-feira (6). O julgamento vai contar com sete jurados e não tem data para ser finalizado”. O assassinato ocorreu em 2010 no bairro Nordeste de Amaralina, na ação desastrosa que culminou com uma das questões do Nordeste de Amaralina, morte de mais um inocente. Sendo seu principal mentor, os fragmentos da estrutura de segurança pública do Estado.

Os traumas e estigmas que cercam a população do bairro Nordeste de Amaralina, assim como outras populações pobres da capital baiana, reflete uma Salvador povoada por mais de dois milhões e meio de habitantes, sendo sua grande maioria pardos e negros. Entretanto, em meio a essa concepção de fricção urbana, a divisão social passa a recair através dos filtros raciais, que tem reverberado sobre a população negra nos dados estatísticos ao longo do tempo. No momento em que todos os estudos sobre violência urbana, marcada pelo caráter letal e de violação dos direitos humanos, envolvendo a população civil e as polícias, estão sendo publicados no Brasil, principalmente pelas agências do Sistema ONU, a exemplo de UNICEF e UNESCO, chama nossa atenção a invisibilidade da Bahia, nos números alarmantes de jovens mortos em “confronto” com a polícia e com os grupos de criminosos tolerados pelo Estado, na cidade do Salvador e na RMS (Reis, 2005).

Embora o Nordeste ¹⁶de Amaralina carregue esse triste estigma de escravização do trabalho informal, além do estado de violência sofrido pelos corpos dos seus moradores. Entretanto, essa população continua resistindo, embora venha tendo como vítima socialmente, a maioria dos seus cidadãos. O bairro possui no seu histórico de resistência, o marco da informalidade social a partir da sua fundação no início da década de 40 do século XX. Segundo seus moradores mais velhos, que viviam junto aos seus pais e tios, a população vivia de serviços de agricultura e pesca. Além do suporte doméstico dado na época ao entorno dos bairros nobres que o cercam, em serviços tais como, lavar e engomar roupas de ganhos. Dentre outros pequenos ganhos, está o de trabalhar informalmente para a parcela mais rica e influente da cidade de Salvador, situação que ainda persiste nos dias atuais.

De acordo com dados de pesquisa realizada em 2006 sobre trabalhadoras domésticas pelo IBGE em Salvador e demais capitais do Brasil, demonstra que essa parcela da população vem construindo caminhos para se distanciar dos indicadores ruins, apesar de ainda persistirem. Os dados da abordagem apontam índices de trabalho doméstico e baixa escolaridade na capital baiana. Regionalmente, é válido observar que, como ocorre com a distribuição da população feminina ocupada segundo a escolaridade, Salvador foi a região metropolitana com a maior proporção de trabalhadoras principais responsáveis com 11 anos ou mais de estudo (51,6%). Por outro lado, a Região Metropolitana de Belo Horizonte apresentou os maiores percentuais de mulheres ocupadas (30,6%) e de trabalhadoras principais responsáveis (44,8%) com menos de oito anos de estudo.

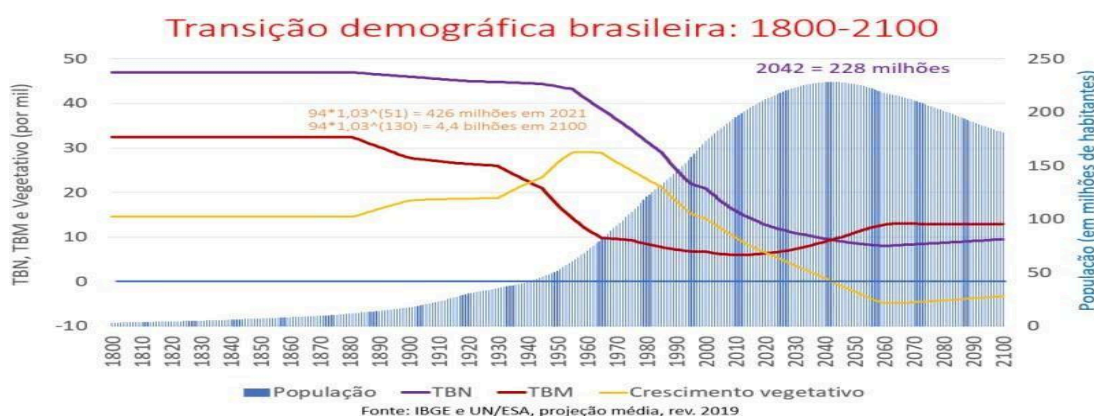
Entretanto, de acordo com Observatório de bairros UFBA, reforça atarvés dos dados dos infográficos em 2010, no qual o bairro Nordeste de Amaralina contava com uma população total de 21.887 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (49,13%) e preta (39,35%), do sexo feminino (54,02%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (52,25%). No que diz respeito aos domicílios, 6,33% dos responsáveis não eram alfabetizados e apesar de 36,6% estar na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de R\$1.530,00. Já com relação a infraestrutura ofertada, 98,19% dos

¹⁶ A informalidade entre trabalhadoras domésticas é um problema persistente no Brasil, e os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) revelam que a situação se agravou após a pandemia da Covid-19. Em Salvador, a informalidade é especialmente elevada, com taxas de precarização que incluem falta de contribuição para a Seguridade Social e salários abaixo do mínimo, afetando uma grande parcela das trabalhadoras.
[chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/Estudos/Trabalho_mulher_responsavel.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Mensal_de_Emprego/Estudos/Trabalho_mulher_responsavel.pdf)

domicílios contavam com coleta de lixo, 99,55% com abastecimento de água e 98,38% com esgotamento sanitário.

Vale ressaltar que os dados acima citados se referem unicamente ao bairro Nordeste de Amaralina, e não ao complexo Nordeste de Amaralina, que engloba mais 4 outros bairros no seu entorno. As concepções de desigualdades sociais no Brasil têm tornado-se pauta de diversos estudos estatísticos de norte a sul do país. Sobretudo no que tange às camadas mais pobres da população desde seus primeiros estudos ainda em meados do século XIX.

Gráfico 2 - Evolução demográfica população brasileira ao longo dos séculos



Fonte: [População e transição demográfica no Brasil: 1800-2100 - Instituto Humanitas Unisinos.](#)

Sobre a desocupação da população pobre e negra no Brasil na contemporaneidade, segundo os dados do IBGE entre 2003 a 2013 referentes às capitais, os dados apresentam um escalonamento crescente ao longo das décadas. As pessoas desocupadas com 8 a 10 anos de estudo tiveram aumento de seu contingente em Salvador (17,7%) e São Paulo (5,1%). Nas demais regiões, houve redução. O contingente de pessoas desocupadas com 11 ou mais anos de estudo apresentou um comportamento diferenciado entre as regiões metropolitanas analisadas em 2013. Nas Regiões Metropolitanas de Recife e Salvador, a elevação desse contingente foi de 6,7% (4 mil pessoas) e de 18,8% (15 mil pessoas), respectivamente.

Nas demais Regiões Metropolitanas houve retração da desocupação entre pessoas com essa escolaridade, com destaque para o Rio de Janeiro, com queda de 8,4% (15 mil pessoas). De 2012 para 2013 houve expansão de 6,4% no contingente de pessoas desocupadas com

nível superior completo. Observou-se declínio desse contingente nas Regiões Metropolitanas de Belo Horizonte (2,4%) e do Rio de Janeiro (8,4%). Nas demais regiões pesquisadas, houve elevação. Os maiores aumentos ocorreram em Recife (35,0%) e Salvador (50,5%).

Dessa forma, fica claro que se faz mister a realização de uma pesquisa mais empírica, na qual possa discutir sobre a historicidade que incide sobre os dados apresentados acima. Sobretudo quanto às divisões sociais e urbanas na ocupação dos espaços, que demarcam Salvador, ao sistematizar fronteiras sobre as camadas mais vulneráveis, sendo essa a grande maioria da população. Contudo, o contexto que define o campo, nos mostra que é necessário foco nessa população preta em específico, oriunda da diáspora africana, na qual torna-se parte fundamental na descrição do trabalho sobre o aumento das desigualdades sociais. Haja vista que o objeto em análise nos permite debruçarmos em contatos e fontes, para que se possa construir uma investigação cada vez mais profunda. Trabalhos científicos que possam descrever as mais diversas problemáticas, situadas em Salvador em bairros como o Nordeste de Amaralina.

Dissertações e teses como a da autora, Dra. Maria Gabriela (Hitta,2014) sobre “sobrevivências matriarcais” que tem contribuído muito sobre os dados de sua pesquisa referentes ao coletivo negro no bairro. Enfatizando por sua vez, a importância da natureza do uso desses dados sobre o logus do enfrentamento às desigualdades enfrentadas pelo povo pretos. Sobre esses e outros questionamentos, no que diz respeito ao passado, presente e futuro dos homens negros. Contudo, busco através deste trabalho, situar as mais diversas matrizes sociais, culturais e políticas, para que possa construir meu objeto de pesquisa, pautando os homens e as mulheres negras, na dura trajetória da resistência em sociedade no Brasil, mas que deixou um enorme legado cultural e artístico sobre os quatro cantos desse país.

“O Nordeste tem uma história ¹⁷rica de festas juninas e sambas juninos, uma tradição que permanece viva e em constante evolução. Uma parte significativa dessa herança cultural pode ser atribuída à influência da escola de samba Diplomatas de Amaralina, que contava com a participação de muitos de seus moradores”. Músicas que fizeram sucesso nacional e até internacional como, O Canto da Cidade cantada por Daniela Mercury e Beija Flor cantada pela Timbalada, saíram da mente brilhante de autores compositores do Nordeste de Amaralina, assim como músicas que fizeram parte da trilha sonora do filme Ó pai ó, como a música do compositor Silvio Almeida, “Vem Meu Amor” gravada também por Ivete Sangalo.

¹⁷ [Traços da África: Sambas Juninos do Nordeste de Amaralina. Uma Tradição Viva e em Evolução.](#)

Para tanto, reafirmo aqui o contexto metodológico exploratório onde passo a discutir com vários autores e suas obras importantes, sobre esse importante espaço de concentração ancestral, no qual busco através dessa revisão bibliográfica expor a amplitude cultural e diversa no bairro, na qual incide na concepção espacialidade e fenomenologia. A relação entre os indivíduos na historicidade e na contemporaneidade dos fatos, (laços de afetividades e vivências), são atributos que conduz a pesquisa na busca por melhor entender essa população e suas especificidades ancestrais.

Planos de pesquisa tanto exploratórios, quanto conclusivos, sejam eles descritivos ou causais, podem combinar ou integrar o uso de dados e métodos qualitativos e quantitativos (Flick, 2009). Nesse sentido, essa pesquisa percorreu os caminhos tripartites na elaboração de uma narrativa científica, aliada ao conceito de coesão social, textual e filosófica, na busca por um amplo propósito investigativo. Estende-se a esse contexto científico, métodos e construções sócio etnográficas, que se deu através de múltiplos mecanismos, dentre eles o campo de investigação e observação participante: (Malinowski, 1979), (Geertz, 2008).

Na busca por instrumentalizar trajetórias de vida e raízes etnográficas, ressalta aqui neste contexto de pesquisa, o ordenamento de um trabalho em dimensões sociais bastante profundas. Dessa forma, a pesquisa precisou dialogar com diversos autores, em ambiências de discussões sociais e narrativas construídas a partir de dados históricos. Esse entendimento passou a se refletir sobretudo através das muitas situações que dizem respeito aos IV séculos de escravização na Bahia, em dados que foram coletados para que melhor pudessemos entender esse tronco ancestral chamado Nordeste de Amaralina.

Esses mecanismos culturais e científicos, se fizeram e farão necessários, para que possibilite concluir esse vasto contexto exploratório e investigativo. No qual, seus elementos correlatos totalizaram-se imprescindível para descrever os mais diversos fatos e acontecimentos que cercam populações em diáspora. Sejam eles sociais na perda de vidas precocemente, ou nas ações culturais, e afetivas de laços que se desfazem ao longo do pós-abolição. Dessa forma, essa revisão bibliográfica, aliada aos diversos fatores que trago no meu trabalho, além de nortear a pesquisa, está nos permitindo agrupar historicamente os dados sobre trajetórias de vidas, em campos que interligam esses corpos em espaços como o que estamos pesquisando. O que possibilita aproximar a pesquisa aos contextos de discussão sobre o bairro Nordeste de Amaralina em meio a subjetividades e trajetórias de vidas de seus cidadãos. Seus acontecimentos sociais e políticos, interligam-se através dos inúmeros meios

de vida de pessoas negras, que vivem nas fronteiras da insegurança no Nordeste, assim como em outros bairros da capital Salvador.

A pesquisa tem sido cuidadosamente planejada, primeiramente quanto à escolha dos bairros, considerando os critérios de proximidade e distância do Centro da cidade, na qual se localizam os serviços básicos, definindo-se dois bairros periféricos de Salvador, Nordeste de Amaralina e Nova Brasília de Itapuã. “Constantes toques de recolher dificultaram a minha circulação no bairro. Mesmo contando com a colaboração e apoio de colegas que residem na região, foi muito difícil realizar as entrevistas nessas localidades”,(Santos, 2018).

Essas informações reforçam a trajetória percorrida por outros pesquisadores na busca por fontes primárias e secundárias, que refletem sobretudo a dificuldade no que tange ao aprofundamento de coleta de dados no bairro Nordeste de Amaralina. O drama social têm sido promovidos pelas demarcações de espaços, que interligam-se às temáticas epistemológicas. Problematizadas sobretudo nos aspectos sociais, econômicos e comportamentais, referente às divisões sociais e políticas recorrentes nesse novo normal nos bairros pobres de Salvador.

Para tanto, o trabalho científico vocifera por estes caminhos de descobertas, perguntas e respostas, através dessa trajetória analítica, visando a importância do trabalho de indução. No qual, através do cotidiano dessas pessoas, procura-se ao longo da pesquisa abarcar as inúmeras adversidades postas no campo investigativo, tanto para o pesquisador quanto para o pesquisado, uma vez que ele é alertado, limitando-se a proferir informações sobre o bairro. Situações pelas quais passa a discutir e fomentar diversos aspectos ligando o problema de pesquisa a essa concepção de domínio em que vivem as populações pobres de todo o Brasil. No passado eram os grillhões, pelourinhos e chicotes, hoje o cerceamento dos direitos continua sendo sentenciados às mesmas comunidades de homens negros/as pelos próprios negros.

Todavia, ao Ligar passado e presente, o objeto incide sobre esses fenômenos, e percebemos o quanto as ações coloniais vem afetando de forma nociva às comunidades pobres. A exemplo do bairro a ser pesquisado, seus contextos de moradia e seus signos. A análise sobre a logus das fronteiras do capitalismo e globalização, passou a incidir na violência e caos social. Assim como tantas outras desigualdades econômicas que reverberam nas diversas favelas do país. O que pretendo com o meu trabalho, é discutir em âmbito horizontal, a problemática sobre o coletivo étnico histórico, (homens e mulheres) entrevistados, que ergueram suas trajetórias de vida no bairro Nordeste de Amaralina com os seus pais, ainda na infância em meados do século XX. Antigo Engenho Fazenda, que ao ser

desmembrado, passou a denominar bairro, situando-se em meio a burguesia de Salvador. Coletivo negro que cresceram com o ofício dos pequenos ganhos, e que ainda vive sob forte ameaça de apagamento ancestral, nas suas mais diversas manifestações de negação ao povo negro de Salvador.

No decorrer desse debate, no que diz respeito ao cenário de desigualdade social em Salvador para com os bairros pobres, precisei interagir com algumas dessas obras que descreve as concepções de froteira e acções globalizadas que inferem e elucidam-nos sobre a concepção de: instabilidade das culturas- vivências nas fronteiras sociais- epistemicídio negro e genocídio- racismo estrutural e comportamental- dentre tantos outros que compõem esse problema de pesquisa. Esse foi o caminho percorrido por mim, ao descrever dados distintos, mas que porém estão sensivelmente conectados à problemática presente no recorte da pesquisa. Para tanto, se faz mister que eu tenha como partícipe no decorrer do meu trabalho dissertativo, uma ampla discussão com o dia a dia das pessoas. Assim como todos os trabalhos desses autores abaixo relacionados. Sobre os quais, beiram-se o propósito de melhor dialogar com os contextos de raça e racismo no Brasil e no mundo, extremamente desigual e cada vez mais globalizado.

São extensas as referências que descrevem e argumentam em favor do surgimento de uma identidade nacional como resultado desse processo particular de articulação, entre a ordem capitalista industrial atual, e um passado escravocrata e patriarcal da sociedade brasileira, com raízes profundas nas comunidades pobres de Salvador, que ainda sobrevivem de pequenos ganhos.

Na América Latina, a significativa presença de lares extensos e pobres têm sido correlacionados à falta de políticas habitacionais adequadas e ao impacto do acelerado e desordenado crescimento das cidades. Foi justamente entre 1992 e 2003 que analisei o modo de reprodução de um tipo de organização doméstica extensa matrifocal na cidade de Salvador: o matriarcal. Esse foi um estudo de tipo longitudinal realizado no Nordeste de Amaralina, resultante de várias pesquisas, especialmente o da minha tese de doutorado sobre famílias matriarcais. Entendo esse tipo de organização doméstica como resultante tanto da ausência de políticas habitacionais adequadas até um passado recente, como também, no contexto estudado, expressão de uma matriz cultural negra que se desenvolveu em Salvador e Recôncavo Baiano desde a época colonial(Hita, pág, 17, 2014).

A pesquisa, se situa na estrutura dos acontecimentos, através de uma análise dialógica, com base em vetores que continuam se sustentando na diacronia do racismo e outras modalidades de divisão social para com seus cidadãos em diáspora na capital baiana.

Na interjeição descritiva dos fatos, filtros raciais, e dicotomia dos espaços urbanos dentre outros aspectos e mecanismos sociais e políticos, vivem às sombras de uma cidade particular e sem diversidade de cores. O branco segue como predominante ao egocentrismo social contínuo, alicerçado sobre os espaços de uma cidade, onde historicamente a supremacia negra segue como um mero objeto pagão – o que acaba por sucumbir à aversão colonial no conceito literal da palavra.

Esse tema tem sido alguns dos muitos acontecimentos, onde o Estado apresenta-se como ferramentas de divisão dos homens e seus espaços urbanos. Prevalendo as concepções do racismo estrutural e excludente na vida dos cidadãos negros soteropolitanos. O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (HALL, 2003). Entretanto, mediante aos diversos contextos fenomenológicos que compõem e fomentam o estigmatismo¹⁸ diaspórico em Salvador, sobretudo nas comunidades pobres, proponho através das subjetividades desses sujeitos, construir uma narrativa sobre seus valores identitários e suas trajetórias de vida no bairro.

Sobre tal contexto, dentro da problemática que envolve estruturalismo e subjetividade, percorro analisando a cisão com base no racismo estrutural imposta por filtros raciais, onde proponho um olhar etnográfico e antropológico mais empírico para entender sobre o bairro Nordeste de Amaralina. Bairro histórico de Salvador que assim como outros bairros da capital, sofrem dos mesmo estigmas, sobretudo quanto ao mercado de trabalho. As variações no percurso de vida podem ser desencadeadas por eventos vivenciados, que agem de forma conjunta com a socialização, podendo ocasionar disposições diferentes na trajetória dos jovens de uma mesma origem social. De uma maneira dialética, as contradições e conflitos, associados à posição dos indivíduos na estrutura social, vão estabelecendo os percursos de vida (Santos, 2018).

¹⁸ De acordo com o aprofundamento de estudos sobre a população negra em diáspora, o conceito de **Estigmatismo Diaspórico**, passa a existir a partir das desigualdades sociais e políticas a que são submetidos negros/as. Outro aspecto que situa esse conceito, ocorre sobretudo na ocupação dos espaços de poder, no qual essa ação estigmática pode estar relacionada a sua ancestralidade, africanidade e africanismo, rotuladas numa compreensão de subalternidade mediante as demais raças.

Nesse intento, a partir do conceito de interseccionalidade, africanismo e africanidade, fortemente presentes no Nordeste de Amaralina, passo a dimensionar a proposta de trabalho ligando esses vetores de promoção das desigualdades. Que seguem demarcando e estabelecendo dinâmicas sociais aos indivíduos, em comunidades pobres como o Nordeste de Amaralina, nas suas trajetórias de vida pela ocupação dos espaços urbanos.

Esses outros parâmetros, passam a serem identificados para melhor entendermos os processos históricos que envolvem as cicatrizes da colonialidade sobre os homens negros/as moradores do bairro. Os homens e mulheres, remanescentes negros/as que durante os processos de mercantilismo na Bahia trouxeram poder e riquezas, são os mesmos que hoje se encontram nas fronteiras periféricas de Salvador. Seus ancestrais foram submetidos à exaustão do trabalho fabril, e hoje suscitam-se ao cárcere privado: seus bisnetos e tataranetos, que comungam dos mesmos clamores do passado. A população negra sobrevive em regime de semi escravidão, coagidos nos espaços periféricos da capital mais negra do país.

Sobre esse enfoque, busca-se através mecanismos jurídicos, alguns dados que nos possibilitem discutir ou corporizar a pesquisa, nas suas dimensões dos conceitos propostos nos abstratos. Conceitos dos quais estruturam-se pontuados sobretudo, no inciso VIII, artigo 5º e 182º. Sobre esse assunto em específico perguntamos — *porque tais afirmativas configuradas ao racismo estrutural, estariam sendo sustentadas pela política de violência e incorporada à higienização social da pessoa negra, mediante a ocupação dos espaços urbanos em Salvador?* Nessa linha de raciocínio, em âmbito judicial, no que diz respeito aos instrumentos que têm orientado sobre essa fricção social, observou-se ao longo dos fatos que se configurou em dados da violência contra um determinado grupo em Salvador. Todavia, se faz mister uma discussão com as categorias objetificadas situadas nas comunidades pobres de Salvador. Na qual, esses sujeitos passaram a serem documentadas pela lente de análise do observatório nacional de segurança pública, entre 2003 a 2013¹⁹. Esses dados corroboram em documentos, e descrevem reiteradamente sobre o racismo e a violência contra homens e mulheres negros/as nos bairros periféricos, assim como no caso do Nordeste de Amaralina,

¹⁹ Sobre notificação e análise da criminalidade no Brasil, ver Observatório Nacional de Segurança. As informações sobre o homicídio são as mais confiáveis no Brasil. As demais apresentam vários problemas: subnotificação, indefinição e falta de uniformidade dos critérios, pressão social sobre a atuação policial etc. Existem duas fontes para a análise do homicídio: os registros policiais e as declarações de óbito. Utilizando os dados do sistema nacional de saúde, a Unesco vem produzindo relatórios detalhados sobre a mortalidade violenta no Brasil. Entre 1989 e 2000, houve, sem dúvida, uma explosão dos crimes violentos no Brasil. Disponível em: <https://www.observatoriodeseguranca.org/dados-e-analises/#account-modal>.

onde está fundamentada essa pesquisa. Outrossim, situam-se ao mesmo paradigma social, o cruzamento de informações sobre as questões de vulnerabilidade social recorrentes nas periferias de Salvador.

Mediante a esse consenso de abordagem científica, procurei me ater também a outras narrativas de autores, com temática distinta, porém utilizando do mesmo conceito de raça e racismo. Dessa forma, com base na propensão da hermenêutica, procurei situar o homem negro naquilo que os persegue, (sua epiderm e sua concepcao disasporica), para conseguir dar embasamento teórico ao meu trabalho sobre o meu lugar de fala. Não adentramos pelas portas da frente dos empregos por conta da nossa pele, nossa, a sombra da diáspora, além da nossa localização geográfica: bairros pobres e negros.

A analogia do racismo e o estigmatismo da pessoa preta nos bairros periféricos de salvador, tem sido pontuada por diversos órgãos e autores em suas narrativas epistemológicas. Esse conceito vem sendo balizado como condicionante cerne. Utilizado concomitantemente para apontar e consolidar digressões sociais nas políticas públicas do estado brasileiro. Que tem correspondido a uma minoria da elite branca e rica do Brasil, aos ideais social e político, que segundo os estudos antropológicos, vem sobressair através dos seus pensamentos, ideologias e práticas de supremacia racial. Mesmo com toda a estrutura de direitos mínimos construída pelo Vargasismo na década de 30 a duras penas, a minoria da elite branca e rica insiste em nos s . Contudo, ainda assim nos damos conta de sujeitos que são submetidos a trabalhos análogos à escravidão em diversas partes do país.

De acordo com os indicadores Socioeconômicos, na Bahia temos os maiores índices de desigualdades sociais do país, que tem norteado dados sobre violência e pobreza extrema ao longo das duas últimas décadas, segundo as pesquisas.

O mundo do trabalho também costuma repercutir diferenças por conta da raça ou cor. A desocupação, a informalidade e o desalento tendem a atingir mais fortemente a população negra do que a branca. Em 2022, na Bahia, os negros representavam 81,3% da força de trabalho (soma de ocupados e desocupados), mas, ao mesmo tempo, compunham 85,3% dos desocupados, 84,9% dos desalentados e 84,3% dos subutilizados – ou seja, havia uma sobrerrepresentação da população negra no contexto desses indicadores de cunho negativo. A taxa de desocupação das pessoas com 14 anos ou mais de idade na Bahia foi de 14,3% em 2022, sendo que a taxa foi de 15,0% entre pessoas negras e de 11,5% entre pessoas brancas. A realidade se mostrou ainda mais sintomática com o reforço da dimensão gênero, visto que a desocupação atingiu 19,1% das

mulheres negras na força de trabalho correspondente no estado – significando maior dificuldade para as negras do que para as brancas (15,3%), os homens negros (11,9%) e os homens brancos (8,6%).

Segundo afirmativas postas na narrativas da antropóloga e historiadora Lilia Schwarcz, os processos de escravidão se tornaram contínuos pela ausência de uma política de reforma agrária para conduzir a integração do povo negro na sociedade, como ocorreu em algumas ex colônias do ocidente. Segundo a pesquisadora, esse processo culminou por condenar o país ao racismo estrutural. Além do pífio desenvolvimento social e político ao longo das décadas e séculos que se seguiram. Uma das questões centrais do pensamento social brasileiro é a explicação da sociogênese do país. Nesse sentido, o racismo possui um papel de grande importância. Na geração de 1870, cujos autores principais foram Nina Rodrigues e Sílvio Romero, o racismo científico era o componente decisivo para compreender o *atraso* brasileiro e a consequente ausência de povo (Schwartz, 2008)

Segundo o sociólogo Jessé Souza, o racismo estrutural se encontra multifacetado sobre as diversas esferas que movimentam e suprem as engrenagens políticas do estado brasileiro. Essa concepção política de dominação histórica no Brasil, é concomitantemente gerida e coordenada pelos resquícios do colonialismo. Concepção arquetípica dos que ensejam a orbis do capitalismo globalizado. Esse *modus operandi*, passou a ser potencializado com a escravização do ocidente sobre os demais povos, desde meados do século XVI. Seus precursores, foram os mentores navegadores do novo mundo a serviço da catequização e desumanização do outro; exploradores e escravistas que até o dia de hoje impõe condições sub humanas a maioria do povo brasileiro. Entretanto, essa corrente filosófica teria seus conceitos contestados por outras esferas ideológicas, que viriam a pôr em dúvidas suas ações. Porque o presente não se explica sem o passado, e apenas a explicação que reconstrói a gênese efetiva da realidade vivida pode, de fato, ter poder de convencimento. Essa é, inclusive, a razão da força de convencimento do culturalismo conservador entre nós. Ele supostamente explica tudo sem lacunas. Mas, antes de tudo, vamos explicitar, brevemente que seja, como a semente escravista foi silenciada e substituída por uma interpretação falsa cientificamente e conservadora politicamente. Foi isso que a fez servir tão bem de pressuposto implícito para todo o ataque midiático de hoje em dia (Souza, 2017).

Todavia, versa ao contexto das civilizações andinas, o enriquecimento em especiarias, que culminou no genocídio, de negros e indígenas. Segundo correntes filosóficas que

abordam a organização e sistematização oligárquica do colonialismo no continente, os termos políticos passaram a ser construídos e fortalecidos nestes territórios, a partir do século XVI, com os processos de dominação e escravização de populações nativas. Neste universo de poder e dominação, suas ações foram conduzidas através dos organogramas que estavam interligados ao sistema de favorecimento dos lucros. Nos termos da filosofia do evoluído sobre o selvagem, a elaboração desta tese foi baseada na hegemonia política ocidental dos mais fortes sobre os mais fracos. Esse conceito de supremacia e conhecimento absoluto, tinha como modelo central, um conjunto de ações das quais envolviam instituições tais como a “Igreja Católica” na dominação do outro, assim como pela perpetuação religiosa que culminou com as riquezas aquinhoodas para o velho continente.

Esse mecanismo de interposição social, passou a fortalecer a ideologia do Eurocentrismo, mediante a escravização e perpetuação do poder através do discurso. Dentre as formas de dominação mais comuns, estabeleceu-se nesses espaços, o aval corporificado na catequização ou apagamento dos signos. Que culminou com a exploração colonizadora em massa no Brasil e em toda América Latina ao longo dos séculos. Contudo, versa por esses estudiosos, que o apagamento das identidades desses povos dizimados ao longo dos séculos, sejam pelo epistemicídio, ou pela exaustão do trabalho fabril, ainda se faz refletir nos dias atuais. De acordo com o raciocínio do sociólogo Aníbal Quijano, o homem colonizado é fonte inesgotável de análises epistemológicas, por carregar traumas irreversíveis causados pelo mundo das sociedades dominantes. Ele descreve em seu livro os impactos daqueles que foram submetidos a Colonialidade do Poder e o Eurocentrismo na América Latina. Em meio a sua análise, o sociólogo descreve que esses povos foram e continuam sendo impactados por fortes influências: sócio religiosas, do poder do discurso, bem como na aquisição de riquezas e lucros para uma minoria rica.

A globalização em curso é, em primeiro lugar, a culminação de um processo que começou com a constituição da América e do capitalismo colonial/moderno e eurocentrado como um novo padrão de poder mundial. Um dos eixos fundamentais desse padrão de poder é a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça, uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo. Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica,

consequentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico(Quijano, 2005).

O contexto de narrativa proposto nesta pesquisa é tão somente em situar-se na descrição dos fatos históricos que se encontram amalgamados a essa estrutura social e política chamada Brasil democrático. Sobre esse prisma analítico, verifica-se a estigmatização diaspórica dentre os vários contextos de divisão social. Sobre esse aspecto, podemos nos ater às metamorfoses desses resquícios do colonialismo, que continuam aglutinando-se no dia a dia das comunidades pobres de Salvador., que tem sobrevivido de migalhas conforme pesquisas a serem demonstradas por essa pesquisa sobre IDH no Brasil. Nesses lugares, o povo negro torna-se cada vez mais reféns do poder, (paralelo) ou da ignorância de uns sobre os outros, mergulhados no cerceamento dos direitos civis, assim como na proibição da ocupação dos espaços. Fincando-se em diversas outras mazelas imposta pela vida em comum, nas selvas de pedra,(capitais do Brasil) que se encontram em estado de sítio como Salvador.

Entretanto, esses e outros reflexos sociais passam a ser pontuados cientificamente, onde o trabalho busca construir uma narrativa com base nos nos contexto que abordam os fenótipos, como conceito principal, no que tange ao paradigma de exclusão social. Fenômeno pelo qual, passa a constituir-se como cisão em nossa sociedade. Esse desfecho pode ser descrito a partir dessa problemática, que aponta uma cidade, Salvador dividida para com negros/as que por muito tempo tornaram-se alvos de perseguições sociais e políticas. Torna-se explícita a vida de auto sobrevivência de um povo numa sociedade branqueada. Uma sociedade onde historicamente seus filtros raciais se interligam a esse paradigma de divisão dos espaços de conquista e de poder, que passam a ser instituídos através do discurso. Tendo como centro das discussões bairros como o Nordeste de Amaralina, ou populações inteiras, que passou a conviver com um outro conceito do capitalismo moderno, intitulado poder paralelo à vista deste novo normal. Nesse direcionamento coercitivo, vivem-se à própria sorte na ocupação desses espaços de moradia. Essa tem sido a análise dos acontecimentos, tornando-se um pano de fundo a ser construído pela pesquisa. São milhares de homens e mulheres muito aquém de uma sociedade que pulsa por direitos e oportunidades pacífica.

Distante do mercado formal de trabalho, essas pessoas clamam por emancipação social na qual tem lhes conduzido ao declínio das fronteiras capitaneadas pela globalização. Essa pesquisa busca dar ênfase a esta situação de fragmentação sócio cultural, que tem promovido rupturas do Estado para com esses sujeitos e seus lugares de fala. Seus reflexos são fronteiras

politicamente definidas e cada vez mais bem alicerçadas, descritas como templos urbanos que acolhem e abrigam a poucos. Nesse contraste, divisões sociais passam a ser estabelecidas nos espaços urbanos. Ação pela qual tem promovido a higienização social, instrumentalizada através da violência para com o coletivo negro. Tais contextos de repressão foram incorporados pelos resquícios pós-colonial, que vem cerceando direitos sócio culturais ao longo de décadas. Ressalta-se ainda dentre esses eixos de elaboração das políticas públicas promovidas pelo Estado, as nuances violentas, tais como a prática do encarceramento em massa, além do Genocídio e “epistemicídio” desse grupo. Dessa forma, esses e outros contextos de promoção das desigualdades e negação ao outro, vem resultando no apagamento dos signos da negritude de Salvador.

A problemática que passa ser explicitada ao longo da pesquisa, está ligada aos dados que imbricam nos números reverberados em negação dos espaços a um grupo de pessoas em específico. Dessa forma, através do conceito fenomenológico, estruturais e diaspóricos, que incidem na vida dos negros/as como instrumentos que geram fatores de desigualdades: sociais e econômicas. O desencadeamento desses fenômenos, passou a estender-se em fontes documentais que situam o racismo em Salvador ao longo de décadas. São construções arquetípicas, das quais foram construídas a partir de enfoques das populações pobres no bairro Nordeste de Amaralina, assim como de outras periferias de Salvador. Sobre os seus cidadãos, pesa em primeira mão, o fato característico do astigmatismo diaspórico. Todavia, questões sociais como essas se configuram como parte do entendimento que foi amplamente pensado para que eu pudesse ter um embasamento teórico e empírico distinto a outras narrativas, na busca por um melhor entendimento ao situar o meu trabalho de campo.

3.2 1.2. TRAJETÓRIAS E CAMINHOS

Aos vinte e sete anos, em 1997 tive que tomar uma das maiores decisões da minha vida. Decisão essa proveniente dos males diaspóricos que incidem através dos filtros raciais na maioria da população de Salvador. Em virtude do alto índice de desemprego na capital baiana, a despeito de tantos outros irmãos, negros/as, precisei fazer a trajetória inversa ao que já foi demonstrado nessa pesquisa em relação aos antigos moradores do Nordeste de Amaralina. Segundo a historiografia, esses moradores migraram para a capital baiana, fugindo da fome e escassez de trabalho, configurando-se num grande êxodo rural. Esse desequilíbrio social ocorre logo após a abolição da escravatura, quando houve uma dispersão

em massa de ex -escravos do Recôncavo da Bahia para Salvador, fugindo do desemprego, em busca de melhores condições de subsistência.

No entanto, eu também fui submetido a essa trajetória pelas mesmas situações de desequilíbrio social urbano. Sendo que, no meu caso, houve um agravante a mais ao me deslocar da cidade de Salvador para o recôncavo da Bahia. Ao levar na mochila, algumas peças de roupa na fuga do desemprego, outrossim, havia também todo um contexto de violência urbana, genocídio, promovido pelo estado sobre as comunidades pobres da capital. Violência que passou a atingir sobretudo os cidadãos pobres que seguem sendo estigmatizados pelo contexto da diáspora negra. Fatores Preponderantes que corroboram e sedimentam-se socialmente, culminando na decisão de muitos jovens pelo êxodo urbano em Salvador.

A descrição de um estado de políticas de letalidade procrastinada pelos agentes do estado, vem sendo questionada e vociferada por diversos autores e suas narrativas. De acordo com (Reis, 2005), o direito de matar é antes de mais nada uma aberração social, que vem atravessando as fronteiras dos direitos humanos e direito à vida na capital da cultura negra. Esse posicionamento político necrogovernamental, tem sido questionado por organizações internacionais, tais como a ONU e outros órgãos de defesa dos direitos humanos. Contudo, ao analisar tais acontecimentos, passei a refletir, que embora estando afastado do bairro a 25 anos, minha concepção de ancestralidade, (minha cosmovisão), sempre esteve ali, juntamente com o meu lugar de fala. Embora muita coisa tenha mudado ao longo desse tempo em que estive afastado, meu coração estava preso às minhas memórias de infância. Sai do bairro porque tive que caminhar em busca de dias melhores para mim, assim como para os meus familiares, que pairavam numa trajetória de vulnerabilidade e subsistência social.

Contudo é preciso analisar que essas dinâmicas ocorridas nas trajetórias de vida, feitas por homens e mulheres, têm sido recorrentes e intensificadas. Vociferadas e agravadas por fatores tais como os estigmas advindos do colonialismo histórico, que ainda perdura na psique do homem negro que vive nos bairros pobres da capital. O êxodo urbano se configurou na minha vida como um ato de subsistência social coercitiva, assim como tantos outros que tiveram que romper seus laços de infância social e de ancestralidade, ao fugir do desemprego e da violência urbana .

Porém, naquele momento havia um paradoxo, eu não consegui compreender bem sobre as situações que culminou no alto índice de desemprego, no qual pessoas são

impulsionadas a mudar de seus lares pela falta de empregabilidade e renda. Situação social essa, consubstanciada sobretudo por filtros raciais. Acontecimentos que estariam ligados ao racismo estrutural que assola a maioria dos negros na cadeia empregatícia de Salvador. Esse mecanismo político descreve bem os direcionamentos do mercado de trabalho privado no Estado da Bahia. Esse contexto político tem como meta política, fragmentar a diversidade negra e seus conhecimentos socioculturais.

Entretanto, esses homens e mulheres que vivem em comunidades pobres, buscam todos os dias, oportunizar-se do trabalho na capital. Porém pesquisas²⁰ apontam que lhes é negado tal direito. Seus contrassenso mais comum nesses espaços de negação, é o de baixa escolaridade, ou por localização geográfica “residem em determinadas comunidades da capital baiana”.

Contudo, mediante essa profusão alarmante da divisão dos espaços em Salvador, só resta a essa parcela da população(negra) o contemporâneo ofício da informalidade. Tem sido assim ainda hoje– todos os dias ocorre uma movimentação em busca de ganhos, configurada na trajetória do homem negro, naquela que foi a primeira capital do país. Contudo, apesar de sentir essa realidade social e política bem de perto, eu ainda viria situações ainda mais desumanas perturbadoras para com as comunidades pobres e negras. As populações pobres de formações étnicas de salvador, têm sucumbido sob a face mais dura da necropolítica, na qual estão situados esses bairros pobres de Salvador. Situações pelas quais o Estado vem determinando sobre “quem pode viver e quem deve morrer”. Nesse enredo violência coletiva, em meio a essas agruras, encontram-se as comunidades pobres como o Nordeste de Amaralina. Esse tem sido o desfecho da filosofia de higienização social dos espaços públicos, que tem sido instrumentalizada pela natureza da cor da pele na Bahia desde sempre. Vale ressaltar, que tais mecanismos repressivos, tendem a condenar a população juvenil a viver com a mente suplantada por cicatrizes profundas.

²⁰ De acordo com Observatório bairros UFBA, os dados dos infográficos em 2010, o bairro Nordeste de Amaralina contava com uma população total de 21.887 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (49,13%) e preta (39,35%), do sexo feminino (54,02%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (52,25%). No que diz respeito aos domicílios, 6,33% dos responsáveis não eram alfabetizados e apesar de 36,6% estar na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de R\$1.530,00. Já com relação a infraestrutura ofertada, 98,19% dos domicílios contavam com coleta de lixo, 99,55% com abastecimento de água e 98,38% com esgotamento sanitário. <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/nordeste-de-amaralina> Pesquisa realizada em 11/11/2023.

Minha geração foi vitimada pelos piores vilipêndios que se pode expor um ser humano. As ações de violência extrema na capital baiana têm causado estatísticas de números alarmantes nos últimos anos. O que fez de mim um adolescente órfão de alguns dos meus melhores amigos, com quem trabalhava e estudava no bairro do Nordeste de Amaralina, vivenciado aos 10 anos de idade²¹. Vivemos num Estado entre traumas e estigmas, à beira de um universo fronteiro, consubstanciados como vítimas do capitalismo mundial e seus mecanismos estruturais que estão sempre voltados aos lucros e não à pessoa humana.

Contudo, esta naturalização da cor da pele passa a ser incrementada pela violência, que esteve sempre presente ao longo do processo histórico da ideologia dominante do colonialismo. Assim como é na dinâmica das relações de poder em Salvador ao longo dos anos. Valoramos mais o que nos separa e não damos mais importância ao que nos aproxima, a dimensão humana, o ser humano, a nossa dignidade humana. Como podemos justificar a violência extrema do processo da escravidão? E como definirmos a dignidade humana? (Domingos, 2017).

A vida nesses espaços de poder de uns sobre os outros, sobreviver continua sendo sobrepujar esses desafios. É traçar metas numa sociedade de dicotomias entre homens nos espaços urbanos; este é o cenário em que vive o homem negro sobre o contexto de vida e morte em meio a selva de pedra chamada Salvador. Essa é a principal concepção em que “os corpos negros” não trazem no bojo subjetivo, perspectiva de ressocialização também nos grandes centros urbanos mundiais. Muito pelo contrário, através desse paradigma social, vem configurando-se como vítimas fatais, num universo cada vez mais violento. Os campos da morte em particular têm sido interpretados de diversas maneiras, como a metáfora central para a violência soberana e destrutiva, e como o último sinal do poder absoluto do negativo (Mbembe, 2016).

²¹ De acordo com Observatório bairros UFBA, os dados dos infográficos em 2010, o bairro Nordeste de Amaralina contava com uma população total de 21.887 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (49,13%) e preta (39,35%), do sexo feminino (54,02%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (52,25%). No que diz respeito aos domicílios, 6,33% dos responsáveis não eram alfabetizados e apesar de 36,6% estar na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de R\$1.530,00. Já com relação a infraestrutura ofertada, 98,19% dos domicílios contavam com coleta de lixo, 99,55% com abastecimento de água e 98,38% com esgotamento sanitário. <https://observatoriobairrossalvador.ufba.br/bairros/nordeste-de-amaralina> Pesquisa realizada em 11/11/2023. GINZBURG, Carlo; LEVI, Giovanni. Abordagem tradicional da história. História do mundo. Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br> | Artigo sobre a Micro História, o que é abordado na Micro História, quais os objetivos ... A forma tradicional de se escrever História fazia uso de uma abordagem ... Assim, a Micro História aborda o cotidiano de comunidades. Determinadas ou micro histórias das relações sociais do bairro Nordeste De Amaralina, recorte referente aos anos de 2003 a 2013.

Bom, eu pertencço a uma família simples de baixa renda, com mãe e pai já falecidos desde a minha pré-adolescência. Razões pelas quais, precisei postergar meus estudos, por motivos desse estado de adolescência órfão ao qual eu me encontrava. Entretanto isso produziu em mim uma certa introspecção social que tirou de mim o foco para com os estudos. Só recobrando esse prazer pela educação em 2017 quando adentrei a UNILAB, no curso de Bacharelado em Humanidades. Acredito que essa postura subjetiva estava a produzir um atraso significativo no meu processo de formação educacional e intelectual. Vale ressaltar que estou na minha terceira graduação, sou o 2º filho a cursar uma universidade, sendo também o primeiro a ingressar num curso de pós-graduação universitária, num universo de 11 irmãos.

Ser negro, órfão e pobre no Brasil significa fazer escolhas, sem margens de erros, sobretudo em Salvador, para que não venha a tornasse parte das estatísticas do estigmatismo social e político necrófago. Situação pela qual, os meios de comunicação midiáticos vêm apontando a Bahia nas últimas 4 décadas. A minha infância e adolescência girava em torno de um paradigma incrustado na sociedade brasileira, onde o eixo central e balizador dos destinos da população negra e pobre, estariam traçados nos espaços subalternos destinados pelo Estado. As razões pelas quais venho elucidar as minhas memórias de infância e adolescência, passam a servir de bases, práticas e teóricas,(epistemológicas) na construção do meu objeto de pesquisa. Nessa amplitude geográfica e política, encontram-se os homens de cor. Dessa forma, a pesquisa propõe uma discussão sobre os conceitos anteriormente citados, dos quais elucidam contrapontos às cicatrizes, assim como os paradigmas coloniais.

Para além de toda essa concepção social estigmática, posta no recorte da pesquisa, alguns me perguntam, quais conclusões me fizeram optar pela escolha do da pesquisa no meu lugar de fala? E quais motivações levaram-me ao tema proposto? Bom, a escolha foi pautada primeiramente pela minha trajetória de vida dentro da minha ancestralidade e religiosidade, na qual os caminhos foram direcionados por Ifá. A vida que se projeta e se constitui sob a força ancestral, onde ao longo das fronteiras sociais e políticas, margeiam também às ações dessas divindades. São forças que emergem em meio às complexidades ao longo da contemporaneidade em bairros como o Nordeste de Amaralina. A cosmovisão ali uma vez instituída, oriunda do conceito de africanidade, alteridade e cosmopolitismo, passa a se fazer presentes e decisiva na tomada das decisões de sobrevivência. São concepções que falam por si só e nos condiciona como agência e agentes na emancipação da resistência social e política. Traçamos uma linha entre nossos mais velhos,(ancestralidade) e o determinismo voltado a

expansão da pedra do fundamento ontológico na Bahia, bem como da sua condução do conhecimento dado ao homem negro.

Através do conceito de africanidade, passamos a nos fortalecer contra inúmeras projeções estigmáticas, que são amplificadas no estado da Bahia. Uma vez que somos vistos na sociedade baiana como cidadãos nocivos, passíveis do instrumento punitivo do Estado, que passa a subjugar-nos, incorporando sobre essa parcela pobre da população periférica, características de peso morto ou incapaz.

Homens negros, deparam-se todos os dias com enfrentamentos coletivos de algumas das tipificações de estigmatismo, consubstanciadas pelos estado, sob os quais somos subjugados de forma recorrente; seja pela raça ou pela cor da pele. Esses e outros paradigmas de subjugação da pessoa negra. Esse contexto de divisão social, continuam a ser instrumentalizados, tanto nas esferas públicas, quanto na esfera privada, ou em diversos filtros raciais de norte a sul do país. É preciso salientar, que a Bahia por estar povoada pela epiderme e sob quantitativo significativo de negros/as, tendenciosamente temos sido as maiores vítimas do racismo institucional.

Segundo dados estatísticos do IBGE²², no qual chancela tal quantitativo de raça e cor na Bahia, além de outros órgãos tais como: “O Movimento Negro, no qual reafirma que somos mais de 70% da população economicamente ativa no estado. A janela de promoção da igualdade de direitos dos homens e mulheres negras, também precisa ser mantida vigilante, em outras categorias e suas estatísticas. Temos tido lacunas perpétuas, tais como o enfrentamento ao racismo, no qual pressupõe-se a resistência negra em toda Bahia. Mesmo não havendo representatividade política nas principais esferas sociais e econômicas do estado. No último Censo Demográfico realizado pelo IBGE, em 2010, a Bahia figurou como a Unidade da Federação (UF) com mais pessoas que se autodeclararam pretas: 2,4 milhões, ou 17%. Nesse período, entidades do movimento negro se organizaram através da campanha

²²A população baiana é composta predominantemente por pessoas autodeclaradas negras. Em 2022, do contingente populacional da Bahia, 80,8% se autodeclararam como indivíduos da raça negra (composto por pretos e pardos). O percentual é o maior entre os estados brasileiros e maior também do que os percentuais encontrados para o Brasil (55,9%) e o Nordeste (73,9%). As informações foram levantadas pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) para o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro, tendo por base os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o ano de 2022. Disponível em: <https://sei.ba.gov.br/index.php:bahia-e-o-estado-mais-negro-do-brasil-com-80-8-da-populacao-preta-ou-parda&catid=8&Itemid=565&lang=pt>. Sobre o vereador eleito no bairro Nordeste de Amaralina ver, <https://nordesteusou.com.br/noticias/noticias-do-nordeste/coluna-nes/porque-o-nordeste-de-amaralina-nao-elege-o-seu-proprio-vereador/>.

“Não deixe sua cor passar em branco”, para que as pessoas afrodescendentes confirmassem sua ascendência africana na pesquisa do IBGE.

Segundo dados do Infopen de 2019 a 2020, aponta que o Brasil possui uma população prisional de 773.151 presos. Na Bahia, segundo dados de pesquisa realizada pelo DPE-Bahia, e Ministério Público, realizada em 6/03/2024, segundo pesquisa e levantamento de dados, a população carcerária é majoritariamente formada por homens (93,6%), negros (86,9%) que sequer concluíram o ensino fundamental (59,9%). Mediante aos fatos, e de acordo com sociólogos²³ e antropólogos que descrevem sobre a problemática que envolve cárcere e violência, esse contexto de violência têm se debruçado sobre as lacunas política, social na cidade de Salvador ao longo dos anos. Nesse sentido, o Brasil reflete-se sobre os números que se configuram nas ações de uma política desigual estruturada em todos os estados da federação e mais o Distrito Federal. Sendo seu aporte mais incisivo e contundente no Estado da Bahia.

De acordo com Stuart Hall, que descreve em sua obra, o problema das desigualdades proporcionada pelo desencadeamento da globalização sistêmica, tem como pano de fundo, um universo e seus acontecimentos. Dentro da sua análise sociológica, as políticas de dominação vem sustentando as correntes ocidentalizadas voltadas ao pensamento heterogêneo, consubstanciando-se a dominação do outro nos espaços urbanos. Seu contexto é pautado também sobre visões de outros autores e acontecimentos sociais e políticos. Segundo ele salienta, que precisou se apropriar delas para entender a centralidade dos paradigmas de divisão social. Em tempo que passou a construir através do seu argumento, a síntese do conceito de africanidade, pontuando como conceito cerne, ao estigmatismo em diáspora. “Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como globalização e seu impacto sobre a identidade cultural” (Hall, 1992).

Estudos têm mostrado que os acontecimentos que norteiam as inúmeras lacunas sociais na Bahia e no Brasil, estão intrínsecas aos processos de dicotomia social nos grandes centros urbanos ao longo da contemporaneidade. Dentro da interseccionalidade potuadas pelos cidadãos negros baianos, vemos as multifacetadas formas em que são submetidos ao caos. Estão por eclodir diversas manifestações ancestrais, nas vivências e vidas de sujeitos

²³ [Infopen - Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Conjuntos de dados - Ministério da Justiça e Segurança Pública](#)

que ainda permanecem nas fronteiras da miserabilidade em Salvador. São esses os vitimados por uma concepção de diáspora, que os afetam direta ou indiretamente, e vem os deixando às margens da sociedade, distantes também da dignidade e dos lucros.

De acordo recentes pesquisas do IBGE,²⁴ Em 2021, considerando-se a linha de pobreza monetária proposta pelo Banco Mundial, a proporção de pessoas pobres no país era de 18,6% entre os brancos e praticamente o dobro entre os pretos (34,5%) e entre os pardos (38,4%). Em 2021, a taxa de desocupação foi de 11,3% para a população branca, 16,5% para a preta e 16,2% para a parda. Já as taxas de subutilização destas populações foram, respectivamente, 22,5%, 32,0% e 33,4%. A taxa de informalidade da população ocupada era 40,1%, sendo 32,7% para os brancos, 43,4% para os pretos e 47,0% para os pardos. O rendimento médio dos trabalhadores brancos (R\$3.099) superou muito o de pretos (R\$1.764) e pardos (R\$1.814). Mais da metade (53,8%) dos trabalhadores do país em 2021 eram pretos ou pardos, mas esses grupos, somados, ocupavam apenas 29,5% dos cargos gerenciais, enquanto os brancos ocupavam 69,0% ,(IBGE, taxa de desigualdade social).

Essa pesquisa é parte de um estudo baseado em algumas das muitas linhas de observações sociológicas, antropológicas e filosóficas, para construir um estudo de observação científica que diz respeito a uma comunidade, que possui em seu tronco ancestral valores incomensuráveis. Todavia, dentro dos parâmetros investigativos que envolvem esses valores, o estudo deve se debruçar nas diversas linhas de análises e correntes filosóficas. Assim como das concepções de estruturalismo e espacialidades, no que diz respeito as fronteiras que relutam contra a inserção do homem negro em sociedade.

Contudo, através dessa intensa dialógica com os fatos e acontecimentos em sociedade, a pesquisa consegue interagir melhor sobre; colonialidade e descolonialidade, instituições sociais, através de grandes autores, tais como; antropólogos, “Epistemologia do Sul”, sociólogos e historiadores sobre a origem do conceito de raça, racismo, e classe em sociedade. Assim reforçam as obras desses autores na perspectiva da segurança pública, racismo e astigmatismo diasporico, bastante incisivo na capital da Bahia: Ramos, 1963; Moura, 1994; Tomaz, 2017; Reis, 2005; Movimento Negro, 1978; Direitos Humanos, Human Rights, 1948; dentre tantos outros, que possui seus históricos de narrativas, oriundos, ou constituidos a partir do dos contextos de desigualdades sociais.

²⁴ [Pessoas pretas e pardas continuam com menor acesso a emprego, educação, segurança e saneamento | Agência de Notícias](#)

As lacunas nas políticas públicas dizem muito sobre o atual momento em que vive a Bahia. Com os seus cidadãos sendo hostilizados, tendo seus corpos higienizados sob as dependências urbanas, de forma a permanecerem constantemente enclausurados. Concepções sociais que vão muito além de ações midiáticas, por serem noticiadas diariamente numa forma de desumanização social e política. Essa limpeza étnica tem adoecido seus corpos e mutilado suas mentes através da alienação de negros/as. Essa tem sido a principal política de segurança pública do Estado, promovida nestes campos de concentração urbana. São eles os vitimizandos de ontem e de hoje, tendo seus corpos e suas vidas sendo subestimadas pelas ações dadas às políticas públicas desastrosas.

Que mata, mutila e converge aos destroços as aspirações desses indivíduos. São eles, negros /as que vivem na mais completa diacronia social, sob a lógica estigmática do Estado para com os cidadãos pobres e negros soteropolitanos. Referências colonialistas que passaram a ser reeditadas entre o passado e a contemporaneidade. No momento em que todos os estudos sobre violência urbana, marcada pelo caráter letal e de violação dos direitos humanos, envolvendo a população civil e as polícias, estão sendo publicados no Brasil, principalmente pelas agências do Sistema ONU, a exemplo de UNICEF e UNESCO, chama nossa atenção a invisibilidade da Bahia, nos números alarmantes de jovens mortos em “confronto” com a polícia e com os grupos de criminosos tolerados pelo Estado, na cidade do Salvador e na RMS...(Reis, 2005) .

Nesses campos de sobrevivência social dentro das comunidades pobres, passa a existir homens e mulheres que se traduzem em metodologias do oprimido. São papéis cruciais, que seguem resistindo ao genocídio e epistemicídio negro. Contrapondo essa violência urbana, buscando corroborar sobre políticas afirmativas de melhorias coletivas, os agentes e agências seguem organizados e conduzindo seu povo. Nessas localidades, seus agentes e agências estimulam a população a continuar resistindo aos diversos obstáculos, que em tese, conseguiria suportar um ser humano.

Condições arquetípicas das lacunas que têm sido impostas, interferido constitucionalmente no direito de ir e vir, previsto no artigo 5º. Essas são decisões que os ligam aos diversos contextos e narrativas nas elaborações de contextos epistemológicos, sobretudo no que tange a ocupação dos espaços urbanos. Narrativas pelas quais questionam-se sobre essa segregação dos Estados, que os depreciam e os apontam sobre aspectos(nocivos) perpetrados por moradia regional.

O empoderamento negro

Imagem 3 - Membros moradores fundadores do Site, Oquefazernordestedeamaralina.



Dener Dublack

Aylana Ramos

Fonte: <https://www.oquefazerna.com.br/quemsomos/>

Ela é Cofundadora e apresentadora, formada em liderança comunitária pela UFBA e CUFA. Gestora de mídias sociais pelo SENAI. Com uma trajetória artística sólida, atuou como bailarina por 10 anos na FUNCEB. É modelo e produtora com experiência em campanhas e produções audiovisuais na Globo e produtoras de destaque no cenário nacional. Ele é Fundador e Diretor Institucional do O Que Fazer No Nordeste –Artista Visual e Produtor Cultural Formado por projetos sociais, EBAC e Itaú Cultural, atua com produção cultural e comunicação visual voltada para as potências da favela. Já passou pela Agência de Notícias das Favelas, Projeto CAENA, Rede Bahia, Grupo A Tarde, CUFA e produtoras audiovisuais no Brasil e no exterior.

A redução do cálculo consciente opõe-se à relação de cumplicidade ontológica entre o habitus e o campo. Entre os agentes e o mundo social há uma relação de cumplicidade infraconsciente - infra linguística: os agentes utilizam constantemente em sua prática teses que não são colocadas como tais(Bourdieu, 2014).

Todavia, o campo situacional tem nos mostrado, ao longo dos anos em todo o mundo, que os agentes são indivíduos fundamentais para se pensar o coletivo em comunidades como a do Nordeste de Amaralina, e suas subjetividades e aspirações. Isso ocorre porque eles formam um eixo social e político que interagem dentro de um campo, onde o Estado social

não se permite legislar sobre esses indivíduos em suas especificidades: culturais, educacionais ou artísticas. Dessa forma, ressalta dentre outras questões a sua importância ímpar, na qual eles não se apresentam como meros espectadores nesses espaços, mas passam a integrar como membros de uma engrenagem supra necessária, onde com seus capitais (econômico, cultural, social, simbólico), consolidam e influenciam as práticas sociais.

3.3 1.3. OBJETIVO GERAL

Este projeto de pesquisa tem como objetivo elaborar uma análise de unidade concreta, (estudo), sociocultural, político e comportamental de parte da população étnica, assim como demais concepções sociais no bairro Nordeste de Amaralina em Salvador. Nesse intento, situa o aspecto geográfico e regional, sendo esse último, visto como paradigma cerne para o aumento das dicotomias que corroboram nas desigualdades sociais na capital baiana, com base nos indicadores como: raça, cor e origem social.

3.4 1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender as razões pelas quais o estado da Bahia, um estado majoritariamente negro continua tendo seus destinos governados por uma parcela menor da população branca.
- Estudar a historiografia do povo negro no Bairro Nordeste de Amaralina, bem como suas lutas pelos direitos sociais e políticos, seus processos de inserção social pós-abolição da escravatura, sobretudo na ocupação dos espaços, com base na sua concepção histórica;
- Problematicar os aspectos diaspóricos e conceitos na fomentação da discussão racial e política, no que tange ao Estado Democrático de Direito, mediante a violência constante nas periferias de Salvador, tais como o Nordeste de Amaralina;
- Avaliar as ações do homem negro junto ao Estado; dos movimentos de direitos civis no combate as diferenças sociais à luz dos Direitos Humanos, com base nos conceitos: sociais e políticos, previstos na constituição do Brasil.

3.5 1.5. GUIA DO TRABALHO- ROTEIRO DA PESQUISA

O conteúdo dissertativo proposto neste trabalho, está organizado numa ordem sistematizada com o envolvimento na discussão social, política e antropológica. Tendo como enfoque, a ordem e a clareza dos fatos a serem narrados em Salvador, assim como no bairro Nordeste de Amaralina. Outrossim, a pesquisa busca pontuar questões sociais, através de fontes documentais e midiáticas sobre a violência nos bairros pobres de Salvador. Dentro

deste contexto, o trabalho segue pontuando as lacunas nas políticas públicas que reverberam no conceito de Necropolítica, cárcere privado, Estigmatismo negro, e Racismo Estrutural. Dessa forma, a narrativa da seguimento investigativo, consubstanciando as trajetórias de vida ligando a pesquisa de campo nos fatos que envolvem o homem negro em diáspora. Nesse contexto, serão pontuados a instrumentalização das políticas de segurança pública na Bahia, que vem impactando na vida desses sujeitos, negros/as. A discussão aponta dados sobretudo no que tange aos números crescentes dos vínculos empregatícios, apesar de um escalonamento crescente de jovens que saem das universidades todos os anos. Essas e outras diretrizes argumentativas, servirão de base para serem instrumentalizadas ao longo da pesquisa.

Capítulo 1: compõe a seção introdutória

Neste capítulo, a pesquisa procurou fazer uma reflexão sobre os fatores que dão sentido ao revisor epistemológico, no que diz respeito às concepções de raça e classe, na qual incidem na problemática em questão. Através dessa linha de análise, interligam-se fatores sociais que imbricam nos conceitos de colonialismo e interseccionalidade, dos quais emergem tais dicotomias, no panorama social e político. Esses e outros pontos serão construções que pretendo através dos autores, discutir ao longo do capítulo. Diálogos e propositivos dos quais estão postos sobre a narrativa empírica proposta pelo trabalho, e que situa a subjetividade do Homem Negro em sociedade. Sobre essa linha de entendimento, procuro através das abordagens, (entrevistas) consubstanciar as demonstrações e representações culturais e identitárias que fomentaram significativamente a economia do estado da Bahia ao longo de décadas e séculos. Avivam-se a esse entendimento, uma concepção de ajuste de conduta por parte do Estado, no sentido de reparação e amparo a esses corpos. Onde, no decorrer das ações violentas contra os mesmos, são descritas tipificações estigmáticas nas muitas análises teóricas. São enfatizados em muitos destes corpos, ontem e hoje, uma concepção de resistência que ultrapassa a barreira da normalidade humana. São reconfigurações que tendem a sobrepujar-se de forma endógena, aos conceitos de espacialidade e temporalidade, no contexto de colonialidade ao longo de séculos e décadas, contrapondo-se ao ápice da natureza humana.

Capítulo 2: Compõe o desenvolvimento da pesquisa, área onde será discutida as ideias com outros autores, resultados e discussões do trabalho...

Através deste capítulo, passo a descrever sobre os conceitos que enfatizam sobre a problemática que envolve segurança pública e demais implicações sociais. Esse espaço é onde procuro teorizar sobre os aspectos históricos e contemporâneos, dialogando com diversos autores sobre a problemática da pesquisa. A narrativa está condicionada a políticas de cárcere e ao cerceamento do direito de ir e vir, matizes postas nas estruturas do Estado, das quais passam a afetar a rotina das comunidades pobres da capital baiana. O capítulo está condicionado a discutir fatores que englobam o conceito de anomia social, onde políticas de segurança pública, e suas condicionantes vem impactando sobre as ações do mundo globalizado. Principal referencial econômico, que vem englobando regiões de fronteiras sociais, bem como as desigualdades em populações majoritárias, tais como na capital Salvador. Nesse contexto, destaca-se o "astigmatismo em diáspora", que incidiu sobre as discussões sociais e políticas na Bahia. A narrativa se volta ao enredo das ações de violência diárias, preconizadas pelo Estado nas comunidades pobres de Salvador. Situação pela qual está ligada às ações de genocídio dessa população nos últimos 20 anos. Dessa forma, contempla-se a esse olhar crítico ao longo da pesquisa, discussões postas por outros trabalhos. Narrativas epistemológicas que tem sido, sustentadas e corporificadas através dos estudos sobre a prática do racismo institucional e suas nuances conflituosas para com a população de negros/as.

Todavia, através de alguns destes conceitos e das concepções analíticas sobre políticas de estado, a pesquisa não se furtará de coleta de dados através das fontes. Ao qual sigo sistematizando e produzindo informações, discutindo e buscando informações que sejam pertinentes ao trabalho. Mediações que passam a se fortalecer através da problematização no próprio bairro, assim como noutras fontes documentais na busca por respostas. Consoante a essa perspectiva, espero que esses dados possibilitem a pesquisa a condicionar os aportes epistêmicos, ligando-se aos fatores que envolvem, sobretudo as agências e agentes que se fazem fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

Capítulo 3: Este capítulo reservado a conclusão, onde o trabalho pretende construir um roteiro que descreve a população do bairro e seus laços de africanidade e africanismo substancialmente presente. No qual relata a importância dos valores étnicos encontrados na comunidade do Nordeste de Amaralina, sobretudo no que diz respeito às futuras contribuições para sociedade acadêmica vistos nos diversos trabalhos já publicados.

Todavia, no capítulo 3 presume-se discutir sobre alguns conceitos que situam-se na narrativa sobre trajetória de vida dos sujeitos negros, primeiros moradores do bairro. Assim como questões que dizem respeito ao racismo estrutural, que dificulta a empregabilidade por estigmatismo regional. Ações institucionais que deliberam retaliações para com um grupo de indivíduos, no qual, vem dividindo e segregando o povo negro dos bairros pobres da capital. Sobre esse aspecto, se discute seu historicismo que passou a se rotular a comunidade do Nordeste de Amaralina, comunidade negra, assim como tantas outras comunidades ao longo de décadas. O que a pesquisa busca nesse campo de análises e discussões, é tão somente amplificar os fatos e acontecimentos para melhor entender, fenômenos que emergem com o estudo no que tange; Epistemologia étnica, Fenomenologia, Alteridade e Sujeitos- trajetórias de vida.

Através de um trabalho de observação participante sobre as trajetórias de vida desses sujeitos, procuro elaborar uma análise de unidade dialógica, das tensões sociais e políticas, voltadas ao povo da localidade do **Pé Preto**, assim como em outras ruas do bairro. Nesse intento, a pesquisa propõe um trabalho sobre a comunidade e suas especificidades ancestrais, em meio à coletividade cultural e diversa, na qual sempre foi identificada ao longo do tempo. Dentro desse campo investigativo, são situadas perguntas e respostas, mediante a esse historicismo ancestral. Embora ao longo do tempo haja um distanciamento significativo das políticas públicas para com essa população. O que tem se configurado na problemática e segue sendo reincorporada ao objeto da pesquisa sobre racismo e suas nuances conflituosas. Esse tem sido o modelo paradigmático que vem sendo centrado no bairro Nordeste de Amaralina, sobre esse novo contexto de moradia que implica no cerceamento dos direitos de ir e vir, assim como tantos outros. A análise vai mostrar, que essas práticas envolvem ações sociais e as vivências dadas as condições de moradias, na qual a pesquisa tem apontado essas nuances conflituosas como fatores preponderantes junto ao campo. Sua base empírica sobre a subjetividade desses homens e mulheres discute como é viver nesses espaços de moradia, sem direitos e sem amparo. Em outra análise mais formal, busco entender como esses sujeitos chegaram até a comunidade do Pe Preto, (Nordeste de Amaralina), uma comunidade que veio a se estabelecer em condições precárias em barracos que foram construídos, a partir de materiais recicláveis. Contudo, essas e outras leituras etnográficas foram produzidas a partir das fontes documentais que descrevem o tamanho da escassez de empregabilidade em Salvador. Situações essas que têm sido levadas a níveis sociais preocupantes, tipificadas como flagelo humano. As fontes adquiridas para esse trabalho, tais como, a pesquisa de doutorado

da Dra, professora da USP, Maria Gabriela Hita, problematiza as lacunas sociais sobre o bairro, e nos dá a dimensão da importância da pesquisa demográfica sobre esses sujeitos. Nesse contexto analítico sociológico, através de diversos autores, a pesquisa passa a ter um papel fundamental ao nortear a trajetória de vida de alguns dos seus moradores, bem como da fundação do bairro. Situam-se a essa comunidade, uma filosofia de vida voltada aos seus ancestrais precursores de suas vidas. O trabalho de (agência e agentes) tem se tornado uma força mantenedora configurada na união dos moradores da localidade.

Todavia, durante o trabalho iremos tomar como base, essas vivências através das entrevistas com interlocutores do bairro, em ângulos geográficos diversos para melhor entender suas mazelas históricas consubstanciadas no dia a dia. O trabalho de saber sobre suas crenças, comportamento e visão de mundo, vai nos possibilitar conhecer essa força e resistência que por muito tempo se estabeleceu no bairro, protagonizada por negros/as no que tange, a concepção de negritude, trabalho e moradia.

Nesse enfoque investigativo em específico, irei procurar desenvolver uma análise epistêmica sobre fatos e acontecimentos, traçando como parâmetro a dinâmica do bairro e trajetórias de vida sobre os ganhos de herança africana no pós-abolição. Observando por sua vez, as relações sociais e de trabalho no bairro, que por muitas vezes foram politicamente estigmatizadas como (nocivas), do ponto de vista do Estado ao longo de décadas na localidade a ser pesquisada, assim como outras na cidade de Salvador. Através dessa análise documental, pretendo também a partir dos dados da associação dos moradores, fazer uma coleta de informações sobre os grupos étnico: terreiros de candomblé, baiana de acarajé, blocos afros e movimentos sociais organizados, sobre seus movimentos de resistência e sobrevivência cultural no bairro. Neste contexto investigativo, pretendo descrever para melhor discutir sobre essas fragmentações, cisões e rupturas culturais pertencentes ao bairro capitaneadas pelo Estado de segregação. Sobre esse aspecto, a pesquisa observou sobretudo denúncias de abuso de poder, que culminam na desconstrução e apagamento dos signos.

A relevância ancestral e resistência-sustentabilidade através dos ganhos

Pretende-se através dessas nuances postas nos paradigmas que se encontram no campo, ouvir melhor seus interlocutores para discutir uma melhor forma a ser empregado na narrativa sobre o historicismo posto na problemática. Nesses espaços, verifica-se a sub humanidade que fora imposta a esses cidadãos ao longo do tempo. Seja sobre a anuência do Estado, ou através de ferramentas que possibilitem um trabalho conciso, construído a partir

dessa divisão de classe social. Nesta perspectiva analítica, serão inseridas algumas mazelas que permanecem incrustadas na divisão dos espaços urbanos (favelas e centro) na cidade de Salvador. Divisões pelas quais refletem significativamente no Nordeste de Amaralina, bairro que segue avizinhandando-se ao longo da sua construção pela nobreza local. Era através dos pequenos e grandes serviços dos seus avizinhandos do bairro, a mão de obra encontrada entre os bairros nobres tais como: Pituba, Itaigara, Amaralina e Brotas. Seus vários serviços subalternos constituiu-se como a base da estrutura oligárquica a partir de meados do século XX em Salvador. Pessoas que ao longo da sua vida passaram a sobreviver de pequenos ganhos: pedreiros, pescadores, vendas de comidas típicas nas praias, acarajé, lavagem de roupas de ganhos, trabalhos domésticos, dentre outros serviços.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.6 2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

Imagem 3 - Mapa que interliga o Nordeste de Amaralina aos bairros nobres de Salvador.



Fonte: amnaluta²⁵ (2025).

1. 2.1.1 Surgimento do bairro Nordeste de Amaralina

O Nordeste de Amaralina é um dos bairros mais antigos de Salvador. Originado da antiga colônia de pescadores do Rio Vermelho e Amaralina, o bairro é formado do Nordeste antigo e por mais três grandes localidades: Santa Cruz, Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho, gerando a Região Nordeste de Amaralina. A região fica localizada no Sul da Cidade de Salvador, entre as localidades: Pituba, Rio Vermelho, Brotas e Amaralina (Jiane Soares, 2025).

O histórico bairro construído por descendentes de escravizados, Nordeste de Amaralina, ainda possui raízes ancestrais que o define como um bairro negro. O bairro e suas dimensões territoriais existem desde a década de 1940, quando se iniciou seu processo de fundação, segundo entrevistas de seus interlocutores, tendo como mentores, os trabalhadores rurais, pescadores, pedreiros e até mesmo trabalhadores do cais do porto de Salvador estão

²⁵ Disponível em <https://amnaluta.blogspot.com/p/historia_25.html>, acessado em 02 maio 2025.

entre os seus moradores antigos. Segundo conta Valdemar um ancião do bairro:

*“ Os nossos pais e avós! foram quem construíram esse bairro! Com muitas lutas e pedidos de misericórdias aos proprietários barões pela compra dos lotes. Foram os ex - escravos dos senhores Juventino Silva proprietário do Engenho Fazenda Pituba, assim como os herdeiros da fazenda Ubaranas, “família Amaral”, a partir do início do século XX, após o fim do ciclo da estratificação da cana de açúcar nessas propriedades. O senhor **Valdemar Manoel do Sacramento**, morador do bairro com 84 anos, afirma em sua entrevista que foram seus pais juntos a tantos outros, que começaram com a compra de pequenos lotes nestas propriedades.”*

Seus primeiros mutuários já encontravam-se ali, eram agregados das fazendas engenhos, pertencentes aos antigos engenhos de cana de açúcar, fazendas de engenho: Ubaranas e Pituba. Foram esses homens e mulheres, bem como outros tantos, os demais egressos da escravidão de outras regiões da Bahia, vindos sobretudo do reconcavo.

O bairro Nordeste de Amaralina possui no seu historicismo uma trajetória de luta, resistência e afirmação negra pela ocupação dos espaços. Foi assim durante a ocupação do bairro, pelo direito à moradia, e tem sido assim na ocupação dos espaços de poder pelos seus moradores, na cidade de Salvador. Processos que deixaram marcas e experiências diferenciadas ao de outros grupos populacionais manifestos em distintos modos de ser e viver, em outros contextos, no caso específico, na cidade de Salvador, capital da Bahia, (Hita, 2014). Entretanto, a comunidade do Nordeste de Amaralina, assim como outras comunidades das capitais brasileiras, continuam sendo submetidas ao regime de guerra civil não declarada, além de outros fatores de origem social emblemáticos na historicidade dessas comunidades.

O que ligam esses e outros fenômenos à problemática do colonialismo na capital baiana, na qual envolvem bairros pobres e negros como o Nordeste de Amaralina? Porque o racismo estrutural, assim como outros contextos estruturais continuam incorporando-se em mecanismos como, estigmatismo diaspórico, o cárcere, epistemicídio e o genocídio de negros/as, assim como tantos outros aportes de divisão social?

Os conceitos e discussões trazidas aqui ao longo dessa pesquisa, são atribuídas ao homem negro na concepção das fronteiras sistematizadas pela diáspora africana.

A instrumentalização institucional das políticas públicas ou privadas tem incidido de

forma contraproducente nas comunidades pobres de Salvador, sobretudo em vetores socioeconômicos para com a maior parte da população. Na perspectiva de Collins, “A longa tradição do cientificismo e do Eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato, que marca decisivamente não somente a produção do conhecimento, mas também outros âmbitos da vida: economia, política, e subjetividade” (2018, p.12).

O desencadeamento das ações do passado acima citadas, vem sendo fortalecidas, assim como o alto índice de assassinatos, cerceamento dos direitos sociais e políticos, além do cárcere social da população dos bairros pobres de Salvador, que liga, a higienização social urbana ao encarceramento de jovens negros, movido pelo auto de resistência. É claro que sabemos, numa sociedade como a nossa, da existência de procedimentos de exclusão. O mais evidente, o mais familiar também, é o interdito. Temos consciência de que não temos o direito de dizer o que nos apetece, que não podemos falar de tudo em qualquer circunstância, que quem quer que seja, finalmente, não pode falar do que quer que seja. Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se (Foucault, 1970).

A comunidade do Nordeste de Amaralina, assim como outras capitais brasileiras, continuam sendo submetidas ao regime de guerra civil declarada. Vale lembrar que por traz desses fatores do epistemicídio e flagelo do povo negro na Bahia, existe a instrumentalização do conceito de raça e classe, que passou a conduzir sorrateiramente os destinos, social e políticos dos homens de cor, no que diz respeito a perpetuação do escravismo ou condição de subalternidade e letalidade. Um problema se põe: se as categorias e os fenômenos são heterogêneos, de natureza diferente, as primeiras de ordem intelectual e os segundos de ordem sensível, como podem aplicar-se as categorias aos fenômenos? (Kant, 2001).

Em Salvador e na RMS tem que levar em conta a possibilidade da existência e continuidade do segmento jovem, as condições de sua sobrevivência, e a violência urbana letal, que impõe aos jovens-homens-negros a perda em média de 44 anos de vida, alterando profundamente o perfil epidemiológico entre esses, que antes chegavam às emergências dos hospitais 11 públicos feridos, e agora, em geral, chegam mortos (Reis, 2005).

Originário da essência profunda do Recôncavo Baiano²⁶, onde a ancestralidade se funde com as raízes mais primordiais, emerge em Salvador o Nordeste de Amaralina, um autêntico quilombo urbano. Neste território, as ocupações que ecoam desde tempos imemoriais persistem em esculpir a identidade do bairro: desde as baianas de acarajés, os pescadores que desafiam as águas de Amaralina, até os terreiros que reverenciam os orixás, e a capoeira, expressão de resistência que ressoa pelas ruas e todo o mundo. Cada morador carrega consigo a herança de seus antepassados, construindo um legado que ultrapassa as gerações.

Seus espaços de moradia, que encontram-se obstruídos pelo cárcere social, promovido pelo Estado, fatos descritos por eles como rótulos desse estigma histórico nas suas vidas. Estigmatizados diaspóricamente, insurgem-se ao pecúlio penitenciário, descritas como pessoas nocivas à sociedade. Para tanto, neste capítulo irei me ater sobre o contexto dos acontecimentos que formam cicatrizes profundas aos moradores da localidade ao longo de décadas. Assim como desse novo conceito de moradia que surge no coração do Nordeste de Amaralina, a subcomunidade do “Pé preto”, localizada no bairro desde 2010. Problematicar sobre os dados da vitimização e cerceamento dos direitos dessas pessoas enquanto comunidade, assim como da responsabilização do Estado, que peca na implementação de políticas habitacionais.

Sobretudo na contemplação de moradias dignas, sobre prazos previsíveis, que ainda se fazem presente como utopia em pleno século XXI. Situações que vem a corroborar na problemática sobre a concepção de estigmatismo diaspórico e cárcere da população de comunidades pobres de Salvador segundo seus moradores.

²⁶ De acordo com trabalho realizados por agencias e agentes, o bairro tem lutado por coexistencia pacífica e direitos civis. <https://www.oquefazerna.com.br/noticias/nordeste-de-amaralina-um-quilombo-urbano-de-historia-e-resistencia-contra-o-racismo-estrutural/>

2. 2.1.2. Amaralina e Nordeste de Amaralina: Uma Fronteira Sutil entre bairros nobres e pobres.

Imagem 4 - Divisões social e de classes



Fonte: oquefazerna.com.br²⁷ (2025).

No mapa, Amaralina e Nordeste de Amaralina podem parecer um único bairro costeiro, mas para quem conhece a região, a separação é clara. Essa divisão, no entanto, não é apenas geográfica; ela também tem implicações sociais e culturais. A Lei n.º 9.278, de 20/09/2017, foi responsável por atualizar a definição e a delimitação dos bairros de Salvador, resultando na definição de 170 bairros. Apesar de estarem próximos, Amaralina e Nordeste de Amaralina têm identidades distintas e são frequentemente tratados como entidades separadas, especialmente no que diz respeito à qualidade de vida e desenvolvimento urbano.

²⁷ Disponível em <oquefazerna.com.br>, acessado em 05 maio 2025.

Imagem 5 - Divisão estigmáticas



Fonte: oquefazerna.com.br²⁸ (2025).

Duas Faces de Amaralina: Contrastes e Números. Amaralina, com uma população de aproximadamente 3.180 habitantes, apresenta uma predominância do público feminino, correspondendo a 56,3% dos residentes, sendo que 26% têm 60 anos ou mais. O bairro possui, em média, 2,3 moradores por domicílio e se destaca por sua localização privilegiada à beira-mar. Essas informações foram obtidas por meio do Teste do Censo Demográfico²⁹ de 2022. Por outro lado, o Nordeste de Amaralina abriga uma população com mais de 80.000 habitantes. Embora esses moradores valorizem a região de Amaralina, são frequentemente marginalizados devido à sua localização periférica. Esses números revelam a dualidade entre duas áreas próximas, mas com realidades e reais e bem diferentes em Salvador.

²⁸ Disponível em <oquefazerna.com.br>, acessado em 05 maio 2025.

²⁹ Disponível em [Censo 2022: informações de população e domicílios por setores censitários auxiliam gestão pública | Agência de Notícias](#). Acesso em: 17/06/2025

Vale ressaltar, que esse enfoque investigativo condiz com o recorte proposto, coincidentemente nos anos 2010 e 2012, no qual corresponde essa pesquisa. A criminalização da pessoa negra tem sido o rótulo que os fazem vítimas, mesmo nos casos em que enfatiza o Art. 5º, à luz do direito de ir e vir. São da ordem de aproximadamente 79% da população preta, submetida às políticas coercitivas, sem a mínima perspectiva de direitos. O capítulo segue uma doutrina sistematizada sobre o conceito de análise étnica, que enfatiza as concepções políticas e sociais, a partir de dados relativizando a historicização na formação social do povo brasileiro, em 1889 no período da imigração nacional e ao longo do pós-abolição (Holanda, 1995).

Os dados existentes em manicômios judiciários, casas de correção num passado próximo, assim como dos repositórios dos arquivos públicos, e registro de delegacias, nos dão a dimensão exata de quem são ou serão os cidadãos custodiados em si a partir dessas vivências investigada sobre trajetórias de vida. As narrativas presentes em algumas obras acadêmicas elucidam-nos em dados, sobre os quais, narrativas consistem no direcionamento de uma política de higienização social, cárcere e cerceamento dos direitos no estado, mais negro do país. Neste contexto, presume-se que são sistematizadas objetificados esses corpos através dos fenotípicos do homem negro, arquetípica na prática facista crescente. Ato que vem reverberando negativamente no Brasil e no mundo, (Reis, 2005)

Contudo, na Bahia, onde ocorrem diversas injustiças sociais todos os dias, buscamos nos ater às denúncias dos órgãos de defesa e movimentos sociais organizados e de direitos humanos. Será que as autoridades governamentais, núcleos de defesa, seja em esfera social ou política, têm buscado soluções para discutir tais afirmativas de negacionismo social?. Todavia, durante as entrevistas na comunidade do pe preto, perguntamos sobre o posicionamento político, em detrimento da fragilidade nas estruturas dos barracos que foram erguidos com material reciclável.

Contudo, neste capítulo, procuramos analisar, que uma população como a de Salvador, por ser de maioria negra, é de fundamental importância as políticas que girem em torno combate às divisões das pessoas dentro dos espaços urbanos e suas fronteiras culturais. Nesse sentido, é preciso construir através destes dados antropológicos, etnográficos e bibliográficos, os objetos e fragmentos sensoriais que de fato possam dialogar com a natureza do cenário das ciências sociais. Sobretudo no que diz respeito aos impactos causados pelo extermínio da população negra, evidenciada nas fontes documentais exaustivamente historicizadas ao longo

do tempo, por outras narrativas(Bhabha, 1998). A historiografia ³⁰da Bahia, descreve a problemática social e política das relações raciais, como fator inerente aos resquícios do enraizamento da colonialidade. Sequelas sociais que segundo estudos, só poderão ser ertipadas, através da ruptura com velhos paradigmas, dos quais ao longo de décadas têm vitimado o homens e mulheres negros/as dentro do seu próprio território. Contudo, no Brasil a integração do homem negro em sociedade nao se tornou fato social possível, por conta de correntes da filosofia acadêmica da época, que pactuava com os projetos de imigração e branqueamento da populacao brasileira a qualquer custo, apos a abolição da escravatura. A partir de Nina Rodrigues os estudos africanistas , ou assim chamados, se desenvolvem sempre subordinados a métodos que não conseguem(nem pretendem) penetrar na essência do problema para tentar desenvolvê-lo cientificamente (Moura, 1988). Os fatores que me levaram a escolha desse tema na academia, estão fortemente descritos acima.

A valorização dos signos tem sido um forte fio condutor reincorporado no bairro, a partir do pós-abolição pelos ancestrai que lutavam contra o racismo que agregava valores, em meio a segregação de negros/as no bairro, assim como na ocupação dos espaços urbanos da capital baiana. A subalterna incorporação do negro ao mercado de trabalho e sua composição à grande *franja marginalizada* passaram a cumprir necessariamente a exigência do modelo de capitalismo dependente que emergia no Brasil, em substituição ao escravismo. Na transição do escravismo para o trabalho assalariado, o negro foi subjugado incapaz de exercer plenamente seus ofícios laborais(Moura 2014).

Contudo, nesse contexto de negação, são apontadas ações sobretudo nesses espaços sagrados(terreiros de candomblés). Espaços dos quais eram definidos como locais que faziam um papel crucial nesses corredores de refúgio matriarcal contra o racismo. Seus pais e mães de santo, se debruçaram sobre os valores dos (signos) na introdução de inúmeros outros sacerdotes e sacerdotisas no afã de perpetuar os saberes milenares. O que possibilitou a difusão da religiosidade de matriz africana na Bahia e no Brasil, através de curas proporcionadas pelas plantas e ervas. Herança dos antepassados escravizados ao longo de quase IV séculos de escravidão (Bastide, 1958). Ao longo de todo o litoral atlântico, desde as florestas da Amazônia até a própria fronteira do Uruguai, é possível descobrir, no Brasil ,

³⁰ O sociólogo baiano Alberto Guerreiro Ramos nasceu em Santo Amaro da Purificação (BA) no dia 13 de setembro de 1915. Na sua juventude, ligou-se ao integralismo na Bahia, tendo também publicado poesias (reunidas no livro “O Drama de ser Dois”, de 1937) e estudos literários em jornais e revistas. Guerreiro também trabalhou como assistente da secretaria de educação na administração de Landolfo Alves, então interventor do Estado Novo na Bahia.

sobrevivências religiosas africanas. Mas a Bahia, com seus candomblés em que, nas noites mornas dos trópicos, as filhas de santo dançam ao martelar surdo dos tambores, permanece a cidade santa por excelência(Bastide, 1958).

Os estudos de terreiros de Candomblé liderados por mães de santo revelam que nestes locais é onde melhor se evidencia a presença do que é denominado como princípio relacional de matrifocalidade. Baseado na força e centralidade dessas sacerdotisas e matriarcas que são mães-de-todos. Toda mãe de santo, afirma Silverstein (1979), é representante e símbolo da religião na Bahia e da figura materna, que é a Mãe Preta, considerada a mãe-de-todo-mundo, a principal responsável pela produção e reprodução do seu terreiro – casa de Candomblé. Assim como na estrutura hierárquica dos terreiros de Candomblé, no mundo do parentesco consanguíneo, os membros destas Casas ocupam posições determinadas.(Apud, Hitta, 2014).

No momento em que todos os estudos sobre violência urbana, marcada pelo caráter letal e de violação dos direitos humanos, envolvendo a população civil e as polícias, estão sendo publicados no Brasil, principalmente pelas agências do Sistema ONU, a exemplo de UNICEF e UNESCO, chama nossa atenção a invisibilidade da Bahia, nos números alarmantes de jovens mortos em “confronto” com a polícia e com os grupos de criminosos tolerados pelo Estado, na cidade do Salvador e na RMS, (Reis, 2005).

Por traz desses fatores estaria o auto flagelo do povo negro na Brasil, que tem resistido fortemente por séculos e décadas. Contudo, ressalta a essa condição social, a instrumentalização do conceito de raça e classe, que passou a conduzir sorrateiramente os destinos, sociais e políticos dos homens de cor, no que diz respeito à perpetuação do escravismo ou condição de subalternidade (Moura, 2014).

Nas palavras da autora, (Cunha, 2012. p.1) “Arrancado de sua terra de origem e permanentemente alheio à comunidade que dele se apropria, o escravo é um estrangeiro sem raízes, o senhor é a sua única mediação com a sociedade”. Todavia, importa lembrar que o Estado brasileiro, no curso de sua história, sempre tentou buscar na ciência, o apagamento do homem negro, assim como dos signos da população negra através dos homens brancos e suas epistemologias criminais. O estigmatismo diaspórico trazido exaustivamente nesta pesquisa, foi algo que chama bastante atenção nesta pesquisa, por conta de fatores que regem a nossa democracia. Avanços e aceção social e políticos do homem negro, que por mais que sejam contabilizados, não se insere em alguns fenômenos criminológicos da sociedade. Dessa forma, por mais que avancemos em ferramentas como a educação e sistemas de conta, ainda

assim somos estigmatizados e vitimados pelo estado de segregação.

A nossa primeira afirmação é o reconhecimento de que falar das políticas de ações afirmativas para negros/as no Brasil significa falar de uma experiência de sucesso. Significa analisar uma política que foi criada a partir da pressão de setores da sociedade tradicionalmente discriminados e que, uma vez iniciada sua implantação, vem se ampliando e consolidando ano após ano. (Heringer, 2014).

O referencial teórico desta pesquisa está baseado no enfoque de valorização etnográfica, situando homens e mulheres negras na problemática na qual está descrito o trabalho. Tendo como ponto de partida, a subjetividade das trajetórias de vida assim como a diversidade étnica, o que vem contrastar com suas nuances conflituosas em comunidades pobres como o Nordeste de Amaralina. Com a maior população negra do país, é imprescindível que numa metrópole como Salvador ocorriam implicações sociais graves, tais como o epistemicídio (apagamentos dos signos) e genocídio da juventude negra, que vem crescendo exponencialmente, sendo sumariamente noticiados pela grande mídia baiana e nacional, em redes de TV, redes sociais. Sintetizando, as histórias de vida que estarão sendo consideradas como: fontes de informação (falam de uma experiência que ultrapassa o sujeito que relata); como evocação (transmitem a dimensão subjetiva e interpretativa do sujeito); como reflexão (contêm uma análise sobre a experiência vivida. Neste sentido, o próprio entrevistado articula reflexão e evocação (Kofes, 1994).

Durante o apanhado de documentação que faz frente à pesquisa no bairro, iremos nos ater às documentações voltadas no período da fundação do Nordeste de Amaralina. Documentações referentes às associações de moradores, associação de pescadores, das Baianas de “Acarajé”, Blocos Afros e Sambas Juninos, dentre tantos outros artistas contemporâneos. A negação da humanidade do Homem Negro se dá através de uma doutrina da hierarquia cultural, que não é mais do que uma modalidade de hierarquização sistematizada e prosseguida de maneira implacável com o objetivo de destruição dos seus sistemas de referência (racismo cultural) (Fanon, 1956). Mediante aos fatos correlatos na bibliografia e no campo, serão mister trajetórias de narrativas, que possibilitem fundamentar e teorizar dados. Dessa forma, os conceitos etnográficos e antropológicos a serem postos ao longo do trabalho, seguirão uma ordem de erudições, na qual nos permitam dialogar com aspectos tais como: trajetória de vida, temporalidade e espacialidade desses sujeitos.

Os efeitos intermitentes de governabilidade, que primam pela higienização social dos sujeitos. Estigmatizando-os em seus locais de moradias, “comunidades como o Nordeste de Amaralina”, que ao longo de quase 8 décadas tem sofrido na pele o drama da empregabilidade, assim como diversas outras comunidades. Lacunas sociais que implicam diretamente na configuração contemporânea de subalternidade dos seus cidadãos pobres e negros.

Entretanto, segundo autores especialistas em dados sobre sociologia urbana e segurança pública, esses fatores sistêmicos são reafirmados pelos dados sobre os encarcerados em idades proativas, dos 18 aos 29 anos. A ordem do discurso sobre a logos da violência, vem sendo sistematicamente implementada e capitaneada pelo auto de resistência. Porém, ela vem culminando no epistemicídio precoce em dados alarmantes sobre jovens negros nos bairros pobres, e não trazem perspectiva de avanços sobre o problema da escolarização a curto prazo.

Esses são dados da pesquisa sobre o (*Mapa do encarceramento³¹ na Bahia, CPI do encarceramento, Senado da República, audiência pública na Bahia, em 08/03/2015*). Em 2012 Bahia é situada como o segundo estado que apresenta a maior taxa de crescimento de homicídios na população negra, segundo o Mapa da violência, e tem a menor taxa de encarceramento de jovens.

Para além, das perspectivas de higienização social, bem como das políticas de cárcere, as segregações promovidas pelos efeitos ante culturais e ideológicos continuam sobre os espaços urbanos entre dois extremos, Nordeste e Orla de Amaralina. Os diversos filtros raciais, postos nos mecanismos institucionais, tais como o “Auto de resistência” assim como outras ações desastrosas e racistas, vem aumentando as estatísticas de genocídio. Além de impor barreiras ao homem negro sobre o direito de ir e vir, previsto no artigo 5º, XV da CF/88.

Observamos também que nesse campo de narrativa, pesquisadores têm tido como enfoque, seus trabalhos pautados na ausência dos homens negros/as na ocupação dos espaços de poder. Percepção que vem sendo debatida ao longo de décadas, visto que se instalou em Salvador ao longo do tempo o distanciamento do próprio negro, eleitos pelos partidos políticos. Basta analisar a câmara de vereadores da cidade mais negra do país, suas pautas de interesse da população negra, assim como do efetivo do pleito, anos após ano. No bairro

³¹ Acesso em: 26/06/2025chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/Disponível em: https://fpabramo.org.br/wp-content/uploads/2015/06/mapa_encarceramento.pdf

Nordeste de Amaralina, a política partidária vem colhendo seus frutos anos após anos, sem se pensar numa contrapartida, ou seja, pensar na eleição de um nativo como referência parlamentar. Entretanto, o bairro possui um vereador, Claudio Tinoco, homem branco, que não possui residência nem referências familiares no bairro e que no ano de 2024 consagrou-se ao 5 mandato de vereador, tendo como reduto sede, o bairro Nordeste de Amaralina.

Entretanto, esses mesmos estudos, se voltam a pautas simétricas aos citados assuntos que envolvem populações diaspóricas, no Brasil e no mundo, e têm situado demonstrativos estatísticos sobre os impactos do forte crescimento do capitalismo após a II guerra. As fragmentações provocadas pelos países colonizadores, sobretudo no continente africano e América Latina, vem incidindo diretamente ao longo de mais de 5 décadas sobre as populações e grupos étnicos. Essas populações diaspóricas, assim como no Brasil, sofreram e vem sofrendo os reveses da psique colonial, sendo situados em certos níveis de fragmentação cultural³² e vulnerabilidade social.

De acordo com Stuart Hall, que descreve em sua obra, tendo como pano de fundo, um universo e seus acontecimentos, as políticas de dominação vem sustentando as correntes ocidentalizadas voltadas ao pensamento heterogêneo consubstanciado à dominação do outro. Seu contexto é pautado também em outras erudições e acontecimentos sociais e políticos. Segundo ele salienta, que precisou se apropriar delas para entender a centralidade dos paradigmas de divisão social. Em tempo que passou a construir através do seu argumento, a síntese do conceito de africanidade, pontuando como cerne, questões sociais que envolve os indivíduos descendentes da diáspora africana. “Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionado ao caráter da mudança na modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecido como globalização e seu impacto sobre a identidade cultural” (Hall, 1992).

Dentro dessa narrativa trazida pelo autor, são reafirmadas as concepções sociais também vividas pelos ancestrais do povo negro, que viveram os fragmentos de um passado bastante turbulento ao longo de séculos. Algo não muito distante do estado de exílio perpétuo, visto pela condição que a maioria dos cidadãos vivem hoje nos grandes centros urbanos, em

³² Segundo o antropólogo Talal Asad em sua pesquisa sobre fragmentação das culturas a dicotomia da supremacia dominante. Devemos assumir que a realidade fundamental que fez da antropologia do pré-guerra um projeto apto e efetivo, foi a relação de poder entre culturas dominante (europeia) e dominada (não europeia). A partir daí, precisamos nos perguntar como essa relação tem afetado as pré-condições práticas da antropologia. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8034.2017v19n2p313>. Pesquisa realizada em: 23/09/2024.

Salvador, bem como ao redor do mundo. Em 1808 foi feito um censo de Salvador e 13 freguesias rurais pertencentes à comarca da Bahia (o que excluía Cachoeira, Santo Amaro e o Sul da então capitania) e o resultado foi o seguinte: 50451 brancos, 1463 índios, 104285 negros e mulatos livres ou alforriados, e 93115 escravos negros e mulatos (Reis, 1986). Para entendermos esse contexto de selva de pedra, segundo o autor, o principal argumento é o controle instrumentalizado na violência contra um grupo social em específico, que segundo o ponto de vista do Estado, tornou-se nocivo à sociedade. Esses e outros contextos pontuados sobre os vetores de divisão social, que seguem sendo baseados em circunstâncias correlatas, em tal problemática.

A historicidade posta na contraposição de políticas públicas nas comunidades pobres de Salvador, assim como em todo Brasil, reforçam os fatos que foram noticiados pela mídia baiana ao longo dos últimos 20 anos. São rupturas sociais sistêmicas, onde o objeto criminológico dentre outras lacunas, estariam correlacionadas: ao cárcere e aprisionamento social de jovens negros e suas participações delituosas. Fatores que estão relacionados ao aglomeramento de bairros e delegacias, assim como no Nordeste de Amaralina, que tem números cada vez maiores, impetrados pela jurisprudência da Bahia.

Importante o ressaltado sobre as condutas desses jovens na reincidência durante o contexto cronológico, (os dez anos da pesquisa), no qual são atribuídos diversos outros fatores, culturais (fenótipos) ou estruturais, bem como pelo alto percentual no índice de desemprego na capital por décadas, como, já foi salientado por essa pesquisa. Todavia, esses dados serão utilizados junto aos fatos e relacioná-los na busca pela amplitude epistemológica, no que tange a liberdade contida no direito de ir e vir, previstas no artigo 5º, bem como de outros direitos constitucionais. Direitos esses cerceados aos povos pretos e pobres, na contramão das Leis: 9.459/1997; 7.786/1989, mandato de criminalização da legislação racial.

Nesse contexto exploratório, no que tange a análises de dados, a proposta de dissertação buscará apropriar-se do método descritivo pelo fato de proporcionar informações sumarizadas dos dados contidos no total de elementos da(s) amostra(s) estudada(s) (MATTAR, 2001).

3. 2.1.3. Recôncavo Baiano- êxodo, ancestralidade e historicismo social.

Para a realização desse trabalho de etnografia no Nordeste de Amaralina, é necessário compreendermos melhor os aspectos sociais, econômicos e políticos, que

envolvem trajetórias de vida. Situações sociais marcadas pelos acontecimentos que interligam esses sujeitos ao pós-abolição no final do século XIX. Como esses contextos coloniais reproduzem socialmente diversas mazelas na Bahia, deixando cicatrizes profundas, tais como: o déficit habitacional, a alienação psíquica, assim como outras mazelas que culminaram por afetar a parcela mais pobre da população. Nesse contexto de transição social, que passou a envolver substancialmente a população diaspórica, é mister conhecer melhor a concepção colonial urbana, que os mantém refêns ainda hoje em pleno século XXI.

Ao longo do século XX, os caminhos passam a reescrever um novo conceito de vida em sociedade, na cidade de Salvador. Durante o pós-abolição, haverá limitações do uso dos espaços ³³urbanos por negros e negras. Embora haja uma forte carência aos serviços subalternos, que irão demandar das mesmas condutas escravistas por organização desses espaços pertencentes à oligarquia soteropolitana. Esses fatos irão ser conduzidos, em decorrência da sobrevivência na cidade grande, e também da relevância deles em detrimento da expertise de homens, negros/as nos serviços e ganhos para o homem branco. A partir do início da primeira metade do século XX, esses caminhos passam a serem interligados a temporalidade e espacialidades desigual e hostil, a que foram e continuam a serem submetidos esses corpos negros em diáspora. Na Bahia, assim como em todo o Brasil, os homens pobres e negros eram hostilizados e renegados a própria sorte. Não porque tivessem no bolso compras supérfluas; à maioria, faltavam os cobres para o necessário da sobrevivência do dia a dia. Eram ricos, porém da segurança que lhes conferiam as relações sociais arcaizantes, oriundas do sistema escravista e conservada por toda uma sociedade presa pela sua própria armadilha. Por todas essas razões, este estudo em Salvador é, antes de tudo, uma história social, a história de um tempo que precede e explica a uma decadência que só é efetivamente constatada a partir dos anos de 1920.

Admitamos que se demonstrasse correta a hipótese da imagem associativa da sociedade baiana — um a sociedade na qual uns dependem dos outros e cada grupo se integra conforme pertença ao mundo dos livres ou dos escravos, ou ao mundo dos brancos, dos negros ou mulatos. Nesse caso, a qualidade dessas relações sociais poderia ser reveladora de estruturas mentais em que os preconceitos e a memória coletiva de todos teriam desempenhado um papel conservador? Essas características das mentalidades poderiam ter funcionado como freio ao surgimento de novas elites, como aquelas que, nos diversos patamares da escala social, impulsionaram a Europa Ocidental e a América do Norte? Em outros termos, essas solidariedades tutelares e benfazejas, que produziram as dependências, teriam sido um obstáculo ao

³³ Lei da Vadiagem Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena - prisão simples, de 15 (quinze) dias a 3 (três) meses. Parágrafo único. A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena. Disponível em: [Delito de 'vadiagem' é sinal de racismo, dizem especialistas — Senado Notícias](#)

aparecimento de elites mais empreendedoras? Poderíamos explicar a decadência da Bahia pela profusão de ‘mimos’ herdados da tradição portuguesa, ou então por uma contribuição africana esclerosada pelo sistema escravocrata, que a teria impedido de explorar sua força e suas riquezas? O Estado e a Igreja teriam contribuído para reforçar esses laços de dependência, asfixiando as ações individuais e a dinâmica social? (Mattoso, p. 36, 1992).

O surgimento de um novo contexto de moradia que liga diversas famílias e seus corpos, configura-se num retrato fiel da fragmentação de uma sociedade erguida pela égide do poder, embora na aurora do século XX, encontrava-se devastada pelas relações de riqueza e poder. Todavia, é através dessa esfera de repaginação da história do município de Salvador, que estão entrelaçados os bairros históricos, fincados aos antigos engenhos com a decadência do ciclo da cana de açúcar. Essa concepção social, se soma a outras nuances culturais, que passam a emergir da população negra na ocupação desses espaços, aquinhoados pela elite em decadência.

Nesses espaços condicionam-se interposições aos sujeitos, reféns das políticas públicas do Estado por décadas, consubstanciados por essa fissura nociva que ainda os persegue quanto seres humanos em sociedade. Nesses espaços onde os corpos passaram a ser testados a ferro e fogo, a resistência social tem se tornado constante, aliada a concepção de dignidade (Foucault, 1975).

A condição arquetípica da modernidade tardia”, tomando as representações sobre raça, gênero, geração e classe como o centro das indagações, mediante a visita a um conjunto de autores, para compreender as influências destas representações nas políticas públicas, e no contexto do estado democrático de direito. Situa-se em vigência numa sociedade que se pauta pela garantia dos direitos humanos, onde nos desafiamos entender os inscritos derivados de suas próprias contradições, (Reis³⁴ 2005).

Os incrementos do abandono a que são submetidas as populações que se situam nas metrópoles e nos grandes centros urbanos, são reflexo de uma filosofia sistematizada pelo novo normal advindo do mundo globalizado, tornando-se reflexo do capitalismo exacerbado. As apropriações podem acontecer de forma originária, num espaço sem destinação ou infraestrutura específica para as interações comunitárias. Um terreno baldio, ou em áreas degradadas, por exemplo. Mas podem ser também apropriações que provoquem uma resignificação de um espaço já existente e mesmo com toda a estrutura, uma vez que o seu planejador pode estar desconectado dos anseios da comunidade local (Netto, 2016).

³⁴ Atucaiados pelo Estado. As políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991- 2001- Reis Vilma- Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, sobre a historicidade dos fatos sociais que assola um mesmo grupo por décadas.

Diante aos pressupostos sociais, interligam-se às lacunas do Estado, um novo conceito de moradia em pleno século XXI, as chamadas sub-comunidades oriundas dos modelos de fronteiras do colonialismo. Um dado interessante sob a perspectiva da teoria ecológica e a desorganização social é um estudo realizado em pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, em 1974, que indicava cerca de 30% da população da região Nordeste de Amaralina era oriunda do Recôncavo Baiano (Neto, 2016, Apud, SOUZA, 2008).

Esse componente de migração populacional, que contribui para o fortalecimento dos laços sociais internos, em razão do apagamento da identidade cultural entre os moradores, fragmentados pelo estado. Além disso, no sentido socioespacial, a ausência do sentimento de pertencimento é uma marca característica de boa parte dos migrantes, como foi visto no Capítulo anterior.

A comunidade do “Pé Preto”, bem como os sujeitos que vivem nesses espaços de moradia, representam os fragmentos dessa decadência colonial histórica herdada por Salvador acima citada. Essa construção de narrativa se faz necessário, para melhor entender suas tipificações sócio temporais, incrustadas historicamente na capital baiana, após a abolição da escravidão em 1888 (Mattoso, 1995).

Contudo, vale ressaltar que o historicismo cultural incrustado na psique desses sujeitos, tem reverberado sobre as condições de escolaridade nesses espaços de moradias, bem como da taxa de desocupação no mercado de trabalho pelos filtros raciais. São fatores lineares que reverberam sobre um mesmo grupo, nos diversos conceitos sociais, marcados pelo cotidiano dos grandes centros urbanos, como Salvador. Onde seus espasmos social e político, também refletem um quadro preocupante no cenário de desorganização social. Cerca de 60% da população sequer concluiu o Ensino Fundamental (Neto, 2016).

Para que as pessoas ingressem num mercado de trabalho cada vez mais competitivo, seja pela incorporação de novas tecnologias, seja pelo cenário de crise econômica, que vem gerando o decréscimo dos postos de emprego no país, a escolaridade é de crucial importância. O cenário revela-se ainda mais desolador quando se percebe que a população com idade abaixo dos 25 anos corresponde a 49% dos habitantes da RNA (Netto, 2016).

Neste contexto de negação das minorias, buscamos analisar essa problemática, no que tange ao conceito de sociedade e cidadania. Dessa forma, a partir dessa mediação, surgem diversas outras “lacunas”, impulsionadas pelas políticas públicas em Salvador.

Vetores que englobam à violência, assim como outras tantas emblemáticas sensações de insegurança, que passou a incidir sobre os cidadãos nos últimos anos que se refere a pesquisa. Culminando em visões distintas, do que de fato chamamos de sociedade e democracia. Um povo não pode viver sem esperança. Mas surge um problema quando interpretamos tão literalmente as nossas metáforas. As questões da identidade cultural na diáspora não podem ser "pensadas" dessa forma. Elas têm provado ser tão inquietantes e desconcertantes para o povo caribenho justamente porque, entre nós, a identidade é irrevogavelmente uma questão histórica (Hall, 2003).

O fim do regime escravo juntamente com a industrialização (que trouxe consigo o trabalho assalariado) foi um gerador ou intensificador de problemas sociais. Um deles era a pobreza. Segundo Mattoso (1992) 90% dos baianos viviam no extremo estado de pobreza. Era assim que se encontravam a maioria dos trabalhadores, especialmente aqueles que realizavam trabalhos pesados e mal remunerados como quituteiras, lavadeiras, ganhadeiras, etc.(Apud, Lopes,2010, Mattoso, 1992).

O trabalho de análise de campo numa comunidade pobre, reflete seus contextos de subjetividade e suas trajetórias de vida histórica, que os ligam sobretudo aos seus signos, e nele suas mais diversas formas de ensinamentos ancestrais. Seus princípios requer sobretudo foco, precisão no objeto em dialógica , sobretudo no que diz respeito às concepções endógenas. Essas estão pontuadas no contexto de interseccionalidade a que são acometidos seus moradores. Todavia, ao conhecer essas comunidades, requer o mínimo de especificidade nas suas vivências nativas. Haja vista que seus desdobramentos de militância por amplitudes coletivas, em meio às diversas formas de negação e opressões, também promovem riscos. Sejam eles de natureza acadêmica, com o impedimento da continuidade da pesquisa, ou por múltiplas faces e fatores, que culminam por serem imbricados na continuidade dos mesmos. Nesses espaços de coletividade sob o lógos do cárcere, a pesquisa passa a construir, não um simples olhar das lacunas sociais, mas um instrumento de luta política(Reis, 2005).

Outro aspecto a ser pontuado, é que a ligação etnográfica envolve os mesmos fatores de subjugação social, ao qual seus moradores estão submetidos todos os dias nesses espaços de moradia. Considerados como narrativas, com sentido interno, situados na interação da pesquisa, e nas suas possibilidades analíticas, os relatos podem ser lidos na ordem que lhe deu o entrevistado. O arranjo interno feito pelo pesquisador, e para que possa ser lido por este, coloca a narrativa naqueles casos em que a ordem dos fatores altera o produto (Koffes, 1991).

Nessa construção de pensamentos e fatos, os conceitos de: historicidade, antropologia urbana, alteridade e interseccionalidade, se fazem presentes para que possamos agrupar dados sobre, grupos de sujeitos, moradia, segurança pública e relações sociais. Através do agrupamento de informações posto nessa análise, surge a necessidade da amplitude epistemológica, para que se possa sistematizar os questionamentos etnográficos propostos pela pesquisa. Sejam eles sobre raça, racismo, condições de vida e moradia, ocupação dos espaços públicos urbanos em suas diferentes nuances sociais(Hita, 2014).

O racismo estrutural vem permeando a vida dos negros/as ao redor do mundo, numa dimensão para além da temporalidade. Tem se tornado numa das grandes mazelas dos Estados nação, sendo consubstanciada pela ontologia e seus contexto fenomenológicos. Na Bahia, a capital Salvador, possui fragmentações históricas de divisões, raciais e sociais, que imbricam na concepção fidedigna do ser, no que tange a moradia, ocupação dos espaços urbanos, direitos políticos e civis, (Heidegger, 1927, Sartre, 1997, Reis, 2005, Clóvis moura (1988), Kabengele munanga (2003).

Todavia, a busca pela compreensão histórica sobre esses fenômenos que intercalam, a pobreza, insegurança alimentar e outras tantas mazelas em Salvador, tem se tornado uma janela na contraposição do que estabelece o Estado como filosofia de política democrática, (Scimago, 2022).

O Recôncavo da Bahia e seus engenhos ³⁵ está localizado em torno da Bahia de todos os santos. A denominação Recôncavo foi instituída de acordo com a historiografia, por sua parte côncava nos relevos e também no litoral, (Mattoso, 2002).

A história do Brasil nos mostra, que já nos primeiros séculos, o país teve seus momentos áureos com a história do açúcar e seus desdobramentos econômicos pela oligarquia europeia, que se instalou ao longo de toda a costa brasileira, a partir do século XVII. Quatro séculos de exploração avizinados com frequência dos esbanjamentos da dádiva da natureza, provocaram transformações sucessivas no recôncavo da Bahia e criaram novas paisagens correspondentes aos diferentes produtos, que foram cada um por sua vez, esperança e desespero dos seus proprietários de terras: cana de açúcar, fumo, dendê e banana (Mattoso, 2002).

³⁵ A região da Bahia conhecida como Recôncavo corresponde a uma área de aproximadamente 10.400km², formada na maioria por terras baixas, abertas para a maior baía da costa brasileira, a Baía de Todos os Santos, com quase 750 km de águas salinas e 190 km de costa. A região apresenta solos do tipo massapé. A rede fluvial do Recôncavo é formada pelos rios Paraguaçu, Açú, Subaé e Jaguaribe, que deságuam na baía, e pelos rios Pojuca, Jacuípe e Joanes, que deságuam diretamente no oceano Atlântico. Fonte: Azevedo, Esterzilda Berenstein de. **Engenhos do Recôncavo Baiano. – Brasília, DF : Iphan / Programa Monumenta, 2009. 140 p. : il. ; 13 cm. – (Roteiros do Patrimônio ; 7) ISBN 978-85-7334-154-6. Pesquisa realizada em: 20/12/2024**

O contexto do capitalismo ao qual associava exploração e poder naquela localidade, teriam pretensões político-empresariais, na qual eram capitaneadas através transações transnacionais na região do recôncavo, setecentista e oitocentista. Segundo seus primeiros exploradores, seriam criados ali, no coração do capitalismo da Bahia de todos os santos, os primeiros engenhos de produção açucareira em escalonamento de exportação de açúcar. Sistema que possuía como engrenagem, a ação do escravismo quase perpétuo. A partir de meados do século XVI, ergueram-se ali, sobre terras férteis e engenhosas, a concepção perfeita para: semeadura, plantio, colheita e escoamento da produção por via marítima, que tinha como destino final o continente europeu ao longo de V séculos(Schwartz, 1988).

Contudo, para conduzirmos nosso entendimento sobre populações diaspóricas, é necessário a citação das propriedades de fabricação mercantil, na qual ressalta tais feitos em seus engenhos agrícolas, dos quais que possibilitou a formação da sociedade patriarcal açucareira na Bahia. Uma das sínteses desse sistema de pactuação familiar, pode ser representada nas relações de poder entre a casa-grande e as senzalas ao longo dos séculos que se seguiram(Schwartz, 1988).

Esse contexto seguiu sendo modelo representativo em todas as vilas do recôncavo, voltando-se amplamente também para a vila de Nosso Senhor Salvador da Bahia. A influência e o prestígio político dos proprietários rurais, foram exercidos sobretudo no bojo das instituições civis e militares. Seus meios mais comuns, são compreendidos na gestão dos negócios locais, que lhes empreendiam muito mão de obra escrava. Porém é necessário analisar, que é impossível separar a vida da cidade de Salvador de sua interlocução e intermediação rural (Santos, pág. 406, 2022).

O Recôncavo se estendeu como protagonista de grandes feitos pela sua população escrava, tanto nas diversas revoltas quanto na luta pela independência da Bahia. De acordo com a historiografia da Bahia, entre os séculos XVI e XIX, inúmeros engenhos foram instalados no entorno de toda costa, ao longo da Bahia de todos os santos em suas 23 vilas. Seus dados de relevância econômica, estariam postos na concentração de terras do recôncavo, nas áreas que correspondem hoje a cidade de São Francisco do conde e Santiago do Iguape, Santo Amaro. Entretanto, seu protagonismo social e político finda-se com o ciclo da cana de açúcar, a partir da segunda metade do século XIX, deixando esses, assim como tantos outros povoados não mais existentes, em detrimento do fim da escravidão no Brasil, (Schwartz, 1988).

O êxodo rural "coercitivo", reflete os impactos na cosmovisão da origem ancestral da maioria da população de Salvador. Esses aspectos - sociais interagem direta ou indiretamente com a proposta de pesquisa. Sua historicidade oriunda do recôncavo da Bahia, nos últimos 136 anos, está interligada fenomenologicamente a um grupo de indivíduos (população negra) na sua grande maioria, oriunda do recôncavo baiano. Seus ancestrais, homens e mulheres que navegavam sobre as idas e vindas, da zona rural para Salvador, sobrevivendo através de ganhos. Essa cronologia espacial, está ligada aos fatores que demandaram nas divisões coletivas e que impactam ainda hoje. Essas construções de forma de vida, passam a surgir a partir das políticas estruturais de moradias e ganhos, em Salvador no pós-abolição. Sem teto nem ocupação como meio de subsistência a população passa a viver como: pescadores e agricultores arrendatários. Essa filosofia de vida tem relação direta com os moradores mais velhos do bairro, que absorveram a expertise, através dos seus ancestrais, ainda no recôncavo da Bahia durante o período escravista. Esse conceito de sociedade, ainda hoje nos condena sobre a lógica das atividades subalternas na ocupação dos espaços.

De acordo com historiadores, a Vila de São Francisco da Barra do Sergipe do conde, seria responsável pela metade da exportação correspondente à produção nacional. Paralelo a esse feito, destacam-se hoje, os estados da Bahia e Pernambuco, como os maiores produtores de açúcar do país durante o extrativismo mercantil açucareiro. “O cultivo de cana de açúcar vinha se deslocando intimamente em direção ao oeste antes de ser introduzido no novo mundo pelos portugueses e espanhóis, e sua chegada às Antilhas e ao Brasil foi uma extensão lógica aos longos processos históricos” (Schwartz, 1985).

O Recôncavo da Bahia, possuía tamanha relevância socioeconômica durante o Brasil e sua primeira república. A localidade do Monte Recôncavo, era uma localidade de residência de famílias ilustres da sociedade oitocentista, localizadas na vila de São Francisco Da Barra Do Sergipe Do Conde. Famílias tais como; os “Bulcão, os Viana” os Sá Barretos, pertencentes a famílias de ilustres magistrados. Entretanto, é justamente nessa concepção de relevância social e política, é que descrevo um dos personagens do campo etnográfico, que vai nos possibilitar construir uma ponte entre o ontem e o hoje. Ou seja, buscar o elo de ligação sobre as trajetórias de vida dos primeiros habitantes do Nordeste de Amaralina, bairro popular e histórico de Salvador (Santos, 2019).

4. **2.1.4. Corpos negros em diáspora-cosmologia africana e ancestralidade.**

A concepção social e estrutural do Brasil, perpassa por construções sociais políticas, marcadas por consequências patriarcais, oriundas dos processos de colonização, das quais alguns dos seus centros urbanos foram submetidos por séculos. Nesse espectro de hegemonia e dominação, a cidade de Salvador em pleno século XXI, ainda se refuta da fragmentação de tais paradigmas, que suprime todo um historicismo ancestral, que emerge nos quatro cantos da cidade, na legião criativa dos seus tabuleiros, assim como nas batidas dos atabaques e tambores.

Entretanto, busca-se entender a óptica situada no conceito de Interpelação, a partir desses contextos em sociedade. Práticas que seguem sendo sistematizadas na dicotomia social através do estruturalismo, que ao longo de décadas recai sobre esses sujeitos dentro dos seus espaços de moradias (sub comunidades pobres), e seu historicismo de miserabilidade. São homens e mulheres, negros/as que vivem abaixo da linha da pobreza. Nesses espaços de moradias, esses indivíduos vêm resistindo ao tempo. Seus inúmeros moradores, também chamados de favelados ou gente de comunidades, simbolizam-se como guardiães da cultura, acuada nas fronteiras, que ainda vociferam seus signos, embora neguem a existência destes.

A Bahia segue sendo constituída como o Estado mais negro e africanamente diverso da América Latina. Termos pelos quais, seus remanescentes vêm sendo tipificados como pessoas indignas perante à sociedade por décadas, passando a viver às margens da sociedade. A diversidade cultural é também a representação de uma retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única. A diversidade cultural pode inclusive emergir como um sistema de articulação e intercâmbio de signos culturais em certos relatos antropológicos do início do estruturalismo (Bhabha, 1998).

Ao longo desta narrativa, afloram os debates epistemológicos e etnográficos, ao buscar sentido sob os questionamentos e relacioná-los em filtros e fatores raciais e sociais que reverberam na sociedade soteropolitana. Esses pontos de interrogação, estão consubstanciados nas discrepâncias que permeiam o enredo situacional sobre racismo e estruturalismo na Bahia. Sobretudo no que tange a empregabilidade e renda do homem negro na ocupação dos espaços de poder em Salvador, assim como em outras categorias, protagonizadas na composição da sociedade. Condições sociais e política, que ainda permanecem adormecidas de forma utópicas, sobre a psique da maioria dos homens negros.

A CPI se deslocou à capital do Estado da Bahia para realizar audiência pública com a presença de autoridades, representantes de movimentos sociais e comunidade, a fim de obter mais informações acerca da situação de violência que acomete a juventude negra e pobre daquele Estado, palco de um massacre ocorrido em 06/02/2015 na Vila Moisés, bairro do Cabula, ocasião em que doze jovens negros e pobres foram mortos em uma operação da Polícia Militar. (CPI ³⁶ da violências contra jovens negros, 2015 camara dos deputados).

Ao longo dessa contraposição aos direitos humanos e civis, buscamos através da perspectiva analítica, trazer mais uma abordagem epistemológica, que nos possibilite entender a violência extrema para com um determinado grupo em específico. Ações violentas na qual se estendem ao longo de várias outras. Porém, é preciso salientar sobre os mais diversos contributos que o povo negro vem contribuindo, nacional e internacionalmente com a Bahia e o Brasil ao longo de décadas e séculos.

Dentre as contribuições mais importantes, têm sido os valores identitários postos na maioria da população étnica, presentes no conceito de africanidade. Entretanto, a população negra das comunidades pobres de Salvador tem sido estigmatizada, vitimizada pelas lacunas das políticas públicas, que os tem feito prisioneiros das adversidades sociais e políticas. De forma arquetípica, mesmo nesses espaços muitas vezes insalubres, elas procuram afirmar-se todos os dias como pessoas e seu coletivo diverso, simbolizados quanto à cultura e ao africanismo, nas suas músicas, danças, culinária e religiosidade. Assim continuam a se fazerem na filosofia deste povo, quanto à formação dos seus laços e saberes, aos quais corroboram identitariamente no bairro Nordeste de Amaralina ao longo da sua construção, na metade do século XX.

Através dessa busca da afirmação quanto negros/as, que passam a sistematizar as narrativas epistemológica dos interlocutores durante as entrevistas. Diante deste contexto, tenho visto nestes corpos ao longo desses espaços, a corporificação dos traços que denotam, ambiguidade e ambivalência, onde segundo Bauman³⁷ (1995), a exteriorização e exogenia exacerbada, e o que torna possível sistematizar suas lacunas em fronteiras entre o mundo moderno e as populações de baixa renda.

³⁶ [Mapa da Violência vai nortear propostas da CPI da Violência contra Jovens Negros - Notícias - Portal da Câmara dos Deputados](#)

³⁷ (A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar o principal sintoma de desordem é o agudo desconforto que sentimos quando somos incapazes de ler adequadamente a situação e optar entre ações alternativas? [bauman-z-modernidade-e-ambivalencia.pdf](#) Pesquisa realizada em; 22/01/2025)

Entretanto, essas populações, com base no conceito de alteridade, assim como do empirismo que se faz presente, através dos aspectos culturais, dos signos, tem possibilitado sua população continuar viva ao longo dos séculos na Bahia, em meio ao epistemicídio sob a concepção de: raça, cor e estrutura social e econômica. Uma vez que estes, condicionam-se como fatores preponderantes, que se apresentam na historicidade, em meio ancestralidade presentes nos bairros como o Nordeste de Amaralina. “O Inciso VIII do artigo³⁸ 5º da Constituição Federal do Brasil, estabelece que ninguém pode ser privado de direitos por motivos de crença religiosa, convicção filosófica ou política”. Nesse contexto de promoção dos direitos do homem, englobam além do inciso proposto na **constituição brasileira, direitos humanos-civis e direitos de proteção à vida.**

Com base nessa reflexão, intenta-se a seguinte inquirição, como uma das vertentes sociais extremamente sutil, vem sendo impulsionada pelos paradigmas de Estado ao longo de décadas e séculos?. Porque os corpos da maioria do povo da capital baiana, continuam a ser medidos pelos fenótipos e pelos filtros raciais históricos? Ao longo da pesquisa, percebe-se que esse conceito de subjugação do outro, tende a se fazer presente de forma sistemática nos bairros pobres da capital baiana.

Contudo, através deste contexto em que pesquiso, passo a solidificar a minha concepção de análise, sobre o conceito de estado na concepção diaspórica. Sua condição de divisão social, tem sido justificada, judicial e coercitivamente com a ausência dos valores democráticos. Destes, reverbera-se nos diversos espaços de poder espalhados pela cidade. O termo raça, antes de aparecer como um conceito fechado, fixo e natural, é entendido como um objeto de conhecimento, cujo significado está sendo constantemente renegociado e experimentado nesse contexto histórico específico, que tanto investiu em modelos biológicos de análise (Schwarcz, 1993).

Por sua vez, essa concepção de sobreposição do outro, tem protagonizado em Salvador, a filosofia da coexistência e o predomínio de uma única raça, de forma social e política. Motivada pela lógica de segregação nos espaços urbanos, o Estado estabelece um distanciamento coercitivo, ao primar pela ausência no consenso de sociedade pouco plural. O estruturalismo globalizado passa a coexistir como principal mecanismo dicotômico, que reverbera-se na lacuna da pobreza e da democracia.

³⁸Sobre o artigo 5º da constituição federal, no inciso VIII ver referências conforme citação.

<https://www.google.com/url?client=internal-element-cse&cx=12566f05ba0be64f4&q=https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10641516/artigo-5-da-constituicao-federal-de-1988>.

Desígnio político no qual, segue categorizando como nocivos os homens e mulheres de cor nas comunidades pobres de Salvador. Vale ressaltar, que esses entraves fogem a promoção de cosmopolitismo, no qual afeta a maioria da população, e têm sido vistos, sejam através dos fenótipos ou da condição de cultura, social e de moradia. O internacionalismo sempre se referiu exclusivamente a um eixo de afiliações políticas, militares e econômicas que passava pela Europa e a diáspora europeia... Esse eixo dominante e entrincheirado cria, nas palavras de Mosquera, "zonas de silêncio" nos outros locais, dificultando as comunicações laterais e demais afiliações, (Hall³⁹, 2003).

Os mecanismos e incursões que passam a ser observados em pesquisas epistemológicas na cidade de Salvador, resultam na ilação ao contexto diaspórico sobre esses (corpos negros), ao qual seguem vivendo sobre as cercanias do cárcere, social e político. Ao deixar de considerar as relações entre, desejo poder e subjetividade, Deleuze e Guattari ficam incapacitados de articular uma teoria dos interesses. Nesse contexto, sua indiferença à ideologia—uma teoria que é necessária para compreensão dos interesses, e notável mais consistente (Spivak, 2010).

O trabalho de entidades tais como, o “Movimento⁴⁰ Negro”, junamente com outros movimentos, de agentes e agências, vem sendo organizado junto à sociedade civil, na busca pela quebra de paradigma eurocentricos, assim como da ocupação dos espaços ao redor do lugar de fala. Suas ações vêm traçando ao longo de décadas, um paralelo de lutas por direitos para a população pobre das comunidades de Salvador.

Contudo, algumas erudições vêm mensurado a algumas décadas, sobre o estado de vulnerabilidade em ordem, sociológica e antropológica, ao qual dados explicitamente notório demonstram que as lacunas nas políticas públicas têm promovido escala do epistemicídio em idade precoce. Assim como tem promovido a expansão da quebra dos laços de afetividade nas famílias nos lares mais pobres que estão em volta da capital da Bahia.

Os conceitos a serem postos nessa pesquisa serão concisos com o recorte proposto. Embora nem sempre eles possam ser interpretados em determinados contextos, uma vez que o conceito de “estigmatismo diaspórico” por sua vez é bastante amplo e se estende aos vários contextos na problemática de raça, cor e cidadania. Sua incidência está aliada ao emprego de

³⁹ Hall, Stuart Da diáspora: Identidades e mediações culturais / Stuart Hall; Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende ... let all. - Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

⁴⁰ [Conselho das Comunidades Negras de Salvador completa 20 anos.](#)

algumas temáticas ou segmentações sociais mais contundentes, que envolve sobretudo os cidadãos no seu convívio em sociedade. Vale ressaltar que o adjetivo cor que vem sendo usado nesta narrativa, não se aplica no contexto pejorativo. Mas sim, como afirmação dos sujeitos em diáspora, que através dos conceitos de africanidade e africanismo, se auto definem como tais. Porém, como já dissemos anteriormente, essa condição de afirmação quanto homens negros/as que somos, buscamos a emancipação social e política das condições fronteiriças a que somos submetidos.

Os propósitos político neoliberal em Salvador, tem sido posto na concepção de raça, sendo motivada inúmeras vezes nas divisões de poder nos espaços urbanos. Porém, a nossa resistência vem sendo reestruturada socialmente inúmeras vezes. Embora os cidadãos de cor estejam constantemente submetidos ao controle de divisão social. Sendo ele muitas vezes através do cárcere contraído pelo estado de higienização social, ou pelo poder paralelo nas comunidades pobres da cidade. Todavia, esse status quo, tem ampliado o enfoque de visibilidade sobre tal problemática, na qual passa a ser inserido em tais contexto o negacionismo do Estado na proposição de tais paradigmas contraditórios a política de segurança pública.

O racismo estrutural, consubstanciado ao homem negro em salvador, tem se tornado propulsor na produção endêmica de fatos sociais trágicos, sobretudo no que tange ao genocídio de jovens dos 18 aos 29 anos de idade. Desses, na sua grande maioria vitimados pelo estado nos autos de resistência e demais ações desastrosas. Ações pelas quais são criadas para tipificar, bem como sistematizar o controle social e de natalidade vinculados à extrema pobreza, na concepção de espacialidade a um único grupo. Estimativas essas que vem se agravando através da violencia social e psiquica aos homens negro, vindo a aterrorizar corpos e mentes de homens e ⁴¹mulheres. Essa situação vem colapsando a sociedade baiana, sobretudo nas comunidades pobres como o Nordeste de Amaralina, que tem visto uma amplitude midiática em seu espaço de moradia, com enfoques bastante estigmatizados nos

⁴¹ Em 2022 foram registrados oficialmente 107 feminicídios na Bahia. Esse contingente era 15,1% maior em comparação ao ano anterior. Isso significa dizer que na Bahia, em 2022, ocorreu um feminicídio a cada quatro dias. Entre 2017 e 2022, o estado registrou um total de 564 mulheres vítimas de feminicídios. Embora tenham sido criadas diversas medidas jurídicas na proteção à mulher na Bahia, os dados de feminicídios ainda avançam pelo estado, sobretudo nos lares mais pobres da capital. Criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Bahia, Lei nº 12.212 (Bahia, 2011) 2012 Resolução que aprova o Regimento Interno do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher (Bahia, 2012) 2012 Regimento Interno do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher (Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, 2012a) 2012 Portaria Conjunta nº 002 – Pacto pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher (Conselho Estadual de Defesa dos Direitos da Mulher, 2012b). Fonte: **Panorama das mulheres na Bahia / organizadores, Armando Affonso de Castro Neto, Carlota Sousa Gottschall Silva.** – Salvador : SEI, 2023. 110 p. ; il. (Série estudos e pesquisas, 109). Pesquisa realizada em: 22/12/2024.

últimos 20 anos. Situações sociais na qual pessoas se veem mergulhadas no abandono pelo Estado, provocando adoecimento da população, que vive nessas comunidades(Cunha, 2014).

As clínicas psiquiátricas e psicológicas cuidam do sujeito psíquico, comportamental ou neuronal, será que e isso nada tem a ver com a violência da cidade; nem com o desemprego; nem com a falta de lazer; nem com as famílias da população negra, historicamente destruídas no estabelecimento das novas condições econômicas sociais e culturais impostas pela colonização da África e das Américas (Santos, 2018).

A cidade de Salvador tem pregado desafios incontáveis, no que tange sustentabilidade e coexistência da população pobre e negra ao longo de décadas. De acordo com os órgãos de pesquisa que mede os índices de, IDH, DH, assim como a qualidade social de “vida e subsistência” à moradia, descreve-se nesse campo de análises um déficit significativo sobre a maioria da população da capital. Os índices de mortalidade de jovens em idades proativa dos 15 aos 29 anos tem nos conduzido epistemologicamente a pesquisas no campo antropológico e sociológico, em busca de respostas para os seus fatores preponderantes que implicam nas desigualdades sistêmicas.

A cidade de Salvador foi descrita, na década de 1930, pelo antropólogo **Donald Pierson** (1971 Apud, Hita, 2014, p. 81), como “[...] uma cidade medieval cercada de aldeias africanas.” Tal descrição ilustrava as marcas de um passado revelado na ocupação espontânea de vales e encostas pelos pobres, maioria afrodescendentes, enquanto os grupos privilegiados, maioria constituída por brancos, ocupavam cumeadas do relevo urbano.

No bojo dessa pesquisa, o desafio é compreender o homem negro, sua trajetória de vida e suas razões empíricas como centro das discussões sociais e políticas. Seus contextos espaciais nos becos, vielas, nas entrelinhas do humanismo soberbo da capital baiana, vem reverberando a violência sobre os seus cidadãos de comunidades pobres.

A despeito do homem em diáspora no mundo contemporâneo, foi e continu sendo um ser objetificado através do tempo— “o negro bom para a sociedade é o negro trancafiado”, pois esse não tem valores cognitivos— não tem alma; está velado pelas estrutura de concretos e aço mundo afora. Essa tem sido a concepção dos herdeiros do colonialismo, (o coronelismo) é a versão mais nobre e mais plausível do tratamento para com o ser diaspórico, a exemplo do contexto social e político⁴² Estadunidense. Entretanto, o ciclo temporal

⁴²De acordo com dados da Agencia de Tv CNN os EUA tem a maior população carcerária de negro do planeta. [EUA prendem cinco vezes mais negros que brancos em prisões estaduais | CNN Brasil](#)

investigativo consiste também em analisar esses homens em suas concepções ocidentais de domínio sobre os corpos do outro. Constatação pela qual, mediante a essa filosofia da dominação e poder, são apontadas cicatrizes que deixaram marcas cravadas no tempo memorial do povo soteropolitano.

Marcas em seus corpos através da espacialidade histórica, aos quais ainda hoje os cercam em seus espaços de moradia, assim como nos centros e lugares nobres onde por muitas vezes esses corpos são estigmatizados.

Sim, somos nós que estamos nas calçadas

Sim, somos nós que estamos nas prisões

Nos alagados nos porões do inferno o inferno é aqui (aah)

Sim, somos nós os marginais

Sim, somos nós brutalizados

Os favelados dos porões do

inferno

O inferno é aqui.

Sim, somos nós os sem direitos

Sim, somos nós os imperfeitos, somos os negros, ah, ah, ah. Letra e música do cantor,

Edson Gomes- Reggae Man Salvador -Bahia”

Esse e outros conceitos de reflexao do povo negro, tem feito emergir ao longo dos ultimos trinta anos, o novo olhar critico para com essas mazelas sociais. Categorizando sobre esse paradigma, a crítica no que tange a sobrevivência nos centros urbanos da Bahia e do Brasil. Salvador tem sido categorizada como uma outra cidade, uma cidade fantasma, que vive sem a grande maioria dos corpos dos seus cidadãos negros/as. Os cidadãos negros são incorporados na sociedade soteropolitana como personagens folclóricos. Inserido de forma proposital e avessa ao cosmopolitismo, o homem negro vive em círculos, à procura de oportunidade. Por muito tempo Salvador tem sido uma cidade que pulsa entretenimento e cultura negra aos níveis internacionais.

Porém, não estamos ocupando os espaços de destaque, e não somos vistos como parte desse conceito de cultura, uma vez que os mesmos, legaram às correntes do colonialismo na sombra da abstração social. Essa ação do Estado, tem reverberado sob um posicionamento de condenação da existência dessa parcela da população, sequelando-os ao submundo da

condição de parte da sociedade. Esses e outros fatos ocorreram na ocupação dos espaços de poder, ou nas incursões às comunidades pobres de Salvador. A escravidão no Brasil – e seu prolongamento até finais do século XIX (1888) – teve um efeito profundo em todas as relações sociais do país, deixando como legado uma tradição e cultura negra, assim como uma perversa correlação entre racismo e pobreza (Hita, 2014).

Diante da percepção dessa e outras lacunas, o trabalho de pesquisa etnográfica no bairro Nordeste de Amaralina, nos permite avaliar esses e outros contextos nos aportes investigativos epistemológicos. Essas discussões tornam-se contributivas com as análises, a partir dos faróis de interjeição social, entre estruturalismo e povo em diáspora.

O que nos faz questionar sobre o surgimento de políticas retrógradas, que marcam exponencialmente a vida dos cidadãos, seus lares, em um determinado grupo de pessoas em específico. Substancialmente, esse contrassenso envolve, precariedade, desumanidade e ausência de políticas habitacionais que possam contemplar economicamente a população de baixa renda em prazos e razoabilidade previsíveis. Nesse campo de análises enfatizamos a lógica dos pretos desabrigados, no que tange ao paradigma social, sobre; noções geográficas e sociológicas de território, territorialização e identidade social em Salvador (Soares, 2006).

De acordo com Thomas⁴³ Sowell, o capitalismo globalizado preza pela incapacidade dos povos, sua capacidade organizacional e política, quanto coletivo que fundamenta de forma significativa a economia do planeta. Afinal, quem é a favor da injustiça? O mesmo ocorre com “justiça social”, “igualdade” e outros termos indefinidos que podem significar coisas totalmente diferentes para indivíduos e grupos diferentes — todos eles podendo ser mobilizados para apoiar políticas que utilizam palavras tão atraentes quanto essas. As falácias são abundantes em políticas econômicas, e afetam tudo, desde a habitação até o comércio internacional (Sowell, 2017; Bhabha, 1998; Hall, 1990).

5. 2.1.5 Consequências do capitalismo nas comunidades pobres

São diversos os casos em que as consequências involuntárias destas diretrizes, levam anos em sequelas sobre algo, uma localidade, ou até mesmo um determinado grupo. Concepções que incidem direta ou indiretamente nos caminhos de uma nação, vitimando as camadas mais pobres da sua população. Muitos países ricos são impecáveis em

⁴³ [Thomas Sowell - Fatos E Falácias Da Economia - PDFCOFFEE.COM](#). Pesquisa realizada em; 11/01/2025.

detrimento desses efeitos, e não conseguem ligar seus efeitos às respectivas causas. Até mesmo quando as consequências ruins acontecem pouco depois de uma determinada diretriz, muitas pessoas podem não associá-las, e os defensores de políticas que não dão certo costumam atribuir estas consequências ruins a alguma outra coisa.

Neste contexto de crise social, o mundo tem sido regido ao longo de décadas por estas engrenagens, que vem situando seus cidadãos em contextos de vulnerabilidade econômica. Obrigando-os a viverem dependurados nas fronteiras da sociedades, como produtores de estatísticas do caos e miserabilidade social. Sobre essa conexão de análise, promovida pela criticidade, emergem epistemologicamente novos contexto postos no processo de etnografia deste trabalho. Onde motivos pelos quais, passa a se discutir também o (subcontexto de favelas), o homem negro e suas fronteiras.

Todavia, para entendermos esses velhos conceitos e paradigmas de cidadania, se faz necessário a busca de elementos que situam-se sobre estas pessoas e lugares. Construções de trabalhos, que implicam socialmente em um novo conceito urbano de habitação e miserabilidade. Ao explicitar esse novo caminho de moradia, na capital baiana, (casas de zinco e material reciclado), demarca-se a esse contexto de subsistência promovido pelo Estado um campo de divisão. Onde uma grande parcela mais pobre é fundamentalmente empurrada às margens da sociedade. Paulo Freire lembra à pedagogia que todo processo de humanização sempre foi acompanhado de brutais processos de desumanização, a exigirem centralidade no pensamento pedagógico e docente-educador, sobretudo diante de milhões submetidos às vivências desumanizantes da pobreza, da miséria, que roubam suas humanidades (Apud, 2020, Mendes, Val Passos e Silva, 2021).

Em busca de respostas concisas em meio a esse paradigma incrustado na capital baiana, a pesquisa tramita em âmbito estrutural, na análise da complexidade dos fatos aqui trazidos, “estudo do caso”, no qual está situada tal problemática. Seus corredores de desigualdades na ocupação dos espaços e promoção da cidadania nas comunidades pobres de Salvador. Através dessa linha de campo de análise, buscamos entender seus principais aspectos de promoção social no que tange à laicidade, constitucionalmente atribuída aos homens em sociedade.

Sobre os princípios determinados por indicadores sociais tais como a concepção de excludência, autores como Homi Bhabha define que as fronteiras sociais têm sido mecanismos de mediação da formação do caos social. O que é teoricamente inovador e

politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias iniciais é de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, é o ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998). Essa avaliação de que o mundo passou a descrever, os homens negros e seus signos (fronteira social) em certo teor de exclusão, é equacionada sobre o onus do aumento das desigualdades e flagelo social. Haja vista que para estes cidadãos embrionários, constituídos legalmente, (os direitos) não podem ser categorizados como universais.

Os dados epistemológicos mostram que a situação fronteiriça para quem permanece convivendo em comunidades pobres de Salvador, assim como em boa parte do território ⁴⁴Baiano tem se caracterizado como escolhas ao cárcere privado. Independente de cor, credo, nacionalidade ou opção de gênero, os espaços urbanos estão ficando cada vez mais codificados. Embora, ao longo de séculos e posteriormente décadas, esse grupo (homens negro) continuam tendo seus direitos negados sob a luz dos direitos humanos e universais.

Ao reverberar suas lutas por espaços e direitos, nas comunidades pobres de Salvador, afere-se ao homem negro, seu propósito de dimensão nessas análises contextual, e situa-se ao seu contexto de vida com base nos contrastes perceptivos ao longo do tempo. Mediações sociais pontuadas sob estudos epistêmicos, dos quais envolvem índices negativos nos indicadores sociais em escalonamentos significativos.

Historicamente a cidade de Salvador possui a maior população negra da América Latina, sendo que sua grande maioria segue vivendo em condições sub humanas e bem abaixo da linha ⁴⁵ da pobreza. Outrossim, seus destinos nunca foram demandados por homens negros em toda a sua historicidade social e política. O que implica no cárcere social e cerceamento dos direitos, com base nos reflexos sociais em comunidades como o Nordeste de Amaralina. Além da problemática que envolve fatores como a negação da afirmação política, do homem negro para com seus pares na ocupação dos espaços de poder em Salvador, sua contribuição tem sido bastante amena, com base na representatividade como, agentes e agência.

⁴⁴[Bahia tem 7 de 20 cidades com mais mortes por armas de fogo, diz estudo | Flacso Brasil](#)

⁴⁵ Segundo dados de plataformas digitais e núcleos de produção midiática, sobre a pobreza em Salvador. do Brasil <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/12/04/bahia-populacao-abaixo-da-linha-da-pobreza.ghtml>

Mediante esse distanciamento social e político, reconhecidamente por homens das comunidades, abre-se uma lacuna: as populações que formam as comunidades pobres de Salvador clamam por melhorias habitacionais, direitos humanos, assim como a dignidade dos direitos civis, (o direito à vida) e cidadania plena. Embora tenham ocorrido avanços na concepção de vida em sociedade, em pouco mais de 100 anos nas dimensões estruturais, ainda permeiam sobre Salvador os fragmentos do colonialismo, sobretudo no que diz respeito à monopolização dos espaços urbanos. Essas condicionantes são contributos contrapostos a construção da concepção de desigualdade de oportunidade. Uma vez que as mesmas situações de margem social, ainda revelam situações sociais que subscrevem contextualmente a maioria da população soteropolitana na contemporaneidade.

Paradigmas raciais identitários demarcam e continuam a escrever a historicidade do Brasil em condições sociais estruturantes. Das quais condicionam a sociedade sob o logotipo dos filtros e fenótipos raciais. Seus indicadores de promoção da igualdade nesse contexto de divisão, são vetores ou mecanismos postos pelo Estado coercitivos, que culminam no apagamento étnico na cultura da desocupação dos centros urbanos. Situação a qual tem inviabilizando os homens, mulheres e seus corpos, no que diz respeito ao empoderamento nesses espaços, e vem reverberando num abismo social na capital baiana.

No entanto, essa digressão, tem levado esses homens negros/as em diáspora, ao ingresso dissuasivo, sob as margens do conflitos delituosos. Caminhos que têm contribuído para as altas taxas de epistemicídios e traumas na psique de negros/as, que encontram-se às margens nas grandes metrópoles do país, tais como Salvador. O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (Hall, 2003).

Os traumas que colapsaram a mente do escravizado e seu coletivo, culminou por deixá-lo acalentado, introspectivo e sob clausura, na fricção derivada desse contexto político. Entretanto, outros pensadores e pesquisadores, também descrevem essa fronteira fatídica, que culmina na monopolização e exclusão dos direitos de interpretatividade culturais e sócio filosóficos de uso dos espaços urbanos, (Appiah, ano 1997; Bhabha, ano; 1998, Reis, 2005; Cunha, ano 2004; Guimarães e Huntley, 2000).

Todavia, a tipificação dessas e outras concepções fenomenológicas, se esbarram nos questionamentos trazidos por essa dissertação, no que tange a ressignificação do homem

negro, que vai para além da sua relevância constitucional para este país. No Brasil do início do século XIX, as circunstâncias foram tantas que favoreceram a aquisição pelo homem branco de certos elementos culturais africanos (Verger, 1992). As tensões continuaram a moldar o espectro do homem negro na Bahia sob a égide do colonialismo possesso na ocupação dos espaços urbanos. Pesquisadores acima citados, vem atribuindo essa ação rudimentar, alimentada pelos paradigma histórico circundante nos países colonizados, que continuam a reverberar sob a mesma genes escravocrata em Salvador. Todavia, embora a relevância do subalterno se constituísse indissociável a roda da engrenagem mercantil da época, sua concepção social e política ainda era vista sobre vigilância e vaga concepção social e não se constituía como elemento semiótico,(Foucault, 1975).

Amiúde, o contexto estigmático, vem sendo dissipado através do conceito de diáspora africana, na busca pela reassignação do homem negro na ocupação dos espaços em Salvador, assim como em outras capitais. A partir de 2003, através de uma nova concepção interseccional no país, seu caminhar vem se tornado competitivo, próspero e intergeracional. Esse horizonte tem concedido ao povo negro novos olhares através da educação na promoção da dadania plena.

Tecendo um tabernáculo intelectual, em uma nova cosmovisão Kemetiana de justiça social e política, nas camadas mais remotas da capital mais negra do Brasil. Em seu estudo sobre o liberto, Maria Inês Côrtes de Oliveira, faz judicialmente ressaltar que na \Bahia os Africanos que tinham comprado sua liberdade, buscavam nos parceiros uma identificação étnica que permitisse a continuação de suas tradições transmitidas aos seus descendentes sem a intervenção da cultura branca (Verger, 1992).

É necessário identificar a contextualização social ao qual os sujeitos nessa pesquisa estariam inseridos, uma vez que muitas dessas simbologias foram arrancadas dos seus ensinamentos de ancestralidade. A interpretação dos espaços institucionais de ensino vem corroendo essas práticas de saberes incorporada pelos escravos na cultura baiana, capitaneada por uma didática que contradiz com o *modus vivendi* do povo do bairro, segundo seus anciãos. As vielas e becos do Nordeste de Amaralina carregam a sabedoria e a sapiência dos seus ancestrais, que os protegem aos milhares de cidadãos. Sejam do estigmatismo compulsivo do seu povo, ou até mesmo de tragédias ainda maiores no dia a dia de suas vidas.

Esse *ibá* ⁴⁶dos ensinamentos dos seus ancestrais africanos, está sempre presente na comunidade, sendo fincada pelos seus anciãos para protegê-los dos latifundiários no início da fundação do bairro. Seja na culinária, na religiosidade, no cabelo ou nos traços fenotípicos que foram acrescidos filosoficamente por várias gerações. Esses e outros contributos nos torna senão a cidade mais negra da América Latina, ou seja a sexta região fora de África.

Entretanto, embora ainda hoje seus espaços sejam constituídos numericamente formados por uma coletividade pobre, entre vielas e becos espremidos, seguem sistematicamente sendo invadidos por forças do Estado. O poder e a denominação, continuam perseguindo o mesmo grupo em específico ao longo de mais de um século. Esses homens e mulheres Tem,os seus direitos,pooiivticosviolados, assim como seus corpos negros/as.

Essa dilapidação patrimonial humana tem sido a face mais cruel das divisões sociais que ainda perdura após 400 anos de escravidão em Salvador. Seu contexto de exuberância potencializada por suas águas, tem sido o nicho no abraço ao acolher esses homens negros na proteção dos seus corpos, ao circular sobre a expansão geográfica do cetro urbano da capital baiana. Porém, nesse contexto de negação dessa maioria, seus processos de segregação estrutural, continuam sendo aplicados, assim como em outros tantos quintais negros do país.

Porém, analisa-se que nesse sentido, é possível mensurar o incremento subversivo do Estado e suas mazelas, que sempre se volta às camadas mais pobres da população. O neocolonialismo vem perpetuando-se na expansão das desigualdades sociais, como um dos mais significativos vetores políticos, somando-se às demais instituições que demandam o monopólio dos espaços de poder. As correntes do etnocentrismo ocidental, fogem ao cosmopolitismo e reforçam as ideologias edificadas pelo facismo, disseminado por uma minoria da elite branca na Bahia.

Destarte, a esse e outros aspectos que fere o princípio do direito de ir e vir, posto no artigo 5º, a cidade segue julgando seus filhos(grande maioria) a revelia dos fatos. Engajados na busca por respostas, passamos a pontuar, assim como em outras pesquisas, o determinismo

⁴⁶ **Ibá de Ori** (em iorubá: *Igbá Ori*) é o assentamento sagrado da cabeça de um indivíduo na cultura nagô-vodum, identificado no jogo do merindilogun pelos odu ossá. Fonte:[Ibá de Ori – Wikipédia, a enciclopédia livre](#). Pesquisa realizada em;23/12/2024.

“Durante a minha infância na década de 1970, escutei falar ainda menino pelo Pai de Santo, senhor Agenor de Xangô, que vários Exús foram fincados nas terras do Nordeste de Amaralina, que serviram para possibilitar a compra dos lotes com os latifundiários e proteger da repressão da polícia.” Albérico santos.

ao expor esse eixo investigativo que se volta à preservação dos corpos e sua subsistência na ocupação dos espaços. Nesse sentido ressalta-nos que mesmo com o recorte temporal, essa temática exige-nos um trabalho conciso com o objeto a ser pesquisado. Voltando-se sobretudo às suas proposições subjetivas, no que tange ao povo negro da comunidade do Pé Preto, tais como: causa, efeito e historicidade factual das suas trajetórias de vida. A questão é de que maneira o espaço (social e físico) importa é/ ou existe como fronteira na trajetória dos jovens. A utilização da noção de trajetória na pesquisa em Ciências Sociais traz à tona o debate epistemológico entre o objetivismo e o subjetivismo, explicação e compreensão (Santos 2018).

Todavia, ressalto nesse estudo que podem fugir do crivo da investigação, alguns detalhes importantes no que diz respeito a profundidade da pesquisa, uma vez que nos deparamos com alguma situação que pode destoar daquilo que se espera ou que se pretende investigar. Dada a complexidade de transição, instabilidade e insegurança social nas comunidades pobres de Salvador, sendo consubstanciadas pelo poder paralelo. Considero então a vocação crítica como uma capacidade particular (provavelmente específica, pelo menos a um certo nível) de gerar e formular crises no sujeito ao exercer sua atividade de antropólogo (Carvalho, 1989).

O conceito filosófico de crise, se aplica ao foco investigativo, sobretudo no que tange a esse trabalho etnográfico, nas informações coletadas nas comunidades (bairros pobres e negros), uma vez que ali deverão serem abordadas as concepções metodológicas das trajetórias de vida dos sujeitos, nas mais diferentes nuances. Essa compreensão filosófica, está associada a seus aspectos empíricos, ontológicos e metafísicos, ligados ao campo e ao objeto a ser abordado. Essa conduta se apresenta como fator primordial, sendo importante para que não haja modulações, sobretudo na trajetória etnográfica.

A criticidade antropológica deve estar voltada a algumas das situações do dia a dia, em dados sobre: cultura, signos e dados de vulnerabilidade social. O trabalho de investigação torna-se, portanto, uma ferramenta horizontal, na qual nos permite até mesmo ouvir os autos questionamentos sobre o homem, sua personalidade e a sociedade em que vivemos. Pois, passar de escravatura a liberdade, não basta um subtil tratamento da memória. Requer-se ainda uma reparação de predisposições e de gostos. Quando se sai da escravidão, a reconstrução do eu implica, assim, um enorme trabalho sobre eu. Este trabalho consiste em inventar uma nova interioridade (Domingos, 2017).

Ao introduzir os métodos etnográficos sobre a pesquisa, percebemos que a população negra que vive nas comunidades pobres de Salvador está centrada na problemática, do cerceamento dos direitos básicos assegurados pelos direitos humanos. Segundo dados epistemológicos, essa constatação implica na violência social e política, que reverbera nos crimes que elevam o cárcere, dentre outras mazelas reincorporadas pelos resquícios desigual do colonialismo histórico.

Esses vetores de promoção das nuances dicotômicas, marcam as categorias das desigualdades e vêm impactando na população local, (salvador) por décadas, segundo dados do IBGE e demais órgãos monitoradores de estatísticas sociais na Bahia, nos últimos 20 anos. Os processos que moldaram Salvador e o recôncavo da Bahia, são resultantes de uma instrumentalização decorrente do mercado do capitalismo, no Brasil e nas⁴⁷ Américas. Assim como as consequências sociais, políticas e econômicas sedimentadas pelas demais nações que estiveram sob a tutela do colonialismo, durante pouco mais de IV séculos.

A violência como objeto de estudo não foi inserida inicialmente na área de pesquisa social. Antes, o foco eram as causas da criminalidade, inseridas em matérias de direito penal e sociologia. A criminologia, então, emerge como estudo dos crimes e das suas causas. Na atualidade, no âmbito das ciências sociais, os estudos das causas da violência e da criminalidade seguem duas direções principais.

A primeira considera a estrutura microssociológica, em que são privilegiadas as características idiossincráticas e as motivações pessoais que direcionam o sujeito para o mundo do crime. E a outra mira a estrutura macrossociológica, que leva em conta as variáveis processuais, estruturais e institucionais que incidem sobre a criminalidade e a violência, (Soares e Cerqueira, 2002; Lobão, 2003, Apud, Sei, Salvador, 2020, p, 3).

Ao promover uma sistematização dos veículos de análises sobre a ótica que reverbera na violência, percebemos que há um historicismo longo no triste caminho a ser percorrido todos os dias pelas populações diaspóricas na Bahia e no Brasil. A periodicidade incrementada nesta pesquisa, reflete justamente aos “corpos negros aprisionados pela concepção diaspórica”.

⁴⁷ Segundo o historiador colonial Stuart Schwartz, o açúcar foi o principal produto exportado pelo país naquele período, e a produção açucareira conferiu a Bahia, e especialmente ao Recôncavo baiano, sua razão de ser, moldando assim sua sociedade característica. Sobre a situação social e econômica na Bahia e no Brasil no período colonial, ver o livro **Segredos Internos, Cia das Letras** 1985 página 2.

Preso através desse conceito de negação, a sociedade ao redor passa a refletir sobre os espelhos e desdobramentos das políticas de segurança pública, mergulhada na contramão da ciência dos fatos. Assim como os seus caminhos que ao impactarem os sujeitos negros/as, sucinta sobre os velhos paradigmas do cárcere, dos quais a séculos não promovem a ressocialização, bem como a ocupação dos espaços pelos mesmos na capital baiana.

Nesse intento, toma-se como base, três principais conceitos citados acima, dos quais serão basilares na construção dessa narrativa. O que por sua vez, se somam também a tantas outras discussões pertinentes sobre o estruturalismo, colonialidade e o homem negro na Bahia. Esse contexto de análise torna-se emblemático, no jugo por ser negro em sociedade em que aqui se discute, nos permitirá abrir um parêntese sobre: epistemologia, análise e o status quo nas dimensões das dicotomias entre Salvador e suas comunidades pobres. "Não deplorar, não rir, não detestar, mas compreender".

De nada adiantaria que o sociólogo fizesse seu preceito spinozista se não fosse capaz de fornecer também meios de o respeitar. Ou, como fornecer os meios de compreender, isto é, de tomar as pessoas como elas são, senão oferecendo-lhes os instrumentos necessários para os apreender como necessários, por deles necessitar, relacionando-os metodicamente às causas e às razões que elas têm de ser como são (Bourdieu, 1993).

O histórico bairro construído por descendentes de escravizados, Nordeste de Amaralina, está situado na parte sul da cidade de Salvador, Junto aos bairros: Rio Vermelho, Vale das Pedrinhas, Chapada do Rio Vermelho e Santa Cruz. Bairros circunvizinhos que formam o complexo Nordeste de Amaralina. O bairro e suas dimensões territoriais existe desde a década de 1950, quando se principiou seu processo de fundação, tendo como mentores os trabalhadores do cais do porto de Salvador, egressos da escravidão⁴⁸. O meu computador está meio desconfigurado irmão.

De acordo com a sua historiografia, estaria sendo fincado no ali uma população descendente dos manifesto signos da ancestralidade africana. Homens e mulheres negros/as detentores de um forte conceito de cultura e pertencimento social e político. A localidade e seus cidadãos passaram a reconhecer em cada um, o conceito de Spinoza. As perspectivas

⁴⁸ Pesquisa realizada em 11/11/2023. GINZBURG, Carlo; LEVI, Giovanni. Abordagem tradicional da história. História do mundo. Disponível em: < <https://www.historiadomundo.com.br> | Artigo sobre a MicroHistória, o que é abordado na Micro História, quais os objetivos ... A forma tradicional de se escrever História fazia uso de uma abordagem ... Assim, a Micro História aborda o cotidiano de comunidades determinadas ou micro história das relações sociais do bairro Nordeste de Amaralina, recorte referente aos anos de 2003 a 2013.

ancestrais passaram a encorajá-los, a prática dos seus costumes, cosmovisão e astúcia, que comungavam na resistência aos paradigmas imposto pela sociedade pós-colonialista.

Mediante a esse mesmo contextos de vida, vivendo entre alegrias e agruras, buscavam estar sempre juntos. Essa constatação é destacada, segundo depoimento de alguns dos seus moradores de mais de 80 anos. Todavia, esses sentimentos de união e afetividade fortemente presente no bairro, passaram a se dividir no dia a dia das últimas décadas, intensificada na exclusão imposta pela nobreza vizinha ao bairro, após a sua fundação.

Essa tem sido a problemática social e política em cidades como Salvador, em que se situam os velhos paradigmas, dos quais recaem sobre os remanescentes da diáspora africana na Bahia. O conceito metodológico posto na elaboração dessa pesquisa, concerne à aplicabilidade analítica de trajetórias de vidas dos sujeitos e suas concepções de vulnerabilidade social histórica. Segundo (Gil, 2000), parte do entendimento que existe numa relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números.

Segundo o autor, os enfoques metodológicos estariam em busca de um conceito de cidadania que os define como sujeitos em sociedade. Mazelas e lacunas tais como a pobreza, a negação e o cárcere, sempre se farão presentes e descritas epistemologicamente, em sociedades, onde a lógica que prevalece é a da divisão social. A questão está para além de uma única problemática ou contextos epistemológicos.

Metodologicamente, esses espaços simbolizam historicamente, contextos e trajetórias de vida. Na cidade de Salvador, o estado de vulnerabilidade social, tem sido de fato, onde se encontra grande parte da sociedade baiana que se manteve impulsionada, social, política e economicamente através dos corpos negros em diaspora.

social

6. 2.1.6 2.1.7. Resistência negra-africanidade e africanismo-emancipação

A chegada dos negros escravizados coercitivamente nas Americas, e consequentemente no Brasil, tem motivado diversos debates científicos sobre as inúmeras formas e tentativa de extinção dos mesmo, após o fim da escravidão em 1888. A situação dicotômica alicerçada na primeira capital do Brasil, é construída social, política e geograficamente no princípio do descobrimento sob os moldes da lucratividade sobre esses indivíduos.

A escravidão no Brasil – e seu prolongamento até finais do século XIX (1888) – teve um efeito profundo em todas as relações sociais do país, deixando como legado uma tradição e cultura negra, assim como uma perversa correlação entre racismo e pobreza. A discriminação racial se manifesta de diversos modos, mas o reconhecimento da herança cultural africana se inicia ao redor dos anos trinta e quarenta do século XX, era do Estado Novo de Getúlio Vargas e da hegemonia de teorias sobre democracia racial brasileira, quando, então, ocorre importante virada no pensamento científico racista dominante do século XIX (Hitta, 2014).

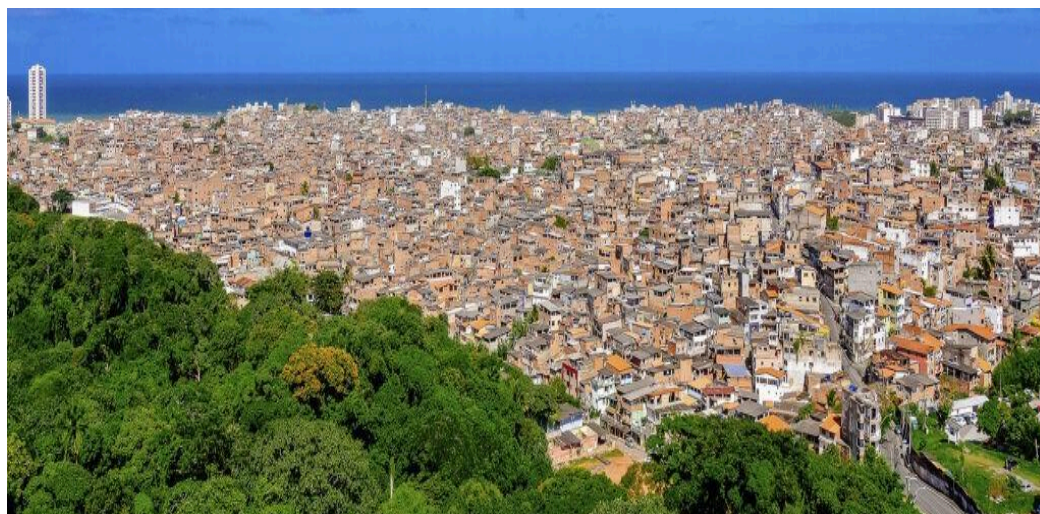
Através dessa perspectiva, a cidade de Salvador, teve seu papel relevante durante a chegada da família real ao país. Suas proposições políticas e econômicas foram consubstanciadas pelo poder e pelos valores econômicos— ações fomentadas através da dominação do outro, negros e (indígenas) povos originários já existentes no Brasil. A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a medina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como.

Morrem-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras (Fanon, 1961). “De acordo com fontes documentais analisadas pela Universidade Federal da Bahia, no dia 17 de junho de 1978, Nordeste de Amaralina ganhou oficialmente sua certidão de nascimento através do Decreto-Lei nº 5.403/78, promulgado pelo Prefeito Fernando Wilson”.

Esse marco histórico veio em resposta a uma série de desafios enfrentados pelos moradores da região durante a década de 1970.

As divisões sociais em duas realidades de moradia

Imagem - 6: panorama do bairro de Amaralina



Fonte: [oquefazerna.com](https://www.oquefazerna.com)⁴⁹ (2025).

O Nordeste de Amaralina, um dos bairros pobres mais negros e resistentes ao negacionismo dos velhos paradigmas de Salvador, demarca ao longo do seu historicismo uma filosofia de vida ancestral. Entretanto, para situar a compreensão dos diversos conceitos de desigualdades sociais na Bahia, essa pesquisa busca comparar dados dessas desigualdades, que ainda demarcam esses espaços de nobre relevância cultural. Vetores que instrumentalizam o flagelo da grande maioria dessas pessoas, em artifícios tais como o racismo regional, que permanecem fortemente presentes nos destinos políticos e sociais dos cidadãos das comunidades em situação de vulnerabilidade em moradias pobres na cidade de Salvador. Nessa construção desigual, seus corpos são negados na fila dos empregos na ocupação dos espaços urbanos. Dessa forma, se faz necessário interpelar sobre essas lacunas sociais que vem comprometendo vidas, bem como sua historicidade étnica e política.

Salvador se configurou etnicamente como a maior população negra do Brasil. Após quase quinhentos anos do seu descobrimento, a cidade possui hoje uma população majoritariamente integrada à sua ancestralidade negra, com pouco mais de 70% da sua população negra, das quais comungam com valores: sociais, culturais e religiosos. Porém, é necessário acrescentar a essa proporcionalidade étnica, dados dos órgãos que contrapõem esses valores ancestrais, dos quais vem medindo o escalonamento da violência nas grandes capitais, tais como Salvador. Ressalta-se a esse gargalo sistêmico do Estado, o alto risco que vivem as populações nos bairros pobres de Salvador. Vivem amordaçadas e consubstanciadas

⁴⁹ <https://www.oquefazerna.com.br/wp-content/uploads/2023/10/favela-1024x320.jpg> acessado em: 04/4/2025.

a esse contexto histórico de negação, nas dimensões sociais e políticas, postas nas comunidades de moradias insalubres, sem água, saneamento básico ou condições básicas de sobrevivência social e econômica.

Isso tem produzido reflexos negativos nos avanços sócio educacionais, além de apontar em diversos estudos, cicatrizes estigmáticas profundas a essas populações ao longo do tempo. Alicerçados pelo racismo e amalgamados por certos paradigmas, o povo negro vive sendo sustentados por uma minoria branca e seus resquícios oligárquicos. As comunidades pobres da capital baiana, sempre estiveram muito aquém dos estudos de ordenamento do solo sem que ao menos pudesse ser permitido-lhes, ou proposto uma discussão de melhorias habitacionais, ou melhores condições de empregabilidade e renda.

Isso se traduz num marco na história das conquistas das famílias negras na Bahia, em meados do século XX. A venda dos pequenos lotes para esse grupo étnico, foi negociada com propósito de plantio de pequenos sítios de agricultura familiar, como explica um dos filhos de posseiro do bairro nascido na década de 40, o Sr, Valdemar Manoel do Sacramento:

“As terras do Nordeste de Amaralina pertenciam ao senhor “Juventino Silva”, maior latifundiário da região segundo nos contou meu pai quando eu tinha nove anos. Ele disse pra gente que nosso pedaço de terra era para plantio e não poderia ter documentação. Tínhamos que ofertar parte da colheita para os donos, da terra salienta seu Valdemar, que viu seu pai trabalhar a vida inteira nas fazendas sem uma casa própria e só depois do decreto da prefeitura de Salvador em 1978 com os seus pais já falecidos teve o título de terra regularizado assim como outros posseiros”

Entrevista concedida pelo entrevistado Valdemar Manoel do Sacramento em: 01/07/2024 às 13:00 horas.

As terras dessas fazendo tiveram seus destinos negociado para abrigar moradores, filhos de egressos da escravidão, pescadores e negros agricultores a partir da primeira metade do século XX, mais precisamente na década de 50.

No período em que precedeu as primeiras colônias de pescadores nos Bairros, Nordeste de Amaralina e Rio Vermelho, ergue-se ali, no Nordeste de Amaralina, uma comunidade que sempre se orgulhou de sua ancestralidade, dos seus laços afetivos e do seu tronco umbilical africano. Embora lhes fosse negado o direito ao trabalho formal, passaram a viver felizes e em paz com pequenos ganhos.

No início da construção do bairro, na maioria das vezes ganhos voltados ao plantio da agricultura familiar, assim como à pesca coletiva. Seus moradores estão ligados a algumas das manifestações culturais, oriundas dessas vivências coletivas, fortemente presente no bairro. Todavia, sobre esse contexto de comunidade, já na década de 50 o bairro passou a escrever

um novo capítulo na sua filosofia cultural, bem como na empregabilidade da Bahia, no que tange a culinária diversificada, instituída através de seus elementos da cultura africana.

De forma singular e criativa, os homens e mulheres negros/as foram estruturando os mecanismos de substância (trabalho de ganhos) herdada dos mais velhos, quando da tipificação de suas opções mais comuns de trabalhos informais, tais como, “Lavadeiras de Ganhos” “Baianas de Acarajé” no largo de Amaralina, além das quituteiras de “Mingaus e Bolos típicos”.

Essas e outras promoções de trabalhos gastronômicos foram inseridas no bairro pela comunidade local e circunvizinhas que valorizam as comidas exóticas; comidas típicas servidas no prato de Nagé: sarapatel, mocotó, dobradinha etc. Esses e outros pratos típicos de alimentos de herança africana, eram também comercializados no antigo mercado do Rio Vermelho. Ofícios informais, postos a serem inseridos na culinária baiana, dos quais se perpetuaram, e que estão condicionados às “Yabás”, filhas de santos dos terreiros de matriz africana. Para construirmos uma nova concepção heurística de cunho social e político, temos que nos conectarmos cosmologicamente. A descrição da nossa filosofia de vida se faz mister na ocupação dos contextos epistemológicos, sobretudo na contemporaneidade. Onde ao fazer uma análise através do debate democrático, se faça também necessário estabelecer uma relação social de pertencimento aos lugares de fala, mediante aos discursos dos velhos paradigmas na condução dos destinos do povopeto na capital baiana.

“Em primeira análise, a escolha por esse campo de investigação, se traduz em trazer essas memórias que fazem parte da minha infância, quando meus pais e avós traziam a lume, os acontecimentos conflituosos, que estão ligados à concepção cultural e de moradia do bairro, posta nos signos de herança africana. Além das muitas contribuições social e política, construída por esse grupo étnico ao longo dos séculos, o trabalho enfatiza esse contexto e suas vivências nesse torrão de resistência negra na capital. Sujeitos em diáspora colonizados e incorporados coercitivamente pelo trabalho servil, entre o recôncavo⁵⁰ e a capital”.

⁵⁰A exploração inicial do solo massapê, através da economia da cana-de-açúcar, com a utilização em larga escala de mão-de-obra escravizada indígena e africana, deu vigor à colonização. Aos poucos a movimentação local foi se desenvolvendo em progressiva circulação de mercadorias, por meio fluvial e marítimo, com o porto de Salvador, e terrestre, com as entradas para o interior da colônia. https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/pode_candombles_

Imagem – 7: vista da cidade de Salvador no século XIX- 1818.



Fonte: amazonaws.com⁵¹.

Em segunda análise, essa percepção está condicionada ao contexto de divisão social histórica e política, presente muitas vezes no distanciamento desse grupo em específico, mesmo em meio a toda essa riqueza cultural. Valores e conhecimentos oriundos que se fez presente na historicidade presente no bairro do Nordeste de Amaralina ao longo das décadas. E, que vem sendo fragmentadas ou extintas, em detrimento do alto índice de vidas negras sendo ceifadas, sem o olhar humanístico do Estado. A pesquisa também se faz refletir sobre o afastamento das antigas vendedoras das iguarias por conta dos seus degustadores. Situação epistemologicamente constatada, mediante ao crescente avanço da violência local.

7. 2.1.8. O conceito de estado e segurança pública na Bahia

2.1.8.1. *Os acontecimentos sociais e políticos em Salvador ao longo de uma década, 2003-2013*

Através deste capítulo, pretendo discutir em alguns momentos aspectos que se

51

<https://brasiliana-v2.s3.sa-east-1.amazonaws.com/697dd1a45a7a0d6a1ed7d8886a1b0bf3.jpeg> acessado em: 06/4/2025.

distanciam um pouco da violência física, bem como do epistemicídio negro em Salvador. Porém, mediante a sua importância, ressalto que esses fatos não deixaram de serem explicitados no decorrer da pesquisa. Enfim, ao longo dessa abordagem científica, a pesquisa visa buscar dados institucionais sobre outros aspectos que margeiam a concepção de segurança pública.

Fonte pelas quais, pretend-se seguir analisando o ciclo de vida do homem negro na ocupação dos espaços na cidade de Salvador. Nesse contexto serão inseridos, seus relatos e espectros de vida, a partir da perspectiva dos fenótipos, que incidem em fatores sociais tais como; violência, fragmentação e degradação do corpo e da mente do homem negro. Ressalto aqui neste instante, sobre a condição social de nós negros, cidadãos que emergimos ou submergimos mediante ao discurso imposto pela concepção fronteiriça do Estado.

Para tanto, na linha analítica proposta nesta dissertação, prima-se por trazer alguns conceitos epistemológicos que se façam relevantes, para que nos possibilite construir uma narrativa coesa e sistemática sobre a sociologia do negro e a segurança pública na capital baiana. Com base nos indicadores sociais e em documentos institucionais, tendo como enfoque teórico, trajetórias de vida de alguns moradores da comunidade do Nordeste de Amaralina.

O Programa ⁵²Bahia em Paz: Prevenção e Combate à Criminalidade foi previsto no Plano Plurianual de Aplicação (PPA) 2004-2007 na Linha de Intervenção Amparo e Defesa do Cidadão, incluída na Estratégia Bahia de Toda Gente. Tem como objetivo aumentar a eficiência e eficácia do sistema de segurança pública por meio da integração entre os serviços afins. O Programa não dispõe de uma coordenação específica, sendo executado de forma integrada pela Secretaria da Segurança Pública (SSP), Secretaria da Educação (SEC), Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH), Secretaria de Saúde (SESAB), Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA), Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (SEDES), Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR) e Secretaria da Administração (SAEB).

Em 2009, segundo informativo da polícia Militar da Bahia, apesar da crise econômica e da escassez de recursos para novos investimentos, o Governo da Bahia definiu prioridades e avançou na execução dessas metas dispostas na diretriz “Garantir a Segurança e Integridade

⁵² Sobre a avaliação do **Programa Bahia em Paz**- avaliação e combate combate. Fonte: [SUMÁRIO EXECUTIVO Avaliação do Programa Bahia em Paz: Prevenção e Combate](#). Pesquisa realizada em; 19/01/2025

do Cidadão, Centrando Ações na Informação, na Inteligência, na Prevenção e no Respeito aos Direitos Humanos”.

Os dados⁵³ informativos postos na divulgação dos programas de prevenção e combate às incidências criminológicas, tais como o racismo na Bahia, abaixo relacionados, se contradizem sobre as ações e os dados críticos no combate aos crimes e delitos. Eles se intensificam, mas contraditoriamente, sobretudo no que diz respeito a problemática sobre a política de cárcere privado imposta nos bairros pobres da capital. A violência e a sensação de insegurança fazem parte da realidade cotidiana urbana, e ainda são vividas de forma muito mais exacerbada por certos grupos, como mulheres, jovens e negros. Segundo a Pesquisa⁵⁴ Nacional de Vitimização de 2013 realizada pela Secretaria Nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça e Cidadania (Senasp/MJC), 49,6% da população tem muito medo de ser assassinada (Brasil, 2013).

No sobe e desce das ladeiras, no entra e sai dos becos, os meninos filiados ao novo “partido” são chamados de “parceiros”. Munidos de pistolas e fuzis, falam, andam, seguem à risca o “sistema”. A facção Comando do Boqueirão (CB) representa para muitos a possibilidade de pertencer a um grupo que tem prestígio e poder na localidade da Santa Cruz. O grupo criminoso ganhou força há um ano no complexo⁵⁵ do Nordeste de Amaralina, apesar das três Bases Comunitárias (inauguradas em setembro de 2011) e de uma Companhia da Polícia Militar. Hoje, os moradores do Boqueirão se declaram acuados.

O CB foi fundado por um dos ex-integrantes do alto escalão do Comando da Paz (CP) - identificado pela polícia como Leandro, que nunca foi preso. “O homem de confiança dele, hoje, é o Elias”, afirma um agente da 28ª Delegacia (Nordeste de Amaralina), referindo-se a Marcelo Henrique Menezes dos Santos, o Ás de Ouro do Baralho do Crime, instrumento da Secretaria de Segurança Pública (SSP) que reúne os bandidos mais procurados do estado. Elias - também conhecido por Marcelo ou Pinto, de acordo com o baralho - é o gerente do

⁵³ Para se pensar os direitos humanos em uma perspectiva crítica é preciso aproximar se dos grupos sociais e das suas reais lutas por direitos, por isso, as autoras trabalham com os conceitos de tanatopolítica e necropolítica, entendidos como categorias analíticas fundamentais para o estudo das normas legais no país. O que reaviva a importância do tema são os exemplos de práticas autoritárias do Estado que adentram com os séculos XX e XXI, como a Revolta da Vacina (1904), a Ditadura Militar (1964-1985), os massacres do Carandiru (1992), Eldorado dos Carajás (1993), da Candelária (1993), do Vigário Geral (1993), massacre da Papuda (2000), chacina do Urso Branco (2002), chacina na Casa de Custódia em Benfica (2004), a chacina do Cabula (2015), chacina no Jacarezinho (2021), são alguns dos casos que revelam a face violenta do Estado contra um público racializado. Sobre tais afirmativas de democratização dos direitos e igualdade dos espaços urbanos, ver, [/REVISTA JURÍDICA DA DEFENSORIA PÚBLICA DA BAHIA](#) Acesso em: 25/06/2025

⁵⁴ [CIDADES SEGURAS](#), página, 162- acessado em: 13/03/2025

⁵⁵ [Nova facção se forma em área da Base Comunitária do Nordeste | iBahia](#), acessado em: 13/03/2025.

tráfico no Boqueirão.

Diante desse descompasso social no bairro, em meio as contraposições sobre o eixo de consolidação de políticas realmente eficazes e em prazos previsíveis. Com base nesse intento, a pesquisa busca em dados etnográficos na comunidade do Pe Preto, descrever as lacunas sociais que refletem na segurança pública. Esses e outros contextos de violência, nos direcionam coercitivamente a permanecer nas fronteiras históricas de um novo normal imposto pelo revés do capitalismo. Através desses indicadores, e com base nos acontecimentos contemporâneos, é possível nortear o trabalho científico na divisão das camadas sociais. Entre seus fatores condicionantes, estariam a falta de investimento no capital humano, sobretudo no que diz respeito à população pobre de Salvador, tais como do Nordeste de Amaralina. Através do historicismo social calcado na falta das políticas públicas, passa a reverberar e consolidar respostas científicas sobre as dimensões sociais postas no **Art. 5º Constituição Federal**. Tendo assegurados, suas ações correlatas que envolvem, pessoas negras, direito à moradia e segurança pública em Salvador.

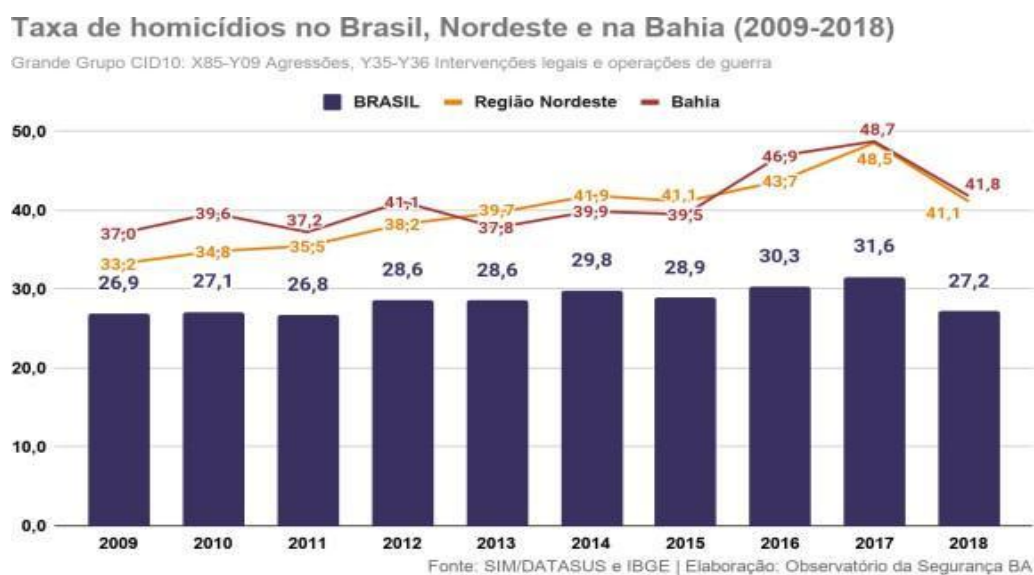
De acordo com (Reis⁵⁶, 2005), a cidade de Salvador tem promovido uma cristalização dos fatos recorrentes de violência armada contra a camada mais vulnerável da população. Por sua vez, constitui-se a essa problemática, a distorção consubstanciada ao negacionismo. Esse conceito se define através dos alicerces do poder justificado e imposto. Contudo, descreve em anos de pesquisa, onde a sinuosidade e a sutileza dos dados sobre o genocídio negro, tem de como filtro social e político o racismo.

No qual segundo sua análise, a vitimização pelo fenótipo tem dilacerado os corpos da maioria da população da cidade em conflitos e confrontos, promovidos pelo Estado. O estruturalismo aliado aos agentes públicos que ocupam os espaços de poder, se tornou o principal ator, e tem sido a polícia militar a principal protagonista do epistemicídio negro na capital. Entretanto, é preciso ressaltar, que os veículos midiáticos corroboram com os dados explicitados pela pesquisa. Essas ações passaram a ser situadas nas periferias de Salvador ao longo de décadas. Seu mecanismo de violência e morte tem sido contextualizado na filosofia

⁵⁶ Então, foi no período 1996 – 2004 que a cidade estava em posição mais vulnerável, sendo que entre 1996 a 1999 ela carregava a marca de 4.248 cadáveres, tendo como origem somente os homicídios ocorridos em quase quatro anos em Salvador e na Região Metropolitana, mais 177 que não tiveram identificada a localidade, fazendo com que o próprio delegado da Delegacia de Homicídios, em 1998, declarasse que mais de 70% dos casos tinha a participação de policiais, identificando que a Bahia tem uma polícia que atira pra matar. REIS VILMA— Dissertação de Mestrado UFBA, pág. 124. Pesquisa realizada em 18/01/2025.

de promoção de segurança pública na capital baiana. Na qual, os homens negros tem visto nos corpos negros a face mais cruel das ações de segurança pública.

Gráfico - 3: Os gráficos exortam sobre a taxa de homicídios no Brasil, na região Nordeste e sobretudo na Bahia de 2009 a 2018. A Bahia tem tido os maiores percentuais de violência nas últimas décadas.



Fonte: Rede de Observatórios da Segurança (2025).

Nas localidades como o Nordeste de Amaralina, criou-se um aporte investigativo letal, sobre o conceito paradigmático de gestão de higienização criminal. Para tanto, busca-se através do conceito de violência, seus mais diversos pontos de partida no intuito de decifrar seus estigmas. Sobretudo para com as populações pobres e negras de Salvador, que vêm sofrendo reveses ao longo de várias décadas.

A análise epistemológica se torna possível sobre tais descrições e mapeamento, composto pela tipificação social dada por ações de violência. Dessa forma, o contexto de violação dos direitos é explicitado “através dados na configuração da coletividade e seus cidadãos” violados e violentados sobre a égide do poder, outorgada pela supremacia da política de letalidade em Salvador. Dessa forma, dentro dessa perspectiva de guerra civil não declarada, os corpos Negros passaram a ser oriundos dessa problemática. São descritos dentro dessa erupção vulcânica na qual tem se tornado a cidade de Salvador. Concepções políticas dos estados comportamentais de necropolítica, violência urbana e estigmatismo da maioria do

seu povo. Estado que segue na contraposição, fragmentação dos direitos social e político do homem, negro/as das periferias de Salvador.

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (Relatório mundial sobre a violência e saúde. Genebra, 2002, p. 5. **Apud**, Fiocruz, 2019)

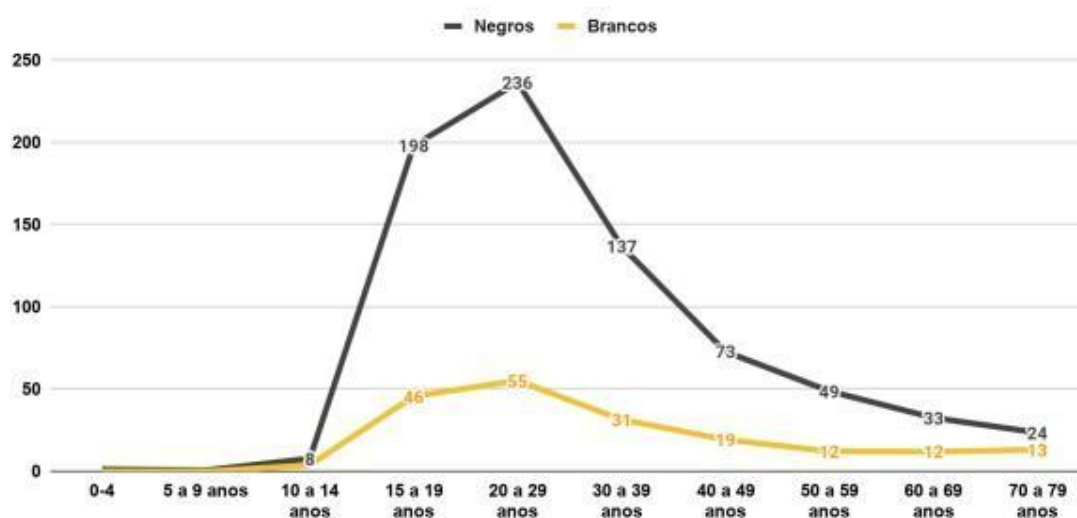
Na teoria jurídica a palavra ‘segurança’ assume o sentido de garantia, proteção, estabilidade de situação ou pessoa em vários campos, dependente do objetivo que a qualifica. ‘Segurança jurídica’ consiste na garantia de estabilidade de certeza dos negócios jurídicos, de sorte que as pessoas saibam de antemão que, uma vez envolvidas em determinada relação jurídica, esta se mantém estável, mesmo se modificar a base legal sob a qual se estabeleceu. ‘Segurança social’ significa a previsão de vários meios que garantam aos indivíduos e suas famílias condições sociais dignas; tais meios revelam basicamente como conjunto de direitos sociais. A Constituição, nesse sentido, preferiu o espanholismo à seguridade social. ‘Segurança nacional’ refere-se às condições básicas de defesa do Estado⁵⁷.

⁵⁷ **Câmara dos Deputados, p.26, 2011).** Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2016/06/08/veja-a-integra-do-relatorio-da-cpi-do-assassinato-de-jovens>, acessado em 2024.

Gráfico – 4: - Nesse grafico a problematica se estende atraves do estigmatismo negro consubstanciado aos mecanismos estruturais, como os filtros que incidem aos fenotipos e outras nuances socie que tipificam o hom negro. Homens por faixa etária, cor e raça.

Taxa de homicídios entre homens na Bahia por faixa etária e cor/raça (2018)

Grande Grupo CID10: X85-Y09 Agressões, Y35-Y36 Intervenções legais e operações de guerra



Fonte: SIM/DATASUS e IBGE | Elaboração: Observatório da Segurança BA

Fonte: Rede de Observatórios da Segurança (2025).

Todavia, a construção de uma linha de raciocínio epistemológico, voltado à segurança pública e seus cidadãos, tem sido substancialmente emblemática na Bahia, pois passamos a nos ater sobre a violações dos direitos constituídos pelo Estado e suas lacunas sociais. tendo como enfoque propositivo a investigação sobre a instância da fenomenologia estigmática que recai sobre esses corpos discutir sobre o enfrentamento aos paradigmas que ainda perduram em Salvador e seus bairros periféricos. Nesse caminho que busco tecer na busca pela etnicidade no bairro periférico Nordeste de Amaralina, discute-se em pleno século XXI, os fenômenos que se sucedem através do distanciamento e dicotomia do Estado para com uma parte significativa da população soteropolitana. Ao analisar essas lacunas, busco através da Subjetividade,⁵⁸ A alteridade e a Transcendência, que temporaliza velhos paradigmas que seguem causando fricção dos corpos e signos da ancestralidade negra na Bahia.

⁵⁸ Subjetividade, alteridade e transcendência na filosofia contemporânea [recurso eletrônico] / Nilo Ribeiro Júnior; Edvaldo Antonio de Melo (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. 125p.ISBN - 978-65-5917-027-2DOI - 10.22350/9786559170272 Disponível em: [Editora Fi](https://www.editorafi.com.br/)

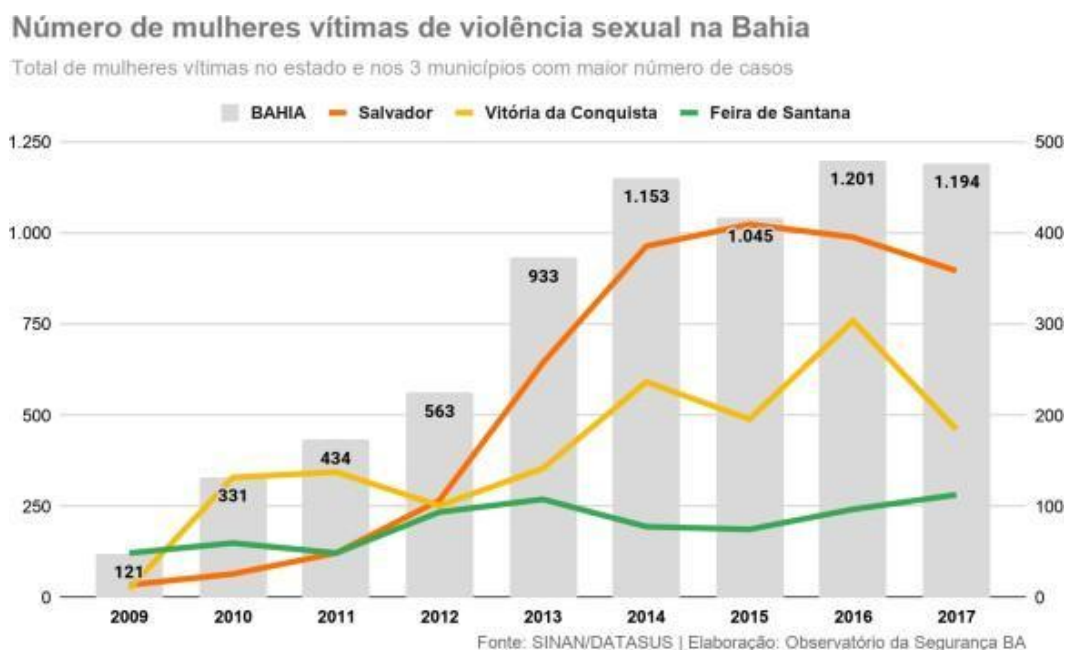
Ao evocar a análise espectral político-filosófica do conceito de segurança pública, no que diz respeito às políticas públicas de Estado, no que tange as comunidades e pobres e o homem negro, autores como Derrida, segue um dos escopos centrais dessa problemática. Segundo ele, o surgimento de qualquer problemática objetiva focar na ação do Estado, sob o controle e contingenciamento social. Sobretudo na política de segurança pública e seus desdobramentos. Deus e o destino, para implicá-los nesta violência fora do direito, violência pura ou divina, ou ainda soberana, ou seja, a violência que simplesmente age e se manifesta. Pois a lei age sob a forma do destino, sendo sua aplicação imprevisível, tal como ele, residindo neste aspecto o caráter ameaçador da lei (Derrida, 2007). Na Bahia, o estado com maior número de pessoas declaradas negras do país e um dos maiores do mundo, a morte da juventude negra não para de crescer sendo sumariamente noticiados pela grande mídia baiana e nacional (redes de TV, e redes sociais).

As consequências da criminalidade no bairro- fenômenos que podem estar ligados às desigualdades sociais.

Alguns dados oficiais corroboram com esse novo normal nos últimos 10 anos, ao trazer a lume as estatísticas que apontam genocídio negro, no país. Por exemplo, o estudo criminológico da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) (Brasil, 2009), o escândalo aferido por parlamentares no Congresso Nacional, no qual culminou na abordagem de dados sobre o assassinato de jovens no Brasil, presidida pelo então Senador “Lindbergh Farias”, que culmina com o recorte temporal desta pesquisa, apontando no início da narrativa, (2003/2013) e traz nos seus apontamentos criminalísticos os seguintes dados: “Importante salientar que essa vitimização apresenta padrões particulares: 53% das vítimas de assassinatos são jovens; destes, 77%, negros e 93% do sexo masculino”.

De acordo com o Senador, Lindbergh Farias, é importante salientar que a vitimização apresenta padrões particulares: 53% das vítimas são jovens; destes, 77%, são negros 93% sendo sexo masculino. Os homicídios dolosos são a primeira causa de morte entre os jovens. Ademais, o risco não se distribui aleatória e equitativamente por todos os segmentos sociais e raças, ao contrário, concentra-se na camada mais pobre e na população negra, reproduzindo e aprofundando as desigualdades sociais e o racismo estrutural (*ver o relatório da CPI*⁵⁹, 2015, p.33), na nota de rodapé.

Gráfico – 5: Nesse gráfico expoe os tragicos numero de mulheres vitimas de femenicidio ou violência sexual na Bahia.



Fonte: Rede de Observatórios da Segurança (2025).

Assim como nos casos dos homicídios entre os homens, as mulheres vítimas de estupro são majoritariamente negras. Mulheres negras sofreram 73% dos casos de violência sexual registrados em 2017, enquanto as brancas foram vítimas em 12,8%. De 2009 a 2017, o número de mulheres negras vítimas de estupro aumentou quase 10 vezes! A taxa deste crime entre mulheres negras habitantes da Bahia é 16 casos por cem mil, o dobro da taxa entre brancas, que é de 8 por cem mil mulheres.

Dessa forma, dados como esses corroboram na contemporaneidade, que de fato há um mecanismo contínuo de cerceamento e apagamento das vozes e da cultura do povo negro, assim como ocorreu em outrora. Importa lembrar que, o Estado brasileiro no curso de sua história sempre tentou buscar na ciência da religiosidade ocidental, promover ações práticas (forças do Estado) no intuito do apagamento social ou de metamorfosear a cor e fenótipo que forma a maioria do nosso povo Brasileiro

O Estado brasileiro não promove a reestruturação econômica que permita garantir pleno emprego a essas massas dentro de prazos previsíveis. O que fazer? Prosseguir o genocídio dos pioneiros (RIBEIRO, 1995). A sociedade dos homens na terra não pode ser um fim em si. A comunidade dos justos é estrangeira na terra, ela viaja e vive da fé no exílio e na

mortalidade (Holanda, 1995).

Estas questões de ordem social, cultural e política consubstanciadas na cor da pele, foram e continuam a ser documentadas em diversas análises dissertativas que envolvem distintos processos sociais e humanos. Entre os quais, a pretensão do Estado, no final do século XIX com o fim da escravidão, em propor mudanças na sua população através do processo de imigração, na qual buscava-se o “embranquecimento em massa” no país.

Nesse sentido essa pergunta se divide, pergunta-se por quanto tempo se presume a “resistência” dos homens negros, à diminuição da pessoa de sua raça, bem como a segregação, como forma de apagamento das vozes e expressões do seu povo? Qual é a justificativa do Estado sobre procedimento punitivo e segregador?

O conceito de cidadania, bem como outros tantos conceitos em prol dos direitos jurídicos postos nessa narrativa, destina-se a englobar os direitos de igualdade de oportunidades previstos no Estado democrático de direito. A equidade posta nos valores da diversidade, assim como na relativização do seu conceito entre os povos e suas respectivas raças. Promovendo assim, harmonia entre os cidadãos independentemente de cor, crédulo ou classe social. Todavia, é necessário traçar determinados estudos, na busca por melhor entender a disseminação e institucionalização do racismo.

Entretanto, é através dessa concepção panorâmica epistemológica, e com base nessa análise sobre os órgãos aos quais constituem-se na jurisprudência brasileira, que passamos a questionar um estado como a Bahia com mais de 70% da sua população diaspórica. Esses dados culminam explicitando por sua vez, as lacunas jurídicas e sociais institucionalizadas desde a época da colonização, bem como suas fortes consequências na sociedade baiana. Dessa forma, e dentre outras ações a serem enfatizadas, vejamos o caso do monsenhor, Jonas Abib, que responde por um (RHC) no STF, N° 134682, onde dentre outras ações de crime de injúria racial, presume-se a discriminação e manifestação de racismo no estado da Bahia.

No Estado brasileiro os efeitos da dispersão foram o contrário, quem sempre esteve a carregar o país nos lombos feito mulas, apesar de não herdar resisoriamente seus direitos trabalhistas pelo estado brasileiro, ainda foram-lhes imputados tais tipificações criminológicas que continuam a reverberar sobre seus corpos na contemporaneidade. A diáspora africana no país não os tornou beneficiários de absolutamente nada.

Quiçá um projeto de reforma agrária, onde estudiosos como Sérgio Buarque de

Holanda traça um perfil governista com tais aberrações pós-colonial. Segundo ele, a população negra não produziu, nem tão pouco herdou riquezas alguma. Hedou-se sim, uma dívida dos traços estigmatizados pelos quatro séculos de colonização, (os corpos negros) dos homens e mulheres, que assolados nessas dívidas contraídas sem as terem feito, continuam pendurados nos morros em busca de paz. Passaram a amargar, ainda hoje, os efeitos coloniais do ônus, que ainda tentam ser negociados a peso de ouro. Nesse exato momento, tentam recorrer à paz, passando também a serem endividados pelos espaços de moradia, dos quais estariam argolados e ameaçados por credores do crime organizado, sobre os espaços urbanos que lhes restam.

O conceito de raça e racismos se situa nas dimensões sociais e políticas que atravessam gerações, passando a incidir diretamente sob a mão dos estados nação: Estado de direito, assim como o “estado paralelo sobre os indivíduos”. Todavia, ao analisar o conceito de abstração do Estado para com o seus cidadãos, o autor Stuart Hall, considerava que suas ações eram modificadas e transformadas de acordo com os contextos e ambientes em que se manifestavam. Entretanto, nesse intento, esse passa a ser um dos objetos norteadores de suma importância nessa construção étnico antropológica.

Os sujeitos em questão são analisados sobre a concepção de oportunidades sociais e econômicas em meio às suas trajetórias de vida. Sendo assim, é mister relacionar seus impactos sociais e econômicos ao longo do tempo, bem como suas fundamentações espaciais e seus acontecimentos. “Recentemente, o prêmio Nobel de economia teve na sua colocação máxima, promovida pelo trabalho de três pesquisadores de diferentes localizações geográficas”. Porém, ambos tiveram como contexto os mesmos propósitos: pesquisar os aspectos econômicos por trás das desigualdades sociais e econômicas para com as populações diaspóricas. A historicização dos fatos e fenômenos é preciso para nos dar a dimensão da problemática, bem como situar as causas aos efeitos, embora possam ser diacrônicos ao recorte temporal.

Feldmann explica que, neste livro, eles pesquisaram muitos países em todos os continentes e relacionaram o desenvolvimento com a estrutura social dos países. “A principal conclusão deles é a seguinte: os países que avançam são aqueles que têm o que eles chamam de estrutura inclusiva, é aquela estrutura onde todo cidadão participa do desenvolvimento e pode participar se quiser. Então é um desenvolvimento que é feito para todos.” Por outro lado, países com instituições extrativistas, que favorecem uma pequena elite, tendem a enfrentar maiores desafios de desenvolvimento. O professor relata que a América Latina sofreu com um modelo de colonização de exploração, em que as riquezas eram extraídas para beneficiar as metrópoles europeias, como Portugal e Espanha. Esse modelo criou instituições excludentes que perpetuam a desigualdade até hoje. Em contraste, países

como os Estados Unidos e o Canadá, cujos colonizadores tinham o objetivo de se estabelecer e prosperar localmente, desenvolveram instituições mais inclusivas e, por isso, tiveram maior sucesso em seu crescimento econômico. O docente também ressalta que, embora o livro tenha sido um marco, ele apresentou falhas, especialmente em sua previsão sobre a China. “O livro foi escrito em 2009 e ele tem um capítulo sobre a China em que diz ‘a China não tem futuro, porque a China é um país extrativista e, portanto, não conseguirá se desenvolver’. É claro que ele errou, a China hoje é a segunda potência mundial. Então o livro também não era perfeito, acertou em muita coisa, mas errou em algumas, principalmente no caso da China”, comenta. (Jornal da USP/ Matéria publicada: 15/10/2024 às 11:02).

Os trabalhos publicados e premiados pelos pesquisadores em economia no prêmio Nobel, ressaltam a importância de discutirmos uma mudança de paradigma na cidade de Salvador assim como em todo Norte e Nordeste brasileiro.

Essas regiões têm pouca relevância, enquanto que outras se situam bastante idiossincráticas, em regiões do país onde sempre houveram mais investimento do Estado. Se de fato quisermos promover a equidade entre os povos na concepção de diáspora, precisamos promover ações de igualdade de oportunidades a essas populações espalhadas ao redor do mundo. Vale ressaltar, que em se tratando do recorte proposto, a pesquisa tenta mostrar mediante trabalhos reconhecidos epistemologicamente, que algumas lacunas postas historicamente em Salvador, ainda persistem e continuam sendo direcionadas a um único grupo.

No entanto, o simples fato da não implementação de uma nova concepção socioeconômica e política na Bahia, prova que o estado tem se postado de forma inconstitucional, com base no que diz o artigo 6º. O não cumprimento de tais medidas está fadado a declinar sob os vetores estigmáticos e nocivos num futuro próximo. Ao rechaçar o homem negro a supressão em bairros como o Nordeste de Amaralina, sob a ação contraproducente e tão desigual como Salvador, o estado passa a interferir no campo da prosperidade da maioria do coletivo.

No bojo dessas discussões, buscarei apresentar fatores étnico culturais que foram importantes na formação e transformação filosófica, através do pensamento de cosmovisão africana dentro do bairro. Segundo sua historiografia e seu determinismo social, a grande relevância dos seus anciãos, a sobrevivência tornou-se possível ao longo do tempo. Fatores tais como, a aplicabilidade de geração de renda, através de pequenos ganhos no decorrer das sete últimas décadas, se fez fundamental na manutenção dos “corpos negros” seus moradores e suas trajetórias de vida.

Com base em suas conexões comportamentais e religiosas, as pesquisas (estudos), promovidos nesse ambiente, passam a ser protagonizados sob questões que estão situadas nas razões empíricas. Destacam-se seus signos como conexão dos sujeitos (cultura afro diaspórica), que passou a resistir aos paradigmas coloniais na cidade, ao longo dos séculos.

Ao tecer um olhar amplo das correntes antropológicas realizadas nas pesquisas de campo, percebemos que a desvalorização do homem negro é bastante comum, vista sobretudo em ocorrências (boletins policiais), dentre outras ações estigmáticas. Ações que vêm sendo orquestradas sob o discurso de conceitos delituosos, dentro e fora das comunidades pobres de Salvador.

Através desse ímpeto de subjugação precoce, vem sendo elaborados em alguns estados do Brasil, tais como a Bahia, os chamados filtros de higienização social nas grandes capitais. Mecanismo de segregação social que tem sequelado o mercado de trabalho para o homem negro, e que tem se protificado a criminalização dos mesmos ao longo de décadas em bairros pobres de Salvador.

Entretanto, apesar de tais aracterísticas pouco proficua para os cidadãos negro, seus corpos continuam em marcha, empoderados e avançando nos campos epistemológicos, na busca pela implementação de políticas públicas de inclusão social e econômica. Sobre esse contexto social, presume-se a tentativa do apagamento aos corpos negros na 6^o 60 região Africana fora do continente africano. Contudo, é necessário que o Estado analise sua concepção de paradigma, no qual passou a se instalar historicamente em salvador, em meio aos valores da ontologia do povo negro em diáspora. Em meio a situação, os movimentos organizados pelos quais divergem dessa postura de negação, vem se integrando socialmente ao longo do tempo, buscando espaço em seus movimentos culturais e artísticos, a exemplo do Ilê Aiê e outros blocos afros em Salvador, conforme exemplificaremos mais adiante.

Em meio a essa tentativa de desconstrução ancestral, a população negra em diáspora passou a ser caracterizada como nociva nos bairros periféricos, sendo categorizado apenas pela cor da pele. Em análise social e política, vale ressaltar que sua filosofia de vida milenar, bem como seus valores étnicos estão consubstanciados ao empirismo ancestral, posto em todo

⁶⁰ A conferência mundial de países africanos e das Américas, entre os dias 29 e 30 de agosto de 2024, onde organizações internacionais participaram do encontro que constituiu marco histórico dos Congressos Pan-Africanos, por fortalecer as vozes da 6^a Região do Continente Africano, que representa a Diáspora Africana, junto à União Africana.
 Fonte: <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/noticias/2024/setembro/conferencia-da-diaspora-africana-nas-americas-traduz-sua-voz-na-carta-de-recomendacoes> Pesquisa realizada em: 19/10/2024

o estado da Bahia. Sobretudo no recôncavo baiano, importante entreposto comercial do mercantilismo Brasil Europa durante os quatro séculos de escravização negra.

Sobre essa condição social, também pode ser descrita (construída) sobre narrativa dos anciões dos bairros periféricos de Salvador. Sobretudo no Nordeste de Amaralina, bairro histórico, onde a pesquisa busca situar-se esse historicismo, tendo como enfoque as trajetórias de vida de moradores que migraram do recôncavo da Bahia e sempre viveram em meio a essa divisão social. Fatores que são característicos nas pesquisas que envolvem o conceito de antropologia urbana.

Entretanto, nesses campos de análises, prevalece o olhar crítico entre nobreza e periferia, ao qual podemos interpretar as dicotomias, em meio a neutralização dos espaços, por grupos ou classe social. Assim como podemos descrever a negação dos corpos negros postos em paradigma tais como; os fatores que elevam a filosofia do racismo e negação da condição de vida do homem em diáspora.

A concepção racial que insiste em enraizar-se na Bahia, é elencada a séculos, entrelaçada pelas correntes filosóficas ocidental do colonialismo como tem sido exaustivamente colocado nessa narrativa. Essa análise crítica, se debruça em outros atalhos antropológicos e sociológicos, para que se possa corporificar junto ao diálogo da pesquisa, trabalhos pioneiros, no Brasil e no mundo, tais como: GUERREIRO RAMOS, 1954, MBEMBE, 2003, ALMEIDA, 2019.

A centralidade contida na dinâmica das divisões de raça e classe em salvador, também devem ser objeto de elaboração de conteúdos de máxima relevância na ordem do discurso. Nesses entendimentos estão contidos os fatores que decidem sobre letalidade e cárcere na capital baiana. Contudo, em meio a anáse desse emaranhado conceitual das organizações sociais e políticas dos últimos 150 anos, o homem negro tem resistido aos mais diversos enfrentamentos na Bahia.

Sobre tais contextos sociais, o autor Stuart Hall explica tal tentativa de apagamento cultural e cognitivo do homem negro em diáspora. Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. E impermeável! a algo tão "mundano", secular e superficial quanto uma mudança temporária de

nosso local de residência. A pobreza, o subdesenvolvimento, a falta de oportunidades — os legados do Império em toda parte — podem forçar as pessoas a migrar, o que causa o espalhamento — a dispersão. Mas cada disseminação carrega consigo a promessa do retorno redentor, (Hall, 2003).

No que tange a colheita como contrapartida, ainda ficamos reféns do estruturalismo, sufragados nas ações do colonialismo, em mais de IV século de escravização das populações afro diaspóricas. “Não há ainda hoje, em pleno século XXI, perspectivas desse reconhecimento na Bahia, sendo Salvador a capital negra do país”. Assim como não houve em todo o território nacional, durante o período da escravidão, a reparação social e econômica devida pelo Estado brasileiro. Ao ser abolido do castigo da escravidão, o negro continua sendo “abordado” e estigmatizado de forma ampla nos grandes centros urbanos de Salvador.

Tal contexto social consiste em exemplificar a depreciação do homem negro, norteando-nos sobre os abusos numa cidade incrustada sob a égide da cultura negra fora do continente africano. Mas que continua permeada por paradigma que insiste em objetificar seus cidadãos de cor, proporcionado por um contraste em suas engrenagens institucionais.

Em 27/04/2007- o MP da Bahia corporifica a luta no combate ao racismo. A Promotoria de combate ao racismo do Ministério Público comemora, no dia 27 de abril, 10 anos realizando ações de combate ao racismo e promovendo a Igualdade Racial. O evento será das 8:30 às 18h, no auditório do Ministério Público da Bahia, na Av Joana Angélica, nº1312, Bairro de Nazaré-Salvador. Na ocasião, será feita uma homenagem ao Ministro do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa e à vereadora Olívia Santana, por seu trabalho na luta contra o racismo e busca da promoção da igualdade racial. A entrada é gratuita⁶¹.

Dimensionados pelas políticas públicas vigentes, o racismo estrutural reluta como clichês e promove condições sociais anti-igualitárias, em detrimento das lacunas que resultam nas políticas de enfrentamento às desigualdades sociais em pleno século XXI, na Bahia, assim como em todo Brasil.

Entretanto, mediante a esses entraves sociais, pergunta-se, até quando de fato no estado da Bahia, as esferas governamentais constituídas, estarão dispostas a discutir e

⁶¹ Disponível em : [27/04/2007-MP da Bahia combate racismo – SEMUR](#), acessado no ano de 2024.

mobilizar-se sob abordagem de questões que culminam na violência social e política contra um único grupo. Assim como pretende-se avaliar através da pesquisas,⁶² sobre os mecanismos do Estado, proliferadores de repressão policial, violência contra os direitos civis, bem como da violação dos direitos humanos para com os cidadãos. As inúmeras violações ao direito de ir e vir dos homens e mulheres na capital baiana, são fundamentações sociais, que têm elevado a problemática da segurança pública no estado da Bahia. Outrossim no que se refere a ação danosa do racismo, combatido veementemente pelo ministério público em Salvador.

Contudo, se faz necessário que os direitos básicos não sejam banalizados pelas instâncias constituídas. Pois o não cumprimento dessa prerrogativa é transgressão a direitos básicos e se faz presente no artigo 5º. Onde motivos pelos quais, discute-se sobre seu cumprimento em solo brasileiro, assim como em outras instâncias transnacionais, visando o bem estar do homem negro. Indivíduo socialmente livre desde 1888 e que não pode ser privado de trânsito entre estado e nação, nem tão pouco em território brasileiro, segundo a constituição de 1988.

Nesse sentido, essa mecanização social é elevada à condição de mudança de paradigma social e político. Uma vez já abordada pelo início dessa dissertação, embora sua legitimação tenha ocorrido após cem anos da abolição, a partir de 1988, ainda se discute sobre a aplicabilidade e constitucionalidade da lei no panorama estrutural. Outro aspecto a ser pontuado, diz respeito à revogação às políticas coloniais para decoloniais no Brasil, tendo como objetivo legítimo, a defesa dos seus cidadãos e sua ancestralidade negra na Bahia.

A análise faz jus à ocupação dos espaços sociais e políticos, que após quase 150 anos, ainda perduram os resquícios do colonialismo em Salvador e no seu entorno. Ser negro em Salvador, significa muitas vezes sentir na pele a dor da escravidão nos espaços públicos da cidade. Seja no ônibus a caminho do trabalho ou no lazer, nas praças, nos eventos festivos, sobretudo à noite, quando a nossa pele ofusca sobre a repressão imposta pelo estado, que em alguns casos termina por culminar no auto de resistência.

⁶² A pesquisa revelou que qualquer política pública pensada atualmente para a população em Salvador e na RMS tem que levar em conta a possibilidade da existência e continuidade do segmento jovem, as condições de sua sobrevivência, e a violência urbana letal, que impõe aos jovens-homens-negros a perda em média de 44 anos de vida, alterando profundamente o perfil epidemiológico entre esses, que antes chegavam às emergências dos hospitais 11 públicos feridos, e agora, em geral, chegam mortos, Reis Vilma, Atucaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações (1991-2001) Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/13695/1/Atucaiados%20pelo%20Estado%20-%20Vilma%20Reis.pdf>

“Principalmente à noite, tenho dificuldade de pegar táxi e sei que isso acontece por causa da minha cor. Já fui seguido por seguranças dentro de supermercados. Uma vez, em Salvador, fui sacar dinheiro em um banco depois das 23 horas. Quando estava saindo, fui abordado por policiais que estavam em uma viatura.

Os policiais me revistaram e foram agressivos, jogando meus documentos de identidade no chão. Eu já fazia parte do Bando de Teatro Olodum, onde aprendi a me defender de atitudes como aquela, tão truculenta. O policial se justificava dizendo que eu era um tipo suspeito”. (A TARDE, especial Qual a sua cor? - A vida em um mundo racista, 20/11/2003, p.7). O jornal A Tarde que hoje é um pouco mais que um centenário senhor que tem prestado grandes serviços à comunidade da capital e do interior da Bahia, percorre a cidade em busca de respostas naquela que estatisticamente é pontuada como a cidade mais negra do Brasil, pergunta Qual é a sua cor!! É necessário que nos rememoremos o nosso foco, para nos auto questionarmos quanto cidadãos soteropolitanos ao indagarmos qual seria a cor da nossa cidade e dos nossos preconceitos...

Afinal já dizia Lazzo Matumbi, “Somos nós Alegria da Cidade”.

Não estará a genealogia da política ligada à nossa tradição, ao casal amigo/inimigo e, nela, ao conceito canônico e dominante de amizade? A análise aqui proposta seria também uma contra genealogia. Na verdade, preocupa o próprio motivo genealógico, uma certa ordem de filiação, nomeadamente o esquema familiar e falocêntrico de fraternidade, a figura do irmão (e não da irmã), a virilidade da virtude cuja autoridade tantas vezes permanece inquestionável na nossa cultura de amizade e nos modelos credenciados de democracia (Derrida, 1994.).

Imagem – 7: Racismo no carnaval da Bahia..



PURA MISTURA

Pela vertente biológica, raça não existe. Entre milhões de genes, no máximo seis definem a cor da pele

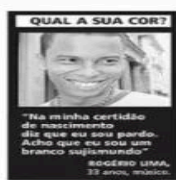
CRISTINA RIBEIRO
Raça. Por conta de seus valores tão positivos já se tornou, conscientemente ou não, o termo mais usado para definir a diversidade humana. Devido a ela foi aberto um espaço entre brancos e pretos. Para os preconceituosos foi dada a supremacia. Aos negros o silêncio ou o silêncio legítimo.
 Há cerca de uma década, passou a ser considerada por ela. Hoje, nenhuma pesquisa do mundo de vista biológica consegue sustentar a ideia de que exista uma raça de africanos e europeus. A diferença é de natureza biológica, não de natureza social. Uma espécie é tão diferente que não pode ser vista como a outra, como é o caso de gato e cachorro”, destaca a médica Eliana Arcevedo, 67 anos, especialista em genética

das populações humanas, doutora pela Universidade de Havard e pós-doutorado pela Universidade de Londres. Arcevedo, é professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e coordenadora do Núcleo de Biologia e da Comissão de Ética e Pesquisa, ambas sediadas na instituição.
 “Do ponto de vista biológico, a aparência é insignificante. A grande diferença da espécie humana é ser humano ou não-humano”, aponta a professora. Ela afirma, porém, que a diferença de natureza biológica, não de natureza social, é o que define a aparência, inclusive a cor da pele. “O cruzamento

que, num universo de 30 mil genes, só quatro a seis o determinam.
NASCE O RACISMO - O biólogo não tinha muita importância até que surgiu, como África e América. Escaramas conflitantes pela Europa. Em 1739, o biólogo suco Carlos Linnaeus criou um sistema de classificação dos seres vivos. A humanidade, chamada *Homo sapiens*, foi dividida por ele em quatro grupos: *vermelhos*, *brancos*, *negros* e *negros*. Linnaeus foi mais longe: deu a cada um dessas dividas um caráter físico, usando aparência e um determinismo comportamental.
 Deixa claro, os brancos (europeus) estavam no topo como inteligentes; os *vermelhos* (africanos), como os “barbaque

de venço”; os *amarelos* (asiáticos), *ambíguos* e *deuses* de *securidade*, e os *negros* (africanos), *chãos* de *arrit* e sem capacidade de reflexão.
SERPENTES RACISTAS - Essa relação racista-comportamental nunca foi comprovada, mas o uso da serpiente racista foi usado e mais gente criou segredos no século XIX. Deu-se então a gente como o *corde* francês *Amor* *Arthur de Gobineau*, que achava haver uma correlação entre aparência física e caráter moral. Autor do “Ensaio sobre a Inigualdade das Raças Humanas”. Foi o fundador da França no Rio de Janeiro e não poucos os brasileiros da sua época achavam.
 “Tudo-se de uma população totalmente mista, vinda do

sangue e os espíritos e aculturadamente feita”, disse Gobineau. Assim, a mistura de raças aqui existentes passou a ser considerada a causa do sucesso ou possível inviabilidade da nação.
 Nos fins do século XIX, negros e asiáticos eram agrupados como castas inferiores de degeneração e regressão pela falta de perspectiva para o futuro. Autores como Nair Rodrigues, da Escola de Medicina da Bahia, Silvio Romero, da Escola de Recife, e João Batista Lacerda, da Mensal Nacional do Rio de Janeiro, dentre outros, destacaram as marcas da instigação racial e, influenciados por ideias estrangeiras, consideraram a realidade brasileira “racista”, apontando a antropóloga Lúcia Schwarcz, no seu livro “Racismo no Brasil”.



Raça como porta de saída

No início do século XIX, a questão racial do Brasil passou ao Brasil. De levantes e conflitos para o crescimento nacional, a miscelagem ganhou status de riqueza cultural. Gilberto Freyre publicou Casa Grande & Senzala em 1933. Ali estava a representação estereotipada da miscelagem racial brasileira. “Todo brasileiro, negro ou alvo, de cabelo lento, nariz na altura, a moita ou pelo negro a pinta, de cabelos e ou do negro”.
 Após a Segunda Guerra, a União passou a dar uma atenção especial ao tema racial, passando a tratar o Brasil como um país miscelado racialmente.
 Desde então, no início da década de 40, o livro “Branco e Preto no Brasil”, de autoria de Oswald Pires, ilustra a ideia de que havia miscelagem em Salvador, mas que estava sendo mais ligada à situação de classe.
 Para refletir a ideia de miscelagem entre cor e fortuna, ele dá o exemplo de

levantamento que foi entre famílias residentes no centro da cidade (do tipo chamado Favela Pólice) e a favela de São Paulo.
 “Das 142 famílias brancas a quem perguntamos se sentiam aborrecidos em termos raciais pretos, 120 responderam não. E das 145 que responderam a mesma pergunta nos relação aos vizinhos pretos, 129 disseram que não sentiam aborrecidos em termos raciais pretos. Isso indica que a miscelagem racial não é uma questão de classe social, mas de situação econômica. A miscelagem racial não é uma questão de classe social, mas de situação econômica. A miscelagem racial não é uma questão de classe social, mas de situação econômica.”
 Na análise de Pires, como o problema não é de cor e sim de classe, a miscelagem racial de um determinado indivíduo não é um problema de situação econômica, mas de situação econômica.

gama de Pires na vida de que a Bahia era um exemplo de miscelagem racial pacífica entre pessoas de cores diferentes.
 Para Pires, havia um racismo, mas ele se apresentava bem mais no âmbito entre pretos e negros. “Na Bahia existia, sem dúvida, preconceito de cor, porém, apenas um preconceito negro”. “O preconceito não é de um brasileiro contra outro de ser identificado com os pretos, o outro apresenta-se dos brancos e está assustado”, disse.
RACISMO EXISTE - Na comparação, uma década depois, Fioravante Fioravante observou a questão pelo lapso da discriminação. Para ele, a miscelagem de cor não era um problema de cor, mas de situação econômica. A miscelagem racial não é uma questão de classe social, mas de situação econômica. A miscelagem racial não é uma questão de classe social, mas de situação econômica.
 Na análise de Pires, como o problema não é de cor e sim de classe, a miscelagem racial de um determinado indivíduo não é um problema de situação econômica, mas de situação econômica.

embalados pelas luzes dos segredos socio-culturais.
 Chegamos ao século XXI e o dilema persiste. Superficialmente, vivemos mais perto, mas Bahia, particularmente, não mudou muito por Pires: esse conceito racializado entre cores diferentes. Mas se não apresentamos mais as desigualdades são evidentes. Há desigualdade entre as grandes instituições de brancos e negros. Uma pesquisa do IBGE, divulgada em junho de 2010, aponta que no Rio de Janeiro a população de Salvador (IBGE) o estudo sobre o contato racial desigual. Pires observou que os brancos possuem. Mas se não consideramos o racismo na Bahia recente, no termo consideramos o racismo no passado, como ele é e sempre foi. “O racismo racializado é uma realidade jurídica inegável, mas não de aqui e agora, como se acredita pela falácia”.

BIBLIOGRAFIA
 Racismo no Brasil - Lúcia Schwarcz Editora Companhia Editora Nacional (2001)
 Branco e Preto no Brasil - Oswald Pires Editora Companhia Editora Nacional 1945
 Os Negros do Brasil - Gilberto Freyre Editora Companhia Editora Nacional 1933
 Negro e Branco - Lúcia Schwarcz Editora Companhia Editora Nacional 1997
 Casa Grande e Senzala - Gilberto Freyre Editora Companhia Editora Nacional 1933

Fonte: “Jornal A Tarde⁶³” (2024).

8. 2.1.9 Arte, cultura e racismo — caminhos opostos trilhados pelo mesmo destino.

O Brasil é um país que está situado no conceito filosófico de extremos, temos talento para tudo e ao mesmo tempo somos estigmatizados, imortalizados pelos estereótipos. Não são tratados como deveriam, mediante a todos os esforços dos nossos ancestrais que enriqueceram este país. Haja vista também o legado cultural e artístico de seus tambores e cânticos de forma

singular, que segundo a crítica musical dispensa comentários. Os convites para as participações como coadjuvantes de artistas internacionais renomados, como : Paul Simon e Michael Jackson. No entanto, ao longo das apresentações artísticas no pelourinho, esses eventos seguem como um dos maiores exemplos dessa amplitude cultural e artística. A Bahia tem uma das culturas negras mais bem “preservadas”, mais diversificadas do mundo em termos de; arte, cultura, entretenimentos e legado cultural, pertencentes às nossas matrizes ancestrais. Todavia, esse paradoxo tem nus condicionado contemporaneamente, a uma condição promissora, mas porém de credibilidade pífia mediante a outras nações. Continuamos com o espectro de país futurista, só não sabemos até quando.

Ao desconstruir padrões de estereótipos, através destes contextos culturais, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, que vem dialogar com uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo, através do conceito de decolonialidade diaspórica. Esse mecanismo epistemológico me permite interagir com as propostas de agentes e agências, dos quais condicionam suas diretrizes políticas.

Alguns de seus sentidos reivindicatórios, foram instrumentalizados nas últimas 6 décadas no afã do combate a política de racismo estrutural, que se instalou em Salvador. Divisões sociais que vem sendo capitaneado pelo racismo, e que não está ligada somente à ocupação dos espaços, mas à uma lógica de dominação, consubstanciada no paradigma intelectual e psíquico.

Segundo a historiografia da Bahia, em Salvador ao longo de décadas, as periferias vem gritando por igualdades de oportunidade, assim como da valorização dos signos da sua ancestralidade negra. Os destinos dos seus ancestrais selados nos mesmos lugares onde os manifestos culturais como o Bloco Olodum no pelourinho. Esses manifestos surgem como gritos dos ancestrais, que estão cravados nas cantarias e nos alicerces da oligarquia colonial, advindos do suor dos seus corpos. O Bloco Afro, Ilê ⁶⁴Aiyê, ao longo dos seus 50 anos completados em 2024, tem travado uma verdadeira batalha cultural na maior festa popular de rua do mundo contra o racismo, o carnaval.

⁶⁴Para o professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia, Paulo Miguez, os blocos contribuem para a preservação da cultura africana. “Os blocos afro têm uma importância na cena cultural baiana que ultrapassa largamente o carnaval. Quando emergem, causam um impacto que vai se espalhar pelo conjunto da cultura baiana e vai trazer não só um desejo de participar da festa, mas um desejo de afirmação étnica e política das comunidades negras e mestiças”, explica. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-02/carol-blocos-afro-completam-40-anos-no-carnaval-de-salvador>

Nesse sentido, existe também a percepção contemporânea, consubstanciada nas divisões sociais, culturais e políticas nos espaços de promoção, e da fomentação da cultura que envolvem os sujeitos na interseccionalidade. Algo que tem tido um fatores que originam-se dessa natureza disforme na promoção de ações coletivas. Motivados por uma minoria branca, tendo causado danos: sociais, econômicos, políticos e identitários aos grupos étnico, (população negra da Bahia) nos últimos 20 anos.

Salvador tem sido um estado corporeamente negro, segundo análise de pesquisa sobre a pigmentação ⁶⁵cromática, reiterada através da filosofia ancestral dos baianos sobre os conceitos de: etnia, cor e raça. Dessa forma, sobre os olhares analíticos no que tange a ancestralidade do seu povo, a Bahia se constituiu num manto de africanidade negra fora do continente africano. Porém, seus destinos governamentais nunca foram decididos por homens e mulheres negros/as, apesar de possuir o título da sua população declaradamente mais negra do país, segundo dados do (IBGE⁶⁶, 2022).

Dessa forma, e necessário que haja avanços sociocultural e político, tendo como foco (objetivo) dar ênfase a arte desse coletivo negro, como o carnaval que melhor nos representa como coletivo de cultura diversa. Reavivando as instituições governamentais, através das esferas judiciais, sobre os processos de inclusão. E não de higienização étnica caracterizado e justificado pelo cárcere do povo negro em massa. Os mecanismos de filtro racial e a aplicação de um modelo policial de polícia comunitária, baseado no modelo nova-iorquino, de tolerância zero ao crime, se desenvolveu em Salvador ao longo da década de 90 e segue no novo milênio. Essa atitude, tornou a política de segurança pública um simulacro de polícia comunitária, pois ao se realizar em Salvador ela se constituiu em caminho legal de licença para matar (Reis, 2001).

Todavia, o que esses atores de descendência negra tem buscado na verdade, é tentar discutir o problema estrutural do racismo, a luz dos direitos humanos. Sua dicotomia social

⁶⁵ Dados do IBGE 2000 mostram que em Salvador o percentual de afrodescendentes, por autodenominação, é de 79,8%. Para estimarmos a contribuição dos grupos ancestrais nesta população foram analisados 1.286 indivíduos, provenientes da população de Salvador, para os alelos específicos de população AT3-I/D, APO, SB19.3, PV92, FYnull, LPL, CKMM, GC e CYP3A4 que apresentam alto diferencial de frequências entre os grupos ancestrais. Para estimar a origem africana dos indivíduos também foi avaliada a presença de sobrenome de conotação religiosa. Sobre fonte dos dados ver, [Ancestralidade em Salvador - BA](#). Pesquisa realizada em: 05/11/2024.

⁶⁶ Disponível em<<https://www.dw.com/pt-002/um-passeio-africano-pela-cidade-mais-negra-do-brasil/a-16457009#:~:text=S%C3%A3o%20Paulo%20e%20o%20Rio,ou%20%22Meca%20da%20Negritude%22>>, acessado em: 02 fev 2025.

tem se perpetuado ao longo do tempo, onde motivos pelos quais elucidam suas consequências estigmáticas, que permanecem latentes incrustadas na sociedade baiana.

Esse status quo tem sido reverberado negativamente aos cinco continentes, seja por meios da epistemologia, seja por mecanismo ou plataformas digitais, ou até mesmo através dos familiares do cidadão negro, que tem sido vitimado pelo auto de resistência instituído pela secretaria de segurança pública da Bahia.

A capital da Bahia, ou mais precisamente seus bairros periféricos, tem sido vitimados pela violação dos direitos civis, direitos ⁶⁷humanos, dentre outros tantos, que são salvaguardados pela constituição brasileira, assim como pelos tratados instituídos internacionalmente. Ao povo negro que se constituiu maioria na cidade de Salvador ao longo de séculos, são negados os direitos básicos postos no artigo 5º da constituição brasileira .

A negação da humanidade do Homem Negro se dá através de uma doutrina da hierarquia cultural, que não é mais do que uma modalidade de hierarquização sistematizada e prosseguida de maneira implacável com o objetivo de destruição dos seus sistemas de referência (racismo cultural) (Fanon, 1956).

Entretanto, ressaltamos que nesse estranho paradoxo, embora seu quantitativo populacional seja majoritário no país, também carrega consigo, o triste estigma do extermínio prematuro da sua população—a morte da juventude negra em bairros como o Nordeste de Amaralina. Segundo dados do observatório nacional de segurança pública, o assassinato de jovens negros cresce exponencialmente, sendo sumariamente noticiados pela grande mídia baiana nacional (redes de TV, redes sociais). Alguns dados oficiais também corroboram ao trazer a lume, as estatísticas que apontam para um completo genocídio negro no país.

Nesta perspectiva de negação da arte e da cultura negra, pergunta-se porque a Bahia nunca pode ser governada por negros? Ao possuir o conhecimento político e geográfico dos problemas sociais que são acometidos no dia a dia da população negra, o homem negro emergem junto a arte e a cultura e têm tido papel fundamental em se sobrepor aos estereótipos. A lei de incentivo à cultura é a lógica mais plausível, mediante à

⁶⁷ Em dezembro de 2009, por ocasião da 11ª Conferência Nacional de Direitos Humanos, reuniram-se em Brasília cerca de 1.200 delegados de conferências estaduais, convocadas pela Secretaria de Direitos Humanos na gestão do ministro Paulo de Tarso Vannuchi, para revisar e atualizar o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH). A conferência recomendou a criação da CNV, com a tarefa de promover o esclarecimento público das violações de direitos humanos por agentes do Estado na repressão aos opositores. Sobre judicialização na violação dos direitos humanos em decorrência de fatos históricos que envolvem a população no Brasil. Disponível em: [Relatório da Comissão Nacional da Verdade \(CNV\)](#) Pesquisa realizada em: 17/04/2025

governabilidade dos destinos do estado ter sido legada à população negra. Tendo como enfoque ao seu favor, o seu campo de visão extremamente crítico, bastante sensível à problemática do seu povo. Entretanto, há uma lacuna que tem sido esposta por diversos campos de visão, sobre a questão; em âmbito social, cultural e político, apesar dos esforços do homem negro para com o seu lugar de fala.

Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, e indefinidamente aberta em que os outros respondessem à minha expectativa, e onde as verdades se levassem uma a uma; eu não não teria se não de me deixar levar, nela e por ela como um destroço feliz, (Foucault, 1970).

Ao inquirir o povo negro sobre o consenso paradoxal, no que diz respeito aos rumos sociais e político da capital mais negra da América Latina, é necessário um trabalho exaustivo no campo da antropológico cultural. Neste campo de discussão estão presentes os conceitos etnográficos e arqueológicos, folclóricos e linguísticos. Que se constitui para além da narrativa e descrição dos diversos povos.

As análises devem buscar a luz do direito, dialogar com os bairros pobres, sobretudo nos recônditos dos espaços urbanos, na busca por construir junto aos seus cidadãos, a cidadania, raízes que os possam libertar dos seus signos, o neoliberalismo político. Essa construção identitária pode nos dar resposta sobre tais fenômenos da anomia social e política, imposta na cidade de Salvador. Porque, mesmo com os grandes desempenhos intelectual e forte aptidão ⁶⁸artística, a população majoritariamente negra de Salvador e região metropolitana têm levado uma minoria branca ao poder durante várias décadas?.

A primeira capital do Brasil é também a que acumula demograficamente mais negros e

⁶⁸ Com sua luta pela reafirmação das raízes da cultura baiana, o bloco afro Olodum transcende o universo do carnaval e abriu terreno também para as artes cênicas. O Bando de Teatro Olodum, fundado em 1990, é um dos seus fortes braços no campo da resistência cultural. De certa forma, a trajetória do Bando, de Salvador, dialoga com a do Teatro Experimental do Negro (1944-1968), do Rio de Janeiro, do qual foram integrantes artistas como Abdias do Nascimento, Aguinaldo Camargo e Ruth de Souza. O repertório do Bando diz respeito ao seu povo e à realidade da capital baiana, sem perder de vista o caráter universal da arte. É um teatro indignado, mas que não abre mão da alegria. Foi assim em espetáculos como: *Essa é nossa praia* (1991) e *Bai bai Pelô* (1994), textos assinados pelo também encenador Márcio Meirelles, que integra o núcleo artístico com a diretora Chica Carelli, o coreógrafo Zebrinha e o diretor musical Jarbas Bittencourt. Que vem a culminar com o grande sucesso da crítica cultural afro diaspórica muito bem pontuada no filme *Ó Pai ó* em 2007. Pesquisa realizada em: 06/11/2024. Disponível em: [Bando de teatro Olodum - Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe](#).

pardos. Sendo que também carrega com sigilo inúmeros estigmas, dicotomias e adereços do paradigma do pouco evolucionismo humano, direcionado aos povos: negros e indígenas.

A cultura do povo Brasileiro, exorta-se ao auto posicionar negro, historicamente como cidadãos oriundos do conhecimento, que tem construído um caminho de destaque no mundo com o samba dentre outras vertentes culturais. Muito embora tenha nos dito, que somos uma população cuja forma embrionária foi escamoteada pelo dogmatismo português, temos o conceito de cultura singular em detrimento de outros povos. O povo da Bahia tem se afirmado filosoficamente como uma nação culturalmente étnica. Alicerçada sob a concepção cultural e africanamente voltada à sua cosmologia. Porém, passou a construir seus espaços entre as sobras do pão da oligarquia soteropolitana nos últimos 200 anos. Qualquer que seja o nível em que se atua, e por mais intrincado que seja, o princípio orientador é o mesmo: as sociedades, como as vidas, contêm suas próprias interpretações. É preciso apenas descobrir o acesso a elas (GEERTZ, 2008).

Na grande Salvador e região metropolitana, na qual compreende-se boa parte da população economicamente ativa, não são fundamentados nem absorvidos a cultura como um dos meios de ganhos para adesão das pessoas pobres dessa região. Assim como não há uma política de qualificação promovida pelo estado nestas periferias, que os estimulem em cadeias de produtividade, cultura e arte. Segundo dados de pesquisa, ao longo dos últimos 20 anos, o Estado tem feito grandes investimentos no aparato armamentista e humano, ações que implicam nas políticas de cárcere, distanciando o homem negro do anseio cultural. O que vem mantendo a população de forma coerciva em bairros como o Nordeste de Amaralina. A ciência da sociedade deveria se desenvolver, amadurecer e — de modo semelhante ao das ciências da natureza — revelar aos governantes, ao mundo da política, todas as leis que natural e invariavelmente regiam a organização da sociedade. Transferido ao domínio da política, esse conhecimento servirá como a cura para todos os males que afetavam o perfeito equilíbrio e harmonia sociais (Ferreira, 2009).

Vale ressaltar que a maior parte da população da cidade de Salvador, encontra-se exaurida e não tem se apropriado dos espaços estudantis: das escolas e ou universidades públicas. O que passa a dar a entender, que a essa população a essa camada social, pobre e negra, são reservados os becos ou vielas da cooptação ao crime ou

à violência urbana. Confinados aos compêndios dos meios urbanos, saindo no dia a dia em busca do pão, deixam para trás os sonhos que são consumidos pelas camadas mais abastadas da população das grandes metrópoles. As facetas da situação humana do antigo agente do trabalho escravo imprimiram à abolição o caráter de uma espoliação extrema e cruel. Ela se converteu, como assevera Rui Barbosa dez anos depois, numa ironia atroz. Concretiza-se de modo funesto, imprevisto e em escala coletiva, o vaticínio de Luiz Gama, ao traduzir aos anseios de liberdade de certo cativo: falta-lhe a liberdade de ser feliz, onde e como queira, (Fernandez, 1964).

Segundo o último censo do IBGE⁶⁹ realizado em 2022, a cidade de Salvador foi formalmente recenseada na ordem de aproximadamente 2,5 dois milhões e meio de habitantes. Destes quantitativo, mais 700 milhões de baianos foram declarados negros, além da população de pardos e índios. Para além desse conceito diaspórico de subdivisão que acabamos de transcrever a cima, a que são submetidos os homens e mulheres negros/a, busco realocar através desses pensadores sociais citados no corpo da dissertação, alguma lógica ao ressignificar velhos paradigmas dessa problemática social na Bahia.

No entanto, a uma promove-se na contrapartida cultural, através da concepção dos signos nos espaços urbanos, a introdução da arte, religiosidade e cultura negra vem se traduzindo em ferramenta de afirmação sociocultural. De acordo com o texto de Basilele Malomalo, os caminhos que foram difundidos na nossa ancestralidade Kemética, através da concepção compreensão social e humanística do povo ao redor do mundo.

Entretanto, apesar de todas tentativas de extinção cultural e política do homem negro na cidade de Salvador, os laços de ancestralidade ainda se constitui emoldurados por esse conceito de africanidade. A anterioridade apresenta a ideia de precedência histórica e a ancestralidade traduz a ideia de uma ontologia processual, dinâmica e multiforme, que se originou na antiguidade, está presente na contemporaneidade africana e passa por mudanças, (Malomalo, 2021, apud, ELA, 2013).

Embora nesses espaços são imputados a ao homem negro na concepção de nocivos, a arte e a cultura promovendo-se um amplo processo higienização humana, através da ação política repressiva neoliberalista em pleno século XXI. Os espaços sociais em que o homem

⁶⁹ Sobre os dados da população da cidade do Salvador, ver os números divulgados pelo IBGE, a cidade de Salvador sofreu uma variação populacional negativa de -9,6% em relação à última década. No censo de 2010, a cidade contava com 2.675.656 habitantes, o que indica uma redução de aproximadamente 257.651 pessoas em 12 anos. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/salvador/pesquisa/23/25888> > Pesquisa realizada em: 15/11/2024

negro se propõe a ocupar, a muito tempo estão sendo direcionados a outros corpos e em outras dimensões: sociais, culturais e políticas.

O que faz desses homens e mulheres, errantes em seu próprio território de fala, comungados quase sempre com a lógica da “deformidade” dos seus corpos. Os corpos negros ainda são velipendiados pelo princípio da ordem pública em seus espaços, ao analisarmos sobre o prisma da divisão imposta sob a lógica do discurso. São vitimizados nas relações sociais e raciais de proposição a construções de perspectivas em que, homens e mulheres negros/a sejam impedidos de avançar para além da sentença da subalternidade.

Para tanto, apesar dos grandes avanços na cadeia da democratização dos espaços, a cidade de Salvador se tornou um espaço demograficamente turístico. Onde seus cidadãos periféricos, moradores dos bairros pobres, estariam distantes dessa concepção de convívio social. Na qual são impedidos de usufruir dos espaços que a cidade oferece, vitimados pela higienização social.

Com efeito, à ordem pública são atribuídos os valores extraídos de um consenso social e jurídico de um determinado ordenamento, flexíveis às eventuais mutações históricas e relacionados aos sentimentos de juridicidade, justiça e moralidade, motivados especialmente pelos direitos e garantias fundamentais, cuja inobservância gera um vício capaz de tornar ilegítimo o ato jurídico ou jurisdicional,(2014, Apud, Xavier, 2017).

Os espaços políticos conquistados nas universidades públicas, a duras penas por homens e mulheres negros e negras no Brasil em 2003, é parate integrante e propositiva consolidada ao paradigma da necessidade de avançar. De acordo com a filosofia política de Franz Fanon, o hemem negro precisa continuar questionando sobre seus destinos social e político como membro co partícipe da sociedade em que vive, sob pena de torna-se parte do problema que dela emana. Todo povo colonizado — isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural — toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará da sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negridão, seu manto, mais branco será (Fanon, 1952).

Segundo dados da Folha de São Paulo, publicados em dezembro de 2022, a capital mais negra do Brasil, a cidade de Salvador-Bahia, nunca possuiu representatividade política majoritária, embora venha sustentando a décadas o título de capital mais negra do país. São vários os fenômenos que passam a descrever sobre as discrepâncias dentro de uma discussão,

social, econômica e política, na qual envolvem classes dominantes, historicidade e colonialidade. O racismo é processo político. Político porque, como processo sistêmico de discriminação que influencia a organização da sociedade, depende de poder político; caso contrário seria inviável a discriminação sistemática de grupos sociais inteiros. Por isso, é absolutamente sem sentido a ideia de racismo reverso.

O racismo reverso seria uma espécie de “racismo ao contrário”, ou seja, um racismo das minorias dirigido às majorias (Almeida, 2019). Esse apontamento sobre a ausência de homens e mulheres negros na direção dos destinos políticos de uma metrópole como Salvador é bastante desolador para entidades tais como o Movimento Negro Unificado na Bahia, que tem buscado avanços na política nos últimos 45 anos.

Apesar de que é preciso salientar que esse conceito que tem sido salientado pelas mídias vem sendo voltado ao especificismo de classe política neolítica, através dos resquícios do colonialismo. Efeito político esse que vem nos chamando atenção para as respostas sobre diversos paradigmas, sobretudo voltados ao tamanho da estrutura do racismo na Bahia. Nessa encruzilhada institucional, enrustado ao estruturalismo neoliberal, o carcere vem se fazendo presente na ocupação dos espaços governamentais, na sua grande maioria por sujeitos negros. Esse tem sido um dos principais aspectos, diria dos mais importantes do discurso colonial e sua dependência do conceito de “fixidez” na construção ideológica da alteridade. A fixidez, como signo da diferença cultural! história/racial no discurso do colonialismo, e um modo de representação paradoxal: conota rigidez e ordem imutável como também desordem, degeneração e repetição demoníaca (Bhabha, 1998).

2.1.9.1. O compromisso com o Orixá após a feitura

Assim como tantas meninas daquela época, o trabalho de ganhos nas casas dos brancos, como assim são chamados aqui na Bahia, são denominações oriundas deste recôncavo, que tem sua filosofia de vida codificada ainda que popularmente, através dos resquícios do colonialismo. Neste aporte sociológico, são priorizadas as divisões de classe, entre os brancos, trabalhadores serviçais e a “Elite dominante” que devem sobressair-se na demarcação dos espaços urbanos de poder na Bahia. Contudo, ao ser encorajada pelo seu orixá, ela parte do aconchego dos seus familiares em seu convívio na zona rural, e sai em busca de ganhos em Salvador, na cidade grande. O ofício de doméstica foi durante muitos anos, uma extensão das casas grandes do período colonial, na “casa do branco”, onde passam os dias e noites trancafiadas, sendo obrigadas a lavar, passar e cozinhar em troca de alguns

tostões. Ela me contou que trabalhava o ano inteiro e só tinha folgas nas festas das suas obrigações de santo, que aconteciam de ano em ano, retornado ao seu município trazida pelo seus patrões.

Aos 17 anos de idade regressa da capital baiana para São Francisco do Conde para sua obrigação de confirmação como sacerdotisa, agora com status de mãe Delza de Nana, onde no seu barracão, “Terreiro Kassim Congo”, passa a situar-se como mãe de santo confirmada.

A cidade de Salvador foi demarcada por duros processos de escravização na sua historicidade no passado, apesar de ainda vicejar resquícios coloniais no seu entorno. Pessoas que sobrevivem ainda refletem-se nas divisões sociais, subsidiando-se ao clamor do aedo, no intuito de sobrevivência nessa sociedade colonial. Para tanto, isso tem tido reflexos significativos na contemporaneidade, sobretudo nas precariedades⁷⁰ de suas moradias para famílias de baixa renda ao longo de décadas. Segundo dados dos especialistas em direitos internacionais, o Brasil possui uma dívida de reparação históricas com as populações diaspóricas. Essas lacunas sociais tem reverberado em diversos núcleos de narrativas epistemológicas, que vêm sendo conduzidas pelas fronteiras limites, entre os conceitos: de cidadãos, cidadania e sociedade. Nesta perspectiva, busca-se respostas na construção de uma política que dialogue sobre prazos previsíveis para essas populações de comunidades, no que tange a empregabilidade, direitos e moradias.

3.7 2.3. CORPOS NEGROS - OS DESAFIOS IMPOSTOS A ACESTRALIDADE NEGRA EM SALVADOR

9. 2.3.1. A concepção do negro na formação, social, econômica de salvador

Como fatores sociais, que emergem do colonialismo, ainda produzem mazelas postas pelo estruturalismo na Bahia, assim como suas amálgamas nas políticas que passaram a

⁷⁰ O conceito de moradia, filosoficamente, envolve vários aspectos, como a proteção, a segurança, o conforto, a estabilidade e a dignidade. Caminhos que estariam muito aquém dos direitos básicos que são ceifados das populações de baixa renda na cidade de Salvador, com 2.6 milhões de habitantes. Os desafios e enfrentamentos aos direitos ainda perduram nesses espaços. **Observação:** “As areias que alicerçam a comunidade do Pé Preto, se assemelham às areias das dunas da lagoa do Abaeté. Situado na parte sul, próximo ao parque da cidade, a localidade do Pé Preto faz parte de um antigo bioma que fazia parte da geografia natural do bairro Nordeste de Amaralina ainda em meados do século XX”. A denominação Pé Preto é dada tendo em vista a também semelhança com as areias da lagoa do Abaeté, na qual todos os que nela pisam, passam a ficar com as solas dos pés escuros.

situar-se como dicotomia espacial em Salvador ao longo de décadas. As correntes sociais e políticas, são fragmentos funcionais das divisões de raça e classe, que interligam-se sob a estirpe, e os paradigmas históricos de sociedades que ainda possuem nos seus traços governamentais a simbologia oligárquica. Os negros na Bahia aprenderam a resitir a toda e qualquer forma de negação social e política advinda do Estado, ao longo de décadas encorajados pelos seus ancestrais.

...Sou filho natural de uma negra, africana livre, da Costa Mina (Nagô de Nação), de nome Luiza Mahin, pagã, que sempre recusou o batismo e a doutrina cristã. Minha mãe era baixa de estatura, magra, bonita, a cor era de um preto retinto e sem lustro, tinha os dentes alvíssimos como a neve, era muito altiva, geniosa, insofrida e vingativa. Dava-se ao comércio — era quitandeira, muito laboriosa, e mais de uma vez, na Bahia, foi presa como suspeita de envolver-se em planos de insurreições de escravos, que não tiveram efeito. Era dotada de atividade. Em 1837, depois da Revolução do, o Dr. Sabino, na Bahia, veio ela ao Rio de Janeiro, e nunca mais voltou. Procurei-a em 1847, em 1856 e em 1861, na Corte, sem que a pudesse encontrar. Em 1862, soube, por uns pretos minas que conheciam-na e que deram sinais certos, que ela, acompanhada com malungos desordeiros, em uma "casa de dar fortuna", em 1838, fora posta em prisão; e que tanto ela como os seus companheiros desapareceram. Era opinião dos meus informantes que esses "amotinados" fossem mandados por fora pelo governo, que, nesse tempo, tratava rigorosamente os africanos livres, tidos como provocadores(Gama, ⁷¹1869).

Todavia, essa política de segregação e divisão dos espaços urbanos no Brasil, porém mais fortemente na Bahia, continua tornando-se contributos de alienação histórico e determinantes na psique do povo negro, em Salvador ao longo dos séculos. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído. Significa também, portanto, criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular (Gramsci, 1999). Ao utilizar o conceito de temporalidade filosófica, busco interpelar sob o condicionamento social e político em Salvador, e discutir sobre a realocação, (presença) desses mesmos paradigmas na Bahia do século XXI. Uma nação consubstanciada sobre a temporalidade da hostilidade, calcada pelo escravismo, e forjada na mesma problemática, teorizando-se destarte, sobretudo nas camadas(lares) mais pobres de Salvador . A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da

⁷¹ <https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Noticia/No-coracao-liberdade-cartas-exemplares-de-Luiz-Gama>

sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra.(Holanda, 1936).

As diversas formas de apagamento da população negra na Bahia, foram e têm sido constituídas a partir desse estruturalismo sutil, que reverbera as movimentações do apagamento da cultura do povo preto. Culminando na dissolução de práticas e de conhecimentos milenares dos reinos de África que aportaram na Bahia, a partir do meado do século XVII. Esse epistemicídio cultural e político, atravessa as fronteiras dos direitos humanos, civis e direito à vida. Uma população exaurida e dizimada pelo conceito de escravagismo, a que lhe foi coercitivamente atribuída ao longo do tempo. Legados ao próprio destino, quiçá gozaram da utopia postulada no idealismo dos seus irmãos, “*slavery europeus*” que sucumbiram à reforma agrária, como contrapartida reparatória pelos danos e violações sociais. O problema do ⁷²negro tem especificidade, particularidade e um nível de problemática muito mais profundo do que o trabalhador branco. Mas, por outro lado, está a ele ligado porque a não se poder resolver o problema do negro, a sua discriminação, o preconceito, o racismo contra ele, sem atentar-mos que esse racismo não é epifenômeno, mas tem causas, sociais, econômicas, históricas e ideológicas, que alimentam o seu dinamismo atual (Moura, 1988).

A violação dos valores da população negra no bairro Nordeste de Amaralina, a violência e o distanciamento social, promovido pela ausência de políticas públicas, se traduz num clamor pela preservação da vida.

A construção de um novo olhar social político, tem sido um dos desafios que são postos aos costumes, comportamento e filosofia de vida dos moradores do bairro. Nos últimos anos, isso vem divergindo com a política do estado, onde motivos pelos quais o pensamento intelectuais e pesquisadores soteropolitanos, descrevem tais paradigmas com centro das desigualdades e números da violência há muitas décadas. A busca pela construção de um novo paradigma, mais democrático e diverso, vem causando enfrentamentos e embates, em

⁷² A articulação do problema étnico com os social e político e que alguns grupos não estão entendendo, ou não procuram entender para se beneficiar de cargos burocráticos e espaços abertos, para membros de uma ínfima classe média branqueada. MOURA CLÓVIS— Editora Ática- SA, Rua Barão do Iguape 110 Edifício Telegráfico Bom Livro, São Paulo- SP. pesquisa realizada em: 18/11/ 2024.

meio a construção de paradigmas moldados sobre conceitos heterogêneos. Onde motivos pelos quais, continuam se sustentando na sociedade sotropolitana nas comunidades pobres como o Nordeste de Amaralina, a maioria da população é feita refém dos estereótipos oriundos da ancestralidade.

Entretanto, essa governabilidade precisa ressaltar em alto e bom tom, os valores advindos do povo negro ao longo dos séculos. Como vem se vociferando nesta narrativa a Bahia é compreendida como a 6 região fora do continente Africano, com toda sua memória posta na, religiosidade, gastronomia e filosofia de vida. Contributos advindos da expertise do homem negro, que lhes são legados e atribuídos desde o Egito antigo. Porém, os eixos que fomentam os contextos emblemáticos do racismo, continuam sendo encontrados nesta, assim como em outras pesquisas. São fragmentos políticos do colonialismo, que ainda perduram sob as ferramentas estruturais históricas tais como, os filtros raciais, romantizados pelo altruísmo maquiavélico, sistematizado pelo velho continente.

Através desse silogismo, essa sociedade vem negando os espaços de poder para o povo negro, e vem permeando-se na cristalização remota, reagrupando-se como estrutura manufatureira humana ao longo de décadas na capital da Bahia. Na Bahia dos setecentos, os espaços de poder eram consubstanciados por homens brancos que tinham seus destinos traçados pela sociedade europeia. Essa realidade se tornou profícua para eles, os homens oligarcas, que durante todo o período do extrativismo açucareiro traçaram os destinos da população escrava no Brasil e no mundo. Ao tentar compreender melhor a organização social de Salvador, seus conflitos e acomodações, dentro de uma problemática que, muitas vezes, desembocava em hipóteses de trabalho cujos pressupostos teóricos — como, por exemplo, a luta de classes, mesmo sem consciência de classe — podem trazer uma preciosa contribuição à historiografia (Mattoso, 1992).

A relevância socioeconômica de uma população, continua sendo relativizada a cultura e filosofia do plantio, colheita e extrativismo. Ao sugar todas as forças em prol de uma ação capitalista exacerbada, essa sociedade continua atribuindo a esses espaços de comunidades pobres, uma conduta de poder de uns sobre o outro. O fundamento sobre a tentativa utilizada nos processos de manipulação do povo como massa de manobra social e política, continuam os mesmos. Aquele que não possui escrita nem religiosidade reconhecida, não pode ser reconhecido como cidadão, e conseqüentemente não pode ocupar os espaços de poder. Salvador tem uma população que adoeceu, empobreceu, cultural e socialmente e quase se

exauriu. Entre a cidade de Salvador e o recôncavo baiano ao longo de 3 séculos de escravidão, essa população viveu por muito tempo de pequenos ganhos, e continua na contemporaneidade a mercê do coronelismo político. O fenômeno do “coronelismo” persiste, até mesmo com reflexo de uma situação de distribuição de renda em que a condição econômica dos proletários mal chega a distinguir-se da miséria. O desamparo em que vive o cidadão, privado de todos os direitos e de todas as garantias, concorre para a continuação do “coronel”, arvorado em protetor ou defensor natural de um homem sem direitos (Leal, 2012).

Quais cepções esse contexto é historicizado, sobretudo pelo conceito de “liminaridade”, ao qual abrange diversos outros conceitos, tais como; cosmologia e cosmogonia na interface, entre o homem negro, à sua ancestralidade, religiosidade e os elementos da natureza, no qual simbolicamente constitui-se em laços que os uniam pelos seus ideais. Na madrugada de 25 de janeiro de 1835, um domingo, aconteceu em Salvador a revolta de escravos africanos. O movimento de 1835 é conhecido como Revolta dos Malês, por serem assim chamados os negros muçulmanos que o organizaram. A expressão malê vem de imalê, que na língua iorubá significa muçulmano. Portanto os malês eram especificamente os muçulmanos de língua iorubá, conhecidos como nagôs na Bahia. Outros grupos, até mais islamizados como os haussás, também participaram, porém contribuindo com muito menor número de rebeldes (Reis, 2003)

No que tange aos espectros de negação a essa filosofia de magnanimidade e construção de saberes, o conceito de sociedade no Brasil sempre esteve entre dois pólos de interpretação social. Embora a partir do século XVI, segundo Spinola, 1987, a concepção dos povos originários esteja profícua a uma neologia social e política, sustentada na construção de sujeitos que não podem expressar a sua subjetividade coletiva. Seu conceptismo, aliado ao empirismo ontológico, vem sendo orquestrado e institucionalizado, na Bahia e no Brasil, na busca por incorporar aos saberes e expertise do tronco africano, com base em conhecimentos milenares. Saberes e conhecimentos que foram-lhes aviltados, de sua “alteridade e africanidade”, sobretudo aos seus valores étnico e socioculturais. Ao deixar no qual vem impactando perspectiva de vida dos seus cidadãos negros, ao longo das cinco últimas décadas. “Atenta-se a esses e outros questionamentos, aos dados correspondentes a quase um terço da data em que foi abolida a escravidão no Brasil, mediante as projeções na ocupação dos espaços pela população negra na sociedade baiana”. Contudo, interpela-se ainda, sobre quais os mecanismos de reconstrução dessa natureza contributiva diaspórica na contemporaneidade?. O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está

fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um "Outro" e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora (Hall, 2003).

Nos últimos 70 anos, a Bahia alcançou um elevado grau de notoriedade, com base no desenvolvimento econômico, que vem sendo alavancado pela cadeia industrial, a exemplo da Petrobras⁷³, com o primeiro poço de petróleo descoberto no bairro do Lobato em Salvador na década de 1950. Além da implantação do Polo Petroquímico de Camaçari na década de 70. Com base nesses indicadores de promoção da riqueza do produto interno bruto do estado, a Bahia, vem sistematizando uma notável rentabilidade e reconhecimento tecnológico no Brasil, assim como no exterior.

Entretanto, fica visível para diversos pesquisadores que estudam as desigualdades sociais, tendo como filtro a concepção de raça e classe social. Esses questionamentos, têm desenvolvido análise das dicotomias que tendenciam nas grandes cidades, nos quais atenta-se para questões que implicam sobre as concepções de igualdade de oportunidade. Embora os bons fluidos econômicos tenham ajudado a impactar a imagem promissora do estado nos primeiros 30 anos, da primeira metade do século XX, pesquisadores conseguem enxergar sobre os dados dessa mesma precariedade na capital Salvador-Bahia. São lacunas sociais que ainda persistem nas fomentações das políticas de empregabilidade ao longo da contemporaneidade. Os filtros raciais e sociais, consubstanciado a um velho conceito de determinismo urbano, nos faz refletir sobre esses corpos as conexões de espacialidade a que estariam submetidos seus cidadãos negros/as. O direito de ir e vir não é facultado à maioria dos cidadãos, numa cidade que se constituiu a partir das memórias da sua ancestralidade. O que corresponde à lógica do elo perdido, ou seja da não existência desses corpos negros, ou da grande parcela da população afro diaspórica de Salvador.

Nesse intento, pesquisas apontam também para os baixos percentuais de negros/negras que estariam logrados nesses organismos público ou privados. De acordo com matéria do jornal A ⁷⁴Tarde do dia 21/11/2023, Salvador corresponde às piores perspectivas de empregabilidade entre as 27 capitais. Embora constituam 80,2% da população do estado em

⁷³ A Refinaria de Mataripe, futura Landulpho Alves, construída na Bahia para processar preferencialmente o petróleo de Lobato, no Recôncavo Baiano, onde pela primeira vez foi descoberto e extraído petróleo no Brasil em 1939. Sobre sua fundação, veja A história da Petrobrás / José Augusto Ribeiro. –Rio de Janeiro : AEPET, 2023. 280p. il. ; 21 cm. ISBN 978-85-65187-01-5

⁷⁴ Sobre os dados do mercado de trabalho em Salvador, veja o Jornal A Tarde on line. Disponível em:"<https://cdn.atarde.com.br/img/TTS/1240000/> Trabalhador-negro-em-Salvador-ganha-54-menos. Pesquisa realizada em:12/07/2024.

idade de trabalhar, os negros correspondem a 86,2% dos desocupados, contra 12,7% entre pessoas brancas. Em Salvador, onde 80,8% dos habitantes são pretos e pardos, o índice atinge 92,2% do público, frente a 7,4% de não negros (brancos, amarelos, indígenas). Os dados são do segundo trimestre de 2023 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e integram relatório divulgado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (Dieese), intitulado as dificuldades da população negra no mercado de trabalho.

Os bairros pobres tais como o Nordeste de Amaralina, são tão populoso quanto expõe um significativo conceito de estigmatismo diaspórico dentre os seus cidadãos em diversos segmentos. A escravidão sempre foi um fator que orbitou sobre as pilares da degradação social, vilipendiados pela sociedade em suas variadas épocas. Podendo-se ressaltar que a escravidão não se dá pela sua existência não se dá puramente por uma questão econômica, mas por religiosas, sociais entre outras. Vê-se assim, que a escravidão permeia diversos âmbitos da sociedade e ao longo da história da humanidade esteve enraizada na formação dos estados desde sua origem primitiva até o modelo da atualidade.(ano Apud. Estevão, 2019, p. 1).

Entretanto, é preciso ressaltar a proposição de pesquisa, têm apontado como fator em específico, esse público, “ bairros pobres, populações que vivem em estado de vulnerabilidade social”. Assim como o estudo aponta lacunas nas políticas públicas no bairro Nordeste de Amaralina, estas pessoas estariam situadas na mesma problemática, em outros bairros pobres das capitais do país”. Seus divisores de águas além do cárcere privado e cooptação ao tráfico de drogas, têm sido os estereótipos que lhes são adjetivados, tendo como objetivos mantê-los na zona de fronteira. Segundo os estudiosos já citados, é teoricamente inovador e politicamente crucial, que se fundamente a necessidade de pensar para além das narrativas de subjetividades originárias. Vale ressaltar, que já existem elementos epistemológicos principiados a desde a contemporaneidade. Entretanto, no tocante ao homem negro em sociedade, sua participação tímida na política da Bahia, ainda os coloca em fronteira permanente. Estudos já citados por essa pesquisa, apontam que se faz necessário focalizar aqueles momentos ou processos em que são produzidos na articulação de diferenças culturais e buscar promover uma nova cosmovisão, social e política na quebra de paradigma. Esses "entre lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (Bhabha, 1998).

Diversos contextos epistemológicos tem enveredado pelas mesmas incógnita: como esses cidadãos negros tem se firmado na ocupação dos espaços nas sociedades mundo a fora ao longo de décadas; e como são implementadas as divisões de classe nessas sociedades?. Na Bahia o povo negros não são vistos nos departamentos públicos do centro da capital, o que pode indicar fatores tais como, a baixa ⁷⁵escolarização no ensino médio e superior, entre essa população mais vulnerável. Porém, esses fatores podem estar também relacionados a uma instrumentalização dos estereótipos diaspóricos que os perseguem desde sempre. Por ser uma negação sistematizada do outro, uma decisão furiosa de recusar ao outro qualquer atributo de humanidade, o colonialismo compele o povo dominado é de se interrogar constantemente: "Quem sou eu na realidade? (Fanon, 1961).

Todavia, os estudos acima citados, partilham desse contexto de desigualdades permanentes, incrustadas na Bahia, durante a sua contemporaneidade. Algo que tem tornado-se crescente e duradouro, conforme os percentuais do último IDH.

De acordo com jurista sociólogos e ativistas dos movimentos sociais que atuam concomitantemente pela causa do homem negro, na Bahia e no Brasil, o Estado possui uma dívida incomensurável com a população que alavancou as riquezas desse país.

Essa constatação se faz unanime nos movimento sociais e Movimento Negro e demais instituições que buscam os direitos ao empoderamento social, além da igualdade de oportunidades entre os homens, desigualdades um pouco atenuadas após instituição da constitucional, leis 10.639/003 e 11.645/008. Porém, o Estado brasileiro vem condicionando o homem pobre e negro as condições precárias, situando o homem negro ao grau de ser insipientes mediante aos demais. Ao longo dos anos, o conceito de heterogeneidade social vem se estabelecendo na Bahia, sendo ele imperativo categórico para identificar o estado colonizador nas divisões sistêmicas das grandes capitais, tais como Salvador.

Salvador é a capital que não concebe a “o outro” os valores identitários postos nos signos e sobretudo no direito de ir e vir nos espaços urbanos. Uma cidade com os traços visivelmente africano, e que têm em seus vários registros filosóficos e comportamentais, o

⁷⁵ Na Bahia, em 2022, a proporção de pessoas com Ensino Superior completo seguiu bem maior entre as mulheres (14,3%) do que entre os homens (8,7%) e entre as pessoas de cor branca (16,3%) do que entre as de cor preta ou parda (10,9%). Dados disponíveis em : [rl="https://www.jornalfolhadoestado.com/educacao](https://www.jornalfolhadoestado.com/educacao) . Pesquisa realizada em: 10/07/2024.

tronco africano fincado na sua arte, cultura e religiosidade. Dessa forma pergunta-se, qual Bahia poderemos apresentar aos que mundialmente nos visitam, se não somos representados pelo Estado?. Nessa perspectiva, diversos fatores institucionais incrustam e têm buscado atenuar questões sociais e políticas, que passaram a reverberar o racismo, sobretudo no forte embate no que tange à cor e classe social. Esse tem sido o cenário de visões contemporâneas que ainda são postas em evidência na sociedade baiana, na árdua caminhada do homem negro por espaços.

De acordo com o Sociólogo Pierre Bourdieu, (1989) – o que faz o poder da palavra dar palavra de ordem, poder de manter a ordem ou de subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja a produção não é de competência da palavra. Entretanto, vemos que os vetores por onde passam os corredores das políticas de divisões geográficas na Bahia, estão ligados aos discursos de supremacia e poder. A representação sistemática do Estado nos lugares de memórias e signos da diáspora africana em Salvador, se tornaram refúgios de cárcere para homens e mulheres, negros/as.

Esses espaços(bairros pobres de salvador) passaram a ser estigmatizados e vistos pelo estado como espaços nocivos à sociedade. Alguns bairros de salvador, tais como o Nordeste de Amaralina, possuem uma grande valorização cultural e histórica na sua trajetória de fundação. Por terem agregado inúmeros valores culturais e ancestrais, essas localidades buscam junto à sociedade o direito de ir e vir. Porém, os resultados persistem na contra mão dos direitos dos cidadãos negros/as no acesso pleno à cidade. Além de lhes serem negados os espaços existentes na capital, instrumentalizam políticas públicas que passam a intervir ao cercear sua locomoção, passando a aplicar os punhos da lei, sempre que houver reivindicação dos espaços públicos, procrastinando o livre arbítrio posto no direito constitucional de ir e vir previsto no artigo 5º.

Levar à consciência os mecanismos que tomam a vida dolorosa, inviável até, não é neutralizá-las; explicar as contradições não é resolvê-las. Mas, por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem, que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta da infelicidade sob todas as suas formas (Bourdieu, 1993).

Já faz algum tempo que a capital baiana vem sendo palco de debates empíricos sobre sua população diaspórica e conseqüentemente suas contribuições, culturais, artísticas,

políticas e cognitivas. De acordo com a antropóloga, Manuela Carneiro da Cunha, a Bahia do início do século XIX, era permeada por homens negros de raro e estimados saberes. Populações negras de diversas matrizes étnicas, que foram trazidas de inúmeras partes do continente africano ao porto de Salvador. Ressalta-se ainda, segundo a autora, que esses homens tinham suas vidas voltadas às tradições, costumes e religiosidade muçulmana. Dessa forma, suas razões sociais e políticas estariam contidas numa filosofia na qual, aprenderam a organizar-se acumulando saberes organizacionais mútuos, valorizando o aprendizado em comum com seus pares. O que os fez expandir a religiosidade e a expertise nos campos agrícolas, por toda a região produtiva de mão de obra manufatureira do recôncavo da Bahia.

O Islã foi um dos raros mecanismos que transcenderam o que aparecia como uma pulverização étnica e conseguiram mobilizar grupos significativos de Nagôs provenientes das cidades inimigas entre si de, Tapas (como eram chamados os Nupes no Brasil, de Alças de Bornus, além de grupos menos representados na população escrava. É de se notar que essa religião tivera o mesmo efeito na África Ocidental: na guerra civil que cindiu o velho império de Yó Yó no início do século XIX. Tornando-se num bastião Islâmico, (Cunha, 1985, p. 26).

Entretanto, para conseguirmos entender na contemporaneidade, os acontecimentos sociais e político e todo esse contexto de dominação e negação dos valores cognitivos do outro na Bahia, é preciso permear sobre o terreno da historicidade social, política e comportamental, estruturada no imperativo categórico, que é instituído por portugueses e espanhóis no Brasil e em toda América Latina. Entre os séculos XVIII e XIX, segundo a historiografia açucareira no Brasil, a Bahia era responsável por 46% da produção nacional de açúcar, dentro do panorama mercantil da matéria prima exportada para a Europa. O que faziam destes negros de religiosidade Árabe, trabalhadores das diversas estruturas, (engenhos de açúcar), homens cruciais no fabrico do ouro branco. Além grandes pensadores sociais e políticos na busca pela igualdade entre os homens, na qual tinham como objetivo a emancipação do povo negro na Bahia e no Brasil.

O trabalho escravo seguiu como elemento doutrinário na conquista de novos lugares, desde o princípio do século XVI na Bahia. A partir de então, seguiu-se essa lógica, aliada aos mecanismos coercitivos, utilizados pelo ocidente para que populações de escravizados lhes pudesse proporcionar rentabilidade e riquezas a qualquer custo. O trabalho forçado, o capitalismo e as tradições e atitudes senhoriais ibéricas entrelaçam-se na formação de uma complexa estrutura social no Brasil, quase desde seus primórdios como colônia europeia, em 1500, até que se abolisse a escravidão em 1888 (foi a último país das américas a fazelo (Schwartz, 1985).

Para tanto, é de fundamental relevância e valor epistemológico, explicitar sobre o estreitamento dos laços diaspóricos e afetivos, que envolvem as concepções identitárias que vem se perdendo ao longo dos anos. A importância de revisitar a Bahia, descrita por Pierre Verger e⁷⁶ Roger Bastide, situa-se como um marco fiel das consolidações cultuadas nas diversas ligações com o continente Africano. É mister seu contexto antropológico, sobre o que de fato buscamos e precisamos ressaltar nesta pesquisa. Sobretudo no capítulo em curso, no que tange ao homem negro na sociedade baiana e sua luta e resistência por espaços identitário.

A solidariedade mística deriva da divisão do trabalho religioso. E é preciso acrescentar que a distinção célebre de Georges Gurvitch, entre comunidade e comunhão, esses dois graus de solidariedade, corresponde - em nossa categoria do tempo sagrado - aos momentos de mais baixa ou de mais intensa consagração. A comunidade se realiza na complementaridade dos gestos individuais; acompanha a continuidade dos dias da semana e é um efeito desta continuidade (Bastide, 1958, p. 133).

Esses valores e alianças historiográficas, a partir da concepção de africanidade e africanismo, são o recorte mais puro e fiel do berço ancestral que nos une como população negra da Bahia. Essa nação afrodiaspórica precisa se dar conta de que são oriundas deste contexto sagrado, de comunhão e reinos, e precisam estar em Alayé, Asé, em Olodum maré.

Os valores contidos nos espaços de destaque, dos quais não fazemos parte, não tratam-nos como cidadãos de fato e de direito. Nesta perspectiva absorta, atentam-se aos aspectos culturais, sociais e políticos, onde o Estado tem se voltado à negação de negros/as.

Ação estigmatizada que vem se configurando na capital da Bahia pelos resquícios do colonialismo na psique do homem negro, reverberando-se em mazelas sociais que os tem vitimados como principais alvos das dicotomias. As inúmeras influências de tais resquícios, podem ser vistas em diversos males causados à essa parcela da população, tais como: alienação, encefalite dentre outras doenças. Esse quadro doentio tem sido a causa de inúmeros homens e mulheres (muitos deles artistas), que vivem vagando pelos quatro cantos do centro da cidade a anos, ou vivem trancafiados em manicômios sem eira nem beira. A política de negação na ocupação dos espaços, instrumentalizada pela complexa estrutura de escravização

⁷⁶ Durante os vinte e sete anos que decorreram desde a redação de nossas primeiras obras, passamos quinze anos na África e só oito no Brasil e nas Antilhas em períodos alternados e interrompidos por quatro anos na Europa. Nossas pesquisas orientaram-se, exclusivamente, para os cultos dos nagôs (iorubas), aqueles que melhor se conservaram na Bahia, nosso local de residência no Brasil. Este novo livro será, pois, orientado no sentido oposto ao seguido anteriormente. Nosso ponto de partida estará situada na África, de onde partiremos para as Américas seguindo a diáspora dos iorubás. Fonte: https://www.google.com/url?client=internal-gse&cx=12566f05ba0be64f4&q=https://www.academia.edu/10814239/Verger_Os_Orixas Pesquisa realizada em: 15/02/2025

de um mesmo grupo por séculos a fio, tem vitimado a maioria da população e vem dividindo a Bahia, através desse sistema e mecanismo de dominação, que ainda persistem na contemporaneidade.

Através dos estudos de antropologia e etnicidade nas periferias de Salvador (Nordeste de Amaralina) serão aprofundados os conceitos de africanidade e africanismo na busca por encontrar resquícios desses laços em sociedade (Muçulmana, Nagô, Bantu e outros) e seus laços entre o recôncavo e a capital da Bahia. Reestruturações coletivas que são necessárias para poder entender essas dicotomias e seus fundamentos. Segundo a historiografia do bairro, algumas práticas e costumes foram implementadas na capital e conseqüentemente no bairro como cultura de resistência, culturalmente ensinada pelos seus antepassados vindos do recôncavo da Bahia. Destacam-se essas práticas da pesca coletiva e da agricultura familiar, fortemente presente no bairro na década de 50. Nesse diálogo com as fontes documentais, é que aflora o principal bordão que encabeça o recorte a ser pesquisado, (*Corpos Negros-Vidas Aprisionadas pela Diáspora*). Nessa concepção de homem diaspórico, há uma importância impar consubstanciada ao conceito de diáspora, que se fundamenta como base noutros teóricos, mais também nos elementos de oralidade, para que possamos emergir sobre lacunas documentais que possam surgir. que nos possibilitem elaborar uma reconexão com esses valores empíricos postos na historicização, edificada por esses sujeitos negros em diáspora.

A filosofia de vida posta no Nordeste de Amaralina, entre os seus cidadãos, os torna um coletivo de subjetividade conceitual e ancestral desses sujeitos, oriundos desse tronco Afro-Brasileiro. Nessa perspectiva de reivindicações através do empoderamento nos espaços na sociedade, estão para além do enfoque antropológico. A concepção ancestral vem traduzindo-se legitimamente em diversas pesquisas e análises no campo do entendimento contemporâneo pela ocupação dos espaços. O estudo da cultura, sistemas simbólicos e sentidos que preocupam à antropologia passa pelo estudo de termos fundamentais através dos quais as sociedades se veem, pensam e se situam no mundo. Por isso conceitos como família, parentesco, casa, grupo doméstico, por citar alguns deles, só fazem sentido ao darem conta das significações que carregam nas relações sociais dos seus portadores(Hitta, 2014).

Todavia, pairam nessa, assim como em outras narrativas de construção antropológica, o entendimento nas muitas sociedades que retratam em seus atos institucionais contextos contrários ao seu coletivo majoritário. Coletivo que historiciza as populações diaspóricas de cidades como Salvador, nos campo epistemológico, concepções identitárias que estariam

sendo legadas no bairro Nordeste de Amaralina, pelos seus ancestrais, no que tange ao conceito de africanidade e africanismo, na luta por espaços.

A cosmovisão neste trabalho científico, nos permite (pesquisadores e população dos bairros), avaliarmos, quem somos e quais caminhos devemos percorrer em diacronia com os signos. A não convergência a essa construção social, tende a inviabilizar a psiquê do homem negro. A quebra desses laços tem motivado debates sobre a condição do homem negro na bahia, motivos pelos quais, continua vivendo nos grilhões das fronteiras colonial das sociedades. Esse olhar criterioso dos etnógrafos, situa-se sobre as problemáticas que ainda reverberam em diversos contextos e análises, dos quais vem promovendo discussões étnico-racial nas comunidades pobres.

Nesse sentido, o movimento de agência e agentes e suas militâncias, passam a reescrever um novo capítulo no combate as desigualdades, valorizando por sua vez, todas as contribuições identitárias do povo negro africano, através da árvore genealógica. O objetivo nessa construção não são somente os valores cognitivos, evidenciados de forma intrínseca, à essa população. Mas, a necessidade do combate às práticas de racismo é objeto de estudo em saúde pública, por trazer consequências graves à toda população e não só a pessoas de cor. Em seus próprios territórios, comunidades ou lugares de fala e memória, negros/as seguem sendo cooptados por outras modalidade de racismo.

A análise antropológica que se propõe, é tão somente em despertar sobre essa problemática histórica e dicotômica do ponto de vista político social, o arquetipo instrumento colonial que vem conduzido através de filtros raciais os destinos, assim como as dimensões espaciais do povo negro da Bahia. Os impactos atribuídos a isso não foram somente negativos, mas também de proporções na trajetória cultural de vida coletiva. Segundo a historiografia que implica nos fenômenos que corresponde a diáspora africana, os Afro-Brasileiros, filhos e filhas de Reis e Rainhas negros e negras, foram cooptados e vitimados pela colonização portuguesa de maneira coercitiva, em quase todo continente africano.

Porém embora tamanha fossem as desumanidades do epistemicídio negro no continente africano, as aspirações do povo negro permanecem vivas; através do umbigo cultural, afetivo e religioso da África para com a Bahia e o Brasil.

Sua religiosidade e seus costumes comportamentais, bem como sua filosofia de vida

enobrecem muito a nossa raça. Conceito de afirmação social e política que tem se reintegrado ao longo dos anos, propagando a paz e a sabedoria dos seus cidadãos aos quatro cantos do Brasil e do mundo. Na afirmação da etnicidade filosófica do povo afro-brasileiro as comunidades como o Nordeste de Amaralina vem mantendo os valores das dinâmicas ancestrais, no que tange a promoção da arte e da cultura afro-diaspórica. De acordo com dados dos vetores midiáticos do bairro, reergue-se ali de antigas fazendas após falecimento do seus antigos colonos, uma comunidade perseverante. “Para compreender toda essa história, é necessário voltar às nossas origens e entender como o bairro foi fundado na primeira metade do século XX. De acordo com um estudo da Escola de Arquitetura da UFBA em 1974, aproximadamente 30% da população da Região Nordeste de Amaralina era oriunda do Recôncavo Baiano. A região se desenvolveu em quatro fazendas: Amaralina (antiga Fazenda Alagoas), Ubaranas, Pituba e Santa Cruz, originalmente pertencentes à sesmaria Ilha de Itaparica”.

Alguns conceitos, documentos e narrativas postos nessa pesquisa, estão apontados para melhor descrever a singularidade ancestral do estudo em questão

Imagem 8 - Foto de uma família em 1950, Nordeste de Amaralina.



Fonte: o que fazer na Bahia ⁷⁷ (2023).

Reportando-se aos dados da historiografia social e política, a cidade de Salvador por muito tempo, após a abolição da escravatura em 1888, continuou sendo uma cidade voltada para os ares da aristocracia e nobreza, dos quais foram atribuídas às riquezas por eles produzidas. Todavia, os status dessa nobreza e escravagismo ainda permanecem conciso e

⁷⁷ Link da imagem - Disponível em: <https://www.oquefazerna.com.br/noticias>, acessado em: 28 jul 2023.

reflexivos no dia a dia dos cidadãos soteropolitanos. Pois as antigas famílias abastadas, ricas e donas dos engenhos de açúcar, nos arredores do Recôncavo baiano, assim como dos latifúndios na capital, continuam demandando diretrizes que norteiam as políticas públicas no entorno da Bahia na contemporaneidade. Por sua vez, segundo historiadores, na Bahia do início do século XX, não haviam estruturas latifundiárias para que se pudesse pensar na construção de moradias para as populações negras, numerosamente extensas. “Em 1808 foi feito um censo de Salvador e 13 freguesias rurais pertencentes à comarca da Bahia (o que excluía Cachoeira, Santo Amaro e o Sul da então capitania) e o resultado foi o seguinte: 50451 brancos, 1463 índios, 104285 negros e mulatos livres ou alforriados, e 93115 escravos negros e mulatos”. “Havia então 156199 pessoas livres (62,7%) e 93115 escravos (37,3%) numa população total de 249314. Os brancos apareciam como 20,2 por cento, e a maioria dos habitantes, os negro-mestiços livres e alforriados, eram 41,8 por cento (Reis, 1986)”. Essas pessoas viviam de pequenos ganhos, sendo na sua grande maioria aventureiros de pequenos ou grandes sonhos, sobretudo da utopia lograda a alforria que os pudessem tornar livres.

Segundo Kátia Mattoso, 90 por cento da população livre de Salvador no século XIX viviam “no limiar da pobreza”. Não é exagero. Os arquivos policiais da época estão cheios de relatórios de juízes de paz e outras autoridades que se queixavam diariamente do número crescente de mendigos e desocupados que vagavam por suas freguesias, pessoas que já haviam ultrapassado o limiar da pobreza para serem absolutamente pobres. Dezenas dessas correspondências relatam a apreensão de crianças abandonadas pelos pais ou parentes pobres, muitas delas órfãs,(ano 2005 Apud, REIS, pág. 22 1986).

Esse contexto de miserabilidade não decorre tão somente pelo processo de escravização do homem negro. Mas, também por insurgir-se numa sociedade de homens que a governavam com mãos de ferro, e que almejavam em seu contexto de governabilidade, uma sociedade branca. Sendo o ato final da consumação dos seus anseios, o epistemicídio negro, onde parte desse desejo, era vicejar ao longo das décadas e séculos na Bahia. O cárcere e a supressão de homens e mulheres foi algumas das mais cruéis investidas do colonialismo em Salvador, sobretudo após o levante de 1835.

O senhor Bernardo Ibrahim Antônio .

Preso sob acusação delito- participação do levante de 1835, Sua etnia-Malês Local do julgamento-Freguesia do Pilar, Salvador- distrito comarca do Pilar.

O ano do nascimento de nosso senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e trinta e seis, aos trinta dias do mês de Abril nesta comarca citada localidade, nossa cidade de Salvador Bahia de todos os santos e o primeiro distrito da freguesia do pilar, em cartório outorga a acusação.

Resultamos dos documentos inscriptos que a africana Maria Angola está acompanhada da definição do artigo 1º da lei de 7 de novembro de 1831. Soma-se ao termos portugues, Bernardo Antônio por seu senhor não apresentar-nos visto titular aos cartórios, justificando contravenção continuada sem documento de Maria Africana. Denuncio a freguesia e que procedam o mesmo na forma da lei. Proceda-se às sesmarias da praça da sé, marco o dia 30 de abril às 10 horas da manhã e se faz a parte e consta em atas, pilar 29 de abril de 1836. Certifico o oficial de justiça deste juízo, (BR BA-APEB TJBA-INSESC-REMA-2848-19, pág. 04 de 142).

Os problemas relacionados ao racismo tornou-se paradigma cerne, tendo como mecanismo de controle urbano a higienização social, que não ficaria como implementação somente do governo da Bahia. O estado de Minas Gerais mais uma vez se tornava personagem de mais uma atrocidade que passaria alicerçar aos piores vilipêndios, os destinos de 60 mil inocentes. Algo que ficou na memória dos nossos antepassados na escravidão, mais que reescreve novas páginas e insistem em nos assolar ainda hoje, quase 200 anos após a corajosa revolta dos malês. Contexto político caracterizado como insurreição no qual se faz referência a situação de miséria vivida pela numerosa população negra acima citada.

De acordo com a autora Daniela Arbex, o Brasil deixaria sua maior contribuição racista cravada no início do século XX, a pouco mais de 100 anos, quando nós, “os corpos negros” ainda respirava-mos o ar de uma liberdade literalmente vigiada.

Desde o início do século XX, a falta de critério médico para as internações era rotina no lugar onde se padronizava tudo, inclusive os diagnósticos. Maria de Jesus, brasileira de apenas vinte e três anos, teve a Colônia como destino, em 1911, porque apresentava tristeza como sintoma. Assim como ela, a estimativa é que 70% dos atendidos não sofressem de doença mental. Apenas eram diferentes ou ameaçavam a ordem pública. Por isso, o Colônia tornou-se destino de desafetos, homossexuais, militantes políticos, mães solteiras, alcoolistas, mendigos, negros, pobres, pessoas sem documentos e todos os tipos de indesejados, inclusive os chamados insanos. A teoria eugenista, que sustentava a ideia de limpeza social, fortalecia o hospital e justificava seus abusos(Arbex, p. 150, 2013).

Imagem 9 - Foto Jornalística, Luís Alfredo, do presídio de Belo Horizonte -Minas Gerais.



Fonte: Jornal O jornal Cruzeiro Belo Horizonte-MG (2024)

É nessa divisão dos espaços, voltados à classe social, é que se faz necessário refletir. Sobretudo, no que tange a tamanha adversidade enfrentadas por homens e mulheres negros/as antes e durante a transição do pós-abolição tão: injusto, doloroso e desigual no Brasil. Muitos desses homens e mulheres, não puderam avançar sobre a pena do drama da alienação, problemas que culminou por lhes exaurir diante de tão grande a caminhada: tamanha dor, sofrimento e angústia. A escravidão no país precisa ser vista por todos nós como um objeto de análises que vai para além da compreensão humana. A humanidade deve se abdicar do conceito humanístico, mediante tão grave e perverso gesto de agressão física, ao aviltar desumanamente contra o seus semelhantes. A interpretação do negro em relação a alienação que culmina ao suicídio, foram fragmentos do Estado colonial. Suas ambições eram grande e duplamente justificadas pelo sentimento que possuía pelas suas qualidades intelectuais. Seu campo de inteligência viva e penetrante, pelo esforço do outro no afã de riquezas fazia da se elevar, mais e mais. No entanto, em se tratando dos homens negros, conforme o grau de sua colaboração se chocava com certos preconceitos, tanto mais dolorosos não se manifestaram abertamente, mais de uma forma sutil, mestiça e hipócrita. Muitos suicídios de mestiços são desenlaces de um grande drama interior (Fernandes, 1964).

O trabalho dos autores, sociólogos e antropólogos da primeira metade do século XX, servem de base para nortear a perspectiva de uma narrativa que possa fazer uma abordagem sobre os problemas sociais encontrados pela população negra, num estado nada democrático no passado pós-colonial e suas implicações na contemporaneidade. Os instrumentos estruturais do estado e sua ruptura orquestrada desde sempre, que se colocou contrária as

causas: sociais, econômicas e política do homem negro no Brasil. De acordo com as pesquisas realizadas exaustivamente por Roger Bastide e Florestan Fernandes, a interpretação do suicídio dos homens negros, os colocam porém, diante do interesse das causas da mortalidade repentina dos pesquisados, ao analisar a posição marginal do mulato, ansioso por se classificar e ascender na estrutura social, mais é continuamente barrado em seus intentos, conduzia as frustrações que explicariam suas tendências ao suicídio.

Todavia, sobre esse contexto, pressupõe-se que estamos descrevendo uma história de distopia no Brasil ao longo dos anos. Pois os paradigmas que nos cercam, bem como a ordem social e política, assim como estruturais permanecem como sempre foram. Contribuindo para marginalização dos grupos étnicos, nas ações intermediadas por políticas públicas colapsadas e disformes, nocivas ao cidadão negro/as. A concepção de enfermidade da psique não é mais tão somente o suicídio, mais também a cooptação pelo crime organizado e o Estado de necropolítica, que tem causado o epistemicídio negro na Bahia e no Brasil

Fundado na década de 50 por trabalhadores do porto de Salvador e pessoas negras, egressas da escravidão, o bairro Nordeste de Amaralina possui níveis economicista antagônicos ao trabalho formal. Segundo informações de moradores locais, assim como de pesquisas relacionadas ao bairro, a grande maioria da população vive por décadas na informalidade.

Em meados do século XIX, pesquisas indicam a área do patrimônio privado (engenho de cana de açúcar) localizado na região litorânea de Salvador, onde hoje se encontra o bairro Nordeste de Amaralina. Segundo Dias (2017) e Santos (2008), a fazenda Alagoas foi comprada por José Alves do Amaral, que a nomeou como Amaralina, dando origem ao nome do bairro do Nordeste de Amaralina.

Outro dado bastante relevante sobre o engenho de cana de açúcar construído no início do século XIX, é destacado por Brebion e Laelias (2005), onde destacam que a família Amaral detinha a propriedade da maioria das terras daquela área, que eram destinadas à produção agrícola. Tanto Brebion e Laelias como Dias afirmam que o Nordeste de Amaralina foi resultado de três formas de loteamento: os loteamentos legais, através da divisão do que restou das fazendas, a partir da liberação do Estado em 1932, na qual foram divididas em lotes menores pelos proprietários. Além dos loteamentos ilegais, que são aqueles que não levam em consideração as exigências da lei municipal, estadual e federal de uso e parcelamento do solo; e, das invasões em terrenos próximos a essas áreas. De acordo com Observa Ssa, os dados dos

infográficos presentes neste site, em 2010, o bairro Nordeste de Amaralina contava com uma população total de 21.887 habitantes, a maior parte se autodeclarou parda (49,13%) e preta (39,35%), do sexo feminino (54,02%) e se encontrava na faixa etária de 20 a 49 anos (52,25%). No que diz respeito aos domicílios, 6,33% dos responsáveis não eram alfabetizados e apesar de 36,6% estar na faixa de 0 a 1 salário mínimo, a renda média dos responsáveis por domicílio no bairro era de R\$1.530,00.

Nesse exato momento, assim como ocorreu em todo ano de 2022, a cidade de Salvador e região metropolitana, segue sendo alvos de críticas e perplexidade, cunhadas pela violência urbana nos mais diversos observatórios midiáticos do país. Seus indicadores de violência se situam nos acontecimentos violentos em ambos os “gêneros”. Sejam eles em âmbitos públicos ou privados, o ato de violação dos direitos civis na capital baiana vem galgando espaços preocupantes.

O estado da Bahia, vem agregando para si, o maior percentual de mortes violentas por 100 mil habitantes, jamais visto na sua história, segundo estudos voltados à criminalidade. Essa enxurrada de crimes violentos, segundo os órgão de segurança pública da Bahia, estariam ligadas ao tráfico de drogas e ao crime organizado. Contudo, denota-se também, que não houve por parte dos governantes desse estado, uma ação política de segurança pública na direção de reduzir tais impactos sociais.

O povo negro, que a muito tempo vem trabalhando com o seu suor, suportando os alicerces econômicos da nossa civilização e independência, não só dominava então, pelo número, a Brancos e Índios, como já preparava, pela dissolução no mestiçamento, o predomínio que lhe havia de caber um dia na direção do futuro povo. Nenhum título mais valioso pode produzir o direito de ser devidamente conhecido. Entretanto, nos dias que se seguiram no pós-abolição, vemos um completo contraste social voltado ao povo preto, capitaneado por uma política de amordaçamento ético, sobretudo nos bairros pobres de Salvador, onde são tipificadas as mais diversas formas de aprisionamento cultural, bem como o apagamento da própria raça negra e da pessoa negra, através do constante ato de violência.

Diante dessa problemática direcionada a um povo em específico, orquestrada e sistematizada pelo estado, perguntamos o que fazer? Sobre a ofensiva que se mantém, instituída na estrutura necropolítica que vem sendo deflagrada há décadas na Bahia. Conceituamos posicionados socialmente como reféns do estado que avilta na tentativa de coagir os cidadãos nas comunidades, como o Nordeste de Amaralina.

O estudo criminológico da Comissão Parlamentar do Inquérito (CPI) (BRASIL, 2009) do assassinato de jovens no Brasil, criada pelo senado da república, na qual teve como presidente da comissão o Snador “Lindiberg Farias”, traz nos seus estudos criminalísticos os seguintes dados: “53% das vítimas de assassinatos são jovens; destes, 77%, negros e 93% do sexo masculino”. Dessa forma dados como esses corroboram na contemporaneidade, que de fato há um mecanismo contínuo de cerceamento e apagamento do povo negro, assim como ocorreu em outrora. Nas palavras da autora, (Cunha, 2012. p.1) “Arrancado de sua terra de origem e permanentemente alheio à comunidade que dele se apropria, o escravo é um estrangeiro sem raízes, o senhor é a sua única mediação com a sociedade”. Todavia, importa lembrar que o Estado brasileiro, no curso de sua história, sempre tentou buscar na ciência e nas ações práticas de forças estatal, mecanismo de promoção do apagamento da diversidade racial, por meio de políticas de branqueamento na década de 30 durante o governo de Getúlio Vargas. No Brasil existem diversas formas de aprisionamento, que podem ser observadas a partir da instância em que uma minoria classista.

Os corpos estão todos postos em uma mesma sociedade democrática, porém essa mesma sociedade passa a não reconhecer seus cidadãos ao tipifica-los através de estereótipos, estigmas, ou manter em vigilância constante negro/as. Na Bahia de ontem assim como hoje, vivemos um momento de instabilidade social, amalgamada pela letalidade, tanto do poder paralelo, quanto advindas das estruturas de segurança do estado. Na maioria das análises epistemológicas, essas ações violentas vêm convergindo para enfatizar, sobre o estado de sítio em que vive a população civil da cidade do Salvador e (RM), com tantas mortes violentas. “Estamos vivendo no mais completo estado de abandono ”, declarou, L. Da Silva Capinan, morador do Nordeste de Amaralina, ex- presidiário, declara seu temor à violência no Bairro Nordeste, assim como o cerceamento vivido pelas pessoas, embora amparadas pelo direito de ir e vir. Esse tem sido o principal dilema vivido pela população, (sitiar ou exterminar), filosofia que infelizmente vem sendo implementada pelo Estado ao longo dos anos. Vale ressaltar que esse mesmo viés ideológico criminal, vem sendo aplicado pelo poder paralelo, na obstrução dos direitos das pessoas, na qual apesar de viverem nas suas residências, estão sempre sendo monitoradas fortemente em todos os bairros pobres de salvador.

Populações de bairros tais como o Nordeste de Amaralina, que vem sendo comandadas a mão de ferro pelo crime organizado, fortemente instalado na comunidade pesquisada. Na matéria do (G1 de 22/07/21), sobre dados da violência e segurança pública, há uma análise sobre a filosofia de ação tática do estado no combate à criminalidade na Bahia. Segundo o

veículo de comunicação, em reportagem ao observatório de segurança nacional, a instituição comenta que: "A nossa política de segurança pública não está baseada na lógica da preservação da vida, mas sim no confronto, ou no embate. Essa lógica é que tem causado um altíssimo índice de letalidade entre pessoas criminalizadas e os policiais. É um contexto político que não funciona para nenhuma das pontas". A análise é do coordenador da Rede de Observatórios da Segurança na Bahia, co-fundador da Iniciativa Negra por uma Nova Política sobre Drogas (INPAD) e historiador, Dudu Ribeiro.

As ferramentas jurídicas convergem constitucionalmente de forma imparcial e indivisível, porém, parecem estar em estado prescrito para alguns, ou culminam por sucumbir aos delitos de outros. Entretanto, estes últimos têm buscado razoabilidade à luz do direito propriamente dito, na tentativa de atenuar suas penas capital. As correntes historiográficas voltadas aos revés do racismo à pessoa de cor, fere o princípio do direito e da dignidade da pessoa humana, assim como demais princípios que rege na nossa constituição. A consequência de práticas de discriminação direta e indireta ao longo do tempo leva à estratificação social, um fenômeno intergeracional, em que o percurso de vida de todos os membros de um grupo social – o que inclui as chances de ascensão social, de reconhecimento e de sustento material – é afetado (Almeida, 2019). Essa postura tem reverberado num passado triste, possuindo ligação com as fortes correntes colonizadoras que pode ter provocado um enraizamento profundo do convívio de classes na Bahia, sejam elas: políticas, econômicas ou sociais.

Os moradores dos bairros pobres da capital baiana, têm buscado romper essa barreira da estigmatização dos seus pares. Embora, quando o assunto passa a envolver políticas comerciais, voltadas aos mercado de trabalho, bem como a convivência social plena, nem sempre são assuntos a serem discutidos pela mídia. Esses e outros desajustes racial não têm sido noticiados por tais veículos por tornarem-se corriqueiros na sociedade baiana, haja vista a forte segregação sofrida por esses grupos.

Contudo, nessa linha de análise sobre fatos relacionados ao racismo, percebe-se contextualizações que são estarrecedoras para o campo da visibilidade social em pleno século XXI. Existem situações sociais ligadas à divisão de classes que fogem a lógica da compreensão humana. No bairro do Nordeste de Amaralina foram seus moradores tentados a serem separados pelos seus vizinhos moradores dos condomínios de luxo, que ficam às margens do bairro. Embora seus moradores estejam ali desde o início da década de 1950,

tiveram que conviver com mais esse constrangimento social. Localizados em meio às residências nobres da capital baiana, em bairros como a Pituba, Itaipara e Brotas, o bairro é geograficamente extenso, estando consubstanciado aos demais bairros citados. Esse teria sido o divisor de águas que passou a ser alvo de discussões sobre a viabilidade da construção de uma barreira⁷⁸ (muro) que separa a comunidade dos arranha céus. O principal argumento dos moradores e das incorporadoras, donas de alguns dos imóveis residências, é a convivência com a vizinhança, (comunidade) que tem um alto índice de miséria e criminalidade.

Indicadores sócio econômico, que desfavorecem a localização dos imóveis, bem como a desvalorização imobiliária.

De acordo com órgãos que prezam pelo monitoramento da violência a nível nacional e regional, a população baiana estaria sob um derredor panorâmico, no qual seus grupos (étnicos) e cidadãos estariam vivendo num contexto de guerra civil declarada a muito tempo. Ações de denúncias a esta situação vem sendo postas, aos veículos e instituições internacionais dos direitos humanos, sobre denúncias de práticas de racismo, estrutural e institucional. As correntes continuam sendo postas sobre homens e mulheres negras na Bahia, o que remete essas pessoas ao conceito de estigmatismo cromático-diaspórico, pertinentes aos fragmentos letais do colonialismo. Durante o processo de escravidão no país, foram inseridas as práticas de exponencial dominação da psique do homem negro/a na Bahia e no Brasil. A casa grande agora são os arranha céus, ao passo que as senzalas se tornaram bairros periféricos nos engenhos dos grandes centros urbanos tais como Salvador. Ao ser constantemente vitimizada pelos reveses do racismo, da anomia social e outros paradigmas em que se instalou na cidade de Salvador, a maior parte da população, ou seja, a camada mais pobre pertencente a ela, acaba por viver sitiada, vitimizada pelos poderes dominante.

Todavia, através da aplicabilidade do conceito de interseccionalidade, que desstituem os cidadãos dos seus direitos, nos permite compreender melhor as desigualdades, bem como a sobreposição política em que está acometida essa camada social, ainda bastante vulnerável. Os entraves político-sociais, relacionados à divisão dos espaços urbanos, têm sido formas de litígios violentos nos bairros pobres das grandes capitais, assim como na Bahia. Algo que

⁷⁸ Sobre a situação de obras de reorganização social que envolve muro separando os moradores do bairro, ver matéria do IBahia, <https://www.ibahia.com/>O muro de concreto que separa o Parque da Cidade da comunidade do Alto da Santa Cruz, vizinha do Nordeste de Amaralina, vai cair por terra. Até o final do primeiro semestre de 2015, quando a Secretaria municipal da Cidade Sustentável (Secis) promete entregar o espaço revitalizado à população, a barreira que distancia os bairros da área de lazer dará lugar a um gradil, igual ao que será instalado na entrada principal, voltada para o Itaipara.

existe há bastante tempo em se tornando desafiador a compreensão da colonialidade dos paradigmas nas sociedades colonizadas. Essas ações de depreciação do outro de forma vil, covardes e vazias, tem causado perplexidade, sobretudo quanto às mortes de inocentes, pobres e negros, impulsionadas simplesmente pela incompatibilidade de cor e raça. Esse genocídio negro culmina por escrever um triste capítulo de derramamento sangue, numa dicotomia extrema, que vem pontuando diversos estudos na Bahia e no Brasil.

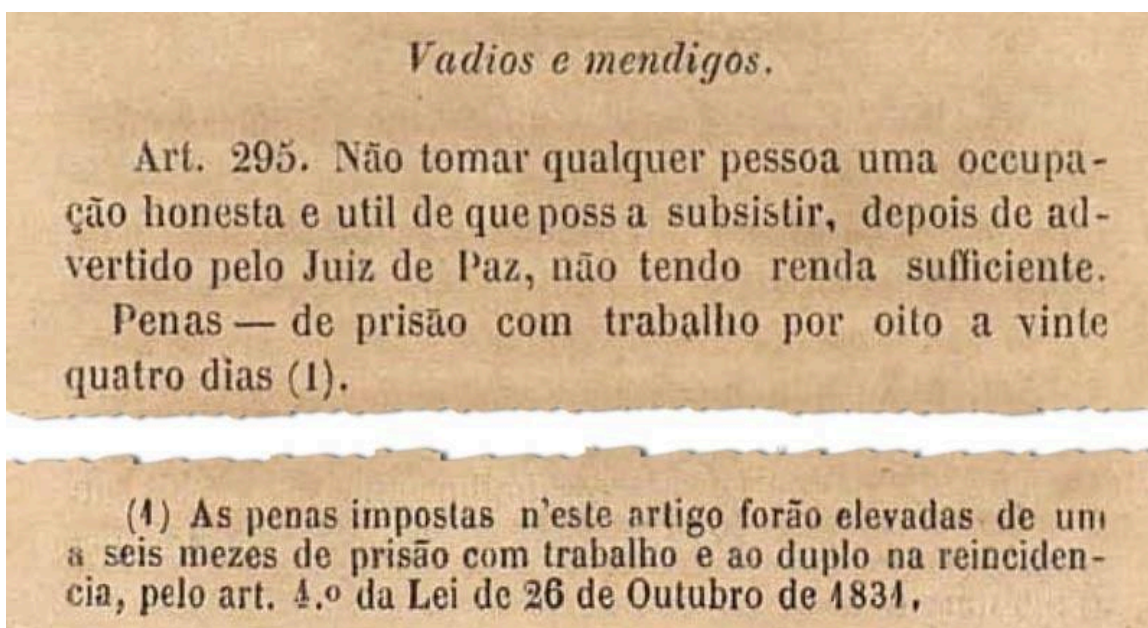
Pressupõe que a expressão máxima da soberania reside, em grande medida, no poder e na capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer. Por isso, matar ou deixar viver constituem os limites da soberania, seus atributos fundamentais. Exercitar a soberania é exercer controle sobre a mortalidade e definir a vida como a implantação e manifestação de poder, (Mbembe, 2015). O campo discursivo em questão não é à tentativa de explicitar temas tão atuais, mas a ordem do discurso longamente reproduzido sobre a cor da pele do ser humano numa tentativa de classificá-lo como objeto nocivo à sociedade. O questionamento é: vamos causar um novo epistemicídio simplesmente sobre a justificativa rasa do racismo, da feiura epidérmica cromática?. Já não somos mais julgados pela capacidade cognitiva, pois estamos promovendo epistemologias em alto e bom tom. Não somos mais confrontados como objetos vazios como a vários séculos atrás pelas populações aristocratas de Salvador. Segundo o autor Silvio⁷⁹ Almeida, o conceito estrutural de raça sempre esteve propenso a estabelecer classificações entre os seres humanos.

Diante da problemática, inquire-se ao Estado também, até quando o povo ficará refém desse contexto de racialização e dos mecanismos coercivos da segurança pública e poder paralelo?. O objeto de estudo de campo desta dissertação propõe discutir juntamente com autores e a pesquisa de campo, situações sociais de cunho racista que distanciam, apagam signos, e que comprometem a população mais pobre. O custo pela sobrevivência tem sido alto, pois a vida dessas pessoas tem se conceituado a um rótulo social, a conquista de direitos básicos, tais como: o acesso às vagas no mercado de trabalho, assim como a sair de casa para estudar. Sob o logos da dominação e demais fatores do capitalismo social, essa sociedade colonial converge os homens negros ao controle social na política de cárcere privado. Passando a implementar na Bahia políticas de paradigmas e controle do colonialismo escravista, submetendo os indivíduos à propriedade do estado.

⁷⁹ Sobre as estruturas do conceito de raça e racismo no Brasil ver, Silvio de Almeida, A raça na história, pág 18, do livro Racismo Estrutural, a Pólen Livros, 9.610, de 19.2.1998. [ALMEIDA, S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6.](#)

As ações de controle social que visavam amordaçar o povo negro, ou pessoas de rua, assim como ocorreu nas casas de correção com trabalho e cadeia na Bahia de meados do século XIX, estão fixada no Brasil ainda hoje e foram consubstanciadas em meados do século XX na lei da vadiagem 1931, pelo então presidente Getúlio Vargas.

Imagem 4 - Código Criminal de 1830, no Império, traz vadiagem como crime (Biblioteca do Senado)



Fonte: Agência Senado (2024).

Atenta-se para um determinismo insular, onde são escolhidos os destinos de homens, negros/as ao transitarem em dias e horários específicos numa capital tão negra quanto Salvador. Sobre fatores como estes de totalidade do Estado, é preciso que haja uma análise profunda no que diz respeito à filosofia existente há décadas, não obstante na Bahia, mas no Estado brasileiro como um todo. Políticas de amordaçamento que afeta diretamente o homem negro, moradores dos bairros pobres de Salvador, sobre cujo efeito danoso do estigmatismo em diáspora se propagou por toda nação. Sobre esse contingenciamento pairam hostilidades e letalidades aos homens, negros/as da cidade de Salvador mesmo com o rufro dos seus tambores que vem ecoando mundo afora, elevando cultural e filosoficamente o estado brasileiro. Em contrapartida, o que temos visto nas mídias sociais, não são as participações de Paul Simon, Michael Jackson, dentre tantos outros que agregaram valores incomensuráveis a o povo baiano em seu coletivo, sob a força dos seus signos. Porém, o que temos visto, são ações violentas para com esse mesmo povo que se tornou nas últimas 4 décadas, vitrine cultural do mundo com o bloco Olodum e Ilê Aiyê e tantas outras

manifestações culturais.

A violência sim tem tido lugar de destaque, e vem sendo citadas em diversos contextos e narrativas, nas mais diferentes pesquisas epistêmicas; antropológico, sociológico e étnico, na busca por entender sobretudo a dicotomia que atinge os sujeitos em “questão”. A epistemologia do racismo e da violência nos últimos dez anos. “De acordo com o trabalho de Reis 2010, sua pesquisa aponta para a violência policial como um dos principais condicionantes, ou certamente “ o cerne do epistemicídio negro” na Bahia. Pautando detalhadamente um grave precedente em seu estudo, onde a autora descreve sobre uma das várias chacinas ocorridas na Bahia, tendo como protagonista agentes públicos. A narrativa passa a delinear com detalhes, a partir de familiares das vítimas, legitimando no bojo da ação delituosa, o tamanho envolvimento de policiais como executores da cena do crime.

Diante de tamanha hostilidade e um futuro incerto que o cerca, o homem negro na Bahia atravessa sua jornada (vida por um fio); vivendo na sua grande maioria, cerca de 900,000 mil pessoas negros /as, segundo último senso do IBGE quase todas, vivem as margens da sociedade. Os bairros pobres como o Nordeste de Amaralina, dentre outros na capital baiana, continuam sendo protagonistas da principal estrutura governamental que culmina no cerne das desigualdades “corrente do casulo racista”, no qual têm problematizado a guerra urbana nas comunidades pobres de Salvador. Condenado a aprendizagem para toda vida, a flexibilidade, ao reino do curto prazo, abraça a sua condição de sujeito solúvel e descartável, para responder a injunção que lhe é feita- torna-se o outro, (Mbembe, 2014).

Ações como essas vem situando e tipificando-se em crimes e teorias comportamentais que vêm se reproduzindo ano após ano. Pois o povo negro já não mais se situam na gênese de propensão de direitos mínimos de defesa contra a violência instituída pelo estado da Bahia. Outras teorias poderão ser trazidas para explicitar sobre o paradigma colonial pairou na Bahia, e que se infiltrou politicamente e vem promovendo a supressão das populações pobres também no Brasil e ao redor do mundo, sobretudo nas nações que foram colonizadas.

Entretanto, o povo negro tem buscado na fé um refúgio pra tantas mazelas historicamente sofrida ao longo de séculos. O lugar de fala também tornou-se um espaço de filologia coletiva na incursão dos seus antepassados, à “cosmologia”,⁸⁰ filosofia desses

⁸⁰ Segundo o seu conceito, as cosmologias africanas, profundamente enraizadas em tradições e culturas antigas em todo o continente, oferecem perspectivas únicas sobre espiritualidade, criação e existência. Eles fornecem uma rica tapeçaria de crenças que moldam a forma como os indivíduos se percebem em relação ao mundo ao seu redor. Sobre ocupação e funções escravas no Brasil, século XIX ver, João José Reis, Rebelião

sujeitos para com a sua ancestralidade.

Nesse sentido, evidencia-se que há uma sociedade para além da sociedade, a sociedade dos homens puros, constituída a partir de paradigmas calcados na hegemonia de um determinismo continental, a partir do evolucionismo cultural e epistêmico. Entretanto, para essa sociedade o povo negro não podem está vinculados ao conceito de sujeitos partícipe, mas a eles são legados as margens do estigmatismo e da inferiorização. Cujo a objetificação está relacionada às desconstruções da sua origem matriarcal ou raça propriamente dita. A negligência aos cuidados com as questões culturais de um povo e suas etnias, constituem a quebra de condutas aos direitos humanos e seus valores sociais e humanísticos. Assim como da segregação de homens/mulheres negras na Bahia, tem sido um fator preponderante a negação do povo negro soteropolitano, onde motivos pelos quais vem colocando em risco a preservação da sua história e memória como povo remanescentes. A luta por direitos e conquistas dos espaço para o homem negros, vem sendo galgada a séculos, segundo dados da historiografia da Bahia para negros/as no estado de negritude e resistência das populações remanescentes.

A escravidão urbana era comumente estruturada em diversas frentes trabalhista, dentre elas três grandes categorias eram mais comum: escravos de ganho, escravos de aluguel e escravos domésticos. Na base desta divisão está a renda auferida pela exploração da mão-de-obra escrava, inexistente para a categoria dos domésticos. A diferença entre as categorias de ganho e de aluguel está no fato de que no ganho também o escravo podia se apropriar de uma parte da renda, não acontecendo o mesmo no aluguel,(Costa, 1991). No entanto, ainda vitimizado, conciso ao estigma historicamente presente no auto de resistência instituído pelo estado, o povo têm buscado refúgios nos municípios no derredor, entre a região metropolitana e o recôncavo da Bahia.

Historicamente, essa rota é inversa à que foi taticamente traçada pelos escravos quando das fugas dos engenhos para a província da capitania da Bahia. No entanto hoje por conseguinte, tem haviado os mesmos escravismo social ético, que em proporções bastante semelhante, obrigam o homem negro ao êxodo urbano em busca de trabalho, nas regiões mais amenas do recôncavo. Porém, aqueles que buscam refúgio também tem se deparado com a

Escrava no Brasil, Malês 1835, pág. 208, Editora Brasiliense S.A., R. General Jardim, 160 01223 - São Paulo - SP. 1996. Sobre a quebra de conduta no que tange às questões dos direitos humanos relacionadas ao povonegro ver, <https://pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/direitos/imagens4/2.jpg>, petições coletivas e individuais referente a casos de violação dos direitos humanos.

violência do Estado e poder paralelo, nos municípios da região do velho recôncavo, da Bahia, de acordo com dados midiáticos.

Dentro dessa lógica da selva de pedra em que se tornou a capital baiana, assim como as regiões mais próximas, a população mais pobre tenta entender porque não há uma solução política de acolhimento aos problemas sociais históricos. Intervenções políticas que sejam capaz de solucionar, sobretudo o afugentamento “psíquico” no qual são submetidos, homens e mulheres negros?. O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quarteis e delegacias de polícia (Fanon, 1968). As diversas formas de aprisionamento e racismo, tem sido uma prática que vem elevando os índices de suicídio, bem como da baixa estima das pessoas em todo mundo.

No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde, campanha Setembro Amarelo, 2023, que discute e problematiza sobre os dados do suicídio no país: “Até 2030, pretende-se reduzir em 1/3 a mortalidade prematura por doenças não transmissíveis via prevenção e tratamento, e promover a saúde mental e o bem-estar”. Na Bahia os dados sobre tais gargalos de cunho social e político, no que tange à saúde mental, tem sido pontuado em diversas narrativas e análise sociológicas, antropológicas e étnicas. Vias de regras, tais paradigma de problemas de ordem socioeconômica, têm empurrado homens e mulheres negros (as) cada vez mais para informalidade no centro da capital salvador.

Nesse campo de interação sociológica, passamos a identificar tais fatores, que de certa forma estariam historicamente intrínsecos aos resquícios da colonização portuguesa no Brasil. Os padrões extremos da comunicação definidos pela instituição da escravidão nas fazendas exigem que reconheçamos as ramificações antidiscursivas e extralinguísticas do poder na formação de atos comunicativos. Não pode, afinal, haver nenhuma reciprocidade na fazenda fora das possibilidades de rebelião e suicídio, fuga e luto silencioso, e certamente não há coesão gramatical do discurso para mediar a razão comunicativa. Em muitos aspectos, os habitantes da fazenda vivem de modo não sincrônico (Mbembe, 2003).

De acordo com o panorama estatístico social, o campo, as ruas, feiras livres e a casa grande, continuam sendo os únicos espaços onde os negros conseguem ganhar o pão de cada dia. Diversas analogias desiguais são associadas aos espaços urbanos e estão consubstanciadas ao racismo estrutural. Tendo produzido efeitos danosos à população negra de Salvador, que proliferam pelos quatro cantos da cidade os signos da sua ancestralidade africana: na arte, na música e dança, bem como suas expressões culturais. É preciso ressaltar

que não há nação em que se possa pensar em promover o conceito de “cidadania”, diante de tamanha negação da historicidade negra como a cidade de Salvador, que vem mantendo seus cidadãos: renegados, subjogados e objetificados por séculos.

Os trabalhos acadêmicos voltados ao processo de estigmatização do homem negro na Bahia, tem sido o recorte que mais tem atraído o cenário epistêmico. O povo negro passou a constituir-se como o “cerne” dos problemas sociais, nas capitais de todo Brasil, sobre o viés da incontrolável da violência de racial estrutural. Entretanto, é preciso atentar para os efeitos históricos, constituídos a partir da concepções antropológicas colonial Rodriguianas, na contemporaneidade. Entre o final do século XIX e início do século XX, o antropólogo brasileiro não concebia a raça negra, os valores identitários Afro-Brasileiro, do ponto de vista epistemológico cognitivo. Nesse cenário de afirmações estiguiáticas, promovidas por uma minoria branca e aristocrática, só resta aos negros a concepção de alienação psíquica capitaneadas pelas ações das desigualdades sociais.

Analisar o homem negro sobre o plisma da criminologia antropológica, têm sido a forma de estereótipos mais comum do Estado. Esse conceito culmina com a dicotomia social, na qual são refutados à classe mais pobre da população, o drama da desigualdade na Bahia e no Brasil por mais de um século, desde a abolição da escravatura em 1888. Apesar dos avanços da lei de cotas ter caminhado em sentido de igualdades de oportunidades a partir de 2003, objeto da lei 10.639, o homem negro ainda tece o fio do escravagismo perpétuo, atribuídos a ele. Essa concepção social só corrobora a não lhe permitir sua inclusão nos espaços institucionais pela violência primitivista. Os povoamentos de calçadas, manicômios e vielas, tem sido o refúgio, subtefúgio ao conceito de causalidade, nos males da psiquê do homem negro na Bahia. Situação que tem sido apontada pela ciência ao longo de décadas a fio, onde segundo sociólogos, a problemática atravessou todo século XX.

As pesquisas acadêmicas elaboradas na Bahia, assim como no Brasil, têm descrito em diversas narrativas, uma legião de andarilhos e famigerados na sua maioria negros (as), que vagam pelas regiões centrais das grandes cidades. Na capital baiana de aproximadamente 2,5 milhões de habitantes, elas estariam sendo vitimadas pela ignorância subjetiva, capitaneada pelo do Estado, que os têm sucumbido ao analfabetismo. Sobretudo, originadas pelas consequências tutelares e dos efeitos da alienação da colonialidade que ainda se faz presente nos municípios ao redor da capital baiana. Esse facismo que vem sendo edificado, tão presente nus organismos estruturais da Bahia. A ordem filosófica posta no capitalismo

político social, vem dilacerando violentamente toda a população negra. Não obstante os mesmo acontecimentos, de fatores e natureza semelhante, vem ocorrendo em países também colonizados. Vale ressaltar que, mesmo após anos de emancipação política, instituições pertencentes a ex- colonizadores, ainda continuam dando as cartas em diversas instituições públicas ou privadas no continente africano.

A situação particularmente de alguma maneira caricatural da África do Sul mostra como os aspectos econômicos, políticos e raciais estão estreitamente ligados, (Balandier, 1995).

Neste campo de visão investigativa, percebemos as dicotomias que pairam ao redor do mundo. Entretanto, ao recorrer ao campo etnográfico (Nordeste de Amaralina), busco apontar as razões descompassadas que vivem o povo negro, nessas comunidades, na qual se assemelham as demais comunidades negras, no Brasil e no mundo. Concepções de lacunas estruturalistas, que acentuam-se a esse contexto, os altos índices de desigualdade social e têm tido como consequências a baixa estima dos homens negros em suas trajetórias de vida. Dentro dessas consequências, as análises nos ligam ao paradoxo político e econômico duradouro e sem perspectivas. Realidades das quais possibilita-nos entender sobre as consequências dos caminhos que elevam a exclusão da epiderme. Além da falta de visibilidade nas políticas públicas voltadas aos bairros pobres da capital baiana. O que faz da cidade de Salvador e região metropolitana, verdadeiras lacunas sociais, que sucinta epistemologicamente nos números em dados e estatísticos criminal. Porém ao consubstanciar esses dados na aplicabilidade da decolonialidade política, especialistas apontam uma realidade sociológica oposta.

O discurso do comunismo sem respostas urgentes, tem os tornados vítimas dessa instabilidade econômica na concepção de interccionalidade, cunhada por uma política que não tem promovido avanços significativos para o povo negro. O retrato voltado para a população étnica de salvador remete-se ao escravismo. Todavia, é inegável que a cidade tenha em seus espaços urbanos muitos negros vivendo em condições subhumanas, ou em situações análogas a escravidão, ou convivendo em baixo das pontes da primeira capital do país.

No Brasil de hoje, embora o país tenha passado por um processo de transformações sociais e políticas bastante significativas, na qual houveram inúmeros avanços, a concepção de similaridade entre os homens, ainda permanece como um sonho distante. Para a maioria do povo baiano, segundo dados do último censo do IBGE, ainda vivemos na contramão da boa

conduta da jurisprudência brasileira. Os dados de prisões e assassinatos de negros e negras continuam numa escala ascendente. É necessário que passemos a abrir os olhos para situações que são inconcebíveis, tais como a postura permissiva e segregacionista do estado, sobre o enfrentamento aos referentes aos fatos violentos citados por pesquisa. Assim como por assim como da narrativa posta em diversos outros veículos midiáticos, que passaram a publicar constantemente, fatos violentos nas comunidades pobres tais como o Nordeste de Amaralina.

O racismo, ou astigmatismo diaspórico histórico, tem sido o principal conceito a ser consubstanciado ao homem negro, posto pelo estruturalismo em Salvador por uma minoria branca, que tem recorrido aos conceitos da antropologia clássica, para negar os direitos a negros/as.

De acordo com a escola antropológica de Chicago, o mundo passou a temer determinados comportamentos de grupos e agentes urbanos. Ao passo em que foram necessários estudos epistêmicos específicos, além de um amplo contingenciamento em segurança pública. Análogo aos fatos, recorreu-se a uma tipologia de análise sobre os traços criminais e comportamentais de sujeitos diaspóricos, que tinham como objetivo a utopia de lucros fartos ou riquezas a curto prazo naquele país.

Seguramente, o crime organizado não é uma invenção recente. Ao que parecem sugerir estudos históricos, seus rudimentos podem ser buscados nos bandos milenaristas que proliferaram pela Europa central, Itália e Espanha desde a Idade Média. Sua versão moderna está profundamente marcada pelas organizações da Itália meridional, em particular a “Cosa Nostra”, pelas organizações do sul da França (Marselha e Córsega), em fins do século XIX e início do XX, e sobretudo pelas organizações americanas sediadas em Chicago e New York entre as décadas de 1910 e fins da década de 1930 (Adorno, pág. 27, 1996).

Essa passagem do texto nos mostra sobre um dado criminológico bastante curioso.

Dados em que diferencia os paradigmas sociais criminológicos até então, onde antropólogos europeus, tais como Cesare Lombroso dentre outros, enfatizavam nos seus dados científicos, sobre a anatomia craniana do povo negro, que segundo esses antropólogos, estaria a população negra mundial, bem como sua filosofia étnica mundial mais propensa a criminalidade.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, pretende-se dialogar com outros autores que já trabalharam sobre o tema, sobre os quais através dos contextos que surgem na investigação, a partir de questionamentos advindos da segurança pública, bem como da ocupação dos espaços urbanos no que tange a forte influência da cultura negra na Bahia.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.

Essa seção textual busca discutir os caminhos que foram trilhados na pesquisa, na qual tem como objetivo descrever os meios científicos, onde através do método, buscou-se mecanismos para a organização deste estudo. Tendo como critério, levantamento bibliográfico na literatura científica, a partir da contextualização de trabalhos publicados em revistas, livros especializados e em bases de dados da rede.

indução, observação participante- ao longo das entrevistas, busca-se o seu envolvimento contínuo sobre a vida dos envolvidos na pesquisa,(grupo de pessoas), observando e participando de suas atividades para coletar dados sobre suas práticas, interações e significados.

Análise cultural do campo: através desta importante ferramenta, busca-se construir caminhos interpretativos em meio as informações sobre os dados coletados, situando paradigmas, interpretações e socializações produzidas por esse grupo pesquisado.

Análise do corpus documental: A garimpagem das fontes documentais importantes para a pesquisa, seus registros de latifúndios, dados de identificações subjetivas, fotografias, vídeos, etc., mecanismos institucionais que possam nos dar pistas sobre o enfoque da pesquisa.

3.8 Quanto à sua natureza:

Essa pesquisa é de natureza observacional, na qual pretende-se construir um mecanismo que possibilite conhecer melhor o objeto(campo) a ser pesquisado. Neste tipo de estudo, o investigador atua meramente como expectador de fenômenos ou fatos, sem, no entanto, realizar qualquer intervenção que possa interferir no curso natural e/ou no desfecho dos mesmos, embora possa, neste meio tempo, realizar medições, análises e outros procedimentos para coleta de dados. Dessa forma, será possível construir sua ideias e conduzir melhor os fatos fenomenológicos voltados a problemática a ser estudada. Todavia, através desse mecanismo de identificação dos membros entrevistados, torna-se a ligação proativa entre pesquisador e membros pertencentes ao bairro (agência e agentes), assim como dos documentos das instituições locais por meio de visitas. Toda pesquisa social empírica seleciona evidência para argumentar e necessita justificar a seleção que é a base de investigação, descrição, demonstração, prova ou refutação de uma afirmação específica. A

orientação mais elaborada para selecionar a evidência nas ciências sociais e a "amostragem estatística aleatória" (ver Kish, 1965).

Para tanto, sobre essa concepção, as análises que fiz ao longo da pesquisa, se dá conta do que eles pensam e passam no dia, através das dinâmicas subjetivas. Falam-se muito da ausência do Estado, seus caminhos de desilusão como cidadãos em sociedade, especialmente no que tange à ocupação dos espaços urbanos e ao direito à moradia e cidadania dignidade – Ministério Público, organizações sociais, já que a polícia é uma das instituições em confronto aberto com a população. Através desse mecanismo de análise epistemológico, torna-se mais relevante para o pesquisador, estabelecer seus múltiplos critérios de abordagem científica na coleta de dados. Planos de pesquisa tanto exploratórios, quanto conclusivos, sejam eles descritivos ou causais, podem combinar ou integrar o uso de dados e métodos qualitativos e quantitativos (Flick, 2009).

3.9 Quanto a sua abordagem:

A abordagem em que situei esse objeto de pesquisa, busca o entendimento de fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, mediante descrições, interpretações e comparações, sem considerar os seus aspectos numéricos em termos de regras matemáticas e estatísticas. Diferente da quantitativa, a pesquisa qualitativa é mais participativa, porém menos controlável e, por esta razão, tem sido questionada quanto a sua validade e confiabilidade (Fontenele, Simões e Farias, 2009). A pesquisa exploratória pode ser realizada através de técnicas de coleta de dados que focam na produção de informações verbais, realizadas por meio de entrevistas, narrativas e grupos focais, ou através de técnicas que têm como finalidade a obtenção de dados visuais, como é o caso das observações e da etnografia (Flick, 2009).

3.10 Quanto ao objetivo.

A pesquisa visa uma concepção de análise (iniciação) da aproximação do pesquisador com o tema, para torná-lo mais familiarizado com os fatos e fenômenos relacionados ao problema a ser estudado. No estudo, o investigador irá buscar subsídios, não apenas para determinar a relação existente, mas, sobretudo, para conhecer o tipo de relação. O caráter metodológico da pesquisa, se baseia em elaborar uma análise de unidade concreta sobre os fatores conceituais tais como: espacialidade, interseccionalidade e existencialismo, que estão postos nas experiências emocionais imputadas à população do bairro. Esses e outros contextos

e fragmentos, objetiva-se como pergunta de partida, a população local. Seus aspectos social, político e étnico, assim como a historicidade posta na construção dos antigos engenhos no bairro Nordeste de Amaralina em Salvador, e sua concepção de africanidade. Atenta-se metodologicamente também, ao aspecto geográfico e regional, na condição de moradia. Sendo esse último, visto como paradigma cerne para o aumento das dicotomias que corroboram nas desigualdades sociais na capital baiana, com base nos indicadores como: raça, cor e origem social.

3.11 Quanto aos procedimentos técnicos.

Ao longo da pesquisa, a base é a análise de material já publicado. É utilizada para compor a fundamentação teórica a partir da avaliação atenta e sistemática de livros, periódicos, documentos, textos, mapas, fotos, manuscritos e, até mesmo, de material disponibilizado na internet etc. Este tipo de pesquisa fornece o suporte a todas as fases de um protocolo de pesquisa, pois auxilia na escolha do tema, na definição da questão da pesquisa, na determinação dos objetivos, na formulação das hipóteses, na fundamentação da justificativa e na elaboração do relatório final (Fontenele, Simões e Farias, 2009).

Os conceitos técnicos a serem utilizados na pesquisa, e a coleta de dados, sejam nas instituições, dentro do bairro tais como: agência e agentes, ou fora do bairro. Mecanismos aos quais abordam, instituições e estruturas voltadas às políticas públicas e educacionais. Assim como de segurança pública (as polícias) e demais setores de promoção de serviços que promovem direitos e cidadania aos cidadãos. Todos esses mecanismos fazem parte de uma estrutura de análise de unidade concreta, (estudo), social, político e comportamental de parte da população étnica. Seus organogramas e diretrizes sociais estão ligados direta ou indiretamente a problemática no bairro Nordeste de Amaralina em Salvador.

Contudo, esses contextos de abordagem, possibilitam-nos através da pesquisa, descrever um modo de funcionalidade dos diferentes métodos, e ordená-los em um desenho que implique em uma linha do tempo. Tradicionalmente a pesquisa qualitativa foi considerada apenas num estágio exploratório do processo de pesquisa (pré desenho), com a finalidade de explorar distinções qualitativas a fim de desenvolver mensurações, ou para que se tivesse certa sensibilidade com o campo de pesquisa. (Gaskell, 2002).

Contudo, ao longo da pesquisa, também se faz necessário a sistematização dos dados e das construções a serem prospectadas ao campo. Nesse sentido, permite-se lograr um maior esclarecimento a ser implementado ao tipo de pesquisa, métodos e técnicas de coleta de

dados. Mediante a fomentação deste recurso, os dados coletados estariam expostos a um gráfico sobre as últimas décadas e o aumento demográfico da população, assim como as políticas públicas, que foram ou deixaram de serem implementadas para a população do bairro. Em complemento, cada uma das questões correlatas e descritas ao longo da pesquisa. Nesse intento, situa o aspecto geográfico e regional, sendo esse último, visto como paradigma cerne para o aumento das dicotomias que corroboram nas desigualdades sociais na capital baiana, com base nos indicadores como: raça, cor e origem social.

A partir da análise de situações compartilhadas, pretende-se perceber, sentir e analisar experiências de distanciamento, isolamento, incompreensão e deslocamento que produzem e são produzidas por um complexo sistema de produção de sentidos, ancorado no sistema moderno/colonial (Mello, 2019, 6 Rea.).

O que se constituiu determinante quanto a escolha da metodologia da pesquisa, foi justamente a interação e socialização das perguntas e respostas através da observação participante do campo. Através desse universo empírico, pretendo construir meu objeto de estudo epistemológico, tecendo narrativas coletadas a partir desse espaço geográfico, bem como dos sujeitos, oriundo desse contexto. Todavia, essa concepção analítica, diz respeito sobretudo ao contexto de imersão ao trabalho de pesquisa. Onde pretende-se elaborar uma narrativa investigativa voltada ao conceito de epistemologia exploratória – Na qual, essa estrutura de trabalho, ou modalidade de pesquisa, tem como objetivo a coleta de dados, através das vivências dialógica das trajetórias de vida dos interlocutores, bem como aproximação do pesquisador com o seu objeto ou tema. Isso possibilita dar mais ênfase aos processos de pesquisa, sobretudo na abordagem dos fatos e fenômenos relacionados ao problema a ser estudado, como salientam alguns dos autores deste campo metodológico.

Busca, portanto, desfazer a ideia bastante difundida da existência das chefes de família enquanto um grupo homogêneo, vitimizado pelas hierarquias sociais, vez que, mesmo num bairro de classe trabalhadora como o estudado, há mulheres que vivenciam a situação de chefia em condições bem mais favoráveis do que outras. Essa afirmativa não pretende esvaziar a dimensão política de que por trás da conjunção desses fatores encontram-se sujeitos e grupos de sujeitos em condições mais ou menos “precarizadas”, a depender das possíveis combinações das hierarquias (Macedo, 2008).

No estudo, o investigador, ou pesquisador, irá buscar subsídios, não apenas para determinar a relação existente, mas, sobretudo, para conhecer o tipo de relação. Uma vez que

este trabalho se encontra ligado aos fenômenos de caráter simbólico e o enfoque do estudo estará em ações dos indivíduos, grupos e organizações (Guerra, 2014). Por outro lado, objetiva-se descrever as características dos fenômenos (jovens negros, cárcere, estigmatismo e sistema prisional) e estabelecer relações entre materiais de estudo.

Ao construir uma abordagem mais empírica (pesquisa de campo), seu objetivo se restringe à amplitude na fomentação e descrição dos dados. Uma vez que esses irão permitir consubstanciar resposta ao problema de pesquisa e sua relação com um ou mais indivíduos, agentes, grupos, comunidades ou instituições. Com o objetivo de compreender os mais diferentes aspectos de uma determinada realidade, sendo mais frequentemente utilizada pelas áreas das ciências humanas e sociais, mediante técnicas observacionais e com a utilização de questionários para a coleta de dados. Trata-se de um estudo de caso, conforme Gil, (2010 apud Prodanov, 2013, p.60), estudo de caso “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. No caso da presente proposta de estudo, tende-se a delimitar investigação sobre racismo e demais concepções estruturais enfatizadas no corpo da pesquisa, voltadas ao homem periférico. Fatores tais como, o cárcere social étnico, que têm culminado no aumento de jovens negros no sistema prisional da Bahia, vítimas do estigmatismo diaspórico.

Dessa forma, o estudo concentra-se em um ou mais objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento”. Por outro lado, de acordo com a proposta de trabalhar nesta pesquisa, (antropologia urbana) e suas concepções fenomenológicas, verifica-se a importância da Etnometodologia, que utiliza o estudo da sociedade, baseando-se no cotidiano dos indivíduos sendo estes vistos sempre como um conjunto de pessoas e não como um ser individual (Coulon, 1995).

Os métodos que implicam sobre valores etnográficos sobre grupos de sujeitos e suas trajetórias de vida, devem estar explicitamente voltados a uma rica profundidade de análises desses espaços. Meus estudos de pós-graduação aguçaram minha visão intelectualista e estreitaram meus horizontes sensoriais. O trabalho de campo é feito, eu aprendi a reunir dados de informantes (Stoller, 1989).

Para compreender a articulação das etapas de uma investigação com os três atos do procedimento científico, é necessário primeiro dizer algumas palavras sobre os princípios que estes três atos exercem sobre a lógica que os une. Os três atos do procedimento não são independentes uns dos outros (Quivy, 1998). A crítica da razão etnográfica aqui é pensada

quanto ao conceito Kantiano, onde motivos pelos quais, tem sido intensificada pela busca da legitimidade do trabalho epistemológico juntamente com todo o contexto da investigação em que lhe concerne. O processo de pesquisa é separado do texto que ele gera e do mundo fictício que lhe cabe evocar. A realidade das situações discursivas e dos interlocutores individuais é filtrada. Mas os informantes- juntamente com as notas de campo-intermediários cruciais- são tipicamente excluídos de etnografias legítimas (Clifford, 2011). Nesse campo de análise etnometodologia e seus contextos sociais, marcados por trajetórias de vida e subjetividade constituída ao lugar de fala, como descrevem os autores abaixo.

Os conceitos de rede social, de quase-grupo, a ênfase na fluidez dos agrupamentos sociais e o método de análise situacional constituem esforços neste sentido, mesmo que tenham sido formulados a partir da demarcação artificial do campo de estudos da Antropologia. Mas mesmo estas últimas "amarras" se desvanecem na proposta metodológica de Vincent no sentido de se resgatar a contribuição microscópica da Antropologia para a realização de investigações e "interpretações mais amplas" sobre processos de desenvolvimento passados e presentes (Bianco, 1987).

A presente proposta de estudo, tende-se a delimitar investigação sobre estigmatismo negro, e outros vetores estruturais na interface que promovem os distanciamentos dos valores existente no homem negro. Pontuados sobretudo no conceito de africanidade e seus signos, presentes na massa populacional étnica encontrada na pesquisa. Concepção apontada pelo fragmentado cultural e pelo cárcere social, que têm motivado o aumento de jovens negros vítimas do sistema de higienização social na Bahia. ROCHA, Ana Luiza C.da e ECKERT Cornelia. 2013. "Narrar a cidade: experiências de etnografia da duração". In Etnografia da Duração: antropologias das memórias coletivas nas coleções etnográficas. Theophilos et al. (org.). 2010. Antropologia no ciberespaço.

Dessa forma, tais construções situam-se nos conceitos metodológicos e etnográficos, das quais implicam no enfoque e na busca por tentar compreender melhor essas situações e seu historicismo no campo, bem como suas principais razões sociais e políticas. Estima-se aprofundar-se num trabalho sócio etnográfico, através das suas dimensões antropológicas, do ponto de vista socioeconômico, cultural e político. Discutindo o prisma das desigualdades sociais no Nordeste de Amaralina. Ao longo da pesquisa se faz necessário elaborar um levantamento e seleção minuciosa de livros, revistas, publicações em periódicos, jornais, internet (sites oficiais), boletins, artigos científicos, monografias, dissertações, teses dentre

outros materiais sobre a temática, que podem ser úteis para a pesquisa relacionando a temática, para adquirir documentos em primeira mão, de modo que permita uma melhor concepção analítica (Cunha, 2004).

O conteúdo utilizado será investigado conforme a abrangência do tema e cronologia das publicações, favorecendo, deste modo, a elaboração de um plano de leitura. Também serão considerados os artigos que compreendessem as contribuições do debate sobre o racismo institucional. Sintetizando, as histórias de vida estarão sendo consideradas como: fontes de informação (falam de uma experiência que ultrapassa o sujeito que relata); como evocação (transmitem a dimensão subjetiva e interpretativa do sujeito); como reflexão (contêm uma análise sobre a experiência vivida. Neste sentido, o próprio entrevistado articula reflexão e evocação (Koffes, 1994).

Entretanto, é importante salientar que o corpus de autores tende a aumentar na medida em que a leitura vem sendo desenvolvida. Será feito um levantamento e seleção minuciosa de livros, revistas, publicações em periódicos, jornais, internet (sites oficiais), boletins, artigos científicos, monografias, dissertações, teses dentre outros materiais sobre a temática, que podem ser úteis para a pesquisa relacionando a temática para adquirir documentos em primeira mão, de modo que permita uma melhor concepção analítica (Cunha, 2004). O conteúdo utilizado será investigado conforme a abrangência do tema e cronologia das publicações, favorecendo, deste modo, a elaboração de um plano de leitura. Também serão considerados os artigos que compreendessem as contribuições do debate sobre o racismo institucional.

Por outro lado, pretende-se realizar coleta de dados por meio de entrevista às pessoas da localidade investigada. Nesse sentido, Gil (1999) aponta esta técnica de coleta de dados como o método mais utilizado nas pesquisas sociais. Vale ressaltar que este método é bastante adequado para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam e desejam, assim como duas razões para cada resposta. Pretende-se estabelecer uma interlocução através da entrevista com familiares e advogados de, pelo menos, 2 jovens custodiados.

3.12 **Concepções e trajetórias de vidas**

Na elaboração da metodologia que foi construída durante a pesquisa, constituiu-se base de fundamental importância, a busca por fatores que implicam na historicidade filosófica e sociológica sobre o homem em sociedade. Essa análise tem como pano de fundo dois principais conceitos: Antropologia urbana e Interseccionalidade. Dessa forma e através do olhar sucinto da orientação, bem como da análise epistemológica, poderemos discutir através dos clássicos da Antropologia e Sociologia no Brasil e no mundo, um roteiro norteador para melhor avaliar a pesquisa.

3. 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pretende-se através da fomentação de prática epistemológica,(entrevista) a busca pela captação de informações que incide sobre os cidadãos da localidade pesquisada e suas trajetórias de vida. A coleta de dados será pertinente, entre as correntes ancestrais do universo rural, e as experiências no mundo do estruturalismo urbano. Nessa construção de dialética mútua, almejam-se que os caminhos possam se desprender da concepção abstrata, podendo passar a fluir através dos sujeitos, sob a memória descritiva. Onde dentro do processo de indução surgem a fundamentação das ideias e teorização sobre os fatos correlatos a pesquisa.

Entrevistas - Trabalho de campo Nordeste de Amaralina

Diário de campo:

Dia 25 de outubro de 2024, às 13:00 e 47 minutos começaram a ser efetuadas as entrevistas com os moradores do bairro.

“Trajetórias de vida e ancestralidade fortemente presentes no bairro Nordeste de Amaralina”.

01- A Baiana de Acarajé Dona Bulú

Alberico Santos: Dona Bulú- Nilcelina Lima Barbosa de Santana, é baiana de acarajé a mais de 70 anos, filha de santo e moradora da rua 11 de novembro Nordeste tem 92 anos, veio junto com a sua mãe, ainda recém nascida morar no bairro. Igual a muitas outras mães, sua mãe era mãe solteira do município de Sapeaçu, no Recôncavo da Bahia, sendo seus pais: Sr Juviano e Dona Maria Vicência. A quituteira Mãe Bulú, como é mais conhecida carinhosamente pela comunidade do Nordeste de Amaralina, tem 91 anos, e pode ser considerada a baiana de acarajé com maior tempo em atividade no ofício em Salvador. Sua trajetória de vida perpassa pelos desafios das matriarcas que tenham que sobreviver de pequenos ganhos, para sustentar as famílias pobres, sempre numerosas ao longo de suas vidas.

— **Pesquisador Alberico Santos:** Como era o bairro do Nordeste de Amaralina quando a senhora chegou por aqui Dona Bulú ?

— **Dona Bulú-**Isso aqui era tudo mato, cheio de tiririca que cortava as nossas perninhas seca, (risos kkkkkk)— minha mãe falava com gente que essas terras eram de engenho de cana e brancos barões, meu fio. Era terra de gente graúda, mas se acabou depois da escravidão, só restando a gente pobre que precisava de um canto pra viver e arrendar. Arava a terra, plantava e dividia com os donos da terras as frutas e verduras que colhia. A gente morava em casa de

palha na beira das fontes e subia as ladeiras de barro que tinha de um lado para outro do bairro.

(Obs) A entrevista é parcialmente interrompida pelos netos e bisnetos, que lhes tomam a benção de todos os cantos e dos becos e ladeiras onde está situada a sua residência, na travessa 11 de Novembro no bairro Nordeste de Amaralina— como é que esta mamãe meus filhos...kkkkkkkk.

— **Dona Bulú**, Conte aí meu fio, de 1949 para 2024, tem um bocado de tempo né(75 anos de ganhos de acarajé) dando início ao ofício do ganho aos 16 anos de idade.

— A senhora era filha de Santo ou tinha algum ofício no candomblé, pergunto...

— Não, mais a senhora que eu aprendi, Dona Maria Petronilia tinha um terreiro de candomblé no Boqueirão e seu terreiro ainda existe tocado pelas suas filhas, netas e bisnetas de santo no mesmo lugar. “Minha mãe era lavadeira de ganho e cozinheira das casas dos brancos, onde trabalhava de dia e quando chegava, ainda lavava e engomava pra gente levar junto com ela nas casas dos brancos.

Alberico Santos

— E como se deu o início dos ofício do preparo e das vendas de acarajé dela pra senhora como e quando começou a ser preparadas os acarajés e abarás pela senhora e quando se deu as vendas? Começou já no primeiro ano?

— **Dona Bulú**: Ah meu fio!, naquele tempo não havia moinho para moer feijão de acarajé(feijão fradinho) não...kkkkk. Dona Petronilha, moia tudo na pedra e eu ficava olhando, eu e mamãe que nos ia lá na casa dela pra fazer favor e ganhar uns cobres...kkkkkkk Eu ia todos os dias olhava e depois comecei a fazer junto com o povo da casa e aí fui aprendendo— a pedra tinha que ter uma artura boa meu fio e era pouquinho larga para fazer a rudia(rodear com pano branco para segurar o feijão) e não cair o feijão no chão.

— **Alberico Santos** Após aprender o ofício de ganho no acarajé, a senhora agora, já como baiana de acarajé, foi uma das pioneiras no largo de Amaralina de acordo com a sua idade, não foi?

— **Dona Bulú**: Sim meu fio, mas a mais velha era Dona Maria de Catendê, Eu, (Dona Bulu), Dona Firmina de Cabo Du, Dona Guilhermina filha de Santo de Iansã, e mais uma outra que agora não me lembro o nome, pois tantos anos me faia a mimora...(risos) kkkkkkk

— **Alberico Santos**: A identificação com o ganho do acarajé, também era uma forma de manter as tradições dos ancestrais ensinadas pelos pais e avós e demais membros da família ?

— **A entrevistada Dona Bulú:** Claro meu filho, foi por isso que eu ensinei todo mundo a vender acarajé, e todo mundo se criou e criou os fios ganhando o pão com o acarajé (rss...kkkkk) netos e filho na trajetória de três gerações tendo como meio de sobrevivência o ganho de acarajé até hoje.

dada

(Obs)

“Anailton, seu filho mais velho, se tornou empresário do ramo de acarajé em Salvador nos últimos vinte anos. Tendo pontos de acarajé em shopping center e outras localidades de destaque e lucratividade na capital baiana”.

De acordo com Dona Bulu, sua trajetória de vida está ligada ao êxodo rural, ou diáspora coercitiva, bastante característica ocorrida no pós-abolição, a partir da primeira metade do século vinte: entre o recôncavo da Bahia e a capital Salvador.

A descrição do bairro na memória de adolescência de dona Bulú

A descrição dos fatores geográficos e seus latifundiários que moldaram o bairro ao longo do tempo, é um dos fatores que circula visivelmente em sua memória durante a entrevista. Ao relatar os herdeiros dos engenhos de cana de açúcar, pertencentes às famílias Vicente e Amaral, sendo que o último por ser um dos mais abastados leva o nome do bairro Nordeste de Amaralina, no que faz menção a família Amaral. A localidade era cercada por artérias e córregos fluviais, vindos da mata de (Joventino Silva), antigo nome devido ao antigo dono da área onde a partir do final da década de 1970 passou a pertencer ao município de Salvador como Parque da Cidade. Descreve também, alguns poucos moradores que eram mais um pouco velhos que ela, como o Sr Bernardino, que foi pioneiro nas vendas de coco na praia de Amaralina. Assim como o acarajé, o coco verde e outras frutas, verduras e hortaliças que se faziam abundantes na grande área de mata atlântica que compõem o bairro do Nordeste, entre as décadas de 50, 60, 70, e 80. O ancião, Sr Bernardino era um homem negro alto de ares taciturno, estava sempre a fumar um charuto e usando um chapéu de camurça meio amarrotado, além do seu inseparável facão ao lado direito da cintura. O velho ainda possuía uma pocilga (criadouro) de porcos que comercializa as carnes no bairro, onde hoje está localizado o campo de futebol da rua do Samba Natureza. Segundo sua fala, Bernardino foi o primeiro vendedor de coco do largo de Amaralina na década de 1960. Além de seu Bernardino, completavam o quarteto de vendedores de coco, seu Vali, seu Vavá e seu Alberico pai do menino Tarzan, vendedor de coco e capoeirista conhecido no bairro. Os vendedores

ambulantes, os chamados mascates, vendiam bacias para as inúmeras lavadeiras de roupas de ganhos que existiam no bairro, além dos utensílios básicos como: potes de barro, purrões que servem como reservatórios de água potável além de pratos de Nagé onde os pobres comiam por não ter como comprar pratos de louças. Vale ressaltar que ambos seus amigos eram um pouco mais velhos que Dona Bulú.

Sua narrativa segue, agora trazendo à tona os festejos populares como a Alvorada no bairro da Pituba, que culminou com os festejos de Iemanjá, também no bairro de Amaralina, organizados pelas baianas de acarajé e pelos pescadores de ambas as colônias de pesca. Nesse contexto de nostalgia, Dona Bulu também fala dos momentos de alegrias que tinha ao lado da sua mãe e irmãos no largo das baianas, onde aconteciam os festejos dos signos ancestrais. A baiana fala com muito amor, carinho e saudades das rodas de Sambahulas faladas e cantadas,(Sambahulas oriundos do Recôncavo), das rodas de Capoeira e dos festejos das escolas de samba do carnaval em Amaralina.

Da entrevista com Dona Bulu se conclui que, nesses espaços de moradia históricas, ainda carregam na contemporaneidade traços de uma população que tem orgulho de si e mantém seus signos ancestrais. Sobretudo, a religiosidade de matriz africana fortemente presente nos diversos terreiros de candomblé situados no bairro. Embora sejam constantemente estigmatizadas pelos fenótipos. Seus mecanismos de sobrevivência eram e continuam sendo os pequenos ganhos, através das vendas com o ofício de baiana, ambulante nas feiras livres, reciclagem de plásticos ou alumínio. Ao longo dos anos, muitas mulheres sobrevivem por gerações como empregadas domésticas, ou faxineiras nos departamentos comerciais nas casas ou lojas dos brancos como a entrevistada salientou por diversas vezes ao longo da entrevista. Esse estigmatismo segue também e de forma expressiva na religiosidade da trajetória de vida dessas pessoas. Pois as pessoas do povo de Santo não podiam assumir a religiosidade em meados do século XX, por conta das fortes e constantes represálias impostas pelo estruturalismo na capital baiana, que as julgavam como feiticeiras. Dessa forma, para melhor entender esse universo de permissões e silêncios, utilizamos no cruzamento das informações, onde busquei entrevistar o empreendedor filho de Dona Bulú, Anailton, que nos contou que sua mãe ainda carrega alguns dos tristes estigmas do passado referentes a sua religiosidade matriarcal. Sendo o maior deles o de não poder dizer que pertenceu ao

candomblé como Ekedí do terreiro de Dona Maria Petronília, na localidade do Boqueirão, na região sul do bairro do Nordeste de Amaralina.

Entrevista ao Ogã de Couro - Almiro Batista Costa, (Miruca)

02- Diário de campo:

Dia 09 de outubro de 2024, às 13:00 e 11 minutos

Almiro Batista Costa, (Miruca) com todos o conhece, nasceu na baixa da alegria na parte sul do Nordeste de Amaralina, abaixo da Base Policial Comunitária. Localidade também conhecida como beco da cultura, onde estão situadas três escolas, sendo 2 de primeiro e segundo graus e uma ao final do beco da cultura de segundo grau- Escola Professor Carlos Santana, situada ali desde a década de 1980.

Pesquisador Alberico Santos. O Ogã de couro Miruca de 67 anos, começa nosso bate papo descrevendo a sua trajetória de vida como membro de singular importância dentro da religiosidade de matriz africana- sou Ogã de couro confirmado no terreiro de Dona Maria Nicinha, no distrito de Palmares, “região metropolitana” de Salvador. Continua sua narrativa trazendo alguns bordões que difere os sacerdotes mais antigos dos demais na contemporaneidade. Nos termos usados para a denominação de Mãe de Santo, por exemplo, ele substitui para o nome de (Zeladora) como os antigos se refere aquele que cuida, ter o papel de zelar para fortalecer e multiplicar os Oris dentro da filosofia do candomblé, segundo seus antepassados e os de sua Mãe Nicinha. De acordo com os seus relatos, ele faz questão de frisar sobre a importância que tinha os escolhidos no candomblé. O Ogã salienta que são as pessoas (sacerdotes) que cuidam com amor, responsabilidade e zelo pelo Ori dos seus (adeptos ou filhos) dentro do corpo religioso, com fundamentos que foram passados por muitas gerações.

Alberico Santos: Você se sente à vontade dentro das demandas e responsabilidades de reger uma orquestra simbolizada nos cânticos dos orixás do candomblé, consubstanciada no conceito de cosmologia africana. Função que a que lhe foi legada ao longo da sua trajetória de vida, que começou ainda na sua infância e se faz presente até hoje

— **Almiro, Miruca,** Olha meu rapaz o candomblé é.e sempre será a razão de toda a minha vida.

— Eu nasci aqui nesse espaço, meu pai velho Quincas, era pai de Santo(pai pequeno da roça de candomblé de Dona Mariinha— dona Mariinha era dona desse pedaço todo que cobria todas essas ruas aqui da baixa da alegria.

— **Alberico Santos**, Dona Mariinha era dona de quantas tarefas de terras mais ou menos na localidade da baixa da alegria ?

Almiro Batista Costa, o Ogã: Olha Betinho ela tinha mais ou menos se nao me falhe a memória, segundo meu pai me falou, entre 6 ou sete tarefas de terras doada por um dos herdeiros da família Amaral, que era a quem pertencia essa parte do Nordeste de Amaralina.

Alberico Santos— confere as informações segundo fontes de outros entrevistados, que se tratava da (Antiga Fazenda Ubaranas). Entretanto, muitos destes terrenos foram doados a famílias de egressos do porto de Salvador, como foi atentamente observado pela pesquisa, ao longo da introdução, sobre essa lacuna de moradia. Onde esses homens e mulheres perambulavam pelo centro de salvador na primeira metade do século XX sem direito a um teto.

Alberico Santos: Ao longo 64 anos de vida, desses quase 35 anos de santo como Ogã de couro confirmado, você tem tido uma boa frequência noutros terreiros de candomblé, dentro e fora do Nordeste de Amaralina?

Ogã Miruca: Embora já tenha cinco anos que não frequento a roça da minha mãe Maria, que era filha de santo de meu pai biológico, seu Joaquim Batista Costa, que era pai pequeno do terreiro de Palmares. Terreiro também pelo qual é a mesma roça de candomblé onde foi confirmada como Iaô, a minha mãe biológica. Bom quero deixar claro, que eu estou ativamente no candomblé. Tenho percorrido os terreiros aqui do bairro(Nordeste de Amaralina) no qual tenho ido nas casas de: A roça de candomblé do pai de santo Zé Maria, o recém falecido e bastante conhecido em todo Brasil, “**o Pai de santo Agenor**”. Seu terreiro pertence a Nanã, e está situado na baixa da alegria, próximo ao histórico terreiro de Dona Mariinha, hoje residência dos meus pais, afirma Miruca. Venho sendo convidado ativamente, frequento diversas casas, toco e canto candomblé também nas casas de Leo de Oxum, inclusive organizo o candomblé na casa de Rosinha de Omolu, que é minha cunhada. Eu também trabalho como ajudante de cozinheiro num restaurante para sobreviver. Porém, quando aparece

uma festa de candomblé para organizar, as pessoas me dão uma ajuda financeira ou não, eu convido alguns amigos Ogas de couro e agente vai dar Run ao santo da casa.

Alberico Santos pesquisador: Fale um pouco do seu pai biológico, o seu Joaquim, o veio Quincas como era mais conhecido em todo o bairro.

Miruca:

Meu pai era um homem do candomblé, nascido na vila de Cachoeira, veio para o nordeste em 1950 na povoação e conheceu aqui Mãe Mariinha, que acabou por lhe convidar para fazer parte da casa (terreiro) e conheceu minha mãe de sangue. O coroa era conhecido e considerado o pai pequeno da maioria dos terreiros de candomblés aqui do Nordeste. Quando ocorriam as festas nas casas de candomblé, chamavam ele para dar as boas vindas e trazer o Axé de Xangô para as casas. Xangô se situa como Orixá que representa a justiça e a cumeira dos terreiros de candomblé. Meu pai, seu Quincas, era filho de Xangô com Oxalá e Nanã, sempre era convidado para as matanças que abrem os trabalhos de cunho religioso nos terreiros de candomblé. Entretanto, vale ressaltar que o primeiro orixá que tem as suas oferendas, é o dono banquete.

Alberico pesquisador- Porque Exu tem que ser o primeiro da casa a comer e beber a frente de todos os orixás, porque, é Exu?

Miruca- A cabeça do candomblé é as ruas e as estradas, são elas que são governadas por Exu. Sendo assim ele é quem abre os caminhos das casas de candomblé, ele é o mensageiro de tudo: fartura, saúde, dinheiro, prosperidade e paz. Sem Exu no comando tudo pode dar errado. Pois foi assim que eu aprendi com o meu pai quincas quando estava cortando para Exu nas casas de candomblé que ele era convidado, e também com a minha mãe Maria de Nana. Entretanto, eu já estava nos terreiros durante as festas, tocava e entoava cânticos aos orixás das casas, logo após meu pai cortar pra Exu na semana seguinte, e muitas vezes na mesma semana. Outra coisa pra que eu não esqueça, esse lugar onde nós estamos aqui fazendo essa entrevista, onde era a casa da sua mãe, Dona Juliana, aqui tudo era uma roça de candomblé da finada Clarice, minha avó.

Alberico Santos- Intervenho no meio da entrevista, dizendo a ele que não sabia que era uma roça de candomblé. Entretanto, ressalto que sou o único filho da minha mãe a ter nascido em casa, em meio ao terreiro de candomblé, no dia 08/03/1970.

Alberico Santos- pesquisador: Almiro, me fale um pouco sobre Dona Maria de Catendê

Miruca: Dona Maria de Catendê era uma zeladora, filha de Oxóssi, o seu candomblé era Ketu, mas ela tocava Angola. Mais falando de seu sobrenome catendê, eu me lembro que painho me falou, que o seu sobrenome vem do seu caboclo que levava esse nome (digina) de santo de muito tempo, desde a sua feitura. Seu caboclo tinha dia de festa específico na nação Angola, que era separada do Ketu, nação de origem de sua mãe. Todo esse pedaço da rua de cima, o lado direito da baixa da alegria, fazia parte do terreiro de Oxossi de Dona Maria de Catendê. Meu amigo, essa senhora tinha muita influência no candomblé, pois vinha pessoas de todos os cantos para prestigiar o seu candomblé. Era muito respeitada e querida no santo, assim como o meu pai, talvez porque eles dois eram os mais antigos. Seu terreiro foi arrendado nos últimos vinte anos por uma senhora de nome Mãe Izabel. Eu estive lá no terreiro, fui na festa de reabertura do terreiro, toquei pra dar Run ao santo, mas tem outra entidade que manda no terreiro, não é mais Oxossi. Existe muitos terreiros aqui meu rapaz, isso acontece pela força das entidades que foram enterradas aqui a muitos anos. Painho me conta que foi assim que ele e outros moradores conseguiram convencer os donos dessa a vender os pedaços de terra pra gente...(risos) kkkkkkkkk. Ele falava que tem muitos Exus, caboclos e orixás que dão proteção a essa gente, dava fartura na pesca e nas frutas e verduras pra não morrer de fome. Por isso tinha a festa de Iemanjá, pra agradecer a pesca do Xaréu em Amaralina, Pituba e Rio Vermelho. Assim como as festas dos caboclos nos terreiros de vários santos. Os terreiros do Nordeste de Amaralina na sua grande maioria são da nação Ketu. Eu conheço no Vale das Pedrinhas, o terreiro de Oxum de Leo, o terreiro de Omolu, chamado Papelepé, o terreiro do finado Luiz de Ogum Já, o pai de santo de Rosinha de Omolu. O terreiro da finada Condunga, que tem como Ogã de 45 anos de santo, Hamilton que você conhece meu camarada.

Alberico pesquisador: Mediante a sua vivência, através da sua trajetória de vida dentro da religião do povo de santo, o que mais lhe engrandece ao longo dos anos,

seria a sua carreira contribuindo com os Ilé Axé, ou a satisfação de visitar vários estados do Brasil, tocando e cantando candomblé, tendo convite até para se apresentar em Paris?

Miruca Ogã: Bom, foi uma época muito bem sucedida na minha vida, apesar de que o candomblé não estava com tanta evidência como tem hoje no país. Olha Betinho, eu digo que eu não fui a Paris e inclusive também pra Itália, por ter tido muitos contratos com hotéis que promoviam shows culturais, com o objetivo de promover a religiosidade do candomblé como principal atrativo de trazer os gringos (turistas) para Salvador. E logo depois também teve a situação da minha esposa, que não me deixou seguir em frente com esses compromissos, tendo em vista justamente o meu casamento que estava pra acontecer naquele anos dos convites.

Alberico Pesquisador: Miruca, me diz uma coisa, haviam muitas pessoas do povo de santo que faziam esse trabalho folclórico e teatral, e a propósito assim como essa haviam outras atividades extras de pessoas como você, fora das obrigações com os terreiros de candomblé ?

Miruca Ogã: Eu me apresentava nos grandes hotéis de Salvador junto a duas Cia de teatro famosa: a cia João de Barro e Cia teatral Tenda dos Milagres, em Amaralina, que a gente se apresentava nos espaços como o pelourinho dentre outras casas e espaços noturnos de Salvador. Essa herança de santo levou a gente a fazer shows e graças às duas mães de santo mais velhas do Nordeste de Amaralina, a minha avó Clarice e a Dona Maria de Catendê. Embora tenha sido fincado no largo dos coqueirais uma roça de candomblé de nação, Ketu da neta da saudosa Mãe Menininha do Gantois, que foi implementado a partir dos anos 2000. Suas festa de orixás eram frequentadas por políticos, atores e atrizes, além de músicos e também por gente influente do mundo da mídia, tais como Raimundo Varela, comunicador de uma grande rede de TV e rádio de Salvador. Entretanto, a fama e a moral de nossas mães de santo, é muito maior do que esse terreiro, pois vem gente de todo canto do Brasil visitar as roças antigas. Foi por causa delas que o povo de Santo cresceu aqui no Nordeste, a gente tinha muita gente forte e conhecedora das malemolências e cuidados com os povos sagrados, os orixás que e os espíritos dos (bisavós) como mainha dizia quando eu era pequeno. São eles meu filho... são eles quem protege a gente, os segredos do santo que são confiados a poucos e são mantidos com os olhos do gato... (risos) kkkkkkkkk.

Segundo mainha e painho falava com as pessoas e eu ouvia, que o Nordeste tinha Deus como pai e o candomblé como mãe e pai dos pobres, que dava o de comer quando faltava, a reza quando adoecia e vinha segurar nas mãos quando ficava sem pai, mãe ou mulheres quando eram viúvas de seus maridos. Isso aqui era tudo roça de candomblé meu amigo, tem muitos Orixás e Exus firmados aqui nesse buraco de terra. A minha própria irmã de sangue, Marieta Batista Costa foi firmada neste terreiro aqui ainda bebe, segundo me conta a minha mãe, dona Ninha e meu pai seu Joaquim. A minha irmã não levava os ensinamentos e heranças do candomblé muito a sério e hoje seu ori(cabeça) está fora do corpo. Ela jogou todos os fundamentos do candomblé no tempo, tomando tudo de abandono e hoje está internada num hospital para doentes mentais. Os mais velho já dizia, o candomblé é coisa séria é a vida de nossos avós e bisavós, temos que ter respeito pelos ensinamentos.

Betinho meu amigo se você quiser saber um pouco mais sobre sobre as pessoas e suas vivências no candomblé, procure Sissi, filha da finada Antonieta que vendia acarajé, ela também vendia e ainda vende acarajé no largo de amaralina. Sissi é filha de Santo de Dona Maria de Catendê e pode lhe dar mais orientação sobre as pessoas do santo que pertenciam ao bairro e como ela foi parar no bembé...

Alberico pesquisador: Sr. Almiro Batista Costa,(Miruca) muito obrigado pela entrevista e pela dica da próxima entrevista com mais uma pessoa de santo, colofé

Miruca: Colofé Mim meu irmão Xangô e Ogum que possa guiar os seus passos nesse seu trabalho, Asé meu irmão Miruca Asé.

Entrevista a Dona Sissi Baiana de Acarajé

03- Diário de campo:

Dia 25 de outubro de 2024, às 11:00 e 53 minutos

Dona Sissi, como é mais conhecida no bairro, mulher negra, estudada é bastante esclarecida politicamente, reside desde que nasceu a travessa 3 irmãos, baixa da alegria, tem 64 anos de idade, destes 63 de feitura de santo no candomblé, sendo ela iniciada aos 7 anos de idade, filha de santo de Dona Maria de Catendê. Segundo Sissi, ela é a única filha de santo num

universo de quatro irmãos, filhos da sua mãe biológica Dona Maria Antonieta dos Santos. Sissi é casada com o senhor Purcinos dos Santos, onde possui duas filhas desse matrimônio, sendo que suas filhas são freiras há pouco mais de 20 anos no Rio Grande do Sul.

Alberico Santos- pesquisador : Dona Sissi, como foi o início da sua vida no candomblé ainda pré-adolescente, qual a sua dijina,(nome do orixá de cabeça) e quando foi que decidiu vender acarajé junto a sua mãe, dona Antonieta.

Dona Sissi-entrevistada- Sra. Jaciara Sacramento Souza:

Pesquisador- Alberico Santos: Como foi a sua trajetória de vida dentro da religiosidade, (candomblé) ao longo da sua vida?

Sissi, começa dizendo:

Betinho meu filho, eu sou filha de Xangô com Oxalá... Porém, descreve que a vida de seu povo, foi e continua sendo difícil por conta da sociedade que os estigmatizam e os divide como pessoas e religiosidade de feitiçaria.

Sissi — Betinho a gente vive debaixo dos pés do racismo, discriminação de raça, cor e da nossa religião. São situações políticas que ainda acontecem nos bairros pobres da sociedade soteropolitana. O racismo tem sido conduzido na comunidade, principalmente pela cor da gente, agride todo mundo, atira pra todos os lados. Nessa situação estamos nós, o povo santo, que ao longo das nossas trajetórias de vida sempre fomos perseguidos.

—Uma pausa, ela coloca a mão na cabeça, na qual carrega um torço branco ao lembrar algo que recorda abruptamente, salienta.

Sissi- a propósito teve um fato que me aconteceu quando eu estava fazendo um curso de capacitação e boas maneiras. O curso aconteceu num bairro nobre aqui de Salvador, (caminho das árvores) essa capacitação foi oferecida pelo Governo do Estado. Entretanto, no decorrer do curso, em dado momento, a professora que estava ministrando o curso proferiu a seguinte frase: Vocês que são negras devem saber muito bem como se portar nos lugares onde frequentam viu!!! Eu disse a ela: você?

s ou nós, professora! Ta vendo ai meu filho, essa é a cidade que agente vive, sem direito a defesa e vivendo o racismo todo dia. Apesar dela logo em seguida ter se retratado, ela quis dizer que a cor da pele vem junto com a morada. Embora ela também fosse negra, mestiça, mas o racismo está muitas vezes dentro do próprio bairro, na gente mesmo, que vê os nossos irmãos como inferior a gente. Desde criança, eu só me sentia confortável e acolhida era nos terreiros de candomblé, ali era onde eu frequentava com a minhas mães: biológica e de santo, Dona Antonieta e Dona Maria de Catendê.

Albérico Santos - pesquisador: Como foi o início de tudo, ao receber o santo ainda criança e como seus pais se colocaram mediante a necessidade da sua feitura. E como era pra você, morar em um bairro rodeado por diversos terreiros de candomblé?

Sissi: Bom, eu fui iniciada no candomblé com 7 anos de idade por motivos de saúde, como já foi dito, mas teve diversas situações que eu não consegui entender no bairro. Eu quando me deitava quando criança, sentia muita febre e minha mãe levava para o médico e ninguém sabia explicar do que se tratava. Mais um dia minha mãe já tinha me levado para vários médicos. Porém ela resolveu me levar para um médico que era muito conhecido pelas pessoas aqui no bairro, e todos os mais velhos já ouviram falar dele, era doutor Ziza, médico e vidente. Era uma consulta cara, mas a mamãe juntou o dinheiro e pagou a consulta. Ao longo da consulta ele(médico) pediu a entrada da sua secretaria, e pediu pra minha mãe e eu para aguardar do lado de fora do consultório. Mamãe escutou ele falar para a secretaria assim:

— Essa moça pagou a consulta? Pagou sim. Devolva o dinheiro dela que ela vai precisar para enterrar a filha dela. Foi nesse momento que mamãe saiu doida do consultório e veio parar na casa da minha mãe de santo, Maria de Catendê.

Diante da urgência da situação, segundo mamãe, eu tive que dar um “Bory de água” (iniciação no candomblé) pois não podia receber menga, (sangue de animais durante a feitura). Segundo minha mãe de santo, tinha que esperar eu fazer sete anos de idade, pois era a determinação do santo naquele momento. De acordo com a minha mãe, eu recebi o santo com 3 dias de nascida, fui amparado por minha mãe miúda e recebi Oxalá e todo mundo achava que eu era de Oxalá, mas eu sou de Xangô com Oxalá. Foi por isso que estavam acontecendo todas aquelas coisas relacionadas a minha saúde, ao longo da minha infância.

Pesquisador Alberico Santos:

E como tem sido seus dias como filha de Oxalá com Xangô hein?

Sissi – Bom meu filho, Oxalá tem me acalmado muito viu, certas decisões que eu tenho que tomar. Acho que Oxalá passa na frente, e aí ele vem e me acalma e eu consigo seguir em frente. Aconteceu uma situação inusitada que, apesar de que já vinha me contrariando a muito tempo no meu local de trabalho- o largo das baianas de acarajé no largo do bairro de Amaralina. Eu vinha sendo afrontada frequentemente diante do meu tabuleiro de acarajé, por um rapaz (marido de uma baiana que trabalha ao meu lado), que tirava os fregueses do meu tabuleiro, dizendo que o meu acarajé não prestava. Ele disse ao cliente:

— Não vá, não vá comer o acarajé Dela que você vai se arrepender— Ah, eu peguei essa faca coloquei na mão... fiquei parada— quem disse que meus pés saíram do lugar, Oxalá me congelou...kkkkkkkkkkk (risos) Ele ele tem sido a água que tudo acalenta na minha vida...kkkkkkkkkkk, e isso aconteceu numa sexta feira, no dia dele dia do meu santo.

Oxalá e Xangô têm sido os meus guias a todo momento. Eu fiquei quase cega de um peixe que uma criatura me deu para eu comer, peixe chamado surubim que eu comi sem saber que eu tinha Kissila, (alergia devido a feitura do santo), que acabou afetando as minhas vistas. Tudo aconteceu porque minha mãe tinha brigado com a mãe de santo, mais minha mãe de santo gostava muito de mim, esperou minha mãe sair e aí me deu um banho e passou “mastruz” (ensaba-folha) que representa uma espécie de antibiótico natural nas minhas vistas e por fim eu fiquei boa.

Albérico - Como as pessoas do bairro sobreviviam ou se sustentam, além do ganho de roupa e serviços domésticos nas casas dos brancos?

Sissi - Meu filho, foi minha mãe de santo quem ensinou a minha mãe de sangue a fazer acarajé e conseguir ganhar a vida, pois minha mãe lavava de ganho para sobreviver e não tinha condições de sustentar os filhos. Minha mãe logo depois com a venda de acarajé foi se organizando financeiramente, e logo depois fez o santo dela. Eu já estava com 22 anos de idade. Mas eu lembro sim, que foi eu que criei a minha mãe no roncó (cuidar da yaô durante a feitura do santo) e fiquei muito feliz com a sua feitura. Eu lembro de muitas coisas boas que ocorreram na minha vida ao longo da minha infância e adolescência no bairro—festas comilanças e brincadeiras nas festas de santo nos vários terreiros que tinha aqui no Nordeste de Amaralina.

Dentre essas festas eu também pensava porque as crianças estão juntas comigo durante os festejos nos terreiros de candomblé, porém em outros lugares não?

Somente na proporção em que fui crescendo, passei a entender que a minha religião e cor não era aceita pela grande maioria das pessoas fora do bairro. No candomblé eu era feliz, lá aceita, preto, branco, azul amarelo: pessoas de todas as cores. Olha meu filho minha mãe de santo era uma mulher branca dos cabelos duros...kkkkkkk, uma sarará, como a gente fala aqui na Bahia, mais tinha orgulho dos seus pais negros e da sua raça negra.

No candomblé eu aprendi a tomar a benção, a todas as pessoas mais velhas que moravam no bairro. Mas, tinha uma coisa que agente que era Yao, (filhas de santo) tinha que visitar os terreiros de candomblé da redondeza onde morava, pra tomar benção as Yalorixás das casas. Numa dessas casas, por incrível que pareça era aqui onde eu moro desde 1972, pertencia a um dos terreiro de candomblé mais velhos do Nordeste de Amaralina. Aqui ficava o terreiro de Mãe Clarice de Nanã, ou Dona Clarice. Ela era uma mulher muito gorda, ficava a maior parte do tempo sentada e rodeada de pessoas. Minha mãe de santo falava que ela tinha muito prestígio. Ali naquela casa eu já mocinha, aos 13 anos de idade eu vi o seu prestígio e visão no candomblé, através das suas festas de feitura de santo, onde todas as mães de santo do bairro se faziam presente, em respeito aos seus conhecimento e ligação com os orixás. A irmã do Ogan Miruca, de nome Marieta Batista Costa, que reside aqui a duas casas após a minha, foi iniciada no santo com 6 ou sete meses de idade, no terreiro de Dona Clarice, onde seu pai era pai pequeno e sua mãe, Dona Helena era filha de Santo.

Entrevista de número - 4

Entrevista com o senhor **Valdemar Manoel do Sacramento**, de 84 anos, pescador e ex-**Alberico Santos**- Como foi sua experiência de vida, sua infância morando nesse ambiente pós-escravidão.

Seu Valdemar- Minha infância foi trabalhando na roça, tomando conta de cabras, burros de carga, porco, galinha, além de carregar água pra encher reservatórios, (toneis e barricas) para minha mãe lavar roupas e levar nas casas dos senhores que pagavam pelas lavagem de ganhos. Após minha mãe lavar, passar e engomar as roupas, eu seguia junto com ela para longas caminhadas para levar as roupas nas casas que ficavam distante do nosso local de moradia.

Alberico Santos- Sr. Valdemar me fale um pouco da sua experiência como pescador.

O Sr. Valdemar- Bom eu fui presidente da colônia de pescadores do bairro da Pituba e depois do Rio Vermelho em Salvador, fui pescador e aprendi a pescar com o meu pai, que tinha muita experiência e respeito pelo mar, onde conseguia tirar o sustento da gente e ainda vender um pouco do que pescava. Meu pai além de pescador era pedreiro. Ofício que aprendeu com o seu pai e tios ao longo da sua adolescência. A minha experiência de vida de trabalho e labuta na infância, vem desde cedo com os meus pais, que me contavam que começaram na lida da vida com pouca idade.

Alberico Santos- Quem eram os seus pais e o que eles faziam da vida?

Seu Du- Eu sou filho de dona Adelaide Teixeira, que veio do recôncavo da Bahia, da ilha de Matarandiba ainda menina, e o Sr seu pai, seu Emiliano Manoel do Sacramento, que veio de com os pais ainda menino também, da antiga vila de Santo Amaro da purificação, município que também recôncavo. A minha mãe era lavadeira de ganho e meu pai era pescador e pedreiro. Meus pais eram lavradores e trabalhadores consignados dos canaviais e lavouras dos antigos engenhos existentes no bairro Nordeste de Amaralina. Nós tínhamos que plantar e realizar a colheita e em seguida, dividir as frutas, verduras e hortaliças para com os donos das terras, que não nos ofereciam nem as ferramentas de trabalho.

Alberic Santos- Onde estava localizada essa fazenda engenho Pituba?

Seu Valdemar- Eu e meus pais éramos antigos moradores agregados da fazenda Pituba- “que ficava ao lado do bairro Nordeste de Amaralina na parte sul da cidade de Salvador”. Desde o final da década de 70, eu passei a residir na baixa da alegria na localidade conhecida como areal. As fazendas dos oligárquicos que eram proprietários das terras que hoje compreendem o complexo do Nordeste de Amaralina, eram bastante extensas.

Alberico Santos- Segundo seu Valdemar, haviam dois engenhos de cana de açúcar ao longo dessa gleba de terras, localizada sobre os limites geográficos, entre a chapada do Rio Vermelho, a fazenda Pituba e a fazenda Ubaranas. Segundo suas memórias de infância, o engenho fazenda Pituba pertencia ao Portugues, o Sr. senhor Juventino Silva, sendo sua esposa dona Alcina Silva. Já o engenho fazenda Ubaranas a família Amaral, que mais tarde viria dar nome ao bairro.

Alberico pesquisador- Bom dia senhor Valdemar, me fala um pouco das suas memórias sobre os moradores antigos do bairro, o Sr poderia descrever algumas dessas pessoas?

Sr Valdemar- Eu lembro bem de um senhor que morava aqui no bairro, que se chamava seu polodorio. Era um homem negro de unhas grandes de poucas palavras, meio sizudo, mais gostava dos animais e das crianças. Ele era conhecido como o rezador dos pobres e dos ricos também. Me lembro bem de uma vez que ele foi lá na fazenda Pituba que o proprietário (Sr. Juventino Silva), sabia muito bem da fama dele como rezador na redondeza e resolveu chamá-lo para benzer as lavouras, criações de cabras, benzia a baia dos porco, cavalos e até mesmo a casa grande. E ainda estive na praia para rezar as redes dos pescadores das colônias: do Rio Vermelho e de Amaralina, onde historicamente havia fama da fartura na pesca de Xaréu dentre outros pescados durante o ano inteiro.

Alberico Santos- Segundo seu Valdemar, o resador Sr Polodorio cuidava dos “Corpos Negros”, mais soretudo da mente pra que as pessoas pudesse prosperar nas suas vidas com o seu ganha pao, (ofício de cada dia).

Alberico Santos- Alguns amigos de infância que se assemelham a sua trajetória de vida...

O Sr. Valdemar- Olha meu filho, eu conheci uma meia dúzia de amigos que os pais vieram da região do recôncavo da Bahia porque a gente conversava muito sobre essa questão. Algumas dessas pessoas eram trabalhadores da fazenda pituba iguais a mim. Na fazenda havia um feitor que se chamava seu pedro, tinha também seu Antonino que era o administrador da fazenda, seu ernesto, seu Bento , Seu Gregorio

Alberico Santos - Dentro dessa memória historiográfica, dos feitos trabalhados na fazenda pituba, o Sr lembra de algum que lhe marcou?

O Sr. Waldemar - Seu Pedro, um dos administradores da fazenda, quando pegava alguém furtando, frutas ou coco na fazenda, tomava a mercadoria e ele deixava no castigo numa tenda de um dia para o outro. Às vezes, se pegasse pela manhã soltava no escurecer da noite. E se pegasse pela tarde, só soltava no dia seguinte ao furto.

Alberico Santos - Sr. Valdemar, me fale um pouco sobre a festa de Iemanjá.

O Sr. Valdemar - Antigamente a festa de Iemanjá não tinha a repercussão de televisão que tem hoje, os festejos eram organizados pelos pescadores e o povo do Santo. Tinha algumas rádios: rádio fofoca, boca a boca, rádio sociedade e rádio Excelsior, eram as mídias de rádio que ficavam responsáveis pela divulgação da festa. Eu comecei a participar dos festejos

oficialmente como pescador em 1960. Eu já frequentava o Rio Vermelho quando rapazola. Um pouco mais tarde passei a frequentar o antigo mercado no largo da Mariquita no Rio Vermelho. Ponto de boemia de sambas, de chulas do povo do interior que vinham em busca de emprego e fugindo da fome meu filho, eram gente que trazia suas mágoas, mas trazia sua batucada também...kkkkkkkk(risos). Havia um outro mercado próximo a ponte, onde hoje tem um posto de gasolina, onde aconteciam os batuques, vendas de fato fresco, vendas de pescados na parte de fora. Mas na parte de dentro tinha muita comida boa esse menino, comida de roça de gamela, de prato de Nage fervendo, de caca, tinha de um tudo. Eram sobrados enormes que ficavam a vender serviço de comida e bebida a população, trabalhadores e pescadores. Quando frequentava lembro de algumas dessas cozinheiras do mercado do Rio Vermelho: Dona Albertina, Dona Moreninha, Dona Senhora, e Dona Didi, uma mulher negra, descendente de africana com mais de um metro e noventa de altura. Essas eram as cozinheiras mais afamadas do mercado. Ali no mercado era uma localidade de festa de negros a maioria vidos de fora do entorno de salvador. Olha menino, mas também tinha a capoeira, onde o couro comia na parte de fora do mercado. Ali era um braço do mercado modelo, tinha de tudo, muita gente ia participar das farras nos finais de semanas.

Alberico Santos- Como era a geografia do bairro dentro da memória de infância?

O Sr. Valdemar- não haviam casas quase nem uma aqui nessa localidade, aliás em lugar quase nem um aqui do Nordeste. Havia um terreiro de candomblé na rua três irmãos, aqui bem pertinho seu menino, mesmo na baixa da alegria. Tinha uma senhora muito gorda que era a mãe de santo do terreiro, e tinha também seu Joaquim que era pai pequeno da casa. Havia outros terreiros por aqui, tinha um na Santa Cruz, no famoso pé de Jaqueira, que ficava no alto da Santa Cruz que dá acesso ao Rio Vermelho. Todos esses terreiros ainda batiam seus candomblé aqui no Nordeste, entre o início da década de 1950 até o decorrer da década 1960.

Alberico Santos-O senhor se lembra de mais algum morador antigo aqui da região do areal?

Sr Valdemar- Eu lembro muito bem de um dos moradores daqui que trabalhava vendendo couco na praia em cima de um burro. Ele usava um chapelão e fumava charutos e cachimbo mesmo montado em cima do burro. Ele também criava muitas cabras, criava animais porcos barrão para abate, tinha um chiqueiro que ficava perto do campo do Samba Natureza, era uma área grande com muitos porcos. E meu filho eu agora só tenho esse punhado de coisa pra lhe

falar, pois o kengo já fechou as portas...kkkkkkk, nao lembro mais nada, mas amanhã pode vim de novo...kkkkkkkk

Alberico Santos- Seu Valdemar quero lhe agradecer muito pela grande contribuição que o senhor está dando a essa pesquisa. Gratidão pelo apoio científico...kkkkkkk(risos mútuos).

Alberico Santos- Pesquisador. historicizar sobre o lugar onde nasci

O terreiro de Mãe Mariinha.

O bairro Nordeste

O terreiro de Dona Maria Clarice, mais conhecida como Dona Mariinha, compreendia boa parte do da área da baixa da alegria. De acordo com alguns moradores antigos do bairro como seu Valdemar Nascimento, Dona Maria de Lourdes entre outros, algumas das terras aqui, acabaram por terem sido doadas por senhores de engenhos a moradores que trabalharam muitos anos nas suas residências e engenhos de cana de açúcar. Segundos esses mesmos moradores, após o falecimento dos proprietários, seus herdeiros passaram a reivindicar a posse das terras. O que pode ter acontecido com os familiares da Dona Marinha dentre outros moradores. A minha mãe, Dona Juliana da Conceição, nasceu em 1935, na localidade do Ferrão em Nazaré das Farinha, na região do Recôncavo baiano, e veio para Salvador ainda menina. Encorajada por alguns parentes que já haviam se estabelecido nos empregos como domésticas, minha mãe resolveu tentar a sorte na cidade grande como tantos outros que migraram, do recôncavo para a capital , impulsionados pelo desemprego e falta de perspectivas, proporcionadas pelo pós-abolição. Entretanto, neste contexto de vidas em incertezas, já com dois filhos pequenos em Nazaré das Farinhas, com apenas 17 anos após resolver refazer sua vida ao trabalhar de doméstica nas casas dos brancos. O terreno na localidade foi adquirido como fruto de uma outra relação amorosa com o pai dos meus irmãos mais velhos. Em seguida, três anos mais tarde, após esta com seus dois filhos pequenos, viria a desilusão com o falecimento trágico da Morte do senhor Faustino Correia, na explosão na área de construção, 1969. Todavia, agora viúva e pensionista minha mãe continuava a pagar os tributos territoriais ao seu arrendatário. Em 76, ainda criança, mais já um pouco alfabetizado, sabia ler e escrever e explicava a minha mãe o que estava escrito ali naquele documento e a quantia a ser paga. lembro-me desse senhor, o ancião bastante calvo, o Sr Olavo do Amaral, como era bastante conhecido cobrava os tributos(valor sobre a construção do terreno) todo mês de porta em porta aos moradores do Nordeste de Amaralina.

Década de 70- Uma Geração marcada por estigmas e desafios.

Entrevista com Valdemar Manoel do Sacramento Junior, pintor de automóveis desde os 11 anos de idade.

Alberico Santos pesquisador, Junior, me fala um pouco de você e me diz a sua idade esse é o pseudônimo, no qual é mais conhecido na comunidade a 36 anos.

Me diz uma coisa: quantos anos você tem e como você se interessou pelo ofício de pintura automotiva?

Valdemar Junior– Olha, veja bem, eu vou fazer 52 anos, através de muito esforço consegui cursar o ensino médio, paralelo a minha profissão de pintor de autos. O meu interesse começou, não como convite, mas como necessidade mesmo, na época novo minha mãe sozinha trabalhando em casa, meu pai tinha abandonado a família, éramos 4 irmãos menores ninguém fazia nada. Eu somente estudava quando houve um momento em que cheguei em casa à tarde e fui convidado pelo Sr Mário Corujão, ele era muito parecido com uma coruja...kkkkk, que do nada me perguntou– ei rapaz, você tá fazendo alguma coisa agora? Porque você não vem me ajudar na oficina, tô com alguns carros para pintar meu filho–cabeça vazia é oficina do diabo... kkkkk. Bom eu rir e falei pra mim mesmo, eu vou aproveitar para começar a ganhar uns trocados para ajudar em casa, e foi assim que tudo começou, aos quase 12 anos de idade.

Alberico Santos pesquisador, Junior você ficou sem os cuidados de seu pai aos quase 12 anos de idade e foi difícil?

Valdemar Junior- Olha foi bastante difícil porque eu estudava como eu lhe disse, e através dos estudos eu tinha sonhos de cursar uma universidade na área jurídica ou na área militar,(Forças Armadas) eram duas carreiras que eu pensava em seguir. E que, naquela época, era muito difícil um filho de pobre ingressar numa universidade. Embora, porem meu pai tinha um certo grau de instrução, fez o ensino médio, cursou administração e tinha muito conhecimento. O meu pai também tinha emprego fixo, trabalhava como funcionário da prefeitura de Salvador e no entanto eu tive que trilhar o caminho mais fácil que havia no momento, o do emprego imediato porque barriga não espera. Mais ainda conseguir a grande proeza de prestar serviços militares no exército, embora que no período obrigatório, (núcleo base) bastante importante para que eu pudesse me firmar como cidadão ainda mais responsável na vida. Aqui em salvador na minha época você não tinha muitas escolhas não rapaz!!! Ou você estudava ou trabalhava, embora você tivesse consciência de que se você

estudasse e não trabalhasse, você e sua família iriam passar dificuldade para se alimentar, ainda mais se a família fosse grande.

Alberico Santos- Fala um pouco da trajetória de vida de sua mãe, como foi que ela chegou até aqui no bairro, e o que que ela fazia da vida ao chegar aqui.

Valdemar Junior- Bom, mainha era doméstica, o nome dela era Maria Santos Sacramento, sempre trabalhou nas chamadas (casa de família) a gente fala assim né, na casa do branco...kkkkkkk(risos), desde nova a minha mãe já trabalhava nessas casas desde os 15 anos de idade. Ela veio do interior, trazida por uma tia e começou a trabalhar aqui na capital. Mainha veio do interior de São Gonçalo dos Campos, no recôncavo da Bahia.

Alberico Santos, pesquisador- Me fala um pouco da trajetória de vida dos seus amigos de infância que nasceram e se criaram aqui no Nordeste.

Valdemar Junior- Bom, eu nasci aqui mesmo no bairro, nasci de parteira, em 1973 e tive uma infância alegre, apesar de algumas dificuldades, mas muito boa. Agora a minha geração passou por diversos desafios, poucos conseguiram avançar socialmente.

Alberico Santos- Junior, eu vou te perguntar porque apesar de vim ao bairro periodicamente, você se lembra de alguns dos colegas nascidos no bairro que conseguiram conquistar espaços através do estudo ou do trabalho?

Valdemar Junior- Olha Beto, que eu lembre muito poucos, tem meu irmão do meio que conseguiu se tornar funcionário público, com um cargo de inspetor de turma na “Petrobras”, porém com através do ensino médio e não com um curso universitário. Por incrível que pareça, dessa geração de pessoas aqui mais próximas da nossa comunidade até aqui só você mesmo.

Alberico Santos, pesquisador- Quais fatores você traduz como condicionantes para essa falta de perspectiva socioeconômica das pessoas que vivem em comunidades pobres e negras como o Nordeste?

Valdemar Junior- Bem, eu acho que na nossa geração os cursos técnicos eram muito importantes, tais como: torneiro mecânico, soldador, encanador hidráulico, cozinheiros e garçons. Todos esses cursos eram bons para o mercado de trabalho, e haviam duas instituições: o Senai e o Senac. Porém eram cursos muito caros por serem fundamentais, principalmente para o polo petroquímico que empregava muito. Mas não foram ofertados pelo governo para as famílias pobres, como alguns vêm sendo ofertados hoje. Somente o curso de garçom e cozinheiro que eram cursos gratuitos.

Alberico Santos, pesquisador- Porque essas ações não eram feitas no passado nos bairros pobres como o Nordeste de Amaralina?

Valdemar Junior- Pra lhe dizer a verdade eu acho que era pela discriminação do bairro-bairro pobre de gente negra, ninguém quer ajudar o pobre a ser alguém na vida?

Eles querem é ver o preto no crime ou na cadeia...kkkkkkkkk. Agente, alguns de nós que resolveu contrariar as estatísticas e trabalhar e estudar um pouco pra não passar por isso tudo. Esse racismo não deixa a gente conseguir nada, e se não tiver a cabeça no lugar fica louco como alguns dos meus amigos, ou fica um bom tempo preso, ou morre trocando tiros com a polícia ou entre eles mesmo na divisão rival do crime.

Alberico Santos, pesquisador- Quais expectativas têm essa geração, nascida nos últimos trinta anos ? O que eu posso dizer é que faltam investimentos em cultura, entretenimento, saúde e educação nos bairros pobres. O que temos visto por aqui, são investimentos em viaturas armas e discriminação racial, promovidos pelos chamados autos de resistência. Eles chegam atirando no povo da favela, dão tapas na cara dos pais de família e depois ainda atiram a esmo, matam e colocam uma arma na mão do negro pra dizer que bandido. Essa tem sido as perspectivas dessa geração dos trinta, que estão sendo assassinadas ou manipuladas pelos sistema de segurança pública da Bahia.

Alberico Santos, pesquisador- Dentro dessa questão, social e política que você aponta, quais fatores estariam ligados a essa problemática, na qual simboliza a repressão e a truculência condicionados a pessoa negra em bairros como o Nordeste?

Valdemar Junior- Beto meu velho, a gente consegue consegue ver essa questão como uma questão que puxa as pessoas pra baixo, não há uma auto estima em conquistar as coisas, muitos dos meus amigos ainda moram de aluguel, outros foram para outras cidades tentar a sorte e infelizmente outros migraram para outros lados que você sabe como é né...kkkkkkk,

Alberico Santos- Sei sim, entendo, infelizmente tenho que entender. Acho interessante esse viés social que foi abordado por você, no qual essas questões estariam ligadas ou condicionadas diretamente ao êxodo urbano. Instrumento que vem marcando trajetórias de vidas, das quais se estende a diversos fatores sociais no bairro ao longo de décadas a fio. Esses têm sido traços de uma sociedade que tem buscado abrigo fora dos grandes centros urbanos, contrário ao êxodo rural do início do século XX já colocado nessa pesquisa.

Alberico Santos- Você se lembra de alguém que está ligado a essa trajetória de vida?

Valdemar Júnior- Lembro sim, o nosso amigo Ademario, Ademario já mora a muitos anos em Feira de Santana, virou soldador profissional numa grande empresa, e já está lá a uns 30 anos. Por lá também está o nosso amigo Alan, filho de Lourival em Feira de Santana e numa condição até um pouco melhor, pois ele até montou uma empresa de sacolas plásticas, próximo ao bairro Tomba, lá em feira. Temos alguns amigos que estão fora do estado, alguns em Santa Catarina, trabalhando no trecho. O que eu entendo nessas trajetórias de vida, é que o bairro nos condiciona a buscar melhorias por conta da discriminação regional. Quando o agente coloca um currículo nas empresas e eles observam o endereço, eles desistem de nos empregar, achando que somos envolvidos com a criminalidade que é propagada pela televisão.

Continuação- trajetórias de vida, década de 70-

Entrevista com **Lucivaldo Souza dos Santos**, mais conhecido como Marrom, nascido no bairro em 1974, pintor automotivo numa família de 4 irmãos, onde três são pintores automotivos.

Alberico Santos pesquisador- Marrom me diz uma coisa, eu sei que seu pai o Sr Mário dos Santos, aprendeu a profissão através do senhor seu tio cabo Du, homem negro filho e neto de escravos que veio parar no bairro do Nordeste na década de 40. E que a partir da década de 50 ensinou a profissão para o senhor seu pai, assim como para tantos outros. É verdade que foram eles os precursores deste tipo de serviço no bairro, entre meados da década de 50 e início da década de 70?

Lucivaldo Marrom- Sim, verdade, segundo meu pai falava não tinha quase ninguém nessa época, acho que eu me tornei pintor de automóveis desde que eu estava na barriga da minha mãe... risos. A partir dos 10 anos de idade eu já estava dirigindo carros e mexendo com pinturas de carro. Eu comecei lixando os carros para ajudar o meu pai, senhor Mário Corujão como ele é mais conhecido no bairro, e depois fui aprendendo a aparelha e depois fazer as tintas e pintar os carros.

Alberico Santos- Marrom, Você conseguiu estudar até que série, e ao longo do trabalho na oficina você não tinha interesse numa outra profissão através dos estudos não?

Lucivaldo Marrom- Olha meu brother eu estudei até a antiga 7 série hoje o 7º ano e comecei a ganhar dinheiro ajudando meu pai e tendo a minha porcentagem, passei a

organizar a minha vida e daí em diante não quis mais estudar. Pra mim, assim como para muitos outros que não tiveram a oportunidade de estudar, tinha que trabalhar duro para ajudar no sustento da casa, infelizmente o estudo ficava em segundo plano.

Alberico Santos- A que você atribui esse desinteresse dos meninos da sua geração com relação aos estudos, ao longo da década de 80, houve algum investimento em cursos profissionalizantes no bairro?

Lucivaldo Marrom- Rapaz pra dizer a verdade aqui nunca teve curso nem um, nunca teve, não que eu soubesse. Porém, hoje o governo poderia fazer esse tipo de investimento no bairro, por conta da falta de mão de obra especializada, não só na minha profissão, mas também em outras profissões que estão ficando de lado e sem profissional para repor as vagas.

Alberico Santos- E cade essas pessoas Lucivaldo, ainda residem aqui, ainda trabalham em algum lugar?

Alberico Santos- Você acha que muitas pessoas deixam de ser oportunizadas em vagas de empregos, será que pelo fato de residirem aqui tem dificuldade de emprego pela cor da pele ?

Lucivaldo Marrom- Alguns desistiram da vida por falta de incentivo familiar e acabaram indo para o álcool, como é o caso do meu tio, irmão do meu pai. Outros como eu falei aqui para o crime e para droga, mas também tem aqueles que eram muito inteligentes ou pouco mais inteligentes do que muitos por aqui que não foram à frente por estar morando aqui. Quando iria para uma entrevista de emprego e dava o nome do bairro, aí mandava aguardar e já sabe né, não dava em nada...kkkkkkkkk, risos.

Alberico Santos- Aqui tinha nos últimos 15 anos teve muitos meninos que também aprenderam a profissão com o seu pai, eles estão trabalhando na profissão, estão morando e trabalhando no bairro?

Lucivaldo Marrom- Tinha muita gente que aprendeu com painho, mas aqui só uns 5 ainda trabalham por aqui. Vamos contar: Valdemar Junior, meu irmão fora do casamento do meu pai e mais uns três que trabalham por perto. A maioria dos que trabalhavam aqui, saíram e morreram no crime.

Alberico Santos, verdade rapaz, será que pelo fato de residirem aqui tem dificuldade de emprego e são estigmatizados a ponto de fazerem determinadas escolhas?

Lucivaldo Marrom- Olha Alberico, aqui passaram diversos caras “pivetinhos”, “gente boa”, “meninos direitos”, alguns seguiram a vida e conseguiram alguma coisa. Porém, outros não tiveram o mesmo destino, apesar de também serem de boas famílias, no entanto tiveram pela

frente as más influências que tiraram suas próprias vidas ao se envolver com a criminalidade no bairro.

Alberico Santos, pesquisador- Através das narrativas (entrevistas) desses homens e mulheres do bairro Nordeste de Amaralina, fica bastante evidenciado o racismo demográfico posto nas ações contraproducentes, que são produzidas constantemente pelo estigmatismo diaspórico. Essa concepção social e política, os faz distanciar da importante compreensão de mundo social e político. Ao qual lhes submetem a fronteiras sutis, sobretudo no que tange ao conceito semiótico da razão e interpretação do ser ontológico.

**Entrevista com Dener Dublack, produtor cultural e idealizador do Site-
“O'Que Fazer Nordeste Amaralina”**

Eu me chamo **Dener dos Santos**, mais conhecido como, Dener Dublack.

O trabalho que desenvolvo, como produtor cultural, mediante ao que lhe foi proposto nos estudos no colégio, professor Carlos Santana na área de tecnologia. O projeto o'que fazer nordeste, faz parte desta caminhada por anos engajado nos estudos no ensino fundamental e médio, mas também nos projetos sociais que lhe foram ofertados ao longo dessa caminhada. Situação esta em que também é parte de um sonho de adolescência em difundir os acontecimentos coletivos no bairro; seja ele sociocultural, artísticos, políticos ou desportivos.

Alberico Santos pesquisador- me fala um pouco da sua família

Dener Dublak- Minha família é daqui mesmo do Nordeste, meus pais são de Salvador, meu pai chama-se Hamilton dos Santos, nascido no bairro de São Caetano, embora seus pais sejam do recôncavo baiano. A minha mãe chama-se Edna Maria, vem dessa linhagem de lavadeiras de roupas(roupas de ganhos), criada nesse ofício que vem da minha avó, Isabel Maria(as Marias...risos kkkkkk). Elas foram moradoras do alto da Santa Cruz, (localidade que pertence ao nordeste de Amaralina). A minha veio de Santo Amaro e foi lavadeira de ganhos junto com a mãe dela, onde eu acredito que essa linhagem de força de trabalho pode estar ligada a grande maioria das mulheres pobres e negras do bairro.

Alberico Santos, pesquisador- **Dener** me fala um pouco dessa trajetória vida do seu tronco familiar, seus avós e bisavós.

Dener Dublack– Bom, meu avô tornou-se pintor, mas ajudava a família que vem de uma tradição de pescadores, por conta desse legado era pescador também. Porém, segundo eu constatei num dos relatos da minha mãe, ele teve uma infância bastante humilde, chegando inclusive a fazer parte do bando dos “Capitães de Areia”, meninos de rua que é descrito na narrativa do romance de Jorge Amado. A obra passa a descrever a situação da trajetória de vida de vulnerabilidade social dos meninos negros na década de 1930, mediante a infância de extrema pobreza no pós-abolição na capital baiana. Através desses fatos que acabei de descrever, eu pude perceber que ao longo da minha vida essas narrativas recheadas de histórias sobre o bairro descritas pela minha mãe, ao longo da minha infância me permitiu idealizar a construção de um projeto no bairro. Um projeto que passasse a contemplar, descrever e publicar essas vivências socioculturais. Entretanto, o projeto **OquefazerNordeste** tornou-se possível, através da minha formação técnica com imagens e fotografias, cursos que realizei quando foram ofertados pelas escolas do próprio bairro.

Alberico Santos pesquisador-

Dener fala um pouco sobre esse projeto

Dener Dublak- O projeto OquefazerNordeste, nasce em 2019, com o propósito de resgatar o pertencimento cultural, social, histórico e artístico feito pelos próprios moradores do bairro. Esse ideal de fomentação das informações descritas pelo projeto, nasce a partir de confluências causadas por outras narrativas de alguns pesquisadores acadêmicos, que utilizam-se das questões de vulnerabilidade social na depreciação do bairro. A crítica do projeto O'que fazer Nordeste, é que nesses casos não são divulgados o outro lado da questão. O meu trabalho se resume em não deixar de divulgar ações socioculturais em que muitas vezes não são descritas por essas narrativas acadêmicas. São elas as narrativas sobre as tradições culturais e artísticas que têm sido e difundidas no Nordeste com seus músicos e artistas ao longo dos anos, desde a criação do bairro na década de 1940. Então eu digo a você, que o meu trabalho se resume à difusão como veículo midiático(redes sociais) que se propagam por longo alcance na divulgação desse lado artístico e cultural.

Alberico Santos pesquisador- Dener, Você se sente feliz morando no bairro, acha que o barro lhe deu boas vivências sociais e políticas?

Dener Dublack- Meus pais sempre me falaram sobre manifestações culturais do bairro, cultura que segundo eles, por ser oriunda do povo negro, egressos da escravidão teriam que ter um grande valor e respeito por todos os negros. Então, pelo que eles falam, o bairro teve muitas coisas para ensinar para os meus avós e conseqüentemente para as gerações futuras.

As

gerações futuras têm um papel crucial de fazer valer aquilo que foi implantado no barro através de seus ancestrais. O que fazer Nordeste se resume em basicamente isso, buscar esses processos de negritude cultural num esforço para unir o passado culturalmente rico, numa linguagem socializada e acessível a todos os moradores. Muito embora sempre houve um déficit educacional muito grande nas comunidades pobres de Salvador, sobretudo no que tange a cultura negra. O que se percebe é que, ao invés dos investimentos em cultura diaspórica, fomentado pelos moradores mais velhos do barro, o estado tem promovido a repressão e o estigmatismo da pessoa negra com noticiários permanentes de pessoas assassinadas ou baleada por balas perdidas, como foi o caso do menino João Vitor entregador de pizza que foi vítima de bala perdida. O crime aconteceu em 25 de set. de 2023 — João Vitor de Oliveira Campos foi baleado e morreu na madrugada de segunda-feira.

Alberico Santos, pesquisador- Dener, fala um pouco mais sobre as dificuldades de sobrevivência na capital Salvador, sobretudo em bairros pobres como o Nordeste de Amaralina.

Dener Dublack- Bom, o que pude constatar é que a galera da minha geração, que é uma geração mais jovem, muitos não conseguiram trabalho, embora estudem, colocam curriculum todos os dias, porém a grande maioria ainda vivem de pequenos bicos ou moram de aluguel. Alguns que conseguiram ter alguma coisa na vida tiveram que sair da capital, fazendo justamente o trabalho contrário do que fizeram meus avós. Optaram pelo êxodo rural, migraram de Salvador para os interiores da região metropolitana onde as oportunidades de empregos são maiores. Uma vez que o custo de vida é relativamente mais baixo, tendo em vista mais oportunidades de conseguir prosperar, através de trabalhos como servidores temporários, ou através de concursos públicos.

Alberico Santos, pesquisador- Dener como você analisa a questão da empregabilidade no bairro nos últimos 10 anos, sobre o que você ouviu falar em relação aos seus pais, familiares e amigos.

Dener Dublack produtor cultural- Olha meu pai batalhou muito e se tornou mecânico de carro, já minha mãe foi domesticada a vida inteira, embora nos últimos tempos ela tenha conseguido algo bem melhor como profissão. Eu estudei nas escolas públicas do bairro e comecei a interagir com a informática desde o ensino fundamental, o que facilitou a minha carreira como produtor de mídia cultural divulgando o lado positivo da arte e da cultura do bairro, sendo ela de ontem e de hoje.

Alberico Santos pesquisador- Dener me fala um pouco da sua trajetória de vida, dos primeiros da sua profissão passos no bairro.

Dener Dublack- Bom, a minha trajetória de vida, como a de muitos dos meus amigos da época, segue sendo demarcada por escolhas entre estudo e trabalho, sendo que o primeiro tem que

complementar o segundo. Ou seja, para nós que somos de famílias pobres, aqui no Nordeste, ainda temos que trabalhar para ajudar no sustento de casa. Nesse caminho para conseguir trabalho cedo, com 17 anos eu já estava alistado e liberado do exército brasileiro e logo em seguida ingressei numa empresa de informática, profissão que consegui após ter conseguido finalizar um curso na área de informática, na escola Carlos Santana, aqui no Nordeste de Amaralina.

Alberico Santos- E como foi essa primeira experiência de trabalhar aos 17 anos e meio?

Dener Dublack- Olha pra mim foi bom porque eu tive que trabalhar pra ajudar minha mãe, a gente dormiu e cozinhou num só vão, num espaço de casa bastante pequeno. Nós somos de famílias humildes, no que agradeço a minha mãe pela criação exemplar, pois foi através dessa forma honesta que consegui trabalhar para ajudar minha mãe. No que diz respeito à escola, realmente eu tive que fazer escolhas porque foi uma época em que as escolas daqui do bairro estavam sem professores. Eu fiquei sem professor de matemática e outros alunos de salas também ficaram sem outros professores, enfim eu não consegui fazer o ENEM mais segui trabalhando para ajudar no sustento da família. Ai com esse trabalho eu conseguia ajudar nas despesas de casa, trabalhei com segurança eletrônica, trabalhei como vendedor de casa de material de construção. Porém, havia em mim aquele sentimento, de que com a minha experiência eu teria que fazer algo que fosse coletivo em prol do meu bairro Nordeste de Amaralina. No entanto, através da indicação de uma amiga que estudou comigo, eu consegui fazer um curso de fotografia no pelourinho, no qual pude colocar em prática no projeto o'que fazer nordeste.

Alberico Santos pesquisador. Dener, mas você deu seguimento na sua carreira com um curso acadêmico quando?

Dener Dublack- Não, eu não fiz nem um curso acadêmico, continuei me qualificando tecnicamente para que pudesse ajudar minha família no sustento da casa, dentre outras coisas que eu precisava ajudar a minha mãe a se sentir melhor. A minha casa pingava muito quando chovia e apesar de ser filho único, não queria ver minha mãe passar por tantos transtornos. Eu abdiquei de um curso acadêmico para poder trabalhar para ajudar a minha família. Da mesma forma, paralelo a essa consciência utilizei aquilo que eu me qualifiquei para difundir a arte e a cultura da minha comunidade negra.

Alberico Santos pesquisador- Dener, mais me diz uma coisa, você não pensava na possibilidade da universidade após a conclusão do ensino médio não?

Dener Dublack- Olha, no período em que eu estava estudando estava tendo muitas greves de professores, a minha turma ficou um bom tempo(dois anos) sem professor de matemática, assim como teve outras turmas que ficaram sem outros professores. Eu já trabalhava, fazia cursos que me possibilitaram eu produzir peças gráficas, e estudava e não havia tempo para

conciliar tanta coisa. Eu trabalhei de carteira assinada numa empresa de segurança eletrônica, trabalhei como vendedor e também como atendente em uma casa de material de construção. Mas eu estava sempre com esse pensamento, primeiro quebrar as estatísticas dos estigmas que a gente carrega no bairro, e segundo porque pensava, eu vou fazer alguma coisa pelo Nordeste!!! Assim ocorreu, eu fiz um curso de fotografia no “pelourinho” como designer gráfico e fotografia para que pudesse colocar em prática o meu desejo de trabalhar com um projeto de difusão de mídia na comunidade.

Alberico Santos- pesquisador- Mais Dener, nesse momento você já tinha um curso acadêmico?

Dener Dublack- Não, claro que não, eu tive que fazer duras escolhas ao longo da minha vida. Contrariando as estatísticas não só do bairro, mas da cidade de Salvador como um todo, eu busquei algo mais a frente dos meios familiares e seus amigos. Adquirir conhecimento tecnológico e me tornei um mídia buscando informação para difundir na minha comunidade, trabalhando coletivamente dentro da minha própria comunidade. Eu sempre acreditei que a educação, através do conhecimento, pode mudar a realidade da pessoa. Eu apesar de não possuir nem um curso acadêmico, eu gostava muito de ler como até hoje continuo lendo. Eu acho que essa formação social e os incentivos, passados pelos meus pais, “um mecânico e uma empregada” doméstica e que me fez sonhar alto..

Alberico Santos, pesquisador- Dener, me fale um pouco do cenário político aqui do bairro Nordeste de Amaralina.

Dener Dublack- Eu na verdade não vejo um cenário de política que possa nos trazer benefício. A política é uma coisa boa, ela transforma vidas, ela muda os destinos das pessoas, e não vemos isso aqui no Nordeste de Amaralina. Aqui o que existe mesmo é politicagem, candidatos que já estão instaurados a muito tempo, e que não trazem perspectivas de melhorias para comunidade. Diante desse contexto, eu reforço que o bairro tem um grande potencial cultural e artístico, sendo que não existem investimentos nem incentivos para ampliar a cultura local. Os candidatos, todos eles, recebem votos da maioria da população, apesar de nem mesmo residirem no bairro, e não trazem políticas públicas que possam melhorar a situação social da grande massa da população que vive aqui há muito tempo.

Alberico Santos, pesquisador- Dener, como você define o contexto político em si?

Dener Dublack- Meu amigo na verdade a política aqui não existe, política ela tem uma face boa, ela transforma. O que existe aqui é a chamada política, candidatos já instaurados, escolhidos a dedo e que não trazem perspectivas nem uma sobre as chamadas políticas

públicas. Acho que falta uma potencialização da cultura, o que há são reformas de praças e escolas, mas não existem iniciativas de mudanças dos candidatos, nem mesmo do estado no sentido de promover um impacto estrutural. Reclamam que o bairro só tem violência só tem a cultura musical formada pelos paredões, que não é verdade.

Alberico Santos, pesquisador- Dener, então você conclui afirmando que não há um consenso político sobre os investimentos (políticas públicas) que de fato venha beneficiar os anseios da grande maioria da população, e isso?

Dener Dublack, acredito que seja mais ou menos isso.

As pessoas falam, Nordeste só dá e da violência no Nordeste e só dá paredão, mas qual é o contraponto que se é oferecido para as pessoas aqui dentro? Eu venho de uma geração que o “Beco da cultura” no Nordeste era o beco da cultura. Ali havia vários movimentos socioculturais que nos faziam sentir felizes com tudo aquilo. Tinha muito grafite, batalhas Hip Hop, apresentação de danças afro, passeios e visitas em museus. Eu luto para que o bairro passe a ter um ponto de cultura e se transforme num polo turístico, onde vai impactar diretamente na economia local. O bairro possui um forte polo midiático, mas, porém, seus destinos têm sido guiados por forças políticas, que passam a ditar o que pode ser difundido e o que não pode ser divulgado. No entanto, eu venho desse contraponto, de não me curvar nem mesmo aceitar esse processo, trazendo através do meu trabalho midiático uma conscientização maior por parte da comunidade jovem e negra.

Alberico Santos, pesquisador- Você acha que esse trabalho vem ganhando força, essa conscientização social de militância, por conquista coletiva através da política partidária ?

Dener Dublack- Não só acho como tenho certeza do que fiz até aqui. Através do meu trabalho como mídia, eu ao longo dessa caminhada eu já formei cerca de 25 jovens, direcionado eles na vida profissional na área de tecnologia com cursos de fotografia, com celular, vídeo etc, tudo isso dentro de um mercado que eles consomem bastante.. Entretanto, um trabalho que há sete anos vem sendo difundido no bairro e sem nem um apoio das esferas públicas que se dizem atuantes no bairro. Nós passamos a transmitir os festejos populares do bairro, além de pautas de parcerias inclusive na eleição de um deputado federal que foi eleito no próprio bairro. Além de diversas construções midiáticas ao longo do carnaval do bairro, e demais festas institucionais, porém não temos tido o retorno que nos incetive a dar seguimento no nosso trabalho.

Alberico Santos- **Dener** fala um pouco da filosofia de trabalho de vocês através do Site o'que fazer Nordeste.

Dener Dublack- Eu sempre quis montar um trabalho que pudesse difundir o acervo cultural e artístico do bairro Nordeste de Amaralina. O que fazer Nordeste é mais ou menos um resgate dessa memória cultural que tem promovido muitos artistas renomados.

Alberico Santos- Dener você fala de artistas como; Mestre Bimba e sua primeira academia em Salvador, no bairro na década de 1970; Artistas como Xexéu da Timbalada, Tote Gira, do Canto da Cidade- Música cantada na voz Daniela Mercury dentre tantos outros.

Dener Dublack- Sim, com certeza, apesar de não ter tido a oportunidade de conhecê-los, sei o quanto todos eles foram importantes para o bairro, e o trabalho do site é tornar essa memória acessível.

Entrevista no bairro Nordeste de Amaralina.

Entrevistado 01

Vereador da Câmara Municipal de Salvador, Claudio Tinoco.

Alberico Santos, pesquisador- Tinoco, fala um pouco sobre como se deu essa trajetória política dentro do bairro Nordeste de Amaralina.

Claudio Tinoco Vereador.

Primeiro que é um prazer estar conversando com você e tá contribuindo com a pesquisa acadêmica, mas sobretudo com o registro de uma história e de uma cultura de uma comunidade tão importante como aqui do Nordeste de Amaralina. Na verdade, a minha atuação política precede a minha vivência aqui no bairro do ponto de vista social. Antes disso como convivência, aqui eu sempre tive amigos, grupos de samba, capoeira e convivi no bairro, do ponto de vista de dois equipamentos, mas também que demandaram fora do bairro, eram restaurantes de um tio meu que havia aqui na ladeira de Amaralina, e também no Rio Vermelho. Era um restaurante que funcionava próximo a feirinha do Nordeste mais também no comércio do bairro, que era e sempre foi um comércio muito ativo. quando agente fala do bairro a gente fala do complexo como um todo; os bairros Nordeste, Santa Cruz, Vale das Pedrinhas e Chapada do Rio Vermelho.

Alberico Santos- Como se deu a aceitação dos amigos com a tomada das decisões da carreira política?

Claudio Tinoco- Bom, em virtude do meu conhecimento, quando eu tomei a decisão de assumir ou pelo menos tentar assumir uma cadeira política na câmara municipal de Salvador entre os anos de 2007/2008, eu procurei muitos amigos queridos que já

havia conquistado aqui no bairro, dentre eles “Capenga” assim como alguns saudosos amigos, entre eles o “Val” que era um parceiro nosso que foi me apresentando às pessoas. Aqui a gente tem um grupo que eu diria que eu chamo de família Tinoco, um grupo que foi se incorporando ao longo de toda a trajetória. Aí sim, de forma muito melhor e mais detalhada, foi me apresentando o bairro, além da problemática trazida pela comunidade. Com isso, tive a oportunidade em 2012 de assumir uma cadeira na Câmara Municipal, e a partir de 2013 eu passo a conviver com o Nordeste de Amaralina, como representante de uma parcela do bairro que contribuiu para nossa campanha de vereador.

Alberico Santos, pesquisador- Quais foram os principais desafios enfrentados ao longo desse primeiro mandato?

Claudio Tinoco- Olha, nesse primeiro mandato, diante da minha eleição política e que eu começo a mostrar de uma forma muito mais objetiva o compromisso com o bairro e com as pessoas. Trabalhando de forma muito intensa na melhoria da infraestrutura e dos serviços, representado por uma série de obras que realizamos aqui no bairro, obras de infraestrutura, de implantação de novas infraestruturas, mas também de serviços. Serviços na área da educação, da saúde, mas sobretudo na área vocacional do bairro que é a área da cultura e da música. Então Cláudio Tinoco ao longo do tempo foi aquele coordenou o processo de oficialização do circuito mestre “Bimba” como circuito oficial da festa carnavalesca oficial de Salvador e da Bahia, dando não só mais visibilidade, mas sobretudo reconhecimento e investimento público, para fazer com que aquela festa que era tradicional das Escolas de Samba, pudesse ser palco de muitos artistas locais, o Nordeste como eu disse é vocacionado e acima de tudo se trata de uma oportunidade econômica e social, uma vez que o comércio do Nordeste de Amaralina é muito intenso. Logicamente esse evento segue como uma oportunidade de geração de renda para aqueles que vivem aqui e desenvolvem suas atividades.

Alberico Santos, pesquisador- Vereador Tinoco, o Sr acha que ações culturais e artísticas, seriam vertentes úteis para a quebra de paradigma, no que tange ao estigmatismo da pessoa negra, do ponto vista empregatício e midiático no bairro?

Vereador Claudio Tinoco- Eu acho que o que eu posso trazer de diferencial, é justamente a quebra desse paradigma, a quebra desse estigma, porque um homem branco chega aqui numa comunidade de maioria negra, inclusive na sua origem de ocupação você cita a comunidade do “Pé Preto” que eu vou comentar em seguida, mais de uma história política

de muita disputa e luta por se constituir um representante, a partir de um morador local, inclusive pela sua potência, ou potencial eleitoral que tem o complexo, que acaba conquistando isso com a eleição de Davi Ornelas. Vereador que sai praticamente eleito de dentro do complexo Nordeste de Amaralina, mais que de repente seus eleitores passam a ter uma certa frustração política que não vem ao caso entrar no mérito da questão.

Albérico Santos, pesquisador- O que o Senhor salienta neste pleito do Vereador Davi Ornelas, é que a comunidade do bairro passa a não sentir-se representada mediante a contemplação das políticas públicas por um representante, oriundo do bairro, é isso?

Vereador Claudio Tinoco- Sim, de fato fica claro que ele não se ver representado, em fim além de uma série de coisas. Eu chego aqui pra buscar um espaço de representação com essa consciência. Bom eu cheguei aqui como forasteiro, muitas pessoas diziam em 2007/2008 e até 2012, ouvir as pessoas dizerem; não Tinoco é mais um que veio pegar os votos da gente e ir embora. Entretanto, eu que tenho na minha essência, não ai sim tenho na minha formação pessoal, mas acima de tudo de uma coisa que contribui muito pra mim aqui dentro que é a minha formação acadêmica. Eu sou administrador público de formação, quando cheguei aqui para ser político, eu já vinha de uma experiência na gestão pública na área da educação, na área da saúde e na área da infraestrutura. Isso é que eu trago pra ser um vereador não só presente e constante, mas destoando positivamente, de poder me apegar a algumas causas e algumas necessidades e dar solução. Ai eu entro na questão do Pé Preto, uma questão propriamente dito, a gente está nesta obra que está aqui diante desta obra que está acontecendo que se deu a 13 ou 14 anos atrás, onde eu fui chamado aqui por um líder comunitário que ali estava instalado, com uma ameaça de desocupação da ocupação e conseqüente com a retirada das pessoas do morro.

Alberico Santos, pesquisador- Vereador Tinoco, o que lhe fez vivenciar e buscar soluções, desse e outros fatos que são caracterizados e impactados como problemáticas voltadas a lacunas históricas no Nordeste de Amaralina? Situações sociais que fundem com o problema de moradia para pobres e negros em toda a capital baiana. Então esse sucesso se deu com a sua experiência política ou o poder de articulação com o prefeito junto ao seu grupo político?

Claudio Tinoco Vereador- Olha, quando ocorreu a primeira questão em que foi abordada a desocupação da área, as pessoas pensavam em fazer protestos em tocar fogo em pneus nas avenidas principais dos bairros nobres que rodeiam o bairro, a exemplo da (Av. Manoel Dias da Silva), mas eu pedi a eles um voto de confiança. Eu vim subir o morro e firmei um compromisso ao ouvir a comunidade. E a maioria daquelas pessoas ali, eu diria que foram pessoas que tiveram a necessidade de ascensão ao seu núcleo familiar, muitas delas jovens, mulheres que já haviam

engravidado, rapazes que não tiveram muito boa convivência familiar e estavam buscando espaço e não tinham como morar.

Alberico Santos, pesquisador- Vereador Tico, o Senhor envereda por caminhos sociais históricos que reverberam na contemporaneidade do bairro, sobre a falta de moradias, como ocorreu no início do século XX. Como o Sr avalia essas lacunas que continuam a incidir sobre essas famílias pobres, assim como ocorreu com famílias de egressos da escravidão, que conseguiram povoar a duras penas o Nordeste de Amaralina?

Vereador Claudio Tinoco- Veja bem Albérico, quero dizer que o seu raciocínio está perfeito, quando você traduz a repetição dos problemas sobre as mesmas questões de falta de moradia como um problema histórico no bairro. Veja, é muito comum essas pessoas receberem propostas dessas pessoas serem cadastradas no minha casa minha vida, e de repente ir morar num conjunto habitacional fora da sua comunidade, na periferia da cidade, muito mais distante. Eles disseram, não é isso que nós queremos, nós queremos é ficar aqui. Mais vocês não podem ficar aqui sem a mínima condições de saneamento sem água, sem energia.

Alberico Santos, pesquisador- Vereador Tinoco, quais experiências políticas, com base na fomentação das políticas no bairro, foram adquiridas através desta convivência com a comunidade ao longo do tempo?

Vereador Claudio Tinoco- Olha com base na minha experiência de aquisição deste grande benefício que nós estamos falando, a reestruturação da favela do “Pé Preto”. Quando eu falo de problemas que têm mais de uma década, é lógico que a gente não consegue intermediar uma solução imediata. A gente foi persistindo, de sustentações àquelas pessoas, do ponto de vista da existência de qualquer ameaça do ponto de vista da desocupação dos moradores da localidade. Sobretudo ostensivamente, onde muitas pessoas estavam indo para os seus barracos para garantir o único teto, ao ponto que a gente conseguiu contar com a sensibilidade também do prefeito. No momento, já era o prefeito Bruno Reis no seu primeiro mandato à frente da prefeitura de Salvador, disponibilizando elaborar um projeto, que foi feito pela Fundação Mário Leal Ferreira, com ampla participação popular, com muitas audiências públicas, a gente acompanhou tudo isso.

Alberico Santos, pesquisador- Vereador Tinoco, me diz uma coisa: esse projeto foi pensado a partir de um projeto piloto que ocorreu lá no subúrbio da capital, no bairro de Paripe?

Vereador Claudio Tinoco- Sim, de fato, o projeto sofreu essa mesma concepção metodológica, ocorrida na localidade conhecida como Guerreira Zeferina, no subúrbio de Salvador. Uma localidade onde funcionava uma fábrica de reciclagem plásticas que acaba recebendo o modelo de urbanização social numa localidade muito pobre. Bom, voltando para minha formação como administrador público e conhecer aquela experiência, eu acreditava e sabia que valeria a pena a gente lutar aqui por essa intervenção. A gente sabia que não era comum, promessa política, eleitoreira, enfim. E hoje tá aí passa a ser uma realidade, a obra está aí acontecendo e muda a vida de 260 270 famílias que vão ter além de dignidade, seja na infraestrutura, quer seja na habitação, o poder de continuar acreditando que políticas públicas e agentes públicos podem mediar soluções para as necessidades das pessoas.

Alberico Santos, pesquisador- Vereador Tinoco o Sr tem tido um reconhecimento social desta comunidade, as pessoas se sentem representadas, e particularmente o Sr se sente acolhido por esta comunidade, embora haja diversas críticas ao poder público, na esfera da segurança pública?

Vereador Claudio Tinoco- Bom, eu diria para você, que pra mim é um marco muito importante- eu diria dessa relação com o Nordeste de Amaralina. Nós estamos conversando neste momento e já passou atrás de nós, pelo menos umas 4 viaturas policiais com armas de grosso calibre apontadas para fora das viaturas. Seguindo essas viaturas um carro da imprensa e muito provavelmente deve ter algum programa de televisão mostrando ação policial aqui no complexo. E as pessoas que assistem a esses programas e a essa exposição e não conhecem a realidade daqui como nos conhecemos, não fazem ideia de que aqui tem uma realidade diferente do que acontece na televisão. O bairro Nordeste de Amaralina, tem uma realidade do ponto de vista da necessidade que as pessoas têm aqui. O Nordeste de Amaralina, eu diria que é uma ilha povoada e limitada por bairros nobres e classe média e alta, com um grande ativo ambiental que se apresenta como o “Parque da Cidade” se traduz em oportunidade de lazer. Mas acima de tudo as pessoas vivem num nível de pobreza muito grande e por isso as pessoas continuam precisando de alguém e de pessoas.

Alberico Santos pesquisador- Vereador Tinoco o Sr acha que o bairro ainda possui características históricas pertinentes à sobrevivência humana? O que pensar para melhorar as condições de vida num futuro próximo, livrar essas pessoas do estigmatismo negro que os persegue tanto?

Vereador Claudio Tinoco- Eu acho que há uma reprodução desse modo de vida sim, do ponto de vista dessa pobreza extrema que citei agora a pouco, eu acho que as pessoas ainda continuam vivendo de pequenos ganhos como no passado. Bom, só pra concluir a minha fala, você me pergunta também sobre projetos futuros nesta comunidade. Eu queria dizer que nós temos muitos projetos em curso. Eu acho que o Nordeste de Amaralina precisa de um grande centro de formação técnico profissionalizante para adolescentes e jovens, infelizmente o centro social urbano não tem essa função hoje, não exerce mais essa função hoje. Nós vivemos uma realidade na Bahia da aprovação automática que não exige nem frequência, o fraco aprendizado em disciplinas básicas tais como matemática e português isso tem feito com que a juventude não tenha muita perspectiva. Além disso, dada a vocação para a cultura e para a música, o Nordeste também é um bairro, um complexo que não possui um equipamento como um auditório ou um teatro. Mais que também possa contemplar uma amplitude educacional acadêmica, com a implantação de novos ou extensão de campus universitários no bairro. A gente está falando de formação técnica, de arte cultura dentro da necessidade do bairro, no qual fico muito feliz de está participando da pesquisa, fazendo esse registro diferenciado do bairro que tem muita gente precisando de olhares diferenciados. Quero aqui salientar a minha enorme satisfação em participar da pesquisa e me coloco a disposição, muito obrigado...risos eu é que agradeço, demorou mais valeu a pena...kkkkkk, risos

Trabalho de Campo- Entrevista no bairro Nordeste de Amaralina.

Entrevistado- Genivaldo Silva Santos, (Capenga)- Ativista político desde 2007, assessor de vereador.

Albérico Santos, pesquisador- Capenga- “observação” (ele gosta de ser chamado dessa forma) me fala um pouco como é que começou esse trabalho de ativista político, como líder da comunidade do Pe Preto. Haviam outras pessoas que lhe incentivaram a optar por esse caminho em prol de ajuda na implementação de políticas públicas para a comunidade?

Genivaldo Silva Santos- Eu comecei a fazer uma reivindicação por melhorias para a minha comunidade, onde obtive êxito através do assessor do vereador que eu trabalho hoje. Ele atendeu a reivindicação, promovendo junto ao vereador a

construção de uma praça e eu comecei a trabalhar junto a esse grupo político. Roberval, um grande amigo foi quem me apresentou ao que tem como líder o Vereador Claudio Tinoco, um grupo que conheci e comecei trabalhar a 17 anos atrás. A comunidade tem falado bem dos serviços prestados até aqui, e não tem se queixado, muito pelo contrário, estão sempre trazendo sugestões sobre melhorias no bairro, promovendo cidadania, apesar das dificuldades encontradas pela discriminação racial.

Alberico Santos, pesquisador- Genivaldo, diante dessa situação de racismo que há muito tempo vem afetando os moradores do bairro, você acha que através dessas melhorias sociais, culturais e habitacionais, refletem em melhorias para a autoestima do cidadão do bairro?

Genivaldo Silva Santos- Olha meu velho eu sou um dos mais novos ativistas políticos do bairro, e digo a você, que todas as formas de mudanças ou melhorias tem ajudado a esse povo se sentir gente. Nós aqui matamos um leão todos os dias para sobreviver, pois você bem sabe que a nossa geração sempre teve que sobreviver com muito pouco ou quase nada. Não tínhamos escolhas a não ser trabalhar para ajudar nossos pais e estudar quando alguns conseguiam. Eu só consegui estudar até os anos iniciais e comecei a trabalhar de pintor onde estou sobrevivendo até hoje, embora trabalhe com o vereador. O trabalho político está sendo feito, mas ainda tem muita coisa pra fazer pra melhorar a vida da nossa gente.

Albérico Santos, pesquisador- Genivaldo me fala um pouco do trabalho da polícia dentro do bairro, esse trabalho tem sido ostensivo do ponto de vista do racismo? Ainda continuam existindo casos de violência contra trabalhadores que circulam no dia a dia na comunidade?

Genivaldo, ativista político- Olha meu irmão aqui acontece de tudo. Mas eu sigo conscientizando o povo da minha favela que nós somos grandes, só precisamos ter fé e acreditar em dias melhores. Olha a nossa comunidade do pé preto, ninguém diria né, mas vai ficar legal, nossa gente merece muito mais o Nordeste hoje tá lindo e maravilhoso. Nós que lutamos pelas melhorias estamos sempre a um passo à frente na luta para fazer nosso povo adquirir espaço, seja nas escolas de melhor qualidade, na cultura, nos esporte com torneios de futebol ou na construção de moradias dignas para nossa gente.

Albérico Santos, pesquisador- Genivaldo quais são as maiores reivindicações do povo para com o poder público aqui no Nordeste de Amaralina?

Genivaldo, ativista político- Albérico meu amigo, o povo da minha favela só quer paz, não queremos ser discriminados e olhados como criminosos. Aqui tem gente que estuda, trabalha e dá duro pra vencer na vida todos os dias. Minha avó criou a gente no tabuleiro de Baiana, vendendo acarajé pra sustentar a família toda, somos mais de 20 entre filhos e netos. Eu perdi dois dois primos mais novos para o crime, porém eu sigo firme e confiante na minha trajetória de vida, buscando melhorias para as gerações futuras, pois esse tem sido o meu trabalho, acreditar que podemos melhorar a cara do nosso bairro a cada dia.

Albérico Santos, pesquisador- Como tem sido a dinâmica social e política e cultural, entre você, sua comunidade e o vereador Claudio Tinoco?

Genivaldo, ativista político- Olha até aqui as coisas tem fluído bem, o povo está sempre presente nas discussões que tem por finalidade melhorias para o bairro. Eu faço junto aos moradores uma relação das questões que a população mais precisa, levo ate o conhecimento do cara e ele diz a mim- Vamos ver se vai dar, e aí a gente faz, vamos correr pra conseguir juntos. Isso a gente vê nos eventos que acontecem no bairro com ele justamente por conta disso, porque ele não enrola a população, busca resolver as pendências. Então meu amigo, através dessa visão que ele passa pra galera, ele tem conquistado as coisas para comunidade.

Albérico Santos, pesquisador- Genivaldo como tem sido o trabalho de alguns dos seus colegas, ativistas políticos que trabalham com outros vereadores no bairro? O que você acha da atuação deles junto a comunidade no dia a dia?

Genivaldo, ativista político- Bom, é bastante difícil falar sobre isso, porque a gente fica sabendo que tanto os políticos quanto os ativistas políticos não lutam pela galera do bairro. Os políticos que aparecem nas vésperas das eleições, ganham a confiança desses caras, acabam dando grana pra eles e deixam a comunidade à toa durante 4 anos. Eles não pensam na galera mais antiga, que precisa ter seus filhos trabalhando e estudando para ajudar no sustento da casa.

Albérico Santos, pesquisador- Bom, para finalizar, Genivaldo como você vê o futuro do Nordeste de Amaralina, e o que se esperar dos políticos e conseqüentemente das esferas públicas em relação aos avanços de melhorias sociais e coletivas no bairro?

Genivaldo, ativista político- Olha Albérico eu acredito que as coisas tendem a melhorar para o bairro, uma vez que todo político vereador ele quer crescer, ser um Deputado estadual, um deputado federal, e para isso acontecer ele precisa da nossa comunidade. Então eu acho que ele vai buscar melhorias para o bairro para que ele mesmo possa se fortalecer e adquirir os votos para deputado que ele precisa aqui mesmo no nordeste. O Nordeste de Amaralina tem uma população grande de quantas pessoas mesmo... fala aí você que estuda meu brother, eu só sei da galera que vota...kkkkkkkk. De acordo com o último censo risos, o complexo tem mais de 80 mil habitantes. Alberico ainda tem muita coisa pra acontecer meu mano, nossa comunidade e forte nosso povo não se entrega não, somos guerreiros negros que nasceu pra vencer batalhas. Temos também um sonho de manter nossos jovens estudando, fazendo arte e cultura no bairro, e eu vejo que esses jovens falam muito em ter uma faculdade, sei lá, universidade aqui no próprio bairro para eles se sentirem em casa...kkkkkkkkkk risos, acho que é só isso meu irmão.

Trabalho de Campo- Entrevista no bairro Nordeste de Amaralina.

Entrevistado- Fequito- Francisco Manoel Carneiro- Policial Civil.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” me fala um pouco da sua das suas vivências no bairro, quem eram seus pais, de onde eles vieram e o que faziam.

Francisco Fequito, entrevistado- Bom, meu pai era conhecido como Antônio Manoel Carneiro, era guarda da saúde pública, minha mãe minha mãe era Dona Débora Matos Carneiro, e eu Francisco Manoel Carneiro sou ex policial civil, aposentado aos 46 anos de serviços prestados ao estado. Meu pai trabalha em uma sola de coco, naquele tempo não havia camara frigorifica, congelador ou geladeira. A carne chegava para o açougue pela manhã e quando dava meio dia, uma hora da tarde, se tivesse carne ainda, o açougueiro tinha por obrigação salgar logo. Porque se ele chegasse no estabelecimento e encontrasse uma mosca azul ou esverdeada, ele pegava, condenava e jogava aquela carne toda fora e dava o recibo para entregar ao abatedouro.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” Me fala um pouco sobre o que você lembra, mas também o que seus pais lhe falava sobre como era a situação

das pessoas pobres do bairro; como é que elas comiam, o que comiam e quanto a carne que vinha para o bairro e seu abate.

Francisco Fequito, entrevistado- Olha meu jovem, aqui no Nordeste era o seguinte, havia um caminhão que aqui chegava com o gado vivo, tinha um lugar onde despostava o boi e faziam-se as divisões das carnes; as carnes boas iriam para os turistas e as carnes com osso eram vendidas para os pobres. Aqui só matava um boi por semana na fazenda pituba, que ficava próximo a antiga igreja da pituba, na propriedade do senhor Juventino Silva. O homem que era responsável pelo abate do gado chamava-se Pedro da Cabana, que tirava as carnes de primeira para as pessoas que tinham residência ali próximo, para o dono do Banco Econômico e demais oligarcas que ali residiam. Entretanto a grande maioria dos compradores de lá, eram os pobres de famílias de pescadores e agricultores locais, que iam comprar chupa molho, (carnes com osso de menor valor agregado). Porém, não eram todas as famílias, somente aqueles que conseguiam juntar dinheiro da pescaria para poder ter acesso a essa proeza uma vez por semana.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” Eu queria saber de você, sobre o que você lembra da sua infância, mas também o que seus pais lhe falaram a respeito das pessoas de posse ao redor do Nordeste de Amaralina, os latifundiários, quem eram eles?

Francisco Fequito, entrevistado- Veja bem, como é mesmo seu nome de batismo, eu conheço Beto, kkkkkk, risos é Alberico.

Deixa eu lhe falar uma coisa sobre esses donos de terras e herdeiros de antigos engenhos de cana de açúcar. Aqui tinha uma fazenda desse proprietário Juventino Silva, que nós falamos antes, que começava na Pituba e terminava em Brotas, (bairro de classe média alta). Foi essa fazenda engenho quem alimentou muita gente que eram filhos de pescadores aqui do bairro, com jacas, mangas, bananas, batatas doce, aipim etc... Entre esses jovens e adultos, alguns trabalhavam nas fazendas como agregados e no plantio compartilhado, e complementam a sua alimentação com frutas que colhiam nessas fazendas engenhos, eram esses lugares onde saciavam fome de famílias inteiras que só comiam peixes. Apesar de tomarem carreira dos proprietários, eles não sofriam danos piores, o que segundo os moradores

antigos, livrou muitas crianças da subnutrição e da morte precoce. O mar era a maior fonte de alimentação que os mais pobres dispunham. As canoas viviam cheias de pescados o tempo inteiro, os donos das canoas quando dava 5 horas da tarde após venderem seus pescados, tocavam o búzios para os moradores virem pegar peixe de graça que era distribuído para toda a população para não perder os peixes.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” O bairro tem em sua formação social característica a pescaria, sendo famoso pela pesca do Xaréu já na década de 1930. E também se destacava pelo manejo com as lavouras pelos seus antigos moradores, anciãos, que destacam-se por serem oriundos do recôncavo baiano onde adquiriram essa expertise. Seus pais também são do recôncavo baiano?

Francisco Fequito, entrevistado- Alberico, meus pais eram de Santo Amaro da purificação, de onde vieram ganhar a vida com os meus avós. Quanto à relação do bairro, sobretudo com a pesca que sempre foi abundante, posso dizer que aqui sempre teve muita fartura de peixe. Aqui acabou a fartura de peixe quando o falecido pescador, tenente do Exército, conhecido como seu Jorge, tinha um casarão à beira da praia e duas canoas. Numa certa feita, um acontecimento de uma pescaria farta, ele havia pescado uma canoa grande cheia de guaricema. Como não conseguiu vender por preços que ele queria, mandou levar a canoa para alto mar e devolver tudo para o mar e daí em diante o peixe até hoje ficou escasso como até hoje, o peixe só corre para o Rio Vermelho. A melhor pescaria era em Amaralina, e no Rio Vermelho era escassa, as coisas então passaram a se inverter, mediante a essa desfeita a Iemanjá. Aí então no Rio Vermelho passou a se encontrar os melhores e mais abundância de pescados, sobretudo com o fortalecimento dos festejos para Iemanjá.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” quais outros fatos relevantes, lhes rememoram ao remeter-se a sua infância no Nordeste de Amaralina?

Francisco Fequito, Ex. policial civil entrevistado- Olha meu querido, eu lembro bem da ignorância que existia aqui, onde essa ignorância estava ligada ao preconceito contra branco, por ter sido uma comunidade aquisicional nos

termos quilombola. Aqui nos coqueirais foi onde meu pai comprou o terreno para a gente morar. Então por conta disso, eu sofri muito preconceito ao chegar aqui, onde praticamente só existiam pessoas negras, praticamente eu, minha mãe e meu pai éramos os únicos brancos nessa redondeza. Eles faziam uma espécie de chacota, onde diziam- branco são os donos de engenhos e o dono do Banco Econômico, que comem carne de primeira, vocês são amarelos, referindo-se aos meus pais e a mim. Mas, esse preconceito não era pra ficar ofendido, era pra fazer gozação e ainda faziam músicas com a cor branca- “Amarelo empapuçado não pode subir ladeira, quando sobe e devagar, quando desce e nas carreiras...kkkkkkk, risos”. Porém, tinha um pai de santo muito respeitado aqui no Nordeste, o finado Mane Preto que uma certa feita me falou que iria me ensinar uma música- vou lhe ensinar uma música rapaz. Ele tinha duas hortas na baixada e rezava toda a população local contra todas as doenças. Cantava muitos Sambas de Rodas, sapateava e dançava muito aquelas coisas que chama chulas, isso com mais de 100 anos, cantando e sambando o que hoje a gente só vê quando vai nos interior do recôncavo. Nos seus cântico ele me ensinou uma cantiga- Negro preto da cor de tifun, fedendo a catinga que nem xexeu, alma de preto e a traz do ceu. Ele mandava eu cantar para me defender do racismo negros, embora fosse ele um homem negro, mais olhava pra todos do mesmo jeito.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” Você era feliz ao lado da convivência com essas pessoas mais velhas? Qual a importância delas para você, elas lhe motivavam como cidadão, que apesar de viver num bairro pobre, estava cercado de boas memórias do passado escravocrata?

Francisco Fequito, Ex. policial civil entrevistado- Olha meu amigo, pra dizer a verdade eu guardo com muito carinho essas minhas memórias, que pra dizer a verdade me fazem um bem danado viu. Eu lembro de uma pessoa, um senhor rezador, ele morava lá na baixa da alegria, seu Polodorio, era um senhor negro barbudo, de unhas muito grande, afamado por gostar de comer gatos domesticos...kkkkk, risos. Mas ele era muito bom rezador, renomado e conhecido na região, muito requisitado pelos donos de fazenda que ele ia rezar os pastos e as terras. Ficou famoso também, pois inventava músicas com as brigas e confusões que ocorriam nas casas dos vizinhos, transformando os acontecimentos em narrativas musicadas.

Ex: Menino o que é aquilo, aquilo é briga, corre Beto se não matam viva. bateram em Viva como bate num tambor, foi por causa disso que Viva se mudou.

Beto e Viva eram dois irmãos, vizinhos do velho seu polodorio...kkkkkkk, risos ele era bom nisso. Eu conheci tanta gente boa, entre meus doze e quatorze anos de idade, final da década de 60 e início da década 70 que viviam por esse bairro, tranquilo e bastante arborizado, cheio de coqueirais. Eu conheci também uma grande rezadeira e Mãe de Santo, que se chamava Dona Lucila. Essa criatura, segundo os mais velhos falavam e eu ouvir falar, que ela teve o primeiro terreiro de candomblé aqui no bairro Nordeste de Amaralina. O candomblé dela estava situado no pé da ladeira do final da rua para, Joaquim tomava conta da fazenda antes de ser pai de santo(seu Joaquim, era pai do Ogan Miruca, um dos entrevistados). Seu pai “homem que cuidava dos grandes terreiros como pai pequeno das dos Ilês”. Dona Clarice tinha um grande conhecimento sobre os problemas de doenças que afetam as pessoas pobres aqui do Nordeste. Naquele tempo tinha um chamado cobreiro, (vermes)que apareciam nos corpos das crianças por conta dos esgotos a céu aberto e falta de saneamento(protozoários) eram comuns nas crianças e jovens por aqui. As crianças passavam mal e chamavam dona Clarisse para rezar- ela batia as folhas de são gonçálinho três dias seguidos e pronto. A criança após cumprir o resguardo dado pela rezadeira; não tomar sereno e nem pular arame farpado e nem comer comida remosa, (toucinho de porco) eles estavam novinhos em folha.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” me fala mais um pouco da sua família, fala do seu pai e da vida dele como empregado do governo.

Francisco Fequito, Ex. policial civil entrevistado- Bom eu vou lhe contar um caso que ocorreu com o meu pai e a dona Lucila. Meu pai quando bebia ele era muito violento, numa dessas bebidas dele ocorreu que a cachorra de dona Lucila estava fuçando alguma coisa perto dele e ele se irritou e deu um chute que a cachorra caiu longe. Olha você chutou a minha cachorra ne, cuidado que você vai procurar essa perna e não vai achar. Meu pai, após cinco anos passados, ele nunca havia montado numa moto, saiu de moto, foi dar um passeio ali no Rio Vermelho, se envolveu numa batida, a perna voou longe, uma só perna. Ele levou quase um ano se tratando no antigo pronto socorro do canela, e em seguida levaram para o Rio de Janeiro foi que terminaram de amputar mais um pedaço para não apodrecer o restante do corpo. Em seguida meu pai voltou a trabalhar, mas quando a dona Lucila bebia vinha os remorsos e ela chorava. Eu nao roguei praga nele não, eu falei aquilo de perna mas não foi por mal nao.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito”- Me fala um pouco sobre a cultura do bairro, como surgiram as manifestações culturais na comunidade.

Francisco Fequito, Ex. policial civil entrevistado- Veja bem meu nobre amigo, o carnaval acontecia aqui na rua da alegria, onde tinham mandus, caretas, quebra de potes dentre outras brincadeiras carnavalescas. E tinha a manifestação cultural oficial que era a escola de samba Diplomatas, uma grande festividade carnavalesca que era para poucos.

Agora, por falar em manifestações culturais de raiz, aqui tinham uns candomblé falados, aqui batia-se um couro retado. Era o candomblé do Pai de Santo Osvaldo, era um candomblé que quando tocava, as portas e janelas batiam sozinhas. Ele não se dava muito com meu pai porque meu pai era da saúde pública e o candomblé era proibido e tinha horário pra começar e para terminar por ordem da polícia, só batia até às 22:00 horas. Meu pai andava armado naquele tempo, andava com aquelas pistolas na cintura. Mas Osvaldo quando bebia não fazia fé, depois ele acabou com o candomblé e foi morar lá embaixo na rua da lagoa. Ele era um homem retado e tinha muita força e muita magia e fé.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” Os babalorixas e yalorixas eram falados aqui no Nordeste de Amaralina?

Francisco Fequito, Ex. policial civil entrevistado- Meu amigo esse homem acabou o candomblé porque ele quis. Pra você ter uma ideia aqui as polícias vinha, sabiam que estavam tocando candomblé, procuravam e não achavam nada e voltava pra delegacia ou para o batalhão. Eles ouviam o batuque ao longe, porém não conseguiam identificar onde estavam ocorrendo os festejos dos orixás. Eram dois candomblés que a polícia não conseguia ver bater na casa, era o de coice de burro na vasco da gama, era um pai de Santo de quase dois metros- olha coice de burro ta tocando ai vamos cercar. Vinha policiais de tudo quanto é canto da cidade, cercava quando ia ver, tudo fechado e tudo escuro no terreiro e o candomblé tava batendo noutra lugar. Aqui tinha o finado Nascimento também que era um homem de muita força e magia dentro dos conhecimentos do candomblé. Ele era o inspetor daqui, aqui não tinha polícia, aqui só tinha o inspetor do quarteirão e também empregado da

fazenda Pituba. Ele andava de paletó preto, camisa e calças pretas, chapéu e descalço. Seu candomblé era dentro da mata de Juventino Silva, era um candombe grande. Ele era pai de Orlando, Jejeu, Tai, ele meia noite, uma hora, duas horas da manhã você encontrava ele fumando charuto com a brasa dentro da boca, o olho vermelho em brasa com as mãos para trás. Uma vez o candomblé dele tava tocando e muita gente se assustou, ate minha mae que passou por ele enxergou o seu vulto fumando charuto com a brasa na boca e quando passou por ele sentiu a quentura e se assustou, falou com o meu pai mas ele nao viu. Nesse mesmo dia uma outra criatura viu Nascimento passar e sentiu a mesma coisa. Ai meu pai foi falar com ele que ele estava assustando as pessoas e ele disse– ah foi os meninos que eu soltei mais nao vou soltar mais não...kkkkk e ria.

Alberico Santos, pesquisador- Francisco “Fequito” Esses relatos abordam histórias contadas por alguns Pais e Mães de Santo do nordeste, fala-se dos segredos depositados nos solos sagrados deste torrão ancestral. O grande Exu das matas que muitos deles carregavam consigo e que tinha os segredos dos voduns, a magia das sobras, os enredos dos sete Eguns trazidos pelos ancestrais africanos.

Alberico Santos, pesquisador-Fequito qual a sua experiência com o candomblé?

Fequito policial civil- Eu não ia porque minha mãe não deixava, mas eu ia escondido na minha pré adolescência, meus dez doze anos. Vamos para o candomblé comer Bode, vamos levar sal e limão que é pra quebrar a força. Mais eu sempre gostei do candomble, apesar de ser um homem branco e sofre racismo dos proprio negros ...kkkkkkkkkk risos

Fequito foi um policial civil muito querido no bairro por apaziguar situações conflituosas e dá muitos conselhos aos filhos de pessoas do bairro. Sua

conduta ilibada e sua índole dentro da corporação, fizeram dele um policial exemplar, motivos pelos quais nunca se envolveu em conflitos com moradores do bairro. Segundos seus outros amigos policiais que conheci no bairro, ao longo dos meus 27 anos quando tive residência fixa no bairro, chegaram a conclusão que nunca ouviram disparar um tiro sequer. Esse entendimento se faz verdadeiro em relação a sua conduta social. Pois ele é o único policial que continua a residir e transitar livremente dentro do bairro. Segundo informações da própria polícia, o poder paralelo não tolera policiais morando no bairro.

Gustavo, que estava na PM há 22 anos, foi torturado e morto na madrugada de sábado (9), no bairro de Santa Cruz, em Salvador, quando o carro dele foi cercado por bandidos que efetuaram vários disparos contra ele. Para os colegas de trabalho, Gustavo Gonzaga foi morto porque era policial. "Foi um crime brutal com um dos nossos companheiros. E ele morreu por ser um policial militar. A localidade que ele mora é de alto risco, mas ele não dispõe de outro meio de sair daquela localidade", disse Roque Santos, presidente da Associação dos Cabos e Soldados PM da Bahia.

['Perdemos um guerreiro', diz colega de PM torturado e morto no bairro de Santa Cruz, em Salvador | Bahia | G1](#)

O Nordeste de Amaralina é um bairro de inúmeros contextos sociais, aliado às suas manifestações culturais, que se tivessem sido catalogadas, dariam um grande acervo dos seus mais diversos comportamentos e conhecimentos populacionais trazidos dos recônditos do recôncavo baiano. Nesses espaços viveram homens e mulheres de diversos grupos, dos quais muitos pertencentes aos reinos africanos e suas matrizes identitárias, culturais e religiosas. A introdução dos Isla data provavelmente dos primeiros anos do século XIX. Escravos auças, tapas, (isto é, Nupes)e barbas, (baribas), etnias já Islamizadas de longas datas foram introduzidas no Bahia a partir dessa data na mesma época em que começou a importação maciça de iorubás. Veja-se por exemplo no livro de

tutela e inventário da vila de São Francisco do conde, anais do arquivo público da Bahia, vol. 37, (Cunha, 1988, apud Pierre Verger 1978)

A concepção de diáspora africana entre o Recôncavo da Bahia e Salvador

Entrevista no Recôncavo-São Francisco do Conde- Dona Maria Edelzuita Bulcão.

Bem, Dona Maria Edelzuita Bulcão, minha mãe de santo, possui na subjetividade, status de uma das Ialorixás mais antiga do recôncavo da Bahia, com 64 anos de Santo. Mulher negra, nascida no dia 1 de abril de 1940, na vila de São Francisco da Barra do Sergipe do Conde, como ela mesmo descreve em sua entrevista, concedida no seu terreiro de candomblé-Kassimikongo às 10: 00 horas da manhã do dia 8 de janeiro, 2025.

Dona Delza – Ah meu fio, ⁸¹eu sou fia da vila...kkkkkkk, ja comi muito Xangó, caranguejo e catei frutas para sobreviver quando eu era criança.

Imagem 1 - festejos de Nossa Senhora da Conceição da praia, 2024.



⁸¹ **Maria Edelzuita Bulcão**, soma-se a mais uma das muitas mulheres negras analfabetas, que nasceram no recôncavo da Bahia em meio ao século XX, tendo suas vidas ligadas à capital baiana em busca de pequenos ganhos para sobreviver. Os desdobramentos estruturais fincados no pós abolição lhes obrigaram aos pequenos ganhos ao invés da reforma agrária. Homens e mulheres que têm seus destinos marcados por exodus coercitivos em busca da sobrevivência. Entretanto, muitas dessas mulheres foram, ou tornaram-se sacerdotisas(Ialorixás) pela concepção cosmológica em que viviam, fortalecidas pelo seu tronco ancestral.

Fonte: acervo do autor (2025)

Alberico Santos: Perfil da entrevistada concedido em São Francisco do Conde-Recôncavo da Bahia

Seu nome popular é Delza, como gosta de ser carinhosamente chamada. Filha de um possuidor de terras que possuía o sobrenome de uma das famílias mais abastadas da vila, (Os Bulcão), teve 7 filhos em vários relacionamentos. Entretanto, seu Nono, pai de dona Delza tinha como trajetória de vida, os serviços subalternos, apesar de filho de uma família abastada.

Só após muitos anos conseguiu herdar de seu pai um percentual das terras legadas aos familiares da família Bulcão, na vila de São Francisco do Conde, ao longo da primeira metade do século XX. Durante o nascimento de dona Delza e seus irmãos, por serem órfãos de mãe, já ajudavam no sustento da casa, no qual faziam pequenos serviços de mariscagem e pesca. Logo em seguida, aos 15 anos de idade, Delza parte para Salvador para uma casa de família para ganhar a vida, através dos serviços de doméstica. Segundo seu relato, seus patrões moravam nas regiões mais nobres da capital, sendo o primeiro na saúde e depois no corredor da Vitória. Porém, mais tarde aos dezessete anos ela viria trabalhar numa casa durante 28 anos no bairro da liberdade. Através do serviço doméstico, Delza fazia de tudo, como ela alegremente fazia questão de relatar.

Alberico pesquisador: Como foi e tem sido sua trajetória de vida, sendo uma mulher negra e Yalorixá

Mãe Delza — Eu era lavadeira de ganhos meu fio, gostava de trabalhar!..kkkkkk, Lavar de ganhos, (mulheres que viviam de pequenos lucros do ofício de lavar roupas para outras famílias). Eu lavava muitas trouxas de roupas, muitas foram lavadas e engomadas por essas mãozinhas aqui, descreve a Ialorixá, onde narra também sobre as noites perdidas no ferro de carvão. Anos após, em seguida, ao retornar ao município de São Francisco do Conde após 28 anos, a Ialorixá foi admitida como gari pela prefeitura municipal. Seu ofício havia mudado, agora ela varria e limpava as ruas da cidade no início dos anos 80. Nesse contexto, observa-se através da trajetória de vida dessas mulheres, mazelas como o analfabetismo em massa. Por ter todos os membros da família analfabetos, por não assinar o nome, era o único emprego que lhe restava, segundo ela.

Alberico Santos- Como podemos perceber na parte de cima da narrativa, sobre o

recôncavo e suas famílias ilustres, seu pai pertencia ao núcleo dos filhos bastardos desse contexto de poligamia coercitiva, muito comum entre as escravas e seus senhores, donos de engenhos na Bahia, assim como nos diversos territórios brasileiro, onde houveram trabalho escravo. Por conseguinte, através dessa proeza patriarcal, seu Aloisio de oliveira Bulcao, carinhosamente chamado de seu Zuza, possuía boa parte das terras de uma denominada gleba de prenome (pitangueiras) na parte leste da vila de São Francisco do conde, desde 1920. Aporte latifundiário que lhe foi herdado aos 27 anos de idade, segundo sua filha, dona Delza. A área, segundo as descrições da dona Maria Edelzuita Bulcão, estendia-se em 1Km de extensão por por 400 metros de largura. Local onde moram hoje boa parte dos familiares, além das doações de terras que foram feitas às pessoas conhecidas e amigos que não possuíam moradias. Por fim, descreve-se uma área que compreende 800 m⁴, onde viria a ser construído o Ilê Obi Ona Kassimicongo, terreiro de candomblé onde eu fui iniciado como “Filho de Santo” de dona Delza em 2014.

Dona Delza- meu pai falou para minha mãe, que não poderia ficar comigo porque eu era aleijada...kkkkkkkkkk(risos).

Alberico Santos- Esse problema de natureza espiritual, imposto pelo destino, segundo ela, lhe obrigava a viver se arrastando pelo chão da casa do seu pai.

Mãe Delza- Eu ficava dependendo da ajuda dos meus irmãos maiores e mais velhos para fazer as necessidades, para comer, tomar banho, ir ao banheiro o tempo todo.

Alberico Santos-Sentada no barracão do terreiro de candomblé, de saia e blusa de baiana e pés descalços e com uma xícara branca de café nas mãos, ela dá seguimento a produção do seu relato de infância. Recomeça rindo bastante e dizendo que alguns meses depois do falecimento de sua mãe, seu pai tomou uma decisão ao chamar sua nova companheira, dona Mariinha. Em conversa familiar juntos em um novo lugar, o pai de Delza estava decidido a levá-la para adoção num orfanato, ou simplesmente deixar a casa de parentes pobres à própria sorte, morrer às minguas.

— Assim falou meu pai, Mariinha vamos ficar só com os meninos bons, a aleijada a gente deixa pra adotar, dá aos parentes ou deixa ai nas minguas.

— tenho muito trabalho de roça, não tenho tempo pra cuidar de gente doente não.

— Nada disso Zuza, deixa que da menina eu vou cuidar, deixa comigo.

— respondeu a Ialorixá do terreiro Kassimicongo, dona Mariinha.

Alberico Santos- Foi nesse momento, segundo relato de dona Delza, contado mais tarde pela sua mãe de adoção e de santo, que ela começou a ter os primeiros contatos com o candomblé.

Dona Delza- eu fico emocionada porque, Oxossi Nanã e Obaluaê abaixo de Deus e da minha mãe de santo foi quem me deu a vida.

Alberico Santos- Seu entusiasmo na voz durante a entrevista traduz aquele momento, quando ela diz que naquele momento os orixás começaram a lhe abrir os caminhos. Essa, enfim, seria a primeira de muitas portas na sua vida, segundo seus relatos de trajetória de vida como Ialorixá.

Dona Delza- Minha mãe fez o remédio da minha perna a mando de Nana, mas ela queria saber o que o santo tava querendo comigo. Diante das dúvidas que minha mãe tinha, e ainda ficava cutucando a cabeça o tempo todo, ela foi corre para o santo- foi de novo no tabuleiro de Ifá, (orixá da adivinhação nos jogos de búzios), para saber se a eu tava aleijada ou o santo tava pedindo feitura meu fio- meu pai perguntou a ela o que é que a menina Delza tinha, era doença de médico é coisa do médico ou desses orixás.

Alberico Santos- Mãe Delza, e sua mãe descobriu o que estava acontecendo com a senhora, como isso foi possível?

Mãe Delza- meu fio para o quer, seu o jogo firmou na sua razão, o jogo lhe mostrou que eu era fia de Nanã com Obaluaê, (orixá da lama do mangue e que carrega a cura).

Alberico Santos- Contudo, dados os primeiros passos da familiaridade com os caminhos da religiosidade, segundo Ifá, tudo o que dona Mariinha haveria de fazer nesse início, era levar a menina na maré, que ficava a poucos metros da sua casa durante 21 dias e enterrar suas perninhas na lama do mangue por alguns minutos, até a criança se sentir cansada.

Mãe Delza- Eu fiquei curada, meu fio, fiquei boa com a lama do mangue e a fé em Nanã e Obaluaê. O santo mandou a mulher do meu pai fazer o trabalho no mangue, e minha

mãe de santo ficou surpresa, minha mãe Mariinha falou- Zuza 3 meses depois a menina já consegue ficar de pé, ainda meio que cambaleando, mas consegue erguer o corpinho...kkkkkkk(risos de mãe Delza) reproduzindo a alegria da sua agora mãe de santo.

Alberico Santos- Com o passar dos dias como era a sua rotina dentro de casa agora podendo andar aos 5 anos de idade?

Mãe Delza- Eu começava a caminhar os primeiros passos com os caminhos da religião, do orixás segundo Ifá, seguindo o jogo, tudo o que dona Mariinha haveria de fazer nesse início, era levar a menina na maré, que ficava a poucos metros da sua casa durante 21 dias e enterrar suas perninhas na lama do mangue por alguns minutos, até a criança se sentir cansada. **Alberico Santos-** Esse trabalho de indução e descrição etnográfica nos remonta através da ⁸²cosmologia africana e cosmovisão, uma importante fonte da filosofia de vida religiosa do povo negro, entre o recôncavo da Bahia e Salvador. Esses laços de afetividade e religiosidade eram passados de geração para geração pelos antepassados africanos, que viveram no Recôncavo da Bahia, durante o período da escravidão.

Essa constatação é feita quando o orixá que rege o Orí (cabeça) ordena a Mãe de santo a preparar a pessoa para, (irradiação de orixá), o que fez com que Delza ficasse recolhida na camarinha(quarto pequeno de barro batido) aos 12 anos de idade, só podendo sair com a cabeça coberta nos horários sigilosos para os não iniciados.

Embora eu seja um morador oriundo do Nordeste de Amaralina, minha trajetória de vida é descrita como parte da introdução da pesquisa, pelo processo de ligação dos meus pais com o recôncavo da Bahia– Ele de São Sebastião do passe, que pertencia ao recôncavo e ela, minha mãe de Nazaré das Farinhas recôncavo baiano.

O terreiro de candomblé de Mãe Delza, tem como denominação, Kassim Congo, de nação Ketu. Iniciada no barracão, mais tarde seria intitulada no terreiro, onde lhe foi dada a

⁸² A cosmologia africana é uma forma de conceber o mundo e a criação dos seres humanos, que se baseia na tradição oral e na relação entre o homem e a natureza. A cosmogonia africana considera que tudo no Universo está interligado, como uma teia de aranha. O conhecimento cosmológico Iorubá se baseia nos ancestrais divinizados e nos elementos da natureza para justificar a criação do planeta e do homem. A crença na existência de seres sagrados orienta a percepção de mundo da cultura deste povo e dos afro-brasileiros. Este é um pressuposto das crenças cosmológicas de herança africana. Fonte: **ABIMBOLA, W. A concepção iorubá da personalidade humana.** Tradução, notas e comentários: Luiz L. Marins 2011. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra, Paris, 1971. Publicado pelo Centre National de la Recherche Scientifique Edição N° 544 Paris, 1981.

casa de candomblé pela sua mãe, mulher que passou a conviver com o seu pai após a morte da sua mãe biológica- Sua mãe agora era, Dona Mariinha de Oxossi.

Mãe Delza- Ela nos conta, minha mãe faleceu quando ela tinha quatro anos de idade meu fio, eu passei a ser criada e educada pela minha mãe de santo, Ialorixá Mariinha.

Alberico Santos- Essa narrativa sobre trajetórias de vida dos sujeitos, é trazida para que possamos situar, como esses laços de espiritualidade ancestral, são quebrados e relatados pelos seus ancestrais através da religiosidade de matriz africana, entre os espaços rurais e urbanos.

O bairro Nordeste de Amaralina possui em seu registro de paternidade, diversos cidadãos que deixaram o recôncavo da Bahia com seus pais em direção a Salvador, entre o início e meados do século XX. A minha origem genealógica está fincada no recôncavo da Bahia. Em São Sebastião do Passé e Nazaré das Farinhas, no centro sul do recôncavo, estão fincados também meus traços genealógicos de negritude e ancestralidade em 4 gerações, entre avós maternos e paternos.

ASSINATURAS REFERENTES ÀS ENTREVISTAS

II | In lnc o II TO LIVRE E ESCI c.n'

Título da Pesquisa: CORPOS NEGROS - VIDAS APRISIONADAS PELA DIÁSPORA:
LACUNAS NAS POLÍTICAS PÚBLICAS QUE ELEVAM O CÂRCERE, APRISIONAMENTO
SOCIAL E ESTIGMATISMO ÉTNICO NOS BAIRROS POBRES DE SALVADOR- NORDESTE DE
AMARA

...to On nlnndor Dr Lui... iom {I Oomingo
... '0111.- do P-squisador. Alb...rico do onccu;...o antos

A(O) Sr a.(Sr.) esta sendo convidado(a) panictpar dessa pe-.qu que tern
como finalidade, anãhsar quais fatores
diaspórico. Vetores estruturais que incide nas lacunas consubstanciaioasu poll
publicas, aos quais se reafirmam na elevad\ao da pobreza, bem como da fal.:a de
perspectivas para com as pessoas: negros/as moradores do bairro.

Ao participar deste estudo a(o) sra. (sr.) pennitira queo pesquisadc,r regisln:
em audioa narrativa autobiogni.fica por voce explicitada,a partir do conjunto de rcapwtaa AS
perguntas previstas no roteiro de entrevista semiestruturadoo qual lbe foi fornecido previamente.
Posteriormente o conteudo gravado em audio SCrA transcrito pe\o
pesquisador. Sempre que quiser a {o) coparticipante podera pedir mais inf@sabrea
pesquisa atraves do telefone do pesquisador.

A participa\ao nesta pesquisa nao trara compile\o legais, nem de qualqacr
outra natureza, uma vez que as falas transcritas serao utilizadas **exclusivatmente**
finalidade academica/cientifica. Outrossim, as identidades dos {as) copartic:u...i,anus... a
serão os personagens
mantidas em sigilo e nomes ficticios serao utilizados para reptesentar
analizados. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Crite\os da Ética em
Pesquisa com Seres Humanos confonne Resolu\o no. 196/96 do Conse
Saude. Nenbun dos procedimentos usados oferece riscos a sua
dignidade.

Todas as info\o coletadas neste estudo sio estritamente
Somenteo pesquisador e o orientador terio conhecimento dQS dados
estudo traga informa9&s importantes para impulsionar as perspecti
publicos em &luc\o e qualifi\o p(O) onal dos
desiguaJdades sociais, assim como as div onnas do
ao povo do bairn>. De forma que atra do conh im
ento que será construído a partir

fidenciai
Esperamos que este
vas de investimentos
quais consigam reduzir as
racismo que tem sido acometid
im

desta pesquisa, possa com...
o pesquisador se compromete a...
esclarecimentos, solicitamos o seu...
pesquisa. Portanto preencha, por favor, o...
Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens...
manifesto meu consentimento em...
termo de consentimento, e auto...
obtidos neste estudo.

IA MELZUHA BULCAO

Nome do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

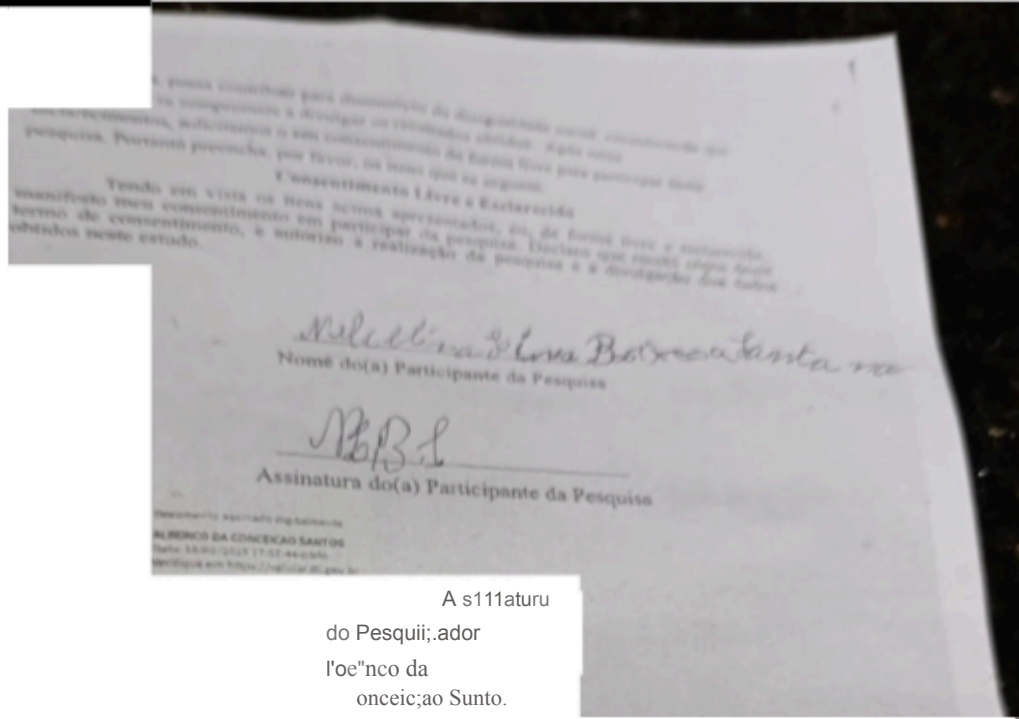
Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Pesquisador: Alberico da Conceição Santos

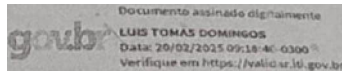
Assinatura do Orientador

Assinatura do Orientador: Lui Tomas Domingo

Pesquisador Principal: Albérico da Conceição Santos - Universidade Federal do Ceará - UFC- Universidade da da integração internacional da lusofonia Afro Brasileira UNILAB
Programa de Pós-graduação em Antropologia
UFC- UNILAB

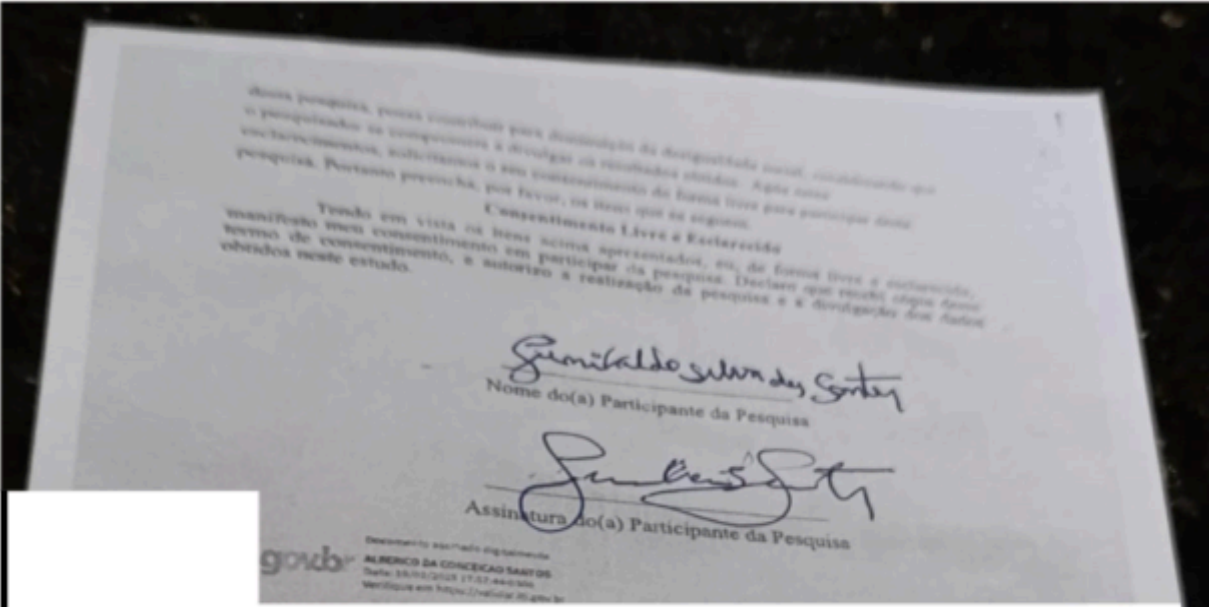


A assinatura
do Pesquisador
do Núcleo da
Conceição Santos.

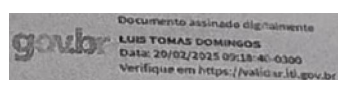


A assinatura do pesquisador: Luis Tom
Domingos

Pesquisador Principal: **Luís Tom**
Ceará – UFC Universidade da Antropologia Internacional da lusofonia Afro
Brasileira UNILAB
Programa de Pós-Graduação em Antropologia UFC- UNILAB



A SID&tira do
Pesquisador: Ibenco da
Concei9ao Santos



Assinatura do Orientador: Luis io
Domingo

Pesqufsador Prfnepal: Alberico da on l o nt Ceara - os - Universidade Federal do
VFC.. Unlversidade da da Integr o int rn Bra acional da lusofonia Afro

Programa de Po -Gradua em Antropologia UFC- UNILAB

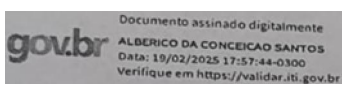
desta pesquisa, possa contribuir para diminuição da desigualdade social, considerando que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

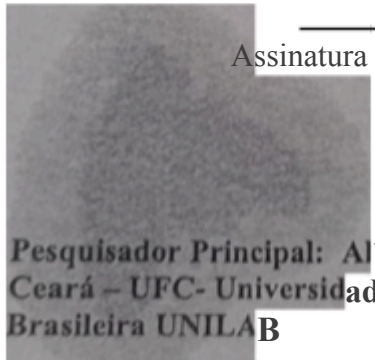
Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

lf(Z,(IM...y 5'?
 ome do(a) Participante da Pesquisa

MM, J/.cill,yQ-f.P .tp? (,;-
 Assmatura do(a) Participante da Pesquisa



----- Assinatura do
 Pesquisador:Alberico da
 Concei;:ao Santos



Assinatura do Orientador: Luis Tomas
 Domingos

Pesquisador Principal: Albirco da Concelio Santo- Universidade Federal do Ceará – UFC- Universidade da da Integrao Int rucional da lusofonia Afro Brasileira UNILAB

Programa de P61-Gradua o m ntropologia UFC- UNILAB

desta pesquisa, possa contribuir para diminuição da desigualdade social, considerando que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

CLAUDE...
 Nome do(a) participante da Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa
 (11) 99117-9586

Documento assinado digitalmente
 ALBERICO DA CONCEICAO SANTOS
 Data: 15/02/2025 17:57:44-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

-----assinaturado
 Pesquisador: Alberico da
 Conceição Santos

Documento assinado digitalmente
 LUIS TOMAS DOMINGOS
 Data: 20/02/2025 09:18:40-0300
 Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Assinatura do Orientador; Luis Tomas
 Domingos

Pesquisador Principal: Alberico da Conceição Santos - Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNJLAB)

Programa de Pós-Graduação em Antropologia - UNJLAB

desta pesquisa, possa contribuir para diminuição da desigualdade social, considerando que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

FRANCISCO MANUEL CARVALHO
 Nome do(a) Participante da Pesquisa

==:tr&1:sn vCc/lt
«:lf2et4ev...»

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



Docu...
 AUIOloco llo,CONA,JoAo SN<Tos
 D-Li Il 02/2025 E...37 44-0:100
 vtr,q,...-m Jo gov br

Assinatura do

Pesquisador:Alberico da
 Conceiyao Santos



Docu...
 LIMTOMAS-
 D-ta: 20/02/2025...a
 -1- _lw

Assinatura do Ori ntador: Lui Tomas
 Doming

Pesquisador Principal: Alberico da Conceição Santos - Universidade Federal
 Ceari - ni nidad d da integração internacional da lusofonia Afr
 Bra ii B
 Progr m d P ós-Graduação em Antropologia UFC- UNILAB

desta pesquisa, possa contribuir para diminuição da desigualdade social, considerando que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

FRANCISCO MANUEL CARVALHO
 Nome do(a) Participante da Pesquisa

==:tr&1:sn vCc/lt
«:lf2et4ev...»

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa



Docu...
 AUIOloco llo,CONAuloAo SN<Tos
 D-Li il 02/2025 E...37 44-0:100
 vtrq...-m Jo cov br

Assinatura do

Pesquisador:Alberico da
 Conceiyao Santos

Docu...
 gov.br LIMTOMAS-
 D-ta: 20/02/2025...a
 -1- _lw

Assinatura do Ori ntador: Lui Tomas
 Doming

Pesquisador Principal: Alberico da Conceição Santos - Universidade Federal
 Ceari - ni nidad d da integração internacional da lusofonia Afr
 Bra ii B
 Progr m d P ós-Graduação em Antropologia UFC- UNILAB

desta pesquisa, possa contribuir para diminuição da desigualdade social, considerando que o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto preencha, por favor, os itens que se seguem.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

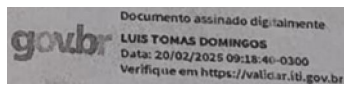
(,4,1, V; - A/A A. V, J 0
 - /1, A
 ,A/v t. l.
 O
 v
 Nome do(a)
 Participante da
 Pesquisa

Assinatura do(a) Participante da Pesquisa

DIIICUWtoMAdo
 m11t1or =-:....?;!...?
 alTIDJ -CIAJ.ro

Assinaturado

Pesquisador:Alberico da
 Conceição Santos



Assinatura do Orientador: Luis Tomaa
 Domingos

Pesquisador Prindpal: Albrleo da Con elo Sant - Unve nit lade Federal do
 Cead- UFC- Univ ndade d da Intqra lo Intem clonal d a lusofonia Afro
 Bruldq UNILAB

Proarama de P6 -Gr du o em **Antropologia UFC- UNILAB**

Os desafios postos entre a fé e a religiosidade no Recôncavo da Bahia

O Recôncavo da Bahia tem cravado grandes feitos, em toda a sua historicidade matriarcal, sobre as trajetórias de vida das mulheres negras. Durante o período pós-abolição, passaram a conduzir suas vidas na ocupação dos espaços de luta por independência: financeira, social e moradia. Na condução desse viés de luta pela sobrevivência, é marcada por algumas dessas mulheres, que ainda carregavam o triste estigma de serem mães solteiras.

Assim começamos a transcrever a trajetória de vida de dona Maria Edelzuita Bulcão, Dona “Delza”, que não se viu distante de tantas outras mães do recôncavo que teve o desfecho de sua vida vindo parar na capital impulsionado pelo contexto de sobrevivência da família. Solteira, semi alfabetada e tendo como o único ofício doméstica, ela criou os 3 filhos sem ajuda dos pais. Entendo esse tipo de organização doméstica como resultante tanto da ausência de políticas habitacionais adequadas até um passado recente, como também, no contexto estudado, expressão de uma matriz cultural negra que se desenvolveu em Salvador e Recôncavo Baiano desde a época colonial (Hitta⁸³, 2003). De acordo com as descrições da memória de infância trazidas a lume por mãe Delza, a partir do falecimento da sua mãe, aos 12 anos de idade, passa a ocorrer uma metamorfose em sua trajetória de vida, onde seus caminhos ficariam marcados por um novo conceito de interação social e religiosa. As dinâmicas da vida nesse contexto temporal, na qual se remete ao seu nascimento, eram de tempos difíceis e com poucas perspectivas de prosperidade. Sobretudo no contexto de mãe de 8 filhos, sobrevivendo a partir de trabalhos agrícolas, pesca e trabalhos de marisqueira nos manguezais.

Alberico Santos- Dentre seus oito irmãos, filhos de pai e mãe, suas adversidades eram ainda maiores, isso porque ela ainda tinha os problemas da paralisia infantil. Esse fatídico destino, imposto pelo destino, segundo ela, lhe obrigava a viver se arrastando pelo chão da casa do seu pai, dependendo da ajuda dos irmãos maiores e mais velhos para as necessidades básicas. Sentada no barracão do terreiro de candomblé, de saia e blusa de baiana e pés Entretanto, dona Delza nos conta que para a sua surpresa de dona Mariinha, 3 meses depois a

⁸³ A descrição proposta pela autora Gabriela Hita, no livro **A casa das Mulheres Noutros Terreiros**, é narrada a partir dos lares pobres de Salvador, assim como a historicidade dos fatos, que traduzem a lacuna social que passa a recair sobre essas mulheres baianas ao longo do tempo. As descrições das personagens são formuladas ao longo do livro em diálogo com outros antropólogos que observaram formas semelhantes de organização familiar entre grupos populares brasileiros – desde autores clássicos tais como Ruth Landes e Klaas Woortmann até os mais recentes tais como Cynthia Sarti e Louis Marcelin. Ao mesmo tempo, a autora investe contra teses evolucionistas ultrapassadas que, durante as últimas décadas do século XX, viam o “matriarcado” de famílias pobres como fonte de patologia. [A Casa das mulheres n'outro terreiro](#)

menina já conseguia ficar de pé, ainda meio que cambaleando, mas conseguia erguer o corpinho.

Dona Delza- Ai minha mãe de criação foi novamente ao jogo meu fio, (tabuleiro de Ifá), fez uma nova descoberta que dessa vez viria a transformar sua vida. Ela havia visto no jogo, que Nana havia pedido feitura de santo à sua filha de criação. Ela conseguia emitir esses diálogos, através da ⁸⁴cosmologia africana e cosmovisão, passada pelos antepassados africanos que viveram no Recôncavo da Bahia, durante o período da escravidão. Essa constatação é feita quando o orixá que rege o Orí (cabeça) ordena a Mãe de santo a preparar a pessoa para, (irradiação de orixá), o que fez com que Delza ficasse recolhida na camarinha por um longo período, um ano e meses meses.

Aos 12 anos de idade, Delza estava pronta, mas segundo seu relato seu pai a proibia de raspar o santo. Algo que só viria a ocorrer aos dezesseis anos de idade, após um longo período de alcoolismo na adolescência, pelas ruas do município. Entretanto, em 1954 após seu pai pedir para ela ir ao terreiro tomar um remédio para dor que ela estaria sentindo a dias, no terreiro Kassimicongo na pitangueira, o santo lhe pega e ela passa a ser recolhida. Segundo seu relato anterior de pequena sacerdotisa, aos doze anos de idade tem seu primeiro contato com um mundo estranho ao seu redor. Porém na sua ida para Salvador lhe trouxe muita angústia e solidão, o que lhe levou a ter os primeiros contatos precoce com o álcool. Nesse novo campo social, passou a exercer o trabalho de doméstica em Salvador, onde teria nesse novo ofício, a responsabilidade de ganhos para a sua obrigação em dar comida ao santo. No entanto, esse desfecho através da bebida lhe conduziu de vez para a casa de Oxossi, dono do terreiro Kassimicongo.

⁸⁴ A cosmologia africana é uma forma de conceber o mundo e a criação dos seres humanos, que se baseia na tradição oral e na relação entre o homem e a natureza. A cosmogonia africana considera que tudo no Universo está interligado, como uma teia de aranha. O conhecimento cosmológico Iorubá se baseia nos ancestrais divinizados e nos elementos da natureza para justificar a criação do planeta e do homem. A crença na existência de seres sagrados orienta a percepção de mundo da cultura deste povo e dos afro-brasileiros. Este é um pressuposto das crenças cosmológicas de herança africana. Fonte: **ABIMBOLA, W. A concepção iorubá da personalidade humana.** Tradução, notas e comentários: Luiz L. Marins 2011. Trabalho apresentado no Colóquio Internacional para A Noção de Pessoa na África Negra, Paris, 1971. Publicado pelo Centre National de la Recherche Scientifique Edição N° 544 Paris, 1981. [009 - Concepción yoruba de la personalidad \(Abimbola\) - A concepção iorubá da personalidade humana - Studocu](#)

4. CONCLUSÃO DO TRABALHO DE CAMPO

Ressalto que pesquisa de campo foi um tanto exaustiva, mediante as dificuldades de entrar no bairro, porém conseguir concluir essa importante etapa para dar conta da dissertação. Através das entrevistas e documentações que serão analisadas sobre o Nordeste de Amaralina, juntamente com documentos que se encontram em cartório de registro civil, arquivo de latifúndios, arquivo público e associação de moradores do Nordeste de Amaralina, terei material suficiente para apresentar uma boa conclusão da pesquisa.

Limitações da pesquisa e sugestões para estudos futuros.

A pesquisa buscou se ater na análise etnográfica que sustenta valores africanistas dos signos da ancestralidade, bastante presentes no bairro, dos quais oriundos são dos mais diversos elementos culturais dos seus ancestrais egressos da escravidão. A comunidade através de seus valores na historicidade pós-colonial, vem sendo estudada em dados científicos distintos, na qual deve ser dada continuidade como objeto de fonte de estudo. Pois diversos valores lhes é agregada, através das suas concepções empíricas, que vem despertando interesses dos mais diversos olhares epistemológicos.

CONSIDERAÇÕES QUE EMERGEM DA PESQUISA AVALIATIVA

A proposta epistemológica, foi elaborar uma pesquisa qualitativa, na qual se sustenta a tese de análise das diversas obras de autores, calcadas em três pilares: Marxismo, Construtivismo e positivismo, correspondentes ao que afirmam, autores como, Flick, 2009, Denzin e Lincoln, 2006. Diante dessa concepção teórica, acreditamos que um estudo aprofundado ao empirismo característico da pesquisa qualitativa, possa nos permitir estudar as nuances do dia a dia das pessoas, a partir de uma análise profunda sobre os comportamentos, as crenças, os costumes e outras características que possam ser vivenciadas ao longo do trabalho realizado na comunidade do Nordeste de Amaralina. Nesse intento, é possível que surjam perguntas e respostas que poderão ser ou não contributivas à pesquisa.

Contribuições teóricas e empíricas e plano de divulgação.

A pesquisa visa contribuir no campo epistemológico com uma discussão social e política, na qual abrange o bairro histórico Nordeste de Amaralina, assim como os demais bairros periféricos de Salvador. Dessa forma, as discussões se situam a partir do enfoque da pesquisa, no que tange as concepções sociais, tais como: racismo, estigmatismo étnico, cerceamento do direito de ir e vir (cárcere), bem como da emancipação social, através do empoderamento do homem negro; assim como do seu importante papel na composição da sociedade baiana.

Limitações da pesquisa e sugestões para estudos futuros

A análise etnográfica sustenta valores africanistas dos signos e da ancestralidade negra, oriundos dos mais diversos elementos culturais, situados no Bairro Nordeste de Amaralina. A comunidade através de seus valores na historicidade pós-colonial, vem sendo estudada por diversos autores e deve ser dada continuidade como contribuições dos órgãos de estatística sociais. Sobretudo no que tange a saúde psicossocial no pós-colonialismo, visando o bem estar das populações pobres e negras da Bahia e do Brasil. Pois diversos valores lhes é agregada, através das suas concepções empíricas, que vem despertando interesses dos mais diversos núcleos científicos do mundo sobre essas populações diaspóricas.

Conclusão.

Para tanto, resalto ao concluir a pesquisa, que diferente de ângulos de sua abordagem a ser pesquisada, destaca-se a singularidade encontrada neste estudo antropológico sobre esses indivíduos. Seu contexto epistemológico ecoa através do grupo de indivíduos, ou famílias de moradores do bairro Nordeste de Amaralina, que integram a condição etnográfica ancestral, e possui extensas relações empíricas sobre: o conceito de estigmatismo diaspórico, ganhos e trajetórias de vida. Seus aspectos culturais giram em torno dessas lacunas sociais históricas, reincorporadas no dia a dia da população local, descritas a partir da vida dos entrevistados. São experiências e caminhos entrecruzados através de pinguelas que os ligam a historicidade, entre o recôncavo da Bahia e seus ancestrais. Nesse extenso paradoxo, a filosofia de vida destes homens e mulheres, estão consubstanciados pelos seus signos, que se configuram pelos esforços de uma constante luta de sobrevivência: entre as fronteiras do ganho e o cárcere. Concepções postas nos paradigmas contemporâneos, a partir de matrizes coloniais que os

segregam e os exclui de direitos substanciais. A centralidade passa a se apresentar como figura cerne como espaço sagrado, exerce e o papel da cosmologia, transversalidade e espacialidade, mediante ao traço singular. Nesse universo de saberes e aprendizagem, o eixo estruturante se resume na uniao existencial dos sujeitos em uma organização do povo negro. Suas diversas manifestações culturais que se apresentaram ao longo da pesquisa, expressa nos através desses descritos, inúmeras descrições de vida coletiva em diversos contexto de resistência ao longo desse território, de lutas e resistência por espaços. O Nordeste de Amaralina é um quilombo que se autodefine como cerne ancestral, através dos terreiros de candomblé, assim como outros manifestos africanistas. Entendemos ao longo da pesquisa que seus atributos são lares de pertencimento coletivo, onde se compartilham memórias em meio a segregação dos seus corpos nos espaços urbanos, sendo que na maioria deles, destinados a uma minoria influente e rica. Nesse intento, o negacionismo dos corpos negros se constitui como fronteiras—“vidas de sujeitos que emergem de uma construção semiótica”, sócio espacial; o que os situa na transversalidade e historicismo da ocupação dos espaços. Todavia, a sobrevivência social e econômica tem sido o cerne do pensamento social diaspórico ao longo de décadas em Salvador.

Dessa forma, ao conectarem-se aos valores ancestrais, buscam o saber deixado pelos seus pais e avós, como parte factual do existencialismo etnico local. Este desfecho segue sendo pautado nos dias atuais, assim como foi a trajetória dos seus ancestrais ao longo da fundação do bairro. O estudo do caso com base nas trajetórias desses corpos, lhe inclui como memória viva de um passado colonial nefasto. Apesar da resistência decolonial posta em seus corpos e mentes. A universalidade passou a ser incorporada através dos signos, em homens, mulheres e anciãos, que trabalharam por quase oito décadas dentro do seu lugar de fala. Tendo como contrapartida única, a perspectiva da peculiaridade em perpetuar os meios de sobrevivência em benefício do seu povo. Nesse contexto epistemológico, o estudo do caso demonstra o dinamismo e a singularidade desses corpos na contemporaneidade. Apesar dos cerceamento dos direitos, segue sendo incorporado ao estigmatismo diaspórico e a política de cárcere privado. Dessa forma, define-se por tanto neste estudo, concepções de vidas e trajetórias de ascensão social, das quais estão postos os valores fincados na simbologia que os afirmam como tal. Configurando-os como matrizes étnicas que impactam sobre o acervo sociocultural incrustado na cidade de Salvador, a partir do pós-abolição. São rupturas paradigmáticas, demarcadas sobre os fragmentos coloniais. Instituídas por sua vez, a partir da

cultura popular da Bahia, através do seu referencial identitário, oriunda do berço ancestral negro.

Essa condição os apontam como agentes políticos de países situados na concepção de diáspora, quanto à sua sobrevivência colonial. Mediante esse contexto, a convivência com o universo colonizador, (a escravidão dos seus corpos africanos), situam-se também experiências com elemento da cultura do próprio tronco afrodescendente e afrodiasporico. Construções em que abarcam reciprocidade cultural coletiva e interdisciplinaridade, junto a um forte conceito de: africanidade e africanismo ao longo das suas trajetórias de vida. Todavia, neste espaço de remanescente negra, seus contextos de vida são considerados sagrados. No qual também é preciso registrar as especificidades e diferenças sócio-históricas de cada contexto.

Os trabalhos aos quais situam estudos de populações negras, nos condicionam a destacar sobre os vetores sociais e políticos, sobre os quais demonstram os impactos sociais e econômicos que recaem sobre essas trajetórias de vidas. Nesse campo de extensa busca, para transitar sobre esse processo antropológico, eu precisei recorrer aos mecanismos de indução da pesquisa etnográfica, em meio a essa tríade bastante complexa que se soma ao objeto a ser pesquisado. Essa certeza se soma aos impedimentos que eu tive ao adentrar ao bairro por conta da forte repressão policial, mas nem isso tira os velhos moradores do bairro. Muito pelo contrário, isso os faz querer somar mais força cultural, presente a tantos outros significados e simbolismo ancestral. Pessoas que buscam valores, que encontram-se aprisionados pela concepção diáspora africana. Entretanto eu pude encontrar sujeitos verbalizando suas concepções de vida, através dos feitos: cultural e artístico. Percebi mediante aos dados pesquisados, que essa concepção de vida e necessidade de subsistência, impacta uma considerável parcela dos cidadãos negros. São homens e mulheres que são condicionados à problemática em questão. Viver através de pequenos ganhos, muito embora haja uma grande força que os estimula a resistirem no dia a dia no bairro: a noção de pertencimento ancestral, espacialidade e territorialidade. Ademais queria agradecer a todos por me fortalecer criticamente na minha trajetória acadêmica ao avaliarem o meu trabalho. Porém, quero trazer aqui também um questionamento aos senhores membros da banca. Os bairros pobres de Salvador estão sitiados, o que inviabilizou em boa parte do meu tempo, na constituição de alguns documentos que não foram possíveis ser inseridos ainda na pesquisa. Estes documentos reafirmam a lisura da minha pesquisa—são eles os documentos que atestam a autorização dos entrevistados, bem como a entrevista do vereador do bairro, assim como, fotos e certidões de títulos de posse de terra adquiridas pelos moradores.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Casa Civil, subchefia para assuntos Jurídicos.** Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm> Acesso em: 17 de set. 2021.

BAUER, Martin; GASKELL, George; ALLUM, N.C. cap.1 - Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. Evitando confusões. In:

BAUER, Martin; GASKELL, George (ed.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002 (p. 17 a 36). BEAUD, Stéphane;

WEBER, Florence. Introdução. In: __. Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007 (p.9-18). Bibliografia complementar:

BECKER, Howard. Introdução. Métodos de Pesquisa. São Paulo: Hucitec, 1993. HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. Etnografia. Princípios em prática. Petrópolis: Vozes, 2022.

Comissão de Direitos Humanos Minorias e Igualdades Racial Disponível:<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cdhm/noticias>> acesso em 23/10/2023.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. p.63. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2011

_____. Congresso Nacional. **Câmara dos Deputados. Comissão Parlamentar de Inquérito do Sistema Carcerário. CPI sistema carcerário.** – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2009. Disponível em: https://www.google.com/url?client=internal-element-cse&cx=12566f05ba0be64f4&q=https://bd.camara.leg.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2701/cpi_sistema_carcerario.pdf.

CUNHA, Olívia. 2004. "**Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo**". Mana,10(2):287- 322. COLLINS, Patricia Hill.2018. "Epistemologia feminista negra".

<https://books.google.com/books?id=u3lvDwAAQBAJ&printsec=frontcover&dq=inautbor:%22Nelson+Maldonado-Torres> BERNARDINO-COSTA, Joaze;MALDONADO-TORRES,Nelson; GROSFUGUEL.Ramón.(Org.)

Descolonialidade e pensamento afro diaspórico. Belo Horizonte: Autêntica.

CUNHA, Manuela Carneiro da. 2012. Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África. São Paulo: Companhia das Letras.[Íntegra]

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

[Jacques Derrida, “Força de Lei”](#). Derrida, J. Politiques de l’amitié. Paris: Galilée, 1994. Derrida, J. Força de lei. O fundamento místico da autoridade. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

[Holocausto brasileiro](#) Arbex, Daniela Holocausto brasileiro / Daniela Arbex. – 1. ed. – São Paulo: Geração Editorial, 2013. ISBN 978-85-8130-156-3

[Raymundo Faoro Os Donos do Poder | Favareto UFABC](#). **A integração do negro na sociedade de classes**. Volume 1: (O legado da “raça branca”) Capa comum – 1 novembro 2008, ed. São Paulo: Globo, 2001 [1958].

Ferreira, Ricardo Alexandre—F383a, Antropologia Cultural: um itinerário para futuros professores de História / Ricardo Alexandre Ferreira. – – Guarapuava : Ed. Unicentro, 2009

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 3. Ed. São Paulo: Ática, 1978, v.1.

FRAGA FILHO, Walter. Encruzilhadas da Liberdade: histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910). Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

Malighetti Roberto, . Clifford Geertz : o trabalho do antropólogo / tradução de Sebastião Moreira Duarte. - Salvador : EDUFBA, 2019.

_____ **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUERRA. Elaine Linhares de Assis, Manuel de pesquisa qualitativa, UNA, Belo Horizonte, 2014.

G1, Bahia. **BA é estado do país com maior número de mortes violentas de jovens entre 15 e 29 anos desde 2009, aponta estudo**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/ba-e-estado-do-pais-com-maior-numero-de-mortes-violentas-de-jovens-entre-15-e-29-anos-desde-2009-aponta-e-studo.html>>, Acesso em: 17 de set. 2021.

HALL, Stuart. **“Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais”**. Belo Horizonte: Ed UFMG/Humanitas, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das

letras, 1995. MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte:

Editora UFMG, 2003.

IBGE- CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA- ANUÁRIO

ESTATÍSTICO DO BRASIL – 1955 Ano XVI.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne (Orgs). **Teorias da etnicidade**: seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. São Paulo: UNESP, 1998.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo. Ed. Companhia das Letras, 1995.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

Séries Estatísticas Retrospectivas I Fundação .Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. - Rio de Janeiro : IBGE, 1986. 3v. em 5

REIS, Vilma Maria dos Santos. Atocaiados pelo Estado: as políticas de segurança pública implementadas nos bairros populares de Salvador e suas representações, 1991 – 2001. Publicado em 2005.

REIS, João José. Rebelião escrava no Brasil: a história do levante dos malês em 1835. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Referências complementares para pesquisa

BRASIL. **Presidência da república. Secretaria Geral. Mapa do encarceramento: os jovens do Brasil / Secretaria geral da presidência da república** e Secretaria Nacional da Juventude-Brasília: Presidência da república 2015.

_____. **A visão do Ministério Público sobre o sistema prisional brasileiro**. Ed. CNMP, V. 3, Brasília (DF), 2008.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardiã Resende et. al. (Org. de Liv Sovik). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HOBBSAWN, Eric. “Language, culture and National identity”. Social Research, Vol, 63, Nº 4, 1996, pp. 10065-1088.

FANON, Frantz. **“Pele negra, máscaras brancas”** Salvador: EDUFBA, 2008.

MAHMOOD, S. 2006.”Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões

MATTOS, Wilson Roberto de. *Negros contra a ordem: astúcias, resistências e liberdades possíveis* (Salvador, 1850-1888). Salvador: EDUNEB, EDUFBA, 2008.

sobre o revivalismo islâmico no Egípto”. *Etnográfica*, 10(1):121-158.

DAS, VEENA. 2011. “O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade”. *Cadernos Pagu*, 37: 9-41

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NOGUEIRA, Oracy. (1985 [1954]), **“Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil”**. In: Nogueira, Oracy. (Org.), *tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*, São Paulo, T.A. Queiroz.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: o nascimento da prisão**. 42ed. Petrópolis/RJ: Vozes, Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis/, RJ: Editora Vozes, 2014.

O Emblemático Protagonismo Político branco da capital mais negra do

Brasil <https://www1.folha.uol.com.br/blogs/guia-negro/2022/12/salvador-capital-afr-o-pass-a-longo-do-protagonismo-negro.shtml>2014.

FREYRE, Gilberto. **“Prefácio à primeira edição” & “Características gerais da colonização portuguesa do Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida”**. In: *Casa grande & Senzala*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1996 (1933).

Santos, Lícia Maria Souza dos *As fronteiras do lugar na vida dos jovens: um estudo nos bairros do Nordeste de Amaralina e Nova Brasília de Itapuã em Salvador-Bahia / 2018. Ciências Sociais - PPGCS) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2018.*

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

MUNANGA, Kabengele. **“Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia”**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/2003.

_____. **“Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.”** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

POUTIGNAT, Philippe. **“Teorias d as etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras”** de Fredrik Barth/Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fernart; tradução Elcio Fernandes. – 2.ed. –São Paulo: ed. Unesp, 2011. 250p.

<https://fogocruzado.org.br>

Pároco Abib Jonas _____ HC sobre ação de injúria Salvador- Bahia

<https://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=4988091>.

SOARES, Luiz Antônio Alves. **A sociologia crítica de Guerreiro Ramos: um estudo sobre um sociólogo polêmico**. Coordenação de Adilson de Almeida, Leonardo R.

Fuerth; colaboração de Wilson Pizza Júnior. -- 2. ed 1. reimp. -- Rio de Janeiro: Conselho Regional de Administração do Rio de Janeiro, 2006.

<https://jornal.usp.br/radio-usp/ganhadores-do-nobel-de-economia-relacionam-a-prosperidade-das-nacoes-com-suas-instituicoes/>.

<https://repositorio.ufba.br/browse?type=author&value=Santos%2C+L%C3%ADcia+M+aria+Souza+dos>

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “**O Espetáculo das Raças**” – cientistas, instituições e questões racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.16.

VARELLA, Drauzio. **Estação Carandiru**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WEBER, Florence. Introdução. In: __. Guia para a pesquisa de campo. Produzir e analisar dados etnográficos. Petrópolis: Vozes, 2007 (p.9-18). Bibliografia complementar:

<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/dados-series/20>

10. Fontes de Dados

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA (SEI).

Desigualdades raciais na Bahia: análise dos indicadores. Salvador: SEI, 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC). Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Atlas da Violência 2023. Brasília: IPEA, 2023.

6. APÊNDICE

6.1 Roteiro de entrevista

O roteiro de entrevista terá como base os moradores da comunidade que serão entrevistados por categorias de análise dos acontecimentos, ex:

Na entrevista aos anciãos, será direcionada a pauta da formação e povoamento do bairro, concepções culturais e religiosas que refletem os valores da ancestralidade negra.

As entrevistas com os mais jovens a pauta será extensiva ao cárcere privado/ dentro e fora do bairro, racismo institucional, assim como da lacuna social que reverbera nas políticas públicas durante os mais de 70 anos de existência do bairro Nordeste de Amaralina.

Por fim, os possíveis questionamentos durante as entrevistas com membros de instituições sociais e políticas, que possam se fazer presentes no bairro, sobre a coleta de informações no que diz respeito à representatividade política no bairro. Onde ao longo dos quase 40 anos da constituição nacional, na qual precede os direitos iguais entre os homens no Brasil.

7. ANEXO

Nos anexos será colocado todo material coletado como uma espécie de mosaico de amostra da pesquisa e seu roteiro documental. Fotos do bairro e conseqüentemente dos personagens que farão parte do estudo tais como; os moradores e possivelmente algumas das suas residências; documentos de instituições públicas, ou associação de moradores; fontes de jornais e revistas; e por fim dados de entrevistados fora do bairro no presídio Lemos Brito.

MOSAICO DE FOTOS SOBRE ACONTECIMENTOS NO BAIRRO

Foto – 1: Fotos do carnaval Nordeste de Amaralina



Fonte: Oquefazer Nordeste Amaralina (2025).

https://www.oquefazerna.com.br/wp-content/uploads/2023/11/DSC_0234-1536x1060.jp

00

Foto – 2: Cantor e compositor Joel Nascimento no Circuito Samba Junino 2023.



No final da década de 70 e início dos anos 80, com o declínio das Diplomatas de Amaralina e o surgimento dos blocos afro, a cena dos grupos juninos se intensificou. Durante esse período, diversos grupos surgiram, como o Samba Partideiro, o Samba Unidos do Capim, o Samba Elite, o Samba Show e o Samba Charme. Além disso, festivais de música e competições locais de samba-enredo realizaram oportunidades para compositores e cantores locais, resultando em músicas populares que ainda são lembradas, como “Vem meu amor”, gravada por Ivete Sangalo.



Fonte: <https://www.oquefazerna.co> Foto – 3:



Fonte: Oquefazernordeste

Foto – 4: Curso de Fotografia e Roda de Conversa no Nordeste de Amaralina Promove Juventude, Trabalho e Desenvolvimento Econômico.



Fonte:

Foto – 5: Comunidade do Nordeste de Amaralina Unida em Protesto por Justiça em Memória de João Vitor”



Fonte:

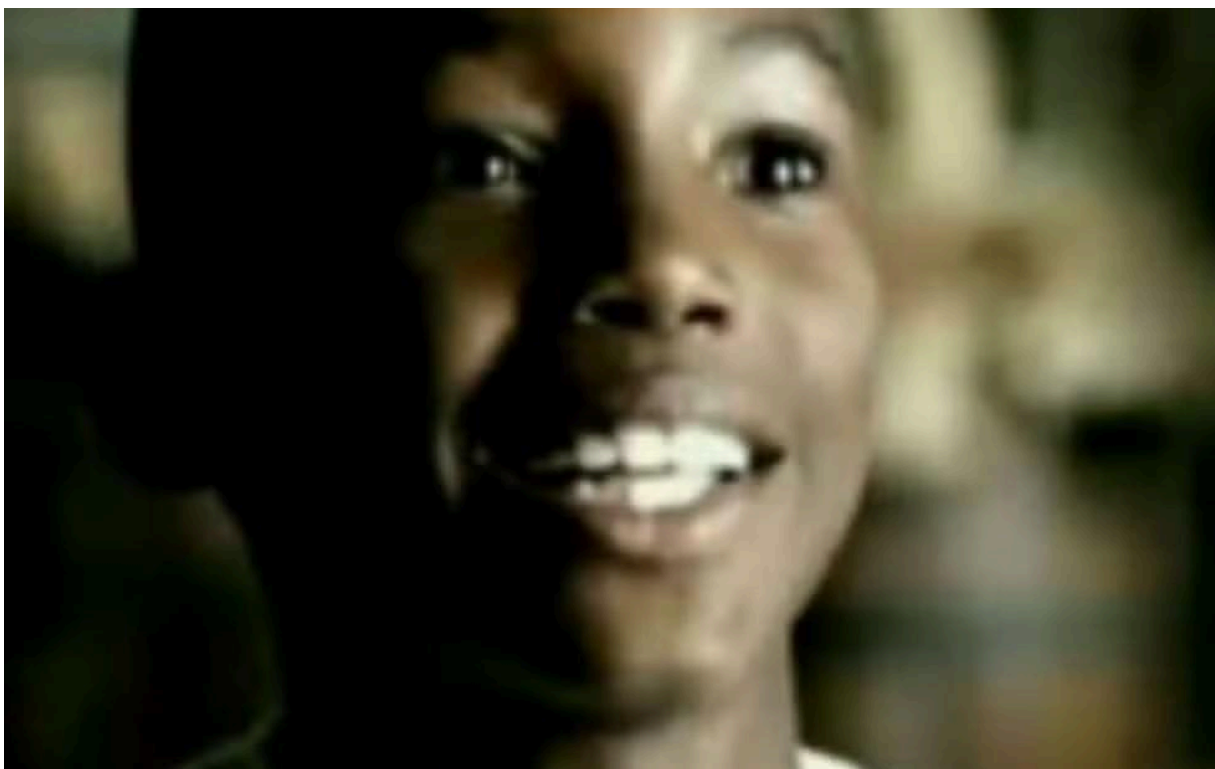
Foto – 6: Mãe de João Vitor sendo entrevistada pelo repórter Muller Nunes | Rede Bahia

A cobertura deste evento crucial foi realizada com dedicação de Dener Dublack e Carlos Danilo, em nome do projeto “O Que Fazer NA”. Expressamos nossos profundos agradecimentos pela confiança, carinho e reconhecimento que recebemos ao longo desta caminhada por parte de todos os moradores da Região Nordeste de Amaralina. Este protesto pacífico demonstrou que a comunidade está unida em sua busca por justiça e segurança, e continuaremos a lutar por um futuro melhor para todos os seus habitantes.



Fonte: Oquefazer Nordeste

Foto – 7: Assassinato do menino Joel.



Joel tinha 10 anos quando foi morto no Nordeste de Amaralina, em Salvador — Foto: Reprodução/TV Globo.
Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/05/06/menino-joel-julgamento-salvador.ghtml>

Foto 8 Vivências da infância no bairro na década de 70



Fonte:Oquefazer Nordeste

Foto – 9:



Fonte: Oquefazer Nordeste

Foto – 10:



Fonte: Oquefazer Nordeste

Foto – 11:



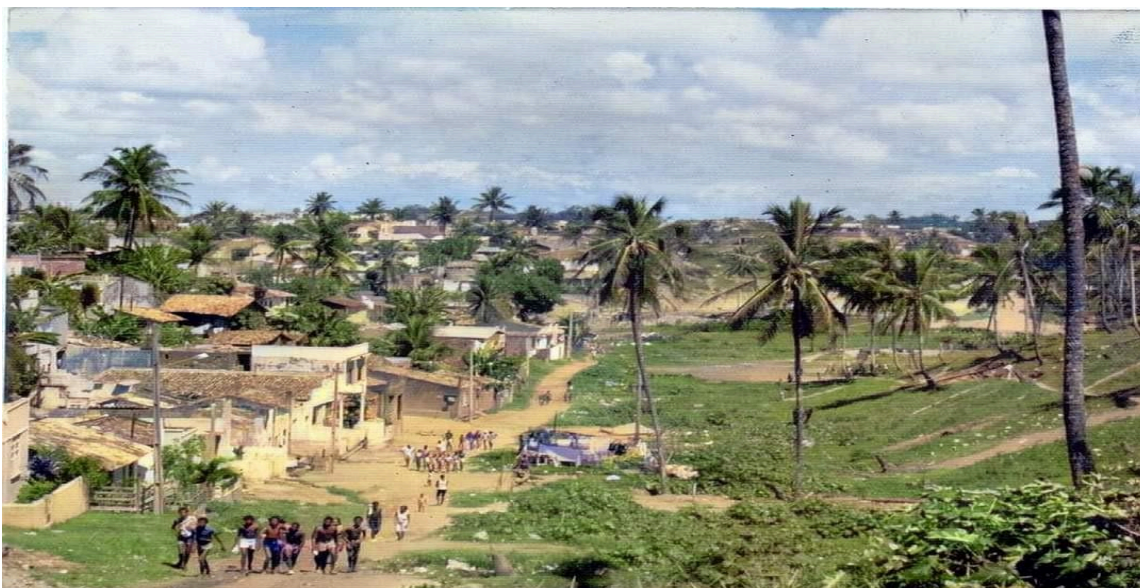
Fonte: Oquefazer Nordeste

Foto – 12: Vista da praia de Amaralina na década de 1930.



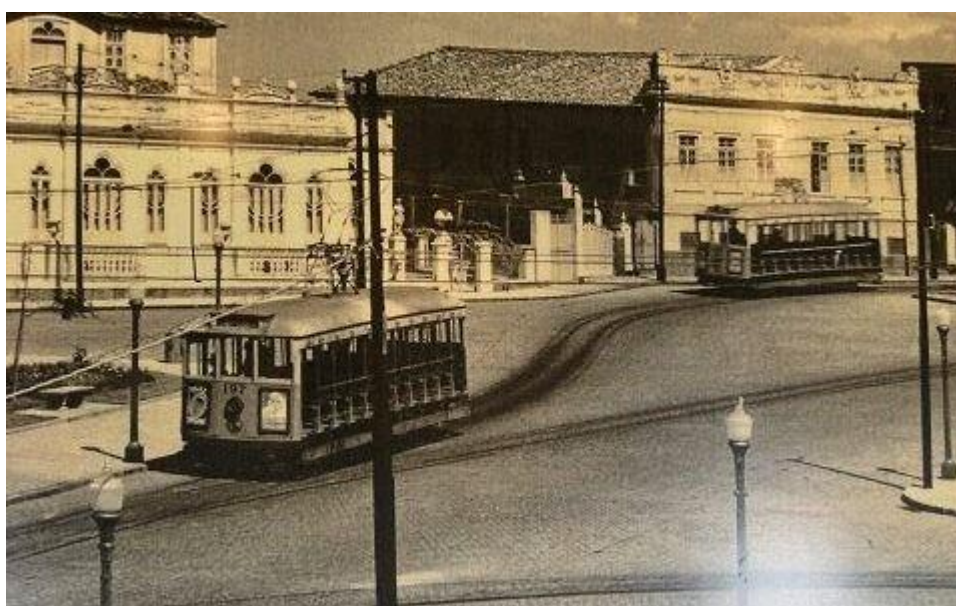
Fonte: <https://www.oquefazerna.co>, (2025).

Foto – 13: Localidade conhecida como coqueirais.



Fonte: <https://www.oquefazerna.co>, (2025).

Foto – 14: Linha de Bonde elétrico que dava acesso à região de Amaralina-Largo de Amaralina.



Fonte: Oquefazer Nordeste Amaralina, (2025).



Foto 15: a ligação cultural religiosa entre dois bairros de incidência do candomblé e seus ancestrais-bairros Nordeste de Amaralina e o Engenho velho da Federação em Salvador-Bahia

COLEÇÕES DAS FOTOS DOS ENTRE VISTADOS

































Documentos que demonstram as divisões sociais até mesmo nas esferas do Estado.

Às pesquisas aplicadas apontam que as deficiências na gestão dos recursos humanos nas Polícias Civil e Militar do Estado da Bahia, principalmente em unidades do interior, decorrem da insuficiência de efetivo, falta de infra-estrutura, Tribunal de Contas do Estado da Bahia 17 Sumário Executivo baixos salários, falta de capacitação e da não-valorização e reconhecimento profissional, acarretando insatisfação e desestímulo dos policiais para o desempenho de suas atividades, bem como a redução da qualidade do atendimento e comprometimento das atividades policiais como um todo. A seguir são relacionadas as principais constatações feitas pela auditoria quanto às deficiências na gestão dos recursos humanos . • Gestão de recursos humanos a) Insuficiência do efetivo policial o Estado da

Bahia possuía, no exercício de 2006, um efetivo de 34.807 policiais, sendo 29.431 militares e 5.376 civis. Quanto aos policiais militares, constatou-se que no período de 2004 a julho de 2006, houve redução do efetivo, haja vista que nesse período ingressaram na corporação 1.956 policiais (266 oficiais e 1.690 praças), enquanto que foram desligados 2.438 (158 oficiais e 2.280 praças)⁴. Tal situação é agravada, principalmente se for considerado o aumento da demanda pela segurança pública, seja pelo crescimento da criminalidade, seja como da própria população. No que se refere ao efetivo da Polícia Civil, apesar de solicitado à SSP, através do Ofício n^a- 0912006, não foi informado o quantitativo de policiais que ingressaram e se desligaram nesse mesmo período. **Registre-se, ainda, que, conforme o PPA 2004-2007, o número de policiais por 250 habitantes no Estado da Bahia, no exercício de 2003, era de 0,70, enquanto o esperado para o final do exercício de 2007 é de 0,80.** No entanto, conforme relatório de indicadores fornecido pela Superintendência de Gestão Integrada da Ação Policial (SIAP), nos exercícios de 2004 e 2005, os índices apurados foram de 0,64 e 0,65, respectivamente, apontando uma tendência de não atingimento da meta esperada. Dos questionários aplicados junto a delegados e comandantes de batalhões e companhias independentes da PM, foram obtidas as seguintes informações: I A Lei Estadual n.º 9.848, de 29.12.2005, no seu artigo 12, § I, fixou o limite máximo de 43.954 servidores policiais militares . •Dado informado pela Polícia Militar, através do Ofício n.º 1.34512006. 18 Tribunal de Contas do Estado da Bahia Avaliação do Programa Bahia em Paz: Prevenção e Combate à Criminalidade • 63% dos delegados entrevistados consideram que a quantidade de delegados efetivamente lotados na unidade policial não atende ou atende parcialmente às necessidades; 92% dos delegados entrevistados afirmaram que a quantidade de agentes de polícia existentes na unidade policial não atende ou atende parcialmente e • 100% dos comandantes entrevistados consideraram que o número de oficiais e praças lotados não atende ou atende parcialmente. **Segundo 97% dos delegados e 55% dos comandantes de Batalhões/CIPM entrevistados, não existe programação anual para a capacitação dos policiais sob seu comando.** Por sua vez, 99% dos policiais civis e 91 % dos militares apontaram para a necessidade de investimentos na capacitação. Destaque-se, ainda, que, dos policiais civis entrevistados, 68% dos delegados e 70% dos agentes afirmaram não ter participado de nenhum curso de capacitação durante o período de 2004 a 2006. Entre os policiais militares, 18% dos Tribunal de Contas do Destaque-se, ainda, que, dos policiais civis entrevistados, 68% dos delegados e 70% dos agentes afirmaram não ter participado de nenhum curso de capacitação durante o período de 2004 a 2006. Entre os policiais militares,

18% dos Tribunal de Contas do Estado da Bahia, 21 Sumário Executivo comandantes, 27% dos oficiais e 55% dos praças informaram não ter participado de nenhum curso de capacitação no mesmo período.

7.1 Processo crimes vinculados à 28a Delegacia de polícia situada no Nordeste de Amaralina. Contexto social que situa e reverbera a proliferação do racismo no bairro ao longo dos anos.

Peças

Processuais 2

resultados

Petição Inicial - TJBA - Ação Indenização por Dano Moral - Procedimento do Juizado Especial Cível

Peça Processual Juntada ao processo XXXXXXXX-XX.2023.8.05.0001 em 15/08/2023 TJ BA · Comarca · SALVADOR, BA

Em decorrência das violências e ameaças, em 28/07/2023 a parte Autora lavrou boletim de ocorrência junto a 28a Delegacia Territorial - Nordeste de Amaralina, BO nº N°: /2023, ora anexo, vez que as ameaças... É preciso intolerância com o racismo, com a injúria racial e com qualquer outra forma de discriminação. 20... INJÚRIA RACIAL. EQUIPARAÇÃO. ANIMUS JOCANDI. RECURSO ARGUMENTATIVO DISSONANTE DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA (CF , ART. 1º , III); FAKE NEWS. DANO MORAL. CONFIGURAÇÃO. 1

Petição Inicial - TJBA - Ação Comunicação se Deu - Procedimento do Juizado Especial Cível

Peça Processual Juntada ao processo XXXXXXXX-XX.2023.8.05.0001 em 16/11/2023 TJBA · Comarca · SALVADOR, BA

Delegacia Territorial - Nordeste de Amaralina, BO nº N°: /2023, ora anexo, vez que as ameaças e violências aumentavam diariamente em todos os aspectos... É preciso intolerância com o racismo, com a injúria racial e com qualquer outra forma de discriminação. 20... INJÚRIA RACIAL. EQUIPARAÇÃO. ANIMUS JOCANDI. RECURSO ARGUMENTATIVO DISSONANTE DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA (CF , ART. 1º , III); FAKE NEWS. DANO MORAL. CONFIGURAÇÃO. 1

APELAÇÃO CRIMINAL ROUBO SIMPLES (ART. 157, CAPUT, DO CP). CONDENAÇÃO DO RÉU EM 04 (QUATRO) ANOS DE RECLUSÃO, ALÉM DE 10 (DEZ) DIAS-MULTA. IRRESIGNAÇÃO DEFENSIVA PLEITO DE ABSOLVIÇÃO - ALEGAÇÃO DE INSUFICIÊNCIA PROBATÓRIA - NÃO ACOLHIMENTO. REDUÇÃO DA PENA-BASE A QUÉM DO MÍNIMO LEGAL INVIABILIDADE. RECURSO

DESPROVIDO. 1- Narra a peça acusatória, que o Apelante no dia 22.08.2012, por volta das 14h20min, adentrou no estabelecimento comercial situado na rua Reinaldo de Matos, bairro Nordeste de Amaralina, em Salvador, local onde a Vítima, Marina de Jesus Mateus, estava trabalhando, e mediante grave ameaça, simulando o porte de uma arma, subtraiu desta um aparelho notebook. 2- A materialidade do delito se encontra comprovada através do Inquérito Policial (fls. 05/25), composto pelo Boletim de Ocorrência nº 12-02904 (fl. 07) e Termo de Interrogatório Extrajudicial do Acusado (fls. 17/18); bem como pelas provas orais colhidas nas duas fases de persecução penal. 2- A autoria também restou devidamente comprovada, eis que a confissão do Acusado na fase extrajudicial foi corroborada pelo depoimento seguro e coeso da Vítima em juízo. 3. O fato do equipamento subtraído não ter sido recuperado não é motivo suficiente para afastar a autoria e a materialidade do delito, já que as demais provas carreadas ao processo demonstram com clareza a subtração do notebook. 4. Também não merece prosperar o argumento utilizado pela defesa no sentido de que a Vítima não comprovou a propriedade do bem e que por isso a materialidade não estaria evidenciada, uma vez que não é necessária para a configuração do delito de roubo a prova da propriedade da res furtiva. Afinal a objetividade jurídica deste delito não é somente a propriedade, mas também a posse e a detenção de coisa alheia móvel. 5- As atenuantes da confissão e da menoridade, embora reconhecidas, não tem capacidade para reduzir a pena-base abaixo do seu mínimo legal, por vedação da Súmula 231 do STJ. 6- Pena definitiva corretamente estabelecida em 04 (quatro) anos de reclusão e 10 (dez) dias multa, no padrão mínimo legal, ante a ausência de causas de diminuição e aumento da pena. RECURSO CONHECIDO E DESPROVIDO. (Classe: Apelação, Número do Processo: XXXXX-16.2012.8.05.0001, Relator (a): Aracy Lima Borges, Primeira Câmara Criminal - Primeira Turma, Publicado em: 19/12/2017)

(TJ-BA - APL: XXXXX20128050001, Relator: Aracy Lima Borges, Primeira Câmara Criminal - Primeira Turma, Data de Publicação: 19/12/2017)

Consolidação de programas da secretaria de segurança pública do Estado e dados estatísticos sobre a aplicabilidade de tais metas ao longo do ano de 2013 na capital e no interior.

CÂMARA DOS DEPUTADOS Comissão parlamentar de inquérito destinada a apurar as causas, razões, consequências, custos sociais e econômicos da violência, morte e desaparecimento de jovens negros e pobres no Brasil CPI – VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS NEGROS E POBRES.

Doc-01 Pág 10

Bom dia. Acho que todo mundo está pensando o mesmo que eu: a gente está aqui há 4 horas, mais ou menos, ouvindo falar única e exclusivamente de polícia, como se fosse a presença ou não dela resolver tudo que tem de errado no Complexo do Alemão. Só que a galera que morreu no Complexo do Alemão nos últimos 30 anos, seja por traficante, pela polícia, seja por quem for, não é a que morre em um dia no Sistema

Único de Saúde. Aqui a gente tem duas Clínicas da Família, uma UPA, e não tem nem 20 médicos atuando nesses lugares todos. Não tem 20, sendo que a Organização Mundial da Saúde diz que tem que ter um médico para cada mil habitantes. São 150 mil na favela. Não tem! Aí, o pessoal vai falar que é porque o garoto entrou para o tráfico, sei lá. Minha postura com relação à UPP é uma, muita gente aqui sabe, e eu sou criticado a respeito disso. Não acho que ela estar ou não estar faça tanta diferença. Prefiro que ela esteja, mas se ela não estiver, a vida vai ser como sempre foi. Sabe por quê? Em 2009, no Leblon, a renda per capita era de 4.500 reais por mês, e aqui na favela era de 176 reais. O que acontece? Se eu for abrir uma empresa, não vou abrir no Complexo, porque eu não tenho como pagar 40% de imposto na favela do mesmo jeito que um cara paga 40% de imposto no Leblon. Eu nunca vi ninguém questionar a taxa que é cobrada aqui. Por que não se cria uma área social de arrecadação?

Doc- 02. página 11

7.2 A cultura da violência e a morte de jovens negros e pobres no Brasil.

O fenômeno que está por trás de diversos homicídios em Salvador, que tem vitimizado a juventude negra, é um dos problemas atuais mais desafiadores para a agenda das Políticas Públicas no Brasil. Nesse sentido, trabalhos de investigação como o que foi realizado buscou CPI do encarceramento na Bahia, procurou investigar, apurar e propor implementar a legislação a esses fatos. A partir da análise dos índices de violência letal que coloca a sociedade em alerta, sobretudo a população negra em condições de vulnerabilidade, o Estado judicial torna-se o principal genocida. No Brasil, mais de um milhão de pessoas foram vítimas de assassinato entre 1980 e 2010. Os homicídios são a principal causa de morte de jovens de 15 a 29 anos, atingindo majoritariamente jovens negros do sexo masculino, baixa escolaridade, moradores das periferias e áreas metropolitanas dos centros urbanos. Diante desse quadro, vários segmentos da sociedade brasileira têm reivindicado uma ação vigorosa do Poder Legislativo, com vistas a conter essa violência.

Doc-03 pág. 12

CÂMARA DOS DEPUTADOS Comissão parlamentar de inquérito destinada a apurar as causas, razões, consequências, custos sociais e econômicos da violência, morte e desaparecimento de jovens negros e pobres no Brasil CPI – VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS NEGROS E POBRES.

Nesta pesquisa, o Brasil ocupa um lugar de destaque no ranking dos países mais violentos do mundo, sendo o país que tem 11 das 30 cidades mais violentas do mundo. A pesquisa indica, ainda, que Maceió/AL é a quinta cidade mais perigosa do mundo. De acordo com esse estudo, a taxa média de homicídios global é de 6,2 por 100 mil habitantes, sendo que a média na Europa é de 5 homicídios para cada 100 mil habitantes. Contudo, a taxa média de homicídios do Brasil está próxima de 30 vítimas para cada 100 mil pessoas, um dos indicadores mais altos do mundo que pode ser considerado epidêmico pela Organização Mundial da Saúde (OMS)¹. Os homicídios no Brasil têm chamado à atenção da sociedade e dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, haja vista que essas estatísticas ocupam espaço de destaque na agenda política e social do país. Diferentes análises sobre essa situação destacam a necessidade de ações do Estado para combater a violência e diminuir o número de homicídios, sobretudo, porque a consequência dessa mortalidade vai além da perda de vidas humanas, pois cria um cenário de medo e incertezas para toda a sociedade brasileira, colaborando também para a desestruturação de inúmeras famílias. Além disso, esse quadro de violência traz prejuízos ao próprio desenvolvimento do país. A violência e o homicídio dos jovens negros, em particular, tem um custo para as políticas públicas que não pode ser ignorado.

7.3 Câmara dos deputados

Comissão parlamentar de inquérito destinada a apurar as causas, razões, consequências, custos sociais e econômicos da violência, morte e desaparecimento de jovens negros e pobres no Brasil CPI – VIOLÊNCIA CONTRA JOVENS NEGROS E POBRES. 18 Dessa forma a CPI denuncia o vínculo indissolúvel entre a ausência das mais básicas políticas públicas como saúde e educação e a ocorrência da violência nos territórios onde se encontram as populações negras e pobres.

Doc-04

7.4 Racismo

A vergonhosa quantidade de mortes dos afrodescendentes é o sintoma mais agudo de uma patologia social que sangra a dignidade brasileira, O racismo. Tal qual o mito da cordialidade, a ideia de que o nosso País vive uma democracia racial não resiste a uma análise séria. Um dos nossos maiores antropólogos destacou que o processo de formação do povo brasileiro, que se fez pelo entrechoque de seus contingentes índios, negros e brancos, foi altamente conflitivo. Assim, “pode-se afirmar, mesmo, que vivemos praticamente em estado de guerra latente, que, por vezes, e com frequência, se torna cruento, sangrento”.⁵ Por seu turno, o Professor Boaventura de Sousa Santos, em aula na Universidade de Brasília, afirmou que o racismo no Brasil é tão inteligente, e, acrescentamos, insidioso, que convence a alguns que ele sequer existe. Todavia, infelizmente, tal praga está na raiz do objeto da presente Comissão Parlamentar de Inquérito.

Documentos do poder legislativo, que resultam nas diversas modalidades de do estigmatismo e cárcere na capital da Bahia

7.5 CPI sistema carcerário

CPI SISTEMA CARCERÁRIO Centro de Documentação e Informação Edições Câmara Brasília | 2009 Câmara dos Deputados Comissão Parlamentar de Inquérito com a finalidade de investigar a realidade do Sistema Carcerário Brasileiro, com destaque para a superlotação dos presídios, custos sociais e econômicos desses estabelecimentos, a permanência de encarcerados que já cumpriram a pena, a violência dentro das instituições do sistema carcerário, corrupção, crime organizado e suas ramificações nos presídios e buscar soluções para o efetivo cumprimento da Lei de Execução Penal – LEP.

A CPI efetuou diligência em presídios da Bahia no dia 06/04/2008.

Para cuidar de quase 14.790 presos, existem 4.905 agentes penitenciários.

O Estado é dividido em 417 municípios. Conta com 1.584 juízes (com salário inicial de R\$ 15.116,00), além de 573 Promotores (cujo salário inicial é de R\$ 21.372,30). Dispõe de 1 Vara de Execuções Penais na Capital.

Penitenciária Lemos de Brito

A Comissão foi recebida pelo Diretor, Dr. LUCIANO PATRÍCIO DE OLIVEIRA, pelo Deputado Estadual YULO OITICICA, pelo Promotor de Justiça, Dr. GEDER LUIS e pelo Padre FELIPE.

O Presídio tem capacidade para 1.200 presos, em 509 celas, mas

Abriga 1.776, sendo 349 em regime semi-aberto. A vigilância e segurança da Unidade é feita por 29 agentes penitenciários em regime de plantão, a maioria contratada com salários de R\$790,00 a R\$1.100,00. Existem aparelhos de raio-X que não funcionam. Estudam 15% dos presos, e outros tantos trabalham em empresas conveniadas de pré-moldados, estopas, manufaturados, marcenaria e de reciclagem de plásticos. Também produzem artesanato de boa qualidade, vendidos a visitantes e a parentes. Os presos que trabalham na manutenção do estabelecimento não têm remuneração, apenas remissão de pena. O prédio, em três andares, lembra um estádio de futebol, ou o Coliseu de Roma, mas muito mal conservado. As celas ficam abertas, os presos ficam à vontade. As celas de 6 metros quadrados foram “divididas” em seis pequenas celas. Para isso, os presos usaram pedaços de tábuas, borracha, papel, papelão... As “portas” são cortinas improvisadas com pedaços de lençóis ou cobertores velhos. Quem tem mais dinheiro tem fogão, geladeira, som, tv e vídeo nas celas. Os de menores posses fazem “gambiaras” e improvisam fogareiros para fazer ou esquentar a comida.



Presídio Lemos de Brito em Salvador : Homens jogados ao descaso

Há pequenas mercearias, cujos preços são exorbitantes: cerca de 400% acima do mercado. O quilo de feijão custa R\$10,00, o quilo de açúcar R\$4,50, um ovo ou uma cebola R\$0,50. O Ministério Público visita a prisão normalmente, o que não ocorre com o Juiz. Há visitas íntimas aos presos e acesso a banho de sol. A alimentação, oferecida 3 vezes por dia, é feita por empresa terceirizada, porém, por causa da má qualidade, os presos fazem refeições nas celas, na base do improvisado. Vários presos reclamaram do desaparecimento de processos, de penas já cumpridas e de demora na concessão de benefícios. A saúde dos internos é um caos: havia 48 internos portadores de HIV e muitos com tuberculose e doenças de pele. Em 2007, ocorreram 2 fugas, além de 3 mortes. Cem celulares foram apreendidos. Prisão do Preso Após a diligência da CPI o caos do Presídio Lemos de Brito veio a público: a polícia militar, após denúncias, entrou no presídio e “prende” o traficante GENILSON LINO DA SILVA, conhecido como “Perna”, que era o “rei” da cadeia. Possuía dentro da cela (um verdadeiro apartamento) fatura de produtos alimentícios e uma geladeira “ferrada” com cerveja, energéticos, água mineral, carnes, peixes e frango.

Prisão do Preso Após a diligência da CPI o caos do Presídio Lemos de Brito veio a público: a polícia militar, após denúncias, entrou no presídio e “prende” o traficante GENILSON LINO DA SILVA, conhecido como “Perna”, que era o “rei” da cadeia.

Possuía dentro da cela (um verdadeiro apartamento) fartura de produtos alimentícios e uma geladeira “ferrada” com cerveja, energéticos, água mineral, carnes, peixes e frango. A liberdade de “Perna” era tanta que, na porta de sua cela-apartamento, ele colocava uma placa, em “momentos especiais”, com a seguinte advertência: “NÃO INCOMODE, ESTOU COM VISITA”. Quando a polícia chegou para “prender o preso”, teve que bater na porta porque nem os carcereiros nem o diretor tinham a chave da cela, que ficava em poder do próprio preso! Foram encontrados na cela do “chefão” da cadeia R\$280 mil, além de 6 celulares, 2 armas e drogas. Com todo esse poder, o perigoso delinquente (condenado a 28 anos de prisão) mantinha dentro do presídio um escritório de cobrança de dinheiro proveniente do tráfico de drogas e de onde decidia quem deveria viver ou morrer.

O Promotor de Justiça, Dr. PAULO GOMES JÚNIOR declarou no programa Fantástico da Rede Globo: “SE EU COMO PROMOTOR DE JUSTIÇA QUISESSE INGRESSAR NO SISTEMA PRISIONAL, EU TERIA QUE TER, DE FORMA VERGONHOSA, O SINAL VERDE DO BANDIDO (O PERNA) PARA ENTRAR”.

Ou seja, disse o promotor que precisava da autorização do “Perna” para entrar na cela. Se o bandido dissesse “não”, ele não entraria! Incrível: uma autoridade que confessa, na TV, para o Brasil, que precisa pedir a um preso para realizar seu trabalho! Essa realidade revelada para o Brasil e o mundo, após a diligência da CPI, demonstra o completo domínio do presídio pelos internos e a inexistência total de controle pela Secretaria de Governo do Estado, responsável pelo presídio.



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA

COORDENAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO E ESTATÍSTICA POLICIAL - CDEP

informações estatísticas, documentos e registros relativos a ocorrências policiais e a infrações penais, de interesse da **investigação criminal, compete:** Ver 16º inciso

I - pesquisar, coletar, processar e divulgar dados estatísticos,

com vistas ao planejamento das atividades de polícia **judiciária e apuração das infrações penais;** Ver 16º inciso

II - coletar, analisar e apurar informações sobre ocorrências policiais e pessoas nelas envolvidas e infrações penais **praticadas;** Ver 16º inciso

III - promover a coleta de dados estatísticos e sua análise para orientação e adoção de métodos de prevenção da **criminalidade;** Ver 16º inciso

IV - organizar e manter registros e arquivos policiais; ver 16º inciso

V - organizar e manter atualizado banco de dados com as **informações coletadas e as estatísticas respectivas.** Ver 16º inciso

Parágrafo único - A Coordenação de Documentação e Estatística Policial será dirigida por integrante da carreira de Delegado de Polícia Civil e demais carreiras da Polícia Civil do Estado da Bahia, da ativa, no mínimo, classe II, preferencialmente graduado ou especializado em áreas afins.

Sendo assim no que diz respeito a Estatística, em específico a mortes violentas, coletamos diversos tipos de mortes violentas, separadamente para facilitar a análise



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA CIVIL DA BAHIA

COORDENAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO E ESTATÍSTICA POLICIAL – CDEP

dos dados, como ocorre em outros crimes como Roubo, temos Roubo a Transeunte, Roubo de Veículo, Roubo a Banco, Roubo a casa Comercial, Roubo Qualificado, Roubo a Residência, Roubo em ônibus e etc., que ficam armazenados em um sistema estatístico denominado de SGE, que foi criado pela Superintendência de Gestão tecnológica - SGTO da Secretaria de Segurança Pública, que também fornece manutenção no referido sistema e armazenamento dos dados em seus servidores, instalados no Centro Administrativo da Bahia.

A depender do caso em concreto, temos então no SGE, em relação a mortes violentas, dados coletados com as seguintes classificações:

HOMICÍDIO DOLOSO
LESAO CORPORAL SEGUIDA DE MORTE
ROUBO COM RESULTADO MORTE - (LATROCÍNIO)
HOMICÍDIO DOLOSO COM INDÍCIO DE EXCLUDENTE DE ILICITUDE
HOMICÍDIO DOLOSO NO TRÂNSITO
HOMICÍDIO OCORRIDO EM PRESÍDIO
MORTE A ESCLARECER
OUTROS CRIMES RESULTANTES EM MORTE
RESISTÊNCIA COM RESULTADO MORTE

Vale ressaltar, que seguimos a classificação da SENASP, exceto pelas classificações:

HOMICÍDIO DOLOSO COM INDÍCIO DE EXCLUDENTE DE ILICITUDE
HOMICÍDIO DOLOSO NO TRÂNSITO
HOMICÍDIO OCORRIDO EM PRESÍDIO

Que foram criadas pela **Superintendência de Gestão Integrada da Ação Policial/SIAP - SSP** em 2013, como metodologia para análise em separado do CVLI, que está dentro do programa de Governo “Pacto Pela Vida”, sendo esta metodologia utilizada pela SSP, dentro do referido programa, por entenderem os mesmos que na prática são casos distintos para estudo da criminalidade, interessando atualmente para o CVLI considerar apenas os itens a seguir:

Documentos que abordam o projeto de reconstrução de moradias em comunidades pobres de Salvador, assim como os direitos à materialidade do uso do solo Código civil e código da cidade. [REVISTA JURÍDICA DA DEFENSORIA PÚBLICA DA BAHIA](#)

O Programa Bahia em Paz: Prevenção e Combate à Criminalidade foi previsto no Plano Plurianual de Aplicação (PPA) 2004-2007 na Linha de Intervenção Amparo e Defesa do Cidadão, incluída na Estratégia Bahia de Toda Gente. Tem como objetivo aumentar a eficiência e eficácia do sistema de segurança pública por meio da integração entre os serviços afins.

O Programa não dispõe de uma coordenação específica, sendo executado de forma integrada pela Secretaria da Segurança Pública (SSP), Secretaria da Educação (SEC), Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos (SJCDH), Secretaria de Saúde (SESAB), Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (SETRE), Secretaria de Infra-Estrutura (SEINFRA), Secretaria de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza (SEDES), Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR) e Secretaria da Administração (SAEB). Tendo em vista a natureza do Programa e de suas ações, considera-se como beneficiária toda a sociedade baiana, o que o TCE avaliou o principal objetivo desta auditoria foi avaliar se o desempenho do Programa tem contribuído para atender às demandas da sociedade, no que concerne à segurança pública. O problema descrito foi investigado através da análise das seguintes questões de auditoria: 1. Os recursos materiais, humanos e de informações utilizados pelas Polícias Civil e Militar do Estado da Bahia têm contribuído para o alcance do objetivo traçado pelo Programa? 2. Os cursos de formação e capacitação dos policiais civis e militares estão contribuindo para a melhoria das atividades policiais?

A Constituição Estadual prevê, em seu artigo 11, inciso m, que compete ao Estado, além de todos os poderes que não lhe sejam vedados pela Constituição Federal, manter a ordem jurídica, democrática e a segurança pública. No PPA 2004-2007, o Governo do Estado da Bahia define como principal objetivo o desenvolvimento de soluções institucionais para redistribuir a riqueza, estimular o processo de desenvolvimento dentro de critérios de sustentabilidade, promover a integração econômica entre as regiões, assegurar os direitos do cidadão, a segurança e a qualidade de vida da população; enfim, promover a inclusão social. Assim, o Programa Bahia em Paz foi selecionado para a realização de auditoria operacional com foco na mensuração do seu desempenho, haja vista a relevância do tema para a sociedade baiana. Como se desenvolveu o trabalho A auditoria foi executada pela 4ª Coordenadoria de Controle Externo, no período de 25.07.2006 a 28.02.2007, por uma equipe multidisciplinar composta por seis técnicos - dois contadores, três economistas e um-engenheiro civil - e contou com suporte de especialistas nas áreas de estatística e de tecnologia da

informação, além da colaboração de acadêmicos e estudiosos da área, que se fizeram presentes em painéis de referências realizados pelo ICE, oportunidades em que apresentaram sugestões para aperfeiçoar o planejamento e as recomendações propostas.

O que o TCE avaliou o principal objetivo desta auditoria foi avaliar se o desempenho do Programa tem contribuído para atender às demandas da sociedade, no que concerne à segurança pública. O problema descrito foi investigado através da análise das seguintes questões de auditoria: : 1. Os recursos materiais, humanos e de informações utilizados pelas Polícias Civil e Militar do Estado da Bahia têm contribuído para o alcance do objetivo traçado pelo Programa? 2. Os cursos de formação e capacitação dos policiais civis e militares estão contribuindo para a melhoria das atividades policiais? Tribunal de Contas do Estado da Bahia 9 Sumário Executivo 3. Em que medida a Polícia Comunitária tem contribuído para promover a participação da sociedade civil na discussão e enfrentamento dos problemas relacionados com a segurança pública? Por que foi avaliado o artigo 144 da Constituição Federal estabelece que a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, atribuindo responsabilidade pelo seu exercício à polícia federal, polícias rodoviária e ferroviária federal, polícias civis e militares e corpos de bombeiros militares. [SUMÁRIO EXECUTIVO Avaliação do Programa Bahia em Paz: Prevenção e Combate](#)

7.6 Comunidade do pé preto conhece projeto de urbanização que ajudou a construir

Na noite desta quinta-feira (04/05), a equipe técnica da FMLF reuniu-se com os moradores da Comunidade do Pé Preto para apresentação da proposta final do projeto de urbanização da área, construído após duas grandes reuniões e diversas conversas com os moradores em uma intensa rotina de vistorias e atendimentos ao público local. A reunião foi realizada na Escola Municipal Zulmira Torres que foi preparada para receber um grande público, tendo inclusive uma área especialmente dedicada às crianças para que seus pais pudessem ficar atentos a apresentação. O projeto buscou atender as demandas da comunidade em vários aspectos. Foram garantidos espaços

para usos recreativos, culturais e econômicos, como uma área para comércio e para implantação de uma cooperativa de reciclagem. Houve uma atenção especial com as calçadas e faixas de circulação para proporcionar acessibilidade universal, conforto e segurança para os pedestres. E, por fim, foi apresentado um projeto habitacional que visa substituir totalmente as precárias habitações existentes por moradias dignas, com toda a infraestrutura necessária para proporcionar melhores condições de vida para dezenas de famílias. Projeto completo, colaborativo e de qualidade que vai mudar a vida de uma das comunidades mais carentes de Salvador.







[Comunidade do Pé Preto conhece projeto de Urbanização que ajudou a construir – FMLF](#)

O ESTATUTO DA CIDADE E O CÓDIGO CIVIL DE 2002, ANTES DA LEI Nº 13.465/2017 Alguns críticos apontaram a desnecessidade da introdução da matéria no ordenamento jurídico brasileiro. Isto porque, alguns doutrinadores entendem que o direito de superfície disciplinado no Código Civil é suficiente para regularizar as situações jurídicas existentes. Parte dessa convicção é fruto do direito comparado e da previsão pelo Estatuto da Cidade, do direito de sobrelevação no capítulo destinado ao direito de superfície. O Estatuto da Cidade (Lei nº 10.257/2001) prevê: Do direito de superfície Art. 21. O proprietário urbano poderá conceder a outrem o direito de superfície do seu terreno, por tempo determinado ou indeterminado, mediante escritura pública registrada no cartório de registro de imóveis. § 1º O direito de superfície abrange o direito de utilizar o solo, o subsolo ou o espaço aéreo relativo ao terreno, na forma estabelecida no contrato respectivo, atendida a legislação urbanística. § 2º A concessão do direito de superfície poderá ser gratuita ou onerosa. § 3º O superficiário responderá integralmente pelos encargos e tributos que incidirem sobre a propriedade superficiária, arcando, ainda, proporcionalmente à sua parcela de ocupação efetiva, com os encargos e tributos sobre a área objeto da concessão do direito de superfície, salvo disposição em contrário do contrato respectivo. [REVISTA JURÍDICA DA DEFENSORIA PÚBLICA DA BAHIA](#)